

LÍDIA MARIA BRANDÃO TOUTAIN
MARILENE ABREU E AIDA VARELA
Organizadoras

Reitores Ufba

DE EDGARD SANTOS A
NAOMAR DE ALMEIDA FILHO

Reitores

U**f**ba

DE EDGARD SANTOS A
NAOMAR DE ALMEIDA FILHO



UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA

Reitor

Dora Leal Rosa

Vice-Reitor

Luiz Rogério Bastos Leal



INSTITUTO DE CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO

Diretor

Rubens Ribeiro Gonçalves da Silva

Vice-Diretor

Nídia Maria Lienert Lubisco



EDUBA

EDITORA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA

Diretora

Flávia Goullart Mota Garcia Rosa

Conselho Editorial

Alberto Brum Novaes

Angelo Szaniecki Perret Serpa

Caiuby Alves da Costa

Charbel Ninô El-Hani

Cleise Furtado Mendes

Dante Eustachio Lucchesi Ramacciotti

Evelina de Carvalho Sá Hoisel

José Teixeira Cavalcante Filho

Maria Vidal de Negreiros Camargo

REITORES UFBA
DE EDGAR SANTOS A NAOMAR DE ALMEIDA FILHO

LÍDIA MARIA BRANDÃO TOUTAIN
Coordenação e organização
MARILENE ABREU E AIDA VARELA
Organização

Memorial v. 2

SALVADOR
EDUFBA
2011

© 2011 by Universidade Federal da Bahia.
Direitos para esta edição cedidos à Editora da Universidade Federal da Bahia.

Projeto gráfico e capa
Alana Gonçalves de Carvalho Martins
Edição eletrônica
Victor França e Alana Gonçalves de Carvalho Martins
Edição de texto
Valdomiro Santana
Digitalização das fotos
Albano Oliveira
Normalização
Sônia Chagas Vieira

SIBI / UFBA / Faculdade de Educação – Biblioteca Anísio Teixeira

Universidade Federal da Bahia. Instituto de Ciência da Informação
Reitores da UFBA: de Edgard Santos a Naomar de Almeida Filho / Lídia Maria Batista
Brandão Toutain, coordenação e organização; Marilene Lobo Abreu e Aida Varela Varela,
organização. – Salvador : EDUFBA, 2011.

414 p. – (Memorial ; v.2)

ISBN: 978-85-232-0818-9

1. Reitores de universidade - Bahia - Biografia. 2. Universidades e faculdades públicas -
Bahia - História. I. Toutain, Lídia Maria Batista Brandão. II. Varela, Aida Varela. III. Abreu,
Marilene Lobo. IV. Título. V. Série.

CDU 929
CDD 923.281


ASOCIACION DE EDITORIALES
UNIVERSITARIAS DE AMERICA
LATINA Y EL CARIBE

Editora filiada à:


Associação Brasileira
das Editoras Universitárias


Câmara Bahiana do Livro

EDUFBA
Rua Barão de Jeremoabo, s/n.
Campus de Ondina
40170-115 – Salvador – Bahia
Tel.:(71) 3283-6160 / 3283-6164
edufba@ufba.br

SUMÁRIO

PREFÁCIO	7
<i>Dora Leal Rosa</i>	
APRESENTAÇÃO	9
<i>Rubens Ribeiro Gonçalves da Silva</i>	
INTRODUÇÃO	11
<i>Lídia Maria Batista Brandão Toutain, Aida Varela Varela e Marilene Lobo Abreu Barbosa</i>	
1	
Reitores da Ufba	15
EDGARD SANTOS (1946-1961)	17
<i>Marilene Lobo Abreu Barbosa</i>	
ALBÉRICO FRAGA (1961-1964)	49
<i>Marilene Lobo Abreu Barbosa</i>	
MIGUEL CALMON (1964-1967)	57
<i>Aida Varela Varela</i> <i>Igor Baraúna e Wladimir Mendes de Freitas (colaboração)</i>	
ORLANDO GOMES (1967)	71
<i>Edvaldo Brito e Antonio Luis Calmon Teixeira</i>	
ROBERTO SANTOS (1967-1971)	81
<i>Lídia Maria Batista Brandão Toutain</i> <i>Wladimir Mendes de Freitas (colaboração)</i>	
LAFAYETTE PONDÉ (1971-1975)	123
<i>João Eurico Matta, Esmeralda Maria de Aragão e Lídia Maria Batista Brandão Toutain</i> <i>Gilda Maria Pondé Bastianelli (colaboração)</i>	
AUGUSTO MASCARENHAS (1975-1979)	135
<i>Clara Wolfovitch, Nadja Valverde Viana, Paulo R. Marinho e Aida Varela Varela</i>	
LUIZ FERNANDO DE MACÊDO COSTA (1979-1983)	159
<i>Lídia Maria Batista Brandão Toutain</i> <i>Alfredo Carvalho de Macêdo Costa (colaboração)</i>	
GERMANO TABACOF (1984-1988)	167
<i>Aida Varela Varela</i> <i>Igor Baraúna e Wladimir Mendes de Freitas (colaboração)</i>	

ROGÉRIO VARGENS (1988-1992) 191
*Nadja Maria Valverde Viana, Marilene Lobo Abreu Barbosa,
Ana Helena Hiltner Almeida, Florentina Santos Diez Del Corral,
Wladimir Mendes de Freitas*

ELIANE AZEVÊDO (1992-1993) 215
Marilene Lobo Abreu Barbosa

FELIPPE SERPA (1993-1994 / 1994-1998) 229
Marilene Lobo Abreu Barbosa

HEONIR ROCHA (1998-2002) 249
*Aida Varela Varela
Igor Baraúna e Wladimir Mendes de Freitas (colaboração)*

NAOMAR DE ALMEIDA FILHO (2002-2010) 261
Carmen Fontes Teixeira

2

Títulos honoríficos concedidos pela Universidade 287
Lídia Maria Batista Brandão Toutain

3

Marcos regulatórios 323

4

Iconografia 363

BRASÃO DE ARMAS DA UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA 365
Janeth Beatriz T. L. Troelsen

BANDEIRA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA 367

FOTOS DOS REITORES 369

PRÉDIOS E AMBIENTES 383

PRIMEIRO CONSELHO UNIVERSITÁRIO 385

REFERÊNCIAS 387

APÊNDICE A – Reitores, Vice-Reitores e Pró-Reitores
da Universidade Federal da Bahia: 1946-2010 395

ANEXO A – Resolução nº 02/98 401

ANEXO B – Resolução nº 01/03 405

PREFÁCIO

Profa. Dra. Dora Leal Rosa
Reitora da UFBA

A Sala dos Conselhos da Reitoria da Universidade Federal da Bahia, local onde se reúnem os órgãos colegiados superiores da Instituição, expõe, em suas paredes, além dos azulejos portugueses dos séculos XVIII e XIX vindos do Solar do Bom Gosto, os retratos dos reitores que dirigiram a UFBA ao longo dos seus pouco mais de sessenta anos.

A essa memória visual vem se agregar este livro *Reitores da UFBA: de Edgard Santos a Naomar de Almeida Filho*, segundo volume da Série Memorial, idealizada na comemoração dos sessenta anos de nossa Universidade.

Neste livro, coordenado e organizado pela Profa. Lídia Maria Batista Brandão Toutain, com o apoio do Instituto de Ciência da Informação da UFBA, registram-se dados biográficos desses dirigentes, mas principalmente a contribuição de cada um deles para a construção e a consolidação da UFBA como uma universidade de excelência e compromisso social.

Se o primeiro volume desta Série, *UFBA: do século XIX ao século XXI*, possibilita ao leitor conhecer elementos do percurso histórico do ensino superior na Bahia e, em especial, o processo de constituição da Universidade da Bahia, mais tarde renomeada Universidade Federal da Bahia, este segundo volume, ao focalizar os dirigentes da Universidade, permite ao leitor melhor compreender esse processo pela voz de um dos seus atores – os reitores – captada através de documentos, depoimentos daqueles que conviveram com esses dirigentes, ou diretamente, através de entrevistas, com os reitores que permanecem entre nós.

Assim, a história de cada um dos 13 reitores que dirigiram a UFBA a partir de 1946 é parte da história institucional. Cada um dos Reitorados reflete também, em certa medida, momentos da história do país, da administração pública brasileira e, principalmente, a posição de maior ou menor prestígio social, maior ou menor autonomia vivida pela universidade pública federal em cada um desses períodos.

Com Edgard Santos, o primeiro reitor que dirigiu a UFBA por quinze anos, em cinco sucessivos mandatos de três anos, a Bahia tem implantada a sua primeira universidade, nela matriculando-se, em 1946, 1.541 alunos nos 17 cursos de graduação então existentes.

Coube ao reitor Edgard Santos liderar a construção de um projeto universitário verdadeiramente magnífico, tendo por base a experiência da bicentenária Faculdade de Medicina da Bahia e Escolas Anexas de Odontologia e Farmácia, das centenárias Escola Politécnica, Faculdade de Direito e Escola de Belas Artes e as mais recentes, naquela época, Faculdades de Economia e Filosofia, legado a partir do qual orientaram-se as ações dos Reitorados que lhe sucederam.

Sessenta anos após sua criação, a UFBA, sob a liderança do reitor Naomar de Almeida Filho, redefiniu seu projeto institucional de modo a expandir sua oferta de vagas com inclusão e interiorização. Ao fim de seu mandato, o Reitor Naomar pode apresentar novos números: 113 cursos de graduação, oferecidos nos turnos diurno e noturno, nos campi de Salvador, Vitória da Conquista (Campus Anísio Teixeira) e Barreiras (Campus Reitor Edgard Santos) em que estão matriculados cerca de 29 mil estudantes, dos quais 12 mil egressos de escolas públicas; 105 cursos de pós-graduação *stricto sensu* (64 mestrados e 41 doutorados) nos quais estão matriculados cerca de quatro mil estudantes.

Os textos que constituem este livro revelam o amor e empenho de cada um dos reitores pela Universidade; cada um deles, dentro de suas possibilidades, contribuiu para fortalecer a UFBA como universidade pública de referência no ensino superior brasileiro, e assegurar sua travessia pelos muitos anos de violência e arbítrio que dominaram o país e atingiram a instituição universitária, levando à exoneração de professores e à expulsão ou suspensão de muitos de seus estudantes.

O registro da memória institucional e, neste caso, dos Reitorados entre os anos de 1946 e 2010, a partir da perspectiva direta ou indireta de nossos reitores, certamente contribuirá para que melhor conheçamos nossa Instituição e seus dirigentes e para que os novos reitores, conhecedores do passado institucional e da experiência dos que lhes antecederam no cargo, possam desempenhar suas funções com competência e compromisso, honrando e sempre aprimorando o legado deles recebido, construindo desse modo o presente e os rumos do futuro da Universidade Federal da Bahia.

APRESENTAÇÃO

Prof. Dr. Rubens Ribeiro Gonçalves da Silva

Diretor do ICI-UFBA

Este segundo volume da Série Memorial reúne traços biográficos dos dirigentes máximos da Universidade Federal da Bahia, sob a responsabilidade do Instituto de Ciência da Informação, dando continuidade à obra *UFBA do século XIX ao século XXI*, idealizada pela Reitoria da Universidade Federal da Bahia durante a gestão do Prof. Dr. Naomar de Almeida Filho. Ainda que imenso o desafio, não poderíamos mesmo dele nos desincumbir por acreditar que faz parte da missão do ICI-UFBA.

Dados civis, referências familiares, formação e desenvolvimento da vida acadêmica e da vida profissional, militâncias na vida política, destaques dos Reitorados, referências a obras publicadas pelos reitores e trechos de seus discursos passam a complementar, agora, a Série Memorial, honrosamente inaugurada pelo ICI-UFBA. Complementando os dados reunidos, quatro entrevistas e um depoimento nos proporcionam uma maior compreensão sobre a ação dos ex-reitores professores Dr. Roberto Santos, Dr. Germano Tabacoff, Dra. Eliane Azevedo, Dr. Rogério Vargens, Dr. Luis Fernando Macedo Costa e Dr. Heonir Rocha, esses dois últimos, respectivamente, graças à colaboração do Prof. Dr. Fernando da Rocha Peres e do Prof. Dr. Othon Jambeiro.

Reitores da UFBA: de Edgard Santos a Naomar de Almeida Filho nos oferece, portanto, novos elementos de informação para que a história da mais antiga instituição de ensino superior do Brasil, iniciada em 1808 com a chegada da Família Real Portuguesa ao país, seja continuamente pensada, construída, registrada, repensada. Esperamos que os historiadores, a comunidade acadêmica da UFBA e a sociedade brasileira encontrem nesta obra, publicada na gestão da Magnífica Reitora Profa. Dra. Dora Leal Rosa, dados esclarecedores para a memória de nossa Universidade, propondo sua complementação, sua ampliação e sua disseminação mundo afora.

À equipe da EDUFBA dirigimos nossos mais efusivos agradecimentos, especialmente à sua diretora, Profa. Dra. Flávia Goullart Mota Garcia Rosa, pela serenidade na condução do processo editorial, pela beleza do design

criado por sua equipe para a obra e pelo profissionalismo que resultou no alcance de mais este volume da Série Memorial.

Por sua participação fundamental na organização da obra, atividade esta iniciada em seu primeiro volume, *UFBA: do século XIX ao século XXI*, terá lugar de destaque na história do Instituto de Ciência da Informação a Profa. Dra. Lídia Brandão Toutain, incansável, imbatível, de inarredável senso de compromisso. Com o espírito e a coragem típicos de uma cidadã homenageada, pela Câmara Municipal da Cidade do Salvador, com a Comenda Maria Quitéria, esta missão foi também cumprida, em meio a tantas demandas que a vida na Universidade nos traz.

Naturalmente que não existe a pretensão de esgotarmos aqui um trabalho que não pode ter fim: o construir e o escrever a história da UFBA. Ao construir nossa história, outros volumes virão enriquecer a Série Memorial. Nos próximos, que exigirão parcerias entrelaçadas em compromisso, concentraremos todos os esforços ao nosso alcance para que dados sobre a memória dos Conselhos Universitários, das Pró-Reitorias e Assessorias, dos Órgãos Estruturantes e demais órgãos da UFBA, bem como do Diretório Central dos Estudantes sejam reunidos pelo ICI-UFBA e seus colaboradores. Eis o desafio. O desafio de todos nós.

Salvador, março de 2011

INTRODUÇÃO

*Lídia Brandão Toutain*¹

*Aida Varela Varela*²

*Marilene Lobo Abreu Barbosa*³

Livros conquanto possam parecer ilhas, inevitavelmente, refletem um momento e um contexto, a exemplo desta publicação, volume dois da série *Memorial*, que permite leitura plural de vários momentos da história da Universidade Federal da Bahia (UFBA), culminando por refletir também momentos da história da cidade do Salvador, do Estado da Bahia, da universidade brasileira e, por extensão, do Brasil. O livro inicia-se com a gestão do reitor, Edgard Santos, 1946/1961, criador da UFBA, e encerra-se com a reinvenção da UFBA em nova concepção, novas bases, ao romper paradigmas instituídos e construir a Universidade Nova, idealizada pelo reitor Naomar de Almeida Filho, 2002/2010.

O Instituto de Ciência da Informação (ICI) – criado pela Resolução nº 07, de 12 de março de 1998, do Conselho Universitário da UFBA, e que teve origem na antiga Escola de Biblioteconomia da Bahia, fundada em 1948 para abrigar o curso de Biblioteconomia, criado em 12 de março de 1948, e integrada à UFBA em 1954 – entra nesta trama, incumbido de tecer os fios entre o passado e o presente, porque memória é um tema sobre o qual se debruçam muitos dos estudiosos que compõem seus quadros, ou seja, o próprio Instituto é um lugar e um espaço de memória, enfim, é parte de sua missão incentivar a concepção e o desenvolvimento de políticas para a preservação de acervos e criação da memória local e nacional.

O Instituto é a unidade da UFBA com o compromisso de capitanear os estudos científicos e pesquisas sobre a Informação, como elemento do saber e do desenvolvimento, em todas as vertentes, e a responsabilidade

1 Doutora em Filosofia pela Universidade de Léon, Espanha. Assessora da Reitoria da UFBA. Professora Associada I – ICI/UFBA, Coordenadora da Comissão Permanente de Arquivos da UFBA.

2 Doutora em Ciência da Informação pela Universidade de Brasília. Vice-Coordenadora do Programa de Pós- Graduação do ICI/UFBA. Professora Adjunta IV.

3 Mestre em Ciência da Informação, professora do Instituto de Ciência da Informação da UFBA, superintendente do Sistema de Bibliotecas da UFBA.

da formação de bibliotecários, arquivistas e cientistas da informação de vanguarda, de modo a atender às exigências do mercado de trabalho e da sociedade em geral, mas também formar pesquisadores, na perspectiva de renovação criativa e contínua do conhecimento nos campos da Arquivologia, da Biblioteconomia e da Ciência da Informação, em cujas áreas, insere-se, também, a temática da memória organizacional e da memória histórica.

A informação é inevitavelmente um registro do conhecimento que vem do passado. Um conhecimento que já se tornou histórico, muito antes de ser transformado e disseminado pelo sistema. Segundo Lowenthal (1998, p. 98), o ponto mais importante do cruzamento da memória coletiva com a história é que a memória faz a história. “O passado lembrado é tanto individual como coletivo. Mas como forma de consciência, a memória é total e intensamente pessoal”. Este livro, escrito em um momento em que a UFBA já completou seus duzentos anos, busca registrar e dar significados a informações compreendidas em um contexto sociocultural, numa perspectiva histórica, sobre alicerces construídos por seus reitores e pretende resgatar parte da memória desta Universidade, incorporando-a à sua memória coletiva, motivando que outras memórias sejam integradas para consolidar e representar o passado, como símbolo de identidade desta Academia e de sua relação com sua região e sua comunidade.

Neste sentido, os textos se complementam e permitem traçar, até aqui, a história da UFBA. Foram recolhidos diálogos, ideias, experiências, resultados de vivências subsidiadas e de projetos, muitos deles pioneiros, pois é a informação que mantém viva a memória, como uma função social, lembrando acontecimentos, pessoas e lugares que marcaram a história. Foi isto que se pretendeu fazer, neste trabalho: concretizar a trajetória dos reitores da UFBA, perpassando individualidades e subjetivações.

Procura-se, assim, retratar a trajetória de cada Reitorado, baseando-se em fontes referenciais, em depoimentos de familiares e professores, que fizeram parte da equipe, além de entrevistas dadas e depoimentos pelos próprios reitores como Roberto Santos, Rogério Vargens, Germano Tabacof, Eliane Azevêdo e Naomar de Almeida Filho. Fez-se um recorte, reunindo e reorganizando ideias e reflexões, com o objetivo de abrir um espaço, tempo e circunstâncias, para anunciar sucessos e realizações, angústias, conquistas e descobertas de homens que estiveram à frente desta Universidade de tão nobre missão, que tanto contribuiu para o desenvolvimento da Bahia,

formando quadros profissionais especializados, professores, pesquisadores, políticos, que conduziram seus destinos.

Embasados de saberes, crenças e atitudes, com suas equipes, esses homens – reitores da UFBA – acionaram a estrutura organizativa do ensino superior do Brasil, muitas vezes, diante de conturbados momentos políticos, tanto no âmbito nacional como internacional, buscando formar pessoas altamente qualificadas, contribuindo na proteção e consolidação dos valores da sociedade, reforçando vínculos entre a educação superior e o mundo do trabalho, além de outros setores da sociedade, buscando acompanhar novos paradigmas de ensino, pesquisa e extensão, reformando currículos e buscando metodologias inovadoras. Contudo, esta transformação é o somatório do ideal e da realização de um trabalho coletivo, orquestrado por estes líderes, que souberam superar os obstáculos políticos, econômicos, sociais, em nome do engrandecimento desta instituição, frente a um projeto de desenvolvimento do país.

Pretendendo reunir informações da memória da UFBA, este volume, além da biografia dos 13 reitores que já conduziram esta instituição, traz a relação de homenageados com títulos honoríficos concedidos em cada Reitorado e, como Apêndice, quadros com a indicação de reitores, vice-reitores e pró-reitores que contribuíram para o êxito das respectivas gestões; como Anexos, a Resolução n. 02/98, que dispõe sobre a concessão de títulos honoríficos e a Resolução n.01/03, que institui a “Medalha Reitor Edgard Santos” e regulamenta a sua concessão.

Por fim, esclarece-se que, no contexto deste livro, procurou-se destacar a atuação dos reitores, como gestores e dirigentes máximos da instituição Universidade, da qual sempre serão guardiões, na medida em que exercem papel político, tomando decisões e negociando com autoridades internacionais, nacionais e locais sobre questões relativas à gestão e a assuntos acadêmicos. Os reitores são vistos aqui, portanto, como administradores de patrimônios imateriais, materiais e financeiros, e, deste modo, responsáveis, em última instância, pelo desempenho do ensino, da extensão, pesquisa e inovação que se fez, durante esta caminhada nesta Universidade. Assim, como baluartes da instituição, a passagem de cada um deles deixa uma história, que é o que este livro procura registrar.

1

Reitores da Ufba

EDGARD SANTOS (1946-1961)

Marilene Lobo Abreu Barbosa¹

Se o poder cultural que é a Universidade se consagra à elevação do espírito do povo, se o povo se deslumbra e se levanta ao toque mágico de toda a beleza que a vida encerra, então, meus senhores, eis que o povo desperta e vibra, eis que ele sonha e finalmente se entrega de alma e corpo na concretização dos seus sonhos, com o que se edifica. (SANTOS, E., 1971, p. 11)

DADOS CIVIS

Edgard Rego Santos nasceu em Salvador, em 8 de janeiro de 1894, filho do bacharel em Direito João Pedro dos Santos e de Amélia Rego Santos, vindo a falecer em 3 de junho de 1962. Seu pai, por ocasião do seu nascimento, era promotor público em Nazaré das Farinhas, tendo Edgard nascido na casa dos avós maternos, na Rua do Rosário, depois incorporada à Avenida Sete de Setembro. Logo depois, João Pedro dos Santos veio advogar na capital e foi morar em um sobrado no Pelourinho, bem em frente à Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos, onde Edgard viveu até um pouco antes de se formar, na companhia dos pais e dos irmãos Amélia, Ester, Mário e Helena. Edgard Santos viveu toda sua juventude na capital baiana, embora pretendesse ir morar em São Paulo, cidade que crescia a passos largos e que, por isso, oferecia uma expectativa de vida muito promissora. Em 20 de se-

¹ Mestre em Ciência da Informação, professora do Instituto de Ciência da Informação da UFBA, superintendente do Sistema de Bibliotecas da UFBA.

tembro de 1922 casa-se com Carmem Figueira, com quem teve três filhos: Eduardo, Roberto e Fernando. Logo depois do casamento foram residir na Rua Dias d'Ávila, nº 3, primeira transversal da Av. Oceânica, onde ficaram por quinze anos, quando então se mudaram para o número 36 da mesma avenida, onde morou por 25 anos.

O professor Edgard Santos, conforme seus biógrafos descrevem, era um homem sereno, gentil, porém muito determinado. E foi assim, com este espírito inquieto, empreendedor e firme, que ele conseguiu recursos para implantar a UFBA, começando do nada, criando campi apropriados ao funcionamento de uma instituição de ensino superior, construindo grandes obras de infraestrutura e prédios, para o funcionamento das unidades acadêmicas e administrativas. Movia-lhe, na verdade, o ideal de dotar a Bahia de uma instituição que fosse um celeiro de conhecimento científico e tecnológico e de cultura e arte, e se tornasse a força propulsora do desenvolvimento do Estado.

Homem de aparência serena, sendo impossível nele surpreender qualquer gesto desprimoroso, era, como acima disse, dono de uma determinação implacável e de um poder de decisão impossível de ser suspeitado à primeira vista, sob sua maneira tranqüila, mas, por outro lado, avesso aos malabarismos retóricos, às pantomimas da linguagem. Era homem de ação, de sentido prático irreprimível. E foi com esse sentido prático e com aquele poder de decisão que entregou-se, em verdadeiro regime de tempo integral, à direção de sua escola. (SILVA, 1978)

O professor e, à época, deputado federal Rui Santos, amigo pessoal de Edgard Santos, na oração fúnebre que lhe dedica, ressalta a tenacidade com que o reitor lutava, a fim de obter as verbas que seriam investidas em 'sua universidade', na perspectiva de implantá-la física e conceitualmente e firmá-la como uma verdadeira universidade, diversificada em seu campo de atuação, mas ao mesmo tempo integrada em seus objetivos e princípios.

Eras um insatisfeito: exprimias na proposta orçamentária as tuas pretensões e, mal a lei de meios entrava em discussão na Câmara, já lá estavas a pedir que a emendasse, a fim de dotar a Bahia com mais recursos para a tua universidade; ao ser discutida a emenda, contudo, já querias mais, e mais íamos buscar no Senado, na ânsia que te dominava de contar sempre com maiores verbas para a tua invulgar capacidade de administrador. (SÍNTESE..., 1966, p. 19)

Marques destaca outras características pessoais, fundamentais para seu sucesso como gestor:

Era aberto ao novo, à invenção criativa, ao experimentalismo. Sua ousadia foi determinante na hora de configurar a instituição, cujo projeto de formação foi pensado para além da mera profissionalização. Contribuiu para vencer o isolacionismo das cátedras na UBa e construir a ambiência social e universitária pela cultura. (MARQUES, 2010, p. 151)

Mas é na descrição abaixo que um dos biógrafos do professor Edgard Santos deixa transparecer muito do seu modo de ser, tanto no que tange à aparência física quanto a traços de personalidade, que marcam sua forma de administrar, e, como bem diz seu biógrafo, “o seu modo de ser reitor”. (SÍNTESE..., 1966, p. 15)

O Dr. Edgard tem a fisionomia que se imagina encontrar num Reitor. No corpo havia um contorno como que de monsenhor, na estatura mediana e sempre rija; no rosto, um risco oblíquo saliente em cada face da pele avermelhada, a destacar-lhe os cabelos quase brancos, lustrosos e, apesar de bem penteados, com uma aparência de inquietação ondulada. Ao falar, a voz semi-anasalada era precisa em cada palavra e nas frases entrecortadas de pequenos sorrisos. Preferia mais ouvir, mas, se estava sentado à mesa de despachos, costumava ouvir o interlocutor sem deixar de examinar papéis; nunca se pensasse em desatenção: logo opinava de acordo com aquilo que escutara. Não se exagere a crer que trabalhava por dois. Nos assuntos de interesse maior ou quando fatigado, tinha que continuar em audiências, ele se levantava e, com o braço sobre o ombro do dialogante, passos lentos, caminhava pelo gabinete, ou seguia para os corredores até, mais ou menos, uma distância que assemelhava ter sido calculada conforme o rumo do assunto, a fim de que o término da conversa ocorresse quando estivesse de volta à sua mesa. Essa conversa caminhante era uma de suas características pessoais de atração e êxito. Com ela deixava, naquele com quem discutira um problema, ao despedir-se, a impressão e o perfil do seu modo de ser Reitor. E o foi, na figura e na ação, de 1946 a 1961. (SÍNTESE..., 1966, p. 15)

O professor Roberto Santos, seu filho e um dos seus biógrafos, destaca seu espírito de liderança, “[...] que influenciou em profundidade o processo

cultural na Bahia da metade do século XX, com forte projeção para as décadas seguintes”. (SANTOS, R., 2008, p. 11)

Relata também episódios sobre a vida cotidiana e familiar, que demonstram ter sido o professor Edgard Santos um homem elegante, “Sempre bem trajado, era adepto dos ternos de linho irlandês [...] Em especial, esmerava-se nas gravatas, que iam desde o estilo borboleta aos desenhos mais ousados nas gravatas longas”. (SANTOS, R., 2008, p. 34) Refere-se também à dedicação do pai à família, compartilhando momentos de lazer, em passeios pela cidade, visitas aos familiares e, principalmente, participando, conjuntamente, de atividades culturais, muitas vezes promovidas pela UFBA, tais como os ensaios e eventos promovidos pelas escolas de Teatro ou de Música. (SANTOS, R., 2008) Um fato peculiar, narrado pelo professor Roberto Santos, deixa transparecer o apego, a atenção e o cuidado do professor Edgard Santos com a família:

Todas as noites, depois do jantar, dirigindo o seu carro, Edgard voltava a sair com sua esposa e os filhos, a fim de visitar os pacientes hospitalizados, ou a domicílio. Neste vai e vem do ritmo diuturno, repetido durante muitos anos, havia uma particularidade digna de nota. Salvador era uma cidade de ‘uma rua só’. De um canto a outro da cidade tinha-se de passar pela Avenida Sete de Setembro, em especial por trechos como o das Mercês, onde morava meu avô. Ocupado como era, Edgard parava na casa dos seus pais quatro ou cinco vezes ao dia, nem que fosse, simplesmente, para entrar e sair ‘no mesmo pé’. Quando dispunha de tempo, sobretudo após o jantar, e estava em pauta algum assunto mais ‘quente’ na política nacional ou internacional, entrava em debate com meu avô. Discutiam com enorme veemência, malgrado as fortíssimas afinidades entre os dois. (SANTOS, R., 2008, p. 48)

REFERÊNCIAS FAMILIARES

Seu pai, João Pedro dos Santos, diplomou-se pela Faculdade de Direito do Recife em 1891, tendo se distinguido na profissão, exercendo cargos públicos, políticos e na lide advocatícia. Logo depois de formado, foi exercer o cargo de promotor público em Nazaré das Farinhas. Teve uma carreira política de sucesso durante a Primeira República, tendo sido chefe de Polícia do governo Severino Vieira (1900-1904), secretário da Fazenda do governo José Marcelino

(1904-1908) e deputado federal na Legislatura de 1906 e reeleito deputado federal em 1924, cumprindo mandatos sucessivos, até o golpe de 1930; em 1932, João Pedro dos Santos volta à cena política da Bahia, aderindo ao interventor Juracy Magalhães, sendo nomeado secretário do Interior e da Justiça. Mais tarde, torna-se conselheiro do Tribunal de Contas, posto no qual se aposenta.

Edgard Santos era sobrinho-neto do senador estadual Araújo Santos e sobrinho de Pedro Joaquim dos Santos, que também era advogado e alcançou o posto máximo de ministro do Supremo Tribunal Federal.

FORMAÇÃO

Fez o curso primário no Colégio Americano, na Ladeira do Aljube, entre a Ladeira da Praça e o Terreiro de Jesus e o curso secundário no Ginásio São Salvador, na Baixa dos Sapateiros, próximo à Barroquinha, prédio hoje tombado pelo Patrimônio Histórico, onde funciona o Iphan.

Frequentou o curso de Medicina no período da Primeira Guerra Mundial e formou-se em 20 de dezembro de 1917, pela Faculdade de Medicina da Bahia (Famed), onde sobressaiu-se, sendo escolhido orador da turma. Ainda estudante foi nomeado interno da cadeira de Clínica Psiquiátrica, em 1915, sendo titular da cátedra Mário Leal e cujas aulas aconteciam no Hospital São João de Deus. Em junho de 1917, deixou a Clínica Psiquiátrica e foi nomeado interno da 4ª. cadeira de Clínica Médica, cujo titular era o Prof. Prado Valadares, que o influenciou, quer na formação quer no estilo literário que viria a adotar. Como era regimental na época, para graduar-se defendeu publicamente, na cadeira de Fisiologia, em 19 de dezembro de 1917, a tese *Um ensaio em torno de hormônios*, cuja aprovação lhe conferiu o grau de Doutor em Ciências Médico-Cirúrgicas.

Empenhou-se sempre em manter-se atualizado em sua área de especialização, a cirurgia, porém não se limitando a esta, visto que detinha conhecimento bastante abrangente da medicina e que procurava ampliar mais ainda adquirindo publicações no exterior, sobretudo na Europa, de onde vinham os conhecimentos mais emergentes naquela época. Para facilitar as transações, mantinha, em Paris, um correspondente, Monsieur Augendre, que o informava sobre os acontecimentos na Europa e providenciava e remetia as encomendas pelo correio. Para demonstrar o interesse de Edgard Santos por livros, basta dizer que entre 1926 e 1930 ele importou cerca de 1 200 tí-

tulos. Assinava e lia regularmente a *Presse Medicale*. Interessava-se também por política, economia e cultura e, a respeito destes assuntos, era leitor de *L'Illustration*, revista informativa e cultural, que tinha um suplemento – *Petite Illustration* – versando sobre o teatro na França, leitura que fazia com muito gosto nos fins de semana. Outras revistas que assinava eram *La Revue des Deux Mondes*, *Esprit*, *Le Mois*, *La Table Ronde*. Esta sua larga visão do mundo foi determinante na idealização do projeto de criação da UFBA.

VIDA PROFISSIONAL

Aos 21 anos, logo depois de formado, foi para São Paulo, onde passou quatro anos, trabalhando sob a orientação de seu tio, o experiente e bem-sucedido cirurgião Antônio Luiz do Rego, como assistente durante mais de quatro anos, no Instituto Paulista, no centro urbano de São Paulo, em uma esquina da Avenida Paulista.

Em 1922, foi para a Europa em companhia da esposa, onde permaneceu até o final de 1923, especializando-se em cirurgia, área que elegeu para atuar. Nesta visita de estudo, esteve nas universidades de Paris, Lyon e Berlim, onde frequentou os serviços hospitalares especializados em diversas modalidades de cirurgia, sob a coordenação de mestres da época, como, na França, no Hospital Necker, sob a orientação do Prof. Legueu; na Salpêtrière, com o Prof. Gosset; no Hospital Vaugirard, com os assistentes do prof. Pierre Duval; no Hospital Cochin, com o Prof. Delbet; e em Berlim, estagiou no Hospital Charitê, ao qual sempre fazia referências elogiosas, tendo em vista o avanço científico demonstrado por seus especialistas e a alta qualidade de seus serviços.

Quando retornou a Salvador, onde fixou residência, abriu consultório e iniciou uma promissora carreira de cirurgião. O consultório funcionou por mais de 30 anos no Palacete Catharino, na Rua Chile, prédio que foi demolido. Durante as décadas de 1920 e 1930, profissionalmente bem-preparado, já professor catedrático teve grande sucesso como cirurgião geral e foi, por isto, escolhido pela Real Sociedade Espanhola de Beneficência para dirigir o Sanatório Espanhol, função que exerceu durante quase trinta anos. Alternava-se operando pacientes privados no Hospital Espanhol ou pacientes indigentes das enfermarias do Hospital Santa Isabel, da Santa Casa de

Misericórdia, onde continuava ocupando-se da função de professor, dando suas aulas e visitando seus pacientes.

Com a pretensão de dedicar-se à carreira de ensino e pesquisa, Edgard Santos, ainda jovem, pleiteou assumir uma das cátedras de Cirurgia da Famed e com o apoio de mestres como Prado Valadares e Antônio Borja, mas também com a oposição de alguns professores, que, por motivos políticos ou mesmo por interesse no cargo, questionavam sua prematura ascensão à cátedra, tendo em vista que era muito jovem; em 7 de agosto de 1925, ele assume interinamente a cátedra de Patologia Cirúrgica da Famed, sendo dispensado 12 dias depois, devido a manobras destes seus adversários. Edgard Santos enviou petição ao Ministério da Justiça, ao qual a Famed era subordinada, pois não havia o Ministério da Educação, justificando a legitimidade da sua assunção ao cargo, e foi atendido, sendo nomeado novamente, em março de 1926, interinamente para a mesma cátedra, mas desta vez com a obrigação de reger também o curso da Clínica de Propedêutica Cirúrgica; permaneceu nesta função até fins de 1927, quando foi efetivado por concurso público.

O concurso de títulos e provas assegurou a sua efetivação na cátedra de Patologia Cirúrgica, quando ele tinha 33 anos. No concurso eram exigidas duas teses, uma sobre tema de livre escolha do candidato e outra sobre assunto sorteado. A do ponto sorteado foi: Câncer na Bexiga, em que foi aprovado com 9.97. A outra tese, de livre escolha, Intervenções de Cirurgia nos Domínios do Simpático, abordava tema de sua preferência. As teses, na avaliação do professor Roberto Santos (2008, p. 32), são “[...] ambas muito bem escritas, bem estruturadas, inteligentemente dispostas na apreciação do que se escreveu sobre o tema”; confirma este seu parecer a vastidão das bibliografias utilizadas. A primeira, sobre câncer na bexiga, lista 269 referências bibliográficas; a outra, sobre intervenções cirúrgicas relativas ao simpático, conta com 170 referências bibliográficas, sendo 50 de René Lerriche, autoridade máxima sobre este assunto naquela época, que o professor baiano havia conhecido, e que era primeiramente da Universidade de Strasbourg e depois do Collège de France. Além das teses, Edgard Santos se submeteu à prova didática, no dia 30 de novembro de 1927, sobre o tema Anúrias – ponto sorteado número 4 do concurso.

Edgard Santos assumiu a cátedra de Patologia Cirúrgica em 1928, indo atuar na Enfermaria São Luiz, para homens, e Enfermaria Santa Marta, para mulheres, do Hospital Santa Isabel da Santa Casa de Misericórdia, onde os serviços médicos aconteciam de modo lento, com ausência de serviços de

enfermagem e laboratórios qualificados; só contava com ajuda das freiras, que não eram capacitadas para o serviço. “Nas enfermarias de clínica médica os pacientes levavam meses internados, sem nenhuma premência de ordem social para voltar à vida ativa” (SANTOS, R., 2008, p. 35), à espera de providências e procedimentos médicos elementares. Edgard Santos que “não era homem de conformar-se” (SANTOS, R., 2008, p. 36), sensibilizado com esta situação, cria mais tarde, quando no exercício de cargo público estadual, o hospital de pronto-socorro.

Em 1934, portanto, seis anos mais tarde, foi transferido para a cátedra de Clínica Cirúrgica, sendo sua vitória saudada pelos progressistas.

O título de catedrático da Faculdade de Medicina significava grande prestígio social, abria caminho para o sucesso profissional e o credenciava para outras tarefas de liderança, inclusive na área política. Simultaneamente exerceu fecunda atividade de cirurgião em hospitais de Salvador, a exemplo do Hospital Espanhol, onde foi diretor-médico.

Em 1932, Edgard Santos foi convidado pelo governo estadual, na interventoria de Juracy Magalhães, que era aliado de Getúlio Vargas e com quem partilhou a Revolução de 1930, para dirigir a Assistência Pública de Saúde, o serviço estadual de pronto-socorro da capital, que, na época, funcionava em instalações precárias, com péssimas condições de higiene e não conseguia atender à demanda da população carente. Nesta função, seu espírito empreendedor, associado à sua formação humanitária, levou-no a projetar a construção do Hospital do Pronto-Socorro, com instalações adequadas e equipamentos de primeira linha, para os atendimentos de emergência. O hospital foi projetado para ser instalado no Canela, pois Edgard Santos o concebeu na perspectiva de que ele também servisse de campo de estudo, experimentação e prática para os estudantes da Famed, posto que a Faculdade já projetava instalar seu hospital neste bairro, onde havia comprado vasto terreno. O espírito visionário de Edgard Santos o fez articular o plano de integração entre este hospital e a Famed, e sua proximidade do governador o fez conseguir que o governo aprovasse a ideia e o hospital começou a ser construído com este propósito.

No acordo, o Hospital de Pronto-Socorro, após instalado, seria repassado à Famed, que o manteria com recursos federais, com a condição de que as aulas da 2ª cadeira de Clínica Cirúrgica seriam ministradas em suas dependências e não mais nas instalações do Hospital Santa Isabel, onde as condições de ensino, trabalho e prestação de serviços médicos eram precá-

rias. O hospital deveria ser inaugurado no Natal de 1937. No entanto, em 10 de novembro de 1937, Getúlio Vargas, interessado em manter-se como presidente além de seu período regular, dá o golpe que cria o Estado Novo e Juracy Magalhães não o apoia, sendo imediatamente afastado do cargo de governador, e a situação política fica difícil para a Bahia. Neste contexto, Edgard Santos, homem de sua confiança, deixa a direção do Hospital do Pronto-Socorro, que, apesar de todo equipado e numa cidade carente de serviços desta natureza, fica fechado por cinco anos, sem conservação; também não acontece a articulação concebida por Edgard Santos, que nunca mais retoma as atividades no hospital e não tem mais nenhuma participação na sua gestão, apesar de tê-lo deixado em adiantado estado de construção, no bairro do Canela, conforme o havia concebido. Por ocasião de sua inauguração, este serviço hospitalar de emergência, idealizado por Edgard Santos, foi considerado o mais completo e moderno do país, tornando-se referência em sua área.

Ao deixar a direção da Saúde no governo estadual, o professor Edgard Santos passa a se dedicar integralmente à Famed, onde sua competente administração e habilidade política o mantêm no cargo, apesar da reviravolta política; assim ele se aproxima de Getúlio Vargas até a deposição deste, em 1945, pois, em virtude do cenário político reinante, o Estado Novo não mais se sustentava.

DIRETOR DA FACULDADE DE MEDICINA

Em 1º de setembro de 1936, ainda ocupava o cargo de diretor da Assistência Pública de Saúde do Estado e dirigia a construção do novo hospital de pronto-socorro, quando foi eleito por seus colegas na lista tríplice organizada pela Faculdade, pelo modo como se distinguia em suas funções na cátedra, e nomeado por Getúlio Vargas para a diretoria da Famed. Era ministro da Educação e Saúde Gustavo Capanema.

Na direção da Famed, firme em suas convicções de que era preciso melhorar a qualidade do ensino médico, no primeiro momento Edgard Santos concentrou esforços na construção do conjunto hospitalar, que deveria ser instalado no Canela, idealizado para servir de campo de estudo e prática para os estudantes de medicina e de pesquisa para os professores, além de vir a prestar amplo serviço especializado e qualificado ao povo baiano. Assim, num

esforço articulado com o governo do Estado, apela ao ministro de Educação e ao presidente da República, para construir o conjunto hospitalar do Canela.

Para a construção do hospital, Edgard Santos recorreu à consultoria do Dr. Ernesto Souza Campos, que, além de médico, era engenheiro e havia implantado um novo conceito de arquitetura hospitalar, substituindo a tradicional estrutura de pavilhões pelo conceito de hospital monobloco, que facilitava a gestão e funcionalidade dos serviços. Consciente também da necessidade de profissionais de enfermagem de nível superior, consegue que, integrando o complexo de saúde do Canela, também seja criada e construída a Escola de Enfermagem. “Edgard implantou estes dois conceitos na Bahia e assim revolucionou a tradicional organização de saúde em todo o Nordeste brasileiro”. (SANTOS, R., 2008, p. 43) A pedra fundamental do hospital foi posta em outubro de 1938 e a construção se iniciou no ano seguinte; no entanto, apesar da incontestável capacidade de trabalho do idealizador e de sua luta incessante na busca de recursos junto ao governo federal para melhorar a infraestrutura de saúde na Bahia, o hospital leva mais de dez anos para ser construído e só é inaugurado em novembro de 1948, pois havia a interferência de interesses políticos contrários.

O incremento da área de saúde envolvia também a ampliação de quadros de médicos e professores, sobretudo para melhorar a qualidade do ensino médico e da prestação de serviços de saúde à população, e o Edgard Santos, como diretor da Famed, teve como uma de suas plataformas a realização de concursos públicos para o magistério superior, com o fim de suprir esta área ainda muito carente de nosso Estado.

Por seu prestígio como articulador e pela habilidade política e capacidade de trabalho, ainda em 1945, há quase dez anos como diretor da Famed, nas sucessivas eleições, Edgard Santos fora indicado por seus pares, como o primeiro da lista tríplice, para concorrer ao cargo de direção da Faculdade.

Em 1946, é aprovada pelo Congresso a Constituição Federal de 1946, tendo sido eleito para presidente da República o general Eurico Gaspar Dutra, que escolheu como seu ministro da Educação e Saúde o Prof. Ernesto de Souza Campos – no dizer de Roberto Santos, “velho amigo da Bahia e de Edgard” (SANTOS, R., 2008, p. 74), que percebeu ser aquele o momento oportuno para a criação da Universidade da Bahia. O projeto previa a integração das faculdades isoladas existentes no Estado em torno da nova universidade; entretanto, as faculdades de maior porte, como a Escola Politécnica, a Faculdade de Direito e a de Medicina, faziam restrições à proposta, “[...] talvez porque não tivessem

percebido a extensão do projeto de aprofundar a pesquisa, implantá-la como recurso imanente ao conceito de universidade”. (SANTOS, R., 1997, p. 80) Já as faculdades menores, de modo geral, foram favoráveis, considerando que sua integração à Universidade da Bahia lhes traria a oportunidade de ascensão e de melhoria do status de seus professores, além de ampliar a possibilidade de obter mais verbas para a realização de seus objetivos.

REITORADO

A Universidade da Bahia foi criada em 1946, no governo do presidente Eurico Gaspar Dutra, que, conforme foi dito acima, tinha como ministro da Educação e Saúde o engenheiro-médico Ernesto Souza Campos, que havia assessorado Edgard Santos na construção do Complexo Médico do Canela, e que se empenhou pessoalmente para a criação desta universidade. Em 8 de abril de 1946, o presidente Dutra vem a Salvador, acompanhado de seu ministro da Educação e Saúde, Souza Campos, para assinar o Decreto-Lei nº 9.155, da mesma data, que cria a Universidade da Bahia, assegurando-lhe autonomia administrativa, didática e disciplinar. Agregam-se para formar a Universidade a Faculdade de Medicina e suas escolas anexas: Farmácia e Odontologia; a Escola de Direito e a Escola Politécnica; a Faculdade de Filosofia e a Faculdade de Ciências Econômicas.

O ministro Souza Campos designa Pedro Calmon para presidir a Comissão de Planejamento e Organização da nova universidade e, em 1º de julho de 1946, com base no Decreto-Lei de 8 de abril, que cria a Universidade da Bahia, o Conselho Universitário elege, com votação unânime, o Prof. Edgard Santos para ocupar o cargo de reitor. É evidente que o cenário político era favorável àquela situação; no entanto, há que se considerar o destaque alcançado por Edgard Santos como diretor da Famed, principalmente pelo seu desempenho à frente da implantação do Conjunto Médico do Canela. A partir de então, foram cinco gestões sucessivas, por quinze anos, em eleições realizadas trienalmente, de 1946 a 1961. A UBA, criada, em 1946, com sete escolas, em 1950 já contava com nove. Em 1949, o curso de Arquitetura, criado desde 1880, como integrante dos cursos de Artes da antiga Academia de Belas Artes, depois Escola de Belas Artes, é reconhecido, porém sua autonomia só acontece em 2 de outubro de 1959, com a criação da Faculdade de Arquitetura, portanto ainda na gestão de Edgard Santos.

Além de sua atuação política, Edgard Santos contou com o apoio de Clemente Mariani, advogado e político baiano, que foi ministro da Educação e Saúde do governo Dutra (1947-1950), para obter recursos para a construção do Hospital das Clínicas, inaugurado em 1949, com a presença deste presidente.

Em 1950, a UBA, com suas unidades, exceto a Faculdade de Direito, é federalizada pela Lei nº 1.254, de 4 de dezembro, quando passa a receber verbas regulares do governo federal, o que desencadeia uma fase de crescimento acelerado, incentivando o surgimento de outras escolas. Foi quando se instalou o Campus da Canela, com a construção do Palácio da Reitoria, a Clínica Tisiológica, a Faculdade de Odontologia, a Casa da França, o Instituto de Cultura Hispânica e, já em 1961, o prédio da Faculdade de Direito.

Constata-se que, desde sua criação como Universidade da Bahia e durante toda a gestão do Prof. Edgard Santos, a Universidade Federal da Bahia esteve na vanguarda dos movimentos científicos e culturais do Estado e, também, participou ativamente dos movimentos que direcionaram os rumos políticos e econômicos da Bahia, visto que seu reitor, pelo prestígio que possuía, manteve sempre interlocução com as lideranças políticas, intelectuais e científicas locais, como o próprio governador Otávio Mangabeira (1947-1951), Clemente Mariani, Rômulo Almeida, Thales de Azevedo, Anísio Teixeira, Luiz Viana Filho, entre outros. Seu propósito, para a realização do qual se empenhou muito, era contribuir com o programa desenvolvimentista planejado e em execução no Estado, no qual a participação expressiva da Universidade tinha papel de destaque, com a colaboração de seus intelectuais, para gerar e executar ideias, estudos, projetos etc. Neste processo de interação, a Universidade também se fortalecia politicamente, assegurando seu desenvolvimento e credibilidade como instituição de ciência, tecnologia e inovação.

O professor Felipe Serpa capta de modo singular e representativo a expectativa de Edgard Santos, ao traçar e executar o projeto de criação da UFBA, principalmente a perspectiva de criar um universo cultural e científico, identificado com a Bahia e que servisse ao seu progresso social e econômico. Eis o que diz Serpa, na introdução do livro em que intitula a UFBA de *A utopia de Edgard Santos*:

Na sua origem, a UFBA não se distingue da maioria das universidades brasileiras. É também fruto da reunião de antigas faculdades isoladas. Delas, das nobres e vetustas Faculdade de Medicina, Faculdade de Direito e Escola Politécnica, Edgard Santos soube captar a tradição acadêmica e o prestígio social. Compreendeu,

entretanto, em benefício da jovem universidade, que essa tradição acadêmica deveria ser unificada, instituindo novas áreas de atuação em coerência, por um lado, com as demandas e expectativas de seu tempo e as projeções, que então se faziam, para o futuro da sociedade e da economia baianas, por outro lado, a diversificação acadêmica deveria contemplar também as vocações mais remotas e históricas da Bahia, potencializando, na universidade, a tradição das expressões culturais e artísticas. (SERPA, 1998, p. 7)

Deste modo, em 1951, no governo de Otávio Mangabeira, quando Anísio Teixeira era secretário da Educação e Saúde, a UFBA compartilhou com o governo do Estado, conferindo-lhe embasamento teórico, da concepção e execução de convênio de cooperação com a Columbia University, dos Estados Unidos. O Prof. Thales de Azevedo, catedrático de Antropologia da Faculdade de Filosofia, foi escolhido como coordenador desse convênio, quando presidia a Fundação para o Desenvolvimento da Ciência na Bahia, órgão do governo estadual.

O projeto ambicioso de Edgard Santos concebia a UFBA como uma universidade em seu sentido lato, ou seja, uma instituição que integrava, numa perspectiva humanística, conhecimentos científicos, tecnológicos, políticos, econômicos, sociais, artísticos e culturais. Imbuído deste seu sentimento e com sua capacidade de realização, ele trouxe, para a Bahia, destacados intelectuais e artistas de várias partes do mundo, como o alemão Hans Joachim Koellreutter, que dirigiu a Escola de Música, os suíços Walter Smetak e Ernst Widmer, para coordenar os Seminários de Música da Bahia, Yanka Rudzka e Rolf Gelewsky, para o ensino da dança contemporânea, Eros Martim Gonçalves, para conduzir a Escola de Teatro, Valentin Calderón e outros. Apoiado nas ideias avançadas destes pensadores, em seu quarto mandato, intensificou o incentivo à cultura e à arte, traçando um plano de curto prazo para implantar as condições de oferta de cursos superiores nestas áreas, criando, inicialmente, os Seminários Livres de Música (1955), embrião para a criação posterior da Escola de Música, e as escolas de Teatro (1956) e Dança (1956).

Ter uma escola de música, por exemplo, que começou como seminários livres de música, numa reação ao estilo de conservatório daquela época, com muito menos formalismo, com a oportunidade de grandes músicos e professores de música do exterior e do Brasil virem para cá, a princípio durante os meses de julho, por alguns anos, em atividades que não eram permanentes, e depois em trabalho regular. (SANTOS, R., 2009, p. A12)

Com efeito, a história da UFBA, narrada, ao longo dos seus mais de sessenta anos, por muitos dos seus professores, administradores, alunos e técnicos, enfatiza o desenvolvimento cultural e artístico que viveu a cidade do Salvador, enquanto Edgard Santos esteve à frente da Universidade, que passou a ser reconhecida nacionalmente como uma instituição de vanguarda e de forte apelo humanístico.

Rubim considera que, nesta época, a Bahia viveu momentos de destacado progresso econômico e cultural, para o qual a UFBA contribuiu fortemente, sobretudo, articulando-se com os centros e os expoentes culturais do país e do exterior, criando “[...] uma ambiência cultural ímpar, onde despontaram novas manifestações, obras e criadores culturais”. (RUBIM, 1999, p. 68)

Confirmando seu desejo de consolidar a UFBA como uma universidade que investia na formação plural do sujeito e que mantinha uma relação de aproximação com a sociedade, Edgard Santos continuou seu esforço de superar o isolacionismo da universidade e buscou criar organismos extensio-nistas que se abrissem para a sociedade e para o aperfeiçoamento contínuo dos profissionais saídos de suas salas de aula. Assim, outros órgãos foram criados, como o Centro de Estudos Afro-Orientais (CEAO), dirigido inicialmente pelo filósofo, ensaísta e poeta português George Agostinho Baptista da Silva, a Casa da França (ou Instituto Franco-Brasileiro), o Instituto de Cultura Hispânica, o Instituto de Estudos Norte-Americanos, o Instituto de Orientação Vocacional e, na Faculdade de Filosofia, instalaram-se o Laboratório de Fonética Experimental, o Instituto de Estudos Portugueses e o Laboratório de Geomorfologia e Estudos Regionais, este coordenado pelo geógrafo Milton Santos. Para a criação do Museu de Arte Sacra, foi assinado um convênio com a Cúria, e reformado o prédio do Convento de Santa Tereza, onde se instalou o museu, inaugurado em 1959.

O antropólogo Antonio Risério observa que, ao trazer estes profissionais, Edgard Santos provocou uma verdadeira revolução no pensamento estético e cultural da classe artística baiana, do mesmo modo que a implantação do CEAO ajudou a despertar a consciência socioantropológica entre os estudiosos e intelectuais baianos. Segundo Risério (1995), este clima de renovação e efervescência científico-cultural se fez sentir em todos os segmentos e a respeito desta fase, inclusive intitulada de Renascença Baiana, Glauber Rocha assim se pronunciou: “Contra o doutorismo, a oratória, a mitologia da praça pública, está sendo derrotada na província a própria

provincia”. (ROCHA apud RISÉRIO, 1995, p. 14-15) Os estudiosos da UFBA e de Edgard Santos sempre o colocam no meio desta cena, ele como corresponsável pelo clima de desenvolvimento e progresso na Universidade, que transcende seus limites, na medida em que ela põe seus intelectuais a serviço do projeto do Estado, conforme constata Guerreiro:

Sob o Reitorado de Santos, a UFBA se converte num vigoroso circuito de produção artística e intelectual completamente inserido na cena soteropolitana que transitava entre uma tradição forjada em mais de cem anos de isolamento cultural e as múltiplas informações trazidas pela vanguarda européia. (GUERREIRO, 2005, p. 12)

A descoberta de reservas de petróleo no Recôncavo da Bahia, em fins da década de 1930, bem como a instalação da Refinaria de Mataripe, em 1950, e a criação da Petrobras, em 1953, vieram acelerar o projeto de desenvolvimento do Estado, cujo governo passou a solicitar à UFBA a formação de pessoal especializado para suprir a demanda nesta área. A UFBA assina convênio com a Petrobras e oferece um curso de especialização em Geologia do Petróleo; professores estrangeiros foram trazidos pela Petrobras, que também se responsabilizou pela aquisição de equipamentos, inclusive um computador de grande porte. Este curso foi o embrião do curso de graduação em Geologia, que se consolidou em 1957, e da instalação da Escola de Geologia. Neste âmbito, mais uma vez o professor Felipe Serpa chama a atenção para o espírito perscrutador e tenaz do professor Edgard Santos, que identificava as tendências que se anunciavam no horizonte e, com sua capacidade de negociação e poder político, levava a Universidade a aproveitar as oportunidades, de modo sábio e compensador, tanto para esta, quanto para as demais instituições envolvidas e, principalmente, a sociedade e a Bahia.

[...] a Escola de Geologia surgiu respaldada pelas necessidades de investigação e exploração do pólo petrolífero. Também ali, o foco primordial da atividade universitária foi a pesquisa e a imediata utilização do conhecimento produzido, o ensino se constituindo no bojo da investigação e da interação com a sociedade. (SERPA, 1998, p. 7)

Em 1954, a UFBA enriquece seu campo científico de ação, agregando a Escola de Biblioteconomia da Bahia, que havia sido fundada em 1948 com

este nome, e que, ao se integrar à Universidade, passa a chamar-se Escola de Biblioteconomia e Documentação.

Portanto, a concepção avançada de Edgard Santos ia além da visão de universidade como instituição de cultura; na verdade, ele a projetava como o lugar das artes e da ciência, o celeiro do conhecimento e, acima de tudo, como a impulsionadora do desenvolvimento econômico e social da região. Assim, como um competente administrador, um líder institucional proativo e um entusiasta por novas ideias, ao saber do novo modelo que estava sendo planejado por Anísio Teixeira e Darcy Ribeiro para a criação da Universidade de Brasília, o reitor consultou Anísio Teixeira sobre a possibilidade de implantar as inovações em pauta, imediatamente, na Universidade Federal da Bahia. O projeto previa a implantação de uma política de centralização das atividades científicas na área das chamadas ciências básicas, com a criação dos institutos encarregados de realizar estudos, pesquisas e demais atividades relacionadas com estas ciências, antecipando-se às ações da Comissão Supervisora do Plano dos Institutos (Cosupi), órgão vinculado ao Ministério da Educação e Cultura (MEC), que fora criado e começara a funcionar em 1958, com a finalidade de executar o projeto de implantação dos institutos especializados nas universidades federais. Edgard Santos adotou as primeiras medidas para implantar este modelo de ensino na UFBA.

Assim, em meados de 1958, com o apoio das professoras de Matemática Arlete Cerqueira Lima e Martha Maria de Souza Dantas, Edgard Santos começa a dialogar com lideranças da área, como o professor Omar Catunda, catedrático de Análise Matemática da Universidade de São Paulo (USP), e Leopoldo Nachbin, do Instituto de Matemática Pura e Aplicada (IMPA), do Rio de Janeiro, para a implantação do Instituto de Matemática, objetivando trazer novos conceitos e novos padrões de ensino desta ciência para a UFBA. No entanto, com a contribuição do professor de Física Ramiro de Porto Alegre Muniz, a ideia evoluiu para a criação do Instituto de Matemática e Física, que aconteceu em 1960, tendo sido convidado para dirigi-lo o matemático Rubens Gouveia Lintz. Foi quando se transferiu para a UFBA o professor Felipe Serpa (que mais tarde viria a ser um de seus reitores), convidado pelo reitor Edgard Santos para participar de um programa de melhoria do ensino na área de engenharia no Nordeste.

Com este mesmo espírito, em 1958, é também criado o Instituto de Química, como órgão suplementar, conforme consta no *Boletim Informativo* nº 22, de agosto daquele ano, e para sua direção foi convidado o Prof. Cláudio

Costa Neto, da Escola Nacional de Química da Universidade do Brasil, Rio de Janeiro, que permaneceu pouco tempo no cargo. Os professores que constituíram o núcleo formador do Instituto de Química tiveram origem nos Cursos de Bacharelado e Licenciatura da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras; de Engenharia Química, da Escola Politécnica; de Farmácia, da Faculdade de Farmácia; e no Laboratório de Geoquímica da Escola de Geologia.

Nesta sua quinta gestão à frente da Universidade, Edgard Santos havia conseguido fazer ecoar a modernidade da UFBA além-fronteira e, assim, seu espaço foi escolhido para a realização de alguns congressos, tais como, em 1956, o 1º Congresso de Língua Falada no Teatro e, em 1959, o IV Colóquio Internacional de Estudos Luso-Brasileiros, para o qual foi instalado o Museu de Arte Sacra, no antigo Convento de Santa Teresa, restaurado pela Universidade e, de imediato, considerado o mais completo da América Latina no gênero, guardando os trabalhos em lavra sobre madeira, ouro, prata e pedra, representativos da melhor arte luso-brasileira.

O impacto da UFBA no meio social baiano e sua credibilidade eram patentes, haja vista que, em 1959, o índice de matrícula ultrapassou cinco mil inscrições e o número de unidades não parava de crescer.

Deste modo, integrada na perspectiva de renovação da Universidade, em 1959 foi criada a Escola de Administração, com a preocupação de fortalecer a formação estratégica dos gestores. A capacitação dos professores para atuar na Escola aconteceu mediante programa de cooperação com os Estados Unidos, o que propiciou a vinda de professores norte-americanos para Salvador, a fim de ministrar aulas no curso de mestrado e a ida, também, de professores da UFBA para os Estados Unidos, para realizar estudos de pós-graduação em Administração Pública e de Empresas.

Na gestão de Edgard Santos, foi implantado o Campus da UFBA na Federação, que se iniciou com a construção do grande prédio da Escola Politécnica, concluído em 1960. Foram criados o Laboratório de Fonética Experimental, na Faculdade de Filosofia, dirigido por Nelson Rossi, o Instituto de Estudos Portugueses e, na área de Geografia, o Laboratório de Geomorfologia e Estudos Regionais, coordenado por Milton Santos. Também os institutos básicos tinham esta finalidade, e o Instituto de Matemática e Física passa a produzir novos conhecimentos em sua área, ao dar início às atividades de pesquisa.

Objetivando a edição de trabalhos científicos da UFBA e de obras literárias de autores baianos, nacionais e estrangeiros, Edgard Santos realiza um convênio, em 1957, com a Livraria Progresso Editora, de Manoel Pinto de

Aguiar. A produção editorial da UFBA inicia-se, de fato, em 1959, quando é criado o Departamento Cultural, subordinado à Coordenação Central de Extensão e começam a ser publicados o *Jornal da Universidade*, a revista *Universitas* e, a partir de então, vários outros periódicos.

Uma visão de conjunto do longo Reitorado de Edgard Santos mostra que foi bem profícua sua gestão para consolidar a UFBA no campo do ensino, da pesquisa e da extensão e para afirmá-la como instituição produtora de ciência, tecnologia, cultura e arte. Merece destaque a articulação da Universidade com os planos governamentais de desenvolvimento do Estado da Bahia, tanto na formação de pessoal quanto na execução de projetos e estudos especializados.

Apesar do tempo decorrido, Edgard Santos mantinha seu vigor físico e o entusiasmo de intelectual e de administrador vibrante que o caracterizavam e tinha muitos planos para a UFBA; havia, inclusive, obtido recursos para realizar os projetos de sua última gestão, aos 66 anos de idade. Conforme narrativa de seu filho, Roberto Santos, Edgard aceitou o convite do governo norte-americano para ir aos EUA a fim de identificar novas oportunidades de intercâmbio para a UFBA e conhecer algumas universidades daquele país, seus programas de ensino e pesquisa e seus modelos de funcionamento:

O programa, cuidadosamente elaborado, com duração de um mês, nos ensejou contactos muito bem ajustados às aspirações da Universidade Federal da Bahia daquele tempo. As universidades americanas estavam em ótima fase quanto a disponibilidades financeiras. E no Brasil e na UFBA meu pai estava no auge de sua posição de reitor. [...] Edgard não deixava passar qualquer oportunidade de propor novos programas de intercâmbio e de buscar possíveis fontes de apoio financeiro para a sua Universidade. Voltou encantado com o que viu, e disposto a dar seqüência às numerosas conversas em que havia fomentado a aproximação entre a UFBA e as instituições culturais dos Estados Unidos. (SANTOS, R., 2008, p. 133-134)

Este estado de espírito denota a perspectiva de Edgard Santos de assumir um novo Reitorado e, como bem disse seu filho Roberto Santos “com sua sempre renovada visão de futuro”, realizar os planos que havia traçado para esta última gestão.

Edgard Santos tinha consciência de pontos de oposição a seu Reitorado, sobretudo na Congregação da Faculdade de Medicina. No entanto, com sua rara habilidade política e principalmente pelos seus feitos, como

administrador e por sua dedicação à coisa pública, continuava gozando de credibilidade nos meios acadêmicos e políticos, sobretudo no âmbito federal, como no Ministério da Educação e Cultura, ao qual a UFBA era subordinada. Era o ano de 1961 e Edgard Santos havia se preparado para conseguir seu sexto mandato na eleição a ser realizada pelo Conselho Universitário da UFBA para o cargo de reitor. Ele foi o escolhido, indicado pela quase unanimidade dos votantes, e, assim, pela sexta vez seu nome figurava em primeiro lugar na lista tríplice enviada ao então presidente da República, Jânio Quadros, para nomeação. Jânio Quadros, porém, homem conhecidamente controvertido, apesar de haver declarado que nomearia o primeiro da lista, nomeou o segundo. (SANTOS, R., 1993, p. 146) Foi uma decepção muito grande para Edgard Santos, que vinha se dedicando integralmente à administração da UFBA nos últimos anos e, de repente, viu-se sem função na instituição que concebera e dotara de tanta eficiência durante longos anos.

DESTAQUES DA GESTÃO

- a criação da UFBA, com a aglutinação das faculdades já existentes em Salvador, sua instalação e ampliação, com a criação de novas unidades e novos cursos e a proposição de um novo conceito que integrava ensino, pesquisa e extensão.
- a agregação das artes ao projeto de criação da UFBA, trazendo artistas renomados de outras regiões do país e do exterior, para integrar os quadros da Universidade e enriquece o ensino, promovendo a formação de jovens artistas e aproximando a Universidade da comunidade;
- a criação de dois grandes hospitais públicos de Salvador – o Hospital de Pronto-Socorro (depois Hospital Getúlio Vargas) e o Hospital das Clínicas (depois Hospital Universitário Prof. Edgard Santos), que provocaram profunda transformação nos modelos de tratamento hospitalar na Bahia;
- a implantação de assistência integral ao estudante, proporcionando-lhe residência, alimentação, viagens de caráter cultural, atenção à saúde e fornecimento de recursos para a aquisição de material escolar.

O professor Roberto Santos aborda ainda o papel desempenhado pelo reitor na profissionalização da Enfermagem na Bahia, ao reconhecer a necessidade de um corpo funcional de enfermeiros, com competência técnica, para atuar nos hospitais, o que levou à valorização da profissão, a partir da imposição de capacitação de nível superior. Para viabilizar a formação destes profissionais, foi feito convênio com a Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo e negociado o apoio das fundações Rockefeller e Kellog, para a doação de bolsas aos estudantes de Enfermagem. “Em poucos anos, a Enfermagem estava transformada na Bahia, com repercussões para o Nordeste e o restante do País”. (SANTOS, R., 2008, p. 80)

A assistência aos estudantes era um dos aspectos de sua gestão com que mais Edgard Santos preocupava-se, pela sensibilidade com que percebia e tratava as questões sociais e, deste modo, procurava dar uma assistência direta, acompanhando de perto a vida dos estudantes, conforme evidencia o trecho abaixo relatado pelo professor Roberto Santos:

De todos os campos em que atuou, no desempenho da missão de educador, talvez o que mais o motivava e, ao mesmo tempo, o que lhe trouxe mais dissabores, haja sido o da assistência ao estudante. O que Edgard realizou a este respeito não tinha precedentes nem similares, até aquela época, em nenhuma universidade brasileira, nem das mais ricas, nem das que serviam a populações mais pobres que a da Bahia. Na verdade, as práticas, implantadas sob a sua direta orientação, nasciam da convicção profunda de não se dever permitir o desperdício de talentos jovens, pela falta de condições mínimas de sobrevivência, como era e continua a ser freqüente entre a nossa mocidade estudiosa. Como não havia modelo a copiar, o programa de assistência não nasceu de uma vez. O Serviço Médico, a Residência dos Estudantes (sexo masculino), a Residência das Estudantes (sexo feminino), o Restaurante Universitário, o apoio a viagens de caráter cultural, o financiamento de livros-texto e outros programas mais personalizados, decorrentes do constante diálogo com os estudantes, foram sendo imaginados em função do convívio do reitor com a nossa realidade. Há episódios ilustrativos do que acabo de mencionar. Nas suas visitas incertas aos ensaios da Escola de Teatro, observou que um dos alunos – ator dos mais promissores – tinha a dicção prejudicada por falha na dentadura. O reitor o chamou, informou-se do assunto, e pouco depois estava sanada a dificuldade. (SANTOS, R., 2008, p. 96)

Sua atenção à causa dos estudantes, conforme exprime Marques (2010, p. 158), amparando-os e protegendo-os, tinha a intenção de dar a eles condições para se dedicar aos estudos e se qualificar mais efetivamente. Por isso, não se limitou a criar os serviços assistenciais, mas procurava acompanhar pessoalmente a vida dos estudantes na Universidade e os serviços a eles prestado. (MARQUES, 2010, p. 158)

Os historiadores da UFBA, que inexoravelmente se tornam biógrafos de Edgard Santos, posto que não há como falar da instituição sem falar de seu brilhante criador, costumam realçar, como pontos altos de seu Reitorado, a sua visão de universidade, que o fez conceber a UFBA como uma instituição de ensino dedicada à ciência, à tecnologia, às artes e à cultura e integradora do ensino, da pesquisa e da extensão. De fato, Edgard Santos via a universidade como o lugar da diversidade e da integração do conhecimento, ao mesmo tempo em que, como negociador arguto, aproveitava as competências, capacidades e potencialidades da instituição em prol do bem-estar da sociedade e do progresso do Estado. Sobre este assunto, Marques (2010, p. 147) pondera que a UFBA “[...] foi pensada para fazer a diferença” e diz ainda que seu projeto inicial, concebido e implantado por Edgard Santos, quebrou paradigmas e rompeu com as barreiras do tradicionalismo, em termos de modelo de instituição de ensino superior. Pinheiro (1994 apud MARQUES, 2010, p. 156) reforça este pensamento, ponderando que o projeto da UFBA tinha “[...] o futuro como meta, por visar uma área de conhecimento incomum – as Artes”.

A valorização das atividades de Extensão é também apontada como outro ponto forte da gestão de Edgard Santos, quando se deu o fortalecimento deste segmento como atividade acadêmica, sua integração ao ensino e à pesquisa, e sua aplicação como meio de articulação com a sociedade e de transferência para ela dos benefícios da ciência e da cultura produzidos na Universidade. Felipe Serpa (1998, p. 7) considera que:

As escolas de arte então criadas, por sua própria natureza, constituíram desde o início um laboratório experimental, onde se gestou a articulação entre as atividades de pesquisa, de extensão e de ensino: a investigação e experimentação artísticas produziram as concepções dos espetáculos e recitais, a realização desses espetáculos e recitais era já, simultaneamente, aprendizagem e extensão.

No campo da saúde, os serviços médicos ambulatoriais e hospitalares, em diversas especialidades, prestados pelo Hospital das Clínicas, atual HUPES, à população baiana da capital e interior, configuravam-se como

atividades de extensão, de extrema utilidade social e cunho humanitário, que se realizavam também articuladas com a pesquisa e o ensino.

Roberto Santos (1999) expressa com fidedignidade o desempenho da UFBA no âmbito da extensão, no tempo de Edgard Santos, e seu significado para a população:

Na Universidade da Bahia, as atividades de extensão cultural floresceram com excepcional brilho, graças à inspirada liderança de Edgard Santos, que soube captar a vocação inata à gente baiana para o trabalho criativo nas áreas da música, do teatro, da dança e das artes plásticas. Ainda sob a liderança de Edgard Santos, o ensino, a pesquisa e a prestação direta de serviços na área de saúde foram radicalmente transformados pela construção e instalação do Hospital Universitário. (SANTOS, R., 1999, p. 172)

Pela expressão que a extensão teve neste Reitorado, o professor Felipe Serpa (1998, p. 8) afirmou: “A indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão – que ainda é o grande desafio das universidades brasileiras, em nossos dias – teve na Universidade baiana concebida por Edgard Santos, nas décadas de 50 e 60, expressão e realização plenas”.

De fato, observa-se, nos muitos e significativos depoimentos, que a UFBA transcendia à sua missão de formar pessoas e de realizar pesquisa, como meio didático-científico de produzir conhecimento, visto que atuava em consonância com as questões mais abrangentes da sociedade, buscando solução para seus problemas, assim como abria suas portas para receber a comunidade, por ocasião da realização de seus eventos artístico-culturais. Esta articulação entre a Universidade e a cidade do Salvador, na década de 1960, era tão claramente evidenciada, que o sociólogo pernambucano Gilberto Freyre, com seu humor característico, chegou a comentar que uma não poderia existir sem a outra; e admirando os feitos de Edgard Santos, Freyre ressalta:

Sob este aspecto – a associação da Universidade à Cidade – o esforço desenvolvido na Bahia pelo Reitor Edgar Santos é um esforço exemplar. Devem os demais Reitores de universidades brasileiras pedir a esse risonho Santo de beca da Bahia de Todos os Santos a receita do quase milagre que vem realizando, num país onde a regra é as instituições de cultura se conservarem à parte das comunidades a que mais deveriam servir com seu saber, com sua música, com sua arte, com sua ciência. (FREYRE apud RISÉRIO, 1995, p. 78-79)

De modo pontual, pode-se relacionar como ações da gestão:

- **1946** - Criação da Escola de Enfermagem, em 22 de janeiro; o prédio da Escola começou a ser construído em 1940 e concluído em 1950
- **1948** - Incorporação da Escola de Belas Artes à UFBA, instalando-se em prédio próprio, reformado
- **1949** - Instalação do Campus do Canela, que começa com a construção do Hospital das Clínicas; inauguração do prédio do HUPES; federalização do curso de Arquitetura, que, em 1959, se separa da Escola de Belas Artes; autonomia da Faculdade de Farmácia; autonomia da Faculdade de Odontologia
- **1950** - Federalização da Universidade
- **1952** - Palácio da Reitoria – inauguração
- **1953** - Início da instalação do Campus da Federação, em maio de 1953, com a aquisição de terreno de 87 mil metros quadrados, que se prolongava até o vale de Ondina, onde foi iniciada a construção do prédio da Escola Politécnica.
- **1955** - Criação dos Seminários de Música
- **1956** - Criação do Curso de Nutrição, que passou a funcionar provisoriamente no Hospital das Clínicas; criação Faculdade de Ciências Econômicas; criação da Escola de Teatro; criação da Escola de Dança; federalização da Faculdade de Direito
- **1957** - Implantação do curso de Geologia
- **1958** - Instalação do Teatro Martim Gonçalves
- **1959** - Criação do CEAO; Autonomia da Escola de Belas Artes, em 2 de outubro; inauguração do Museu de Arte Sacra; início das atividades editoriais da UFBA, com publicação da revista *Universitas*, através do Departamento Cultural
- **1960** - Inauguração do prédio da Escola Politécnica, na Federação, com projeto do arquiteto Diógenes Rebouças.
- **1961** - Inauguração do prédio da Faculdade de Direito, no Campus do Canela; fundação do Instituto de Matemática e Física.

OUTROS CARGOS PÚBLICOS DE DESTAQUE

Quando cumpria um de seus mandatos de reitor da UFBA, em julho de 1954, Edgard Santos foi convocado pelo então presidente da República, Getúlio Vargas, para servir a seu governo como ministro da Educação. Exerceu esse cargo por menos de dois meses, devido à crise política que levou ao suicídio de Vargas, em 24 de agosto daquele ano.

Em 1961, logo após ter deixado a Reitoria da UFBA, em reconhecimento pela sua experiência como educador e gestor do ensino superior, Edgard Santos foi indicado pelo ministro da Educação, Oliveira Brito, para integrar o recém-criado Conselho Federal de Educação (CFE) e nomeado pelo presidente da República, João Goulart. Logo após a instalação do Conselho, Edgard Santos foi escolhido por seus pares para presidir o órgão, que começara a se estruturar, preparando sua legislação e normas de funcionamento, a fim de que viesse a cumprir o objetivo para o qual fora criado, que era a implantação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional.

No entanto, poucos meses depois de ter assumido a presidência do CFE e de ter dado início à sua instalação, o professor Edgard Santos se submete a uma cirurgia na qual vem a falecer, em 3 de junho de 1962, no Rio de Janeiro, deixando uma lacuna no meio acadêmico, científico e cultural baiano.

Seu corpo foi velado no Ministério da Educação e Cultura, no Rio, e depois trasladado para Salvador, onde foi velado e enterrado no cemitério do Campo Santo. Em 1969, no Reitorado do professor Roberto Santos, os restos mortais foram trasladados para a Capela do Convento de Santa Tereza.

TÍTULOS E HONRARIAS

- Em 9 de março de 1959, tornou-se membro da Academia de Letras da Bahia
- Em Portugal, recebeu os títulos de Doutor *Honoris Causa* das Universidades de Coimbra e Lisboa, além da Grã-Cruz da Instrução Pública
- Na Espanha, a Grã-Cruz da Ordem de Alfonso X e a Cruz da Sanidad Civil
- Na França, o título e a condecoração de Commandeur de la Legion d'Honneur
- No Brasil, foi condecorado com a Medalha de Guerra

- Na Bahia, lhe foram outorgadas as medalhas Maria Quitéria e a do Centenário de Ruy Barbosa
- O antigo Hospital das Clínicas da Universidade Federal da Bahia passou a se chamar Hospital Universitário Professor Edgard Santos, prestando homenagem bem merecida a seu criador. O autor do projeto para mudança do nome foi o senador Lourival Baptista
- A UFBA construiu em seus jardins um memorial dedicado ao Prof. Dr. Edgard do Rêgo Santos, composto de um painel em concreto, revestido em granito, contendo uma efígie em bronze retratando-lhe de perfil.
- A maior insígnia da UFBA recebeu, por determinação dos conselhos superiores, o nome de Medalha Edgard Santos
- A EDUFBA lhe homenageou editando a série bibliográfica: *Série Reitor Edgar Santos*
- A UFBA mais uma vez lhe homenageia dando ao campus de Barreiras seu nome – Campus Professor Edgard Santos
- O Estado da Bahia lhe rende homenagem, denominando o colégio estadual situado no bairro do Garcia, em Salvador, – Colégio Estadual Edgard Santos
- A Prefeitura Municipal de Salvador presta-lhe homenagem, criando a Biblioteca Pública Reitor Edgard Santos, situada em Itapagipe.
- O senador Rui Santos deu-lhe o epíteto de “o Reitor Magnífico” nas homenagens pelo centenário

A UFBA programou, durante todo o ano de 1994, uma vasta comemoração pela passagem do centenário de nascimento de seu fundador e primeiro reitor. Na época, era reitor o professor Felipe Serpa, grande admirador de Edgard Santos, que impulsionou as ações em prol das comemorações dando todo seu empenho. Foi designada uma comissão interna, que um ano antes entrou em ação planejando o evento. Constaram das comemorações diversas atividades culturais, científicas e artísticas, tendo sido a programação anunciada pelo reitor Felipe Serpa e pelo professor Roberto Santos em uma coletiva à imprensa.

No dia 5 de janeiro, data do início das comemorações, às 20 horas, aconteceram a abertura da exposição fotográfica “Edgard Santos Vida e Obra”, de autoria do artista plástico Juarez Paraíso; o lançamento do livro

biográfico *Vidas paralelas*, sobre os dois reitores da UFBA, Edgard Santos e Roberto Santos, autor da publicação e filho do homenageado; e Concerto Sinfônico “Missa nº 16”, em dó maior – Missa da Coroação –, com a Orquestra Sinfônica e Madrigal da UFBA e solistas convidados.

De 19 a 21 de janeiro, foi realizado, com a participação de diversas instituições, o seminário Projetos Estratégicos Alternativos para o Brasil – Conferência da Bahia.

Aula inaugural na UFBA, proferida pelo professor Roberto Santos, intitulada “Edgard Santos, um projeto de Universidade”.

Durante todo o ano, aconteceram lançamentos de livros, eventos culturais diversos, como peças de teatro, concertos e dança, mostras fotográficas, exposições e feiras, com destaque para as apresentações, sempre às sextas-feiras, no Salão Nobre do Palácio da Reitoria, da Orquestra Sinfônica e do Madrigal da UFBA.

Autoridades, instituições públicas e privadas, numa demonstração de admiração e apreço, associaram-se à Universidade, rendendo a Edgard Santos justas e reconhecidas homenagens, comemorando com brilho a passagem de seu centenário.

- Discurso proferido pelo senador Lourival Baptista (PFL-SE), registrando o transcurso do centenário de Edgard Santos, as homenagens a ele prestadas e louvando a nobreza de caráter e gestão profícua do primeiro reitor da UFBA
- Lançamento do selo comemorativo Centenário Edgard Santos, pela Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos
- Instituição do prêmio “Edgard Santos” de literatura, pela Fundação Cultural do Estado da Bahia
- Lançamento de concursos de monografias sobre o reitor Edgard Santos em escolas da rede estadual
- Publicação de editoriais, notícias, artigos e entrevistas pelo jornal *A Tarde*

LIVROS ESCRITOS POR ELE E SOBRE ELE

Quando a UFBA completou 25 anos de existência, seu Departamento Cultural, numa justa e reconhecida homenagem, reuniu e publicou os discursos de Edgard Santos, pronunciados em eventos acadêmicos diversos. A publicação, intitulada *Afirmações e testemunhos*, foi prefaciada pelo professor Hélio Simões que, ao destacar o espírito altruísta e abnegado do criador da UFBA, revela sua aversão à divulgação de seus feitos. O professor Roberto Santos também chama a atenção para esta característica de seu pai, nas três edições do livro *Vidas paralelas*, e transcreve trechos do prefácio escrito pelo professor Hélio Simões:

Edgard Santos, avesso por temperamento e formação aos reclamos da publicidade, só excepcionalmente fez ou deixou ir à lume as palavras que proferiu. Nem mesmo arquivou convenientemente os seus papéis. Viveu com demasiada intensidade e dedicação ao seu tempo para que lhe sobrassem vagares para se ocupar com a projeção da sua própria imagem no futuro. Nunca se preocupou com a glória. Nem a cortejou em vida, nem creio que visionasse como recompensa póstuma. [...] A história é que lhe vem agora recolher os testemunhos. (SIMÕES, 1971 apud SANTOS, R., 2008, p. 78)

Recorrendo novamente ao biógrafo que retratou com mais profundidade e fidelidade o reitor Edgard Santos, ou seja, seu filho Roberto Santos, naturalmente que pela proximidade da convivência, cita-se abaixo trecho do discurso pronunciado pelo professor Edgard Santos, quando da sua posse no Ministério da Educação, ao qual o professor Roberto Santos se refere como o que mais exprime sua “visão de estadista da Educação, sedimentada ao longo de várias décadas de exclusiva dedicação às tarefas do Magistério”. (SANTOS, R., 2008, p. 98)

A Universidade moderna, voltada para a inquietação espiritual de todos os povos, não se pode confinar – alheia à função existencial do saber – nos limites, que muitos pretendem intransponíveis, do puro ensino e da investigação tecnológica. Prevalecendo-se mesmo do que se tem realizado nesses limites, e particularmente usando as contribuições da tecnologia social, a Universidade de hoje é um órgão indispensável à construção de uma ordem econômico-política. Ordem eminentemente democrática, a Universidade

livre poderá levantá-la agora, utilizando as ciências do homem, sobre uma idéia real da natureza humana e, portanto, sobre uma concepção objetiva do povo, considerados assim todos os homens, detentores, não de simples direitos abstratos, mas de prerrogativas fundamentais da vida, praticamente asseguradas, e sem as quais – tenhamos certeza – nenhuma democracia poderá subsistir. (SANTOS, E., 1971 apud SANTOS, R., 2008, p. 98)

Além das teses doutorais já citadas, são obras do professor Edgard Santos:

Afirmações e testemunhos. [Salvador]: Departamento Cultural da UFBA, 1971. 118 p.

Apresentação de exposição inaugural do Museu de Arte Sacra. In: BOAVENTURA, Edivaldo Machado (Org.). *UFBA: trajetória de uma universidade: 1946-1996: o centenário de Edgard Santos e o cinquentenário da Universidade Federal da Bahia: (memória, artigos, entrevistas, editoriais e notícias publicadas n'A Tarde e outros, de 1994/1996)*. Salvador: EGBA, 1999, 100 p.

PUBLICAÇÕES SOBRE EDGARD SANTOS

O professor Edivaldo Machado Boaventura organizou e publicou, durante as comemorações do cinquentenário da UFBA, o livro *UFBA: trajetória de uma universidade: 1946-1996: o centenário de Edgard Santos e o cinquentenário da Universidade Federal da Bahia: (memória, artigos, entrevistas, editoriais e notícias publicadas n'A Tarde e outros, de 1994/1996)* que, além de reunir estudos, matérias, artigos sobre este evento comemorativo da Universidade, teve também a intenção de coroar os festejos do centenário do professor Edgard Santos, incluindo reproduções de discursos do reitor, notícias sobre as comemorações do seu centenário e “Artigos e Entrevistas Publicadas em Jornais e Revistas”, conforme é intitulada uma das sessões da publicação. Abaixo, referenciam-se o livro e artigos especificamente dedicados a Edgard Santos, além de outras publicações sobre ele.

AZEVEDO, Thales. A universidade de Edgard Santos. In: BOAVENTURA, Edivaldo Machado (Org.). *UFBA: trajetória de uma universidade: 1946-1996: o centenário de Edgard Santos e o cinquentenário da Universidade Federal da Bahia: (memória, artigos,*

entrevistas, editoriais e notícias publicadas n'A Tarde e outros, de 1994/1996). Salvador: EGBA, 1999. p. 53-54.

BOAVENTURA, Edivaldo Machado. O exemplo magnífico de Edgard Santos. In: BOAVENTURA, Edivaldo Machado (Org.). *UFBA: trajetória de uma universidade: 1946-1996: o centenário de Edgard Santos e o cinqüentenário da Universidade Federal da Bahia: (memória, artigos, entrevistas, editoriais e notícias publicadas n'A Tarde e outros, de 1994/1996)*. Salvador: EGBA, 1999. p. 43-45.

BOAVENTURA, Edivaldo Machado. UFBA: o maior patrimônio cultural do século. In: BOAVENTURA, Edivaldo Machado (Org.). *UFBA: trajetória de uma universidade: 1946-1996: o centenário de Edgard Santos e o cinqüentenário da Universidade Federal da Bahia: (memória, artigos, entrevistas, editoriais e notícias publicadas n'A Tarde e outros, de 1994/1996)*. Salvador: EGBA, 1999. p. 62-63.

CELESTINO, Antônio. O reitor magnífico. In: BOAVENTURA, Edivaldo Machado (Org.). *UFBA: trajetória de uma universidade: 1946-1996: o centenário de Edgard Santos e o cinqüentenário da Universidade Federal da Bahia: (memória, artigos, entrevistas, editoriais e notícias publicadas n'A Tarde e outros, de 1994/1996)*. Salvador: EGBA, 1999. p. 50-52.

DOURADO, Paulo. Contemporâneo do Futuro. In: BOAVENTURA, Edivaldo Machado (Org.). *UFBA: trajetória de uma universidade: 1946-1996: o centenário de Edgard Santos e o cinqüentenário da Universidade Federal da Bahia: (memória, artigos, entrevistas, editoriais e notícias publicadas n'A Tarde e outros, de 1994/1996)*. Salvador: EGBA, 1999. p. 46-49.

FREYRE, Gilberto. Universidade viva. In: BOAVENTURA, Edivaldo Machado (Org.). *UFBA: trajetória de uma universidade: 1946-1996: o centenário de Edgard Santos e o cinqüentenário da Universidade Federal da Bahia: (memória, artigos, entrevistas, editoriais e notícias publicadas n'A Tarde e outros, de 1994/1996)*. Salvador: EGBA, 1999. p. 21.

MAGALHÃES, Antônio Carlos. Edgard Santos que conheci. In: BOAVENTURA, Edivaldo Machado (Org.). *UFBA: trajetória de*

uma universidade: 1946-1996: o centenário de Edgard Santos e o cinqüentenário da Universidade Federal da Bahia: (memória, artigos, entrevistas, editoriais e notícias publicadas n'A Tarde e outros, de 1994/1996). Salvador: EGBA, 1999. p. 38-42.

MAIA, Pedro Moacir. Edgard Santos, dificuldades e incompreensões. In: BOAVENTURA, Edivaldo Machado (Org.). *UFBA: trajetória de uma universidade: 1946-1996: o centenário de Edgard Santos e o cinqüentenário da Universidade Federal da Bahia: (memória, artigos, entrevistas, editoriais e notícias publicadas n'A Tarde e outros, de 1994/1996)*. Salvador: EGBA, 1999. p. 55-56.

MAIA, Pedro Moacir. Edgard Santos, elo entre Brasil e Portugal. In: BOAVENTURA, Edivaldo Machado (Org.). *UFBA: trajetória de uma universidade: 1946-1996: o centenário de Edgard Santos e o cinqüentenário da Universidade Federal da Bahia: (memória, artigos, entrevistas, editoriais e notícias publicadas n'A Tarde e outros, de 1994/1996)*. Salvador: EGBA, 1999. p. 57-61.

MAIA, Pedro Moacir. Reflexões sobre a educação. In: BOAVENTURA, Edivaldo Machado (Org.). *UFBA: trajetória de uma universidade: 1946-1996: o centenário de Edgard Santos e o cinqüentenário da Universidade Federal da Bahia: (memória, artigos, entrevistas, editoriais e notícias publicadas n'A Tarde e outros, de 1994/1996)*. Salvador: EGBA, 1999. p. 64-68.

PINHEIRO, Juçara B. M. *Edgard Santos e a origem da Escola de Dança da Universidade Federal da Bahia: a utopia de uma razão-apaixonada*. 1994. 104 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal da Bahia, Faculdade de Educação, 1994.

RIBEIRO, Simone. O centenário de um mestre. In: BOAVENTURA, Edivaldo Machado (Org.). *UFBA: trajetória de uma universidade: 1946-1996: o centenário de Edgard Santos e o cinqüentenário da Universidade Federal da Bahia: (memória, artigos, entrevistas, editoriais e notícias publicadas n'A Tarde e outros, de 1994/1996)*. Salvador: EGBA, 1999. p. 32-37.

SERPA, Felipe Perret. Sob inspiração de Edgard Santos. In: BOAVENTURA, Edivaldo Machado (Org.). *UFBA: trajetória de*

uma universidade: 1946-1996: o centenário de Edgard Santos e o cinquentenário da Universidade Federal da Bahia: (memória, artigos, entrevistas, editoriais e notícias publicadas n'A Tarde e outros, de 1994/1996). Salvador: EGBA, 1999. p. 30-31

O livro do professor Edivaldo Machado Boaventura inclui, além do discurso proferido pelo reitor Edgard Santos, quando de sua posse na Academia de Letras da Bahia, os discursos de saudação e de substituição do reitor, proferidos por acadêmicos baianos, que abaixo referenciam-se.

ALMEIDA, Raul Baptista. Sucessão de Edgard Santos. In: BOAVENTURA, Edivaldo Machado (Org.). *UFBA: trajetória de uma universidade: 1946-1996: o centenário de Edgard Santos e o cinquentenário da Universidade Federal da Bahia: (memória, artigos, entrevistas, editoriais e notícias publicadas n'A Tarde e outros, de 1994/1996)*. Salvador: EGBA, 1999. p. 90-93.

MAGALHÃES NETTO. Discurso de saudação. In: BOAVENTURA, Edivaldo Machado (Org.). *UFBA: trajetória de uma universidade: 1946-1996: o centenário de Edgard Santos e o cinquentenário da Universidade Federal da Bahia: (memória, artigos, entrevistas, editoriais e notícias publicadas n'A Tarde e outros, de 1994/1996)*. Salvador: EGBA, 1999. p. 84-89.

SANTOS, Roberto. *Vidas paralelas*. Salvador: CED, 1993.

SANTOS, Roberto. *Vidas paralelas: 1894-1962*. Salvador: EDUFBA, 1997.

SANTOS, Roberto. *Vidas paralelas*. 2. ed. rev. Salvador: EDUFBA, 2008. 146 p.

SANTOS, Ruy. *O reitor magnífico: Edgar Santos*. Brasília, D. F.: Senado Federal, [19-?]. 134 p.

ALBÉRICO FRAGA (1961-1964)

Marilene Lobo Abreu Barbosa¹

DADOS CIVIS/REFERÊNCIAS FAMILIARES

Nascido no município baiano de Muritiba, em 29 de março de 1904, morreu em Salvador, em 27 de dezembro de 1989. Era o filho primogênito do casal João Baptista Pereira Fraga e Durvalina América de Almeida, tendo se casado com Odette Bastos Fraga, falecida em 16 de novembro de 1975, com quem teve três filhos: Albérico Fraga Filho, casado com Therezinha Maria Oliveira Fraga; Carlos Fraga, casado com Myriam Castro Lima Fraga; e Lúcia Fraga Faria, casada com Sylvio Santos Faria.

FORMAÇÃO/VIDA UNIVERSITÁRIA

Diplomado bacharel em Direito pela Faculdade de Direito da Bahia, em 1927, no ano seguinte conquistou, por concurso, a livre-docência de Direito Constitucional desta Faculdade e, ainda no mesmo ano, tornou-se catedrático de Economia Política e Legislação das Construções na Escola de Belas Artes. Em 1930, passa a reger interinamente a cátedra de Direito Constitucional, posto que ocupa até 1936, tendo em vista que, embora fosse o mais jovem dos professores daquela Faculdade, vinha se destacando como

¹ Mestre em Ciência da Informação, professora do Instituto de Ciência da Informação da UFBA, superintendente do Sistema de Bibliotecas da UFBA.

um grande conhecedor deste assunto. Em 1937, é aprovado em concurso público para exercer a cátedra de Direito Judiciário Civil, defendendo a tese *Recurso extraordinário*, tornando-se, assim, o mais novo catedrático da Faculdade de Direito. Em 1958, conquista também a cátedra de Economia Política e Legislação das Construções na Faculdade de Arquitetura da UFBA.

Como professor, de 1951 a 1961 integrou diversas vezes a comissão de avaliação do concurso vestibular, ora examinando Português, ora Sociologia, Inglês. Ensinou História da Civilização e Filosofia em curso pré-vestibular.

Como representante da Faculdade de Direito da UFBA, integrou bancas examinadoras de concurso para catedráticos em sua própria unidade de ensino e nas universidades de São Paulo, Minas Gerais, do Brasil (no Distrito Federal, então no Rio de Janeiro), de Pernambuco, Alagoas e Rio Grande do Sul.

VICE-DIRETOR DA FACULDADE DE DIREITO

Segundo registro no *Livro dos professores*, da Faculdade de Direito da UFBA, o professor Albérico Fraga foi eleito, pela Congregação, vice-diretor desta Faculdade para o triênio 1952-1955, ao tempo em que foi escolhido também para representar a Faculdade no Conselho Universitário da UFBA. Em 1955, é reeleito para o mesmo cargo, no triênio 1955-1958, sendo também reeleito para exercer a representação da Faculdade no Conselho Universitário durante o mesmo período. No dia 1º de junho de 1958, a Congregação novamente o escolhe para seu terceiro mandato como vice-diretor da Faculdade, na gestão 1958-1961, e também para exercer a representação de sua unidade de ensino no Conselho Universitário, no mesmo período.

Como vice-diretor, foi diretor em exercício da Faculdade, por diversas vezes, na ausência ou impedimento do diretor.

REITORADO

Foi nomeado reitor, pelo presidente Jânio Quadros, para o quadriênio 1961-1964. Segundo relato de Sérgio Fraga Santos Faria (2004), seu neto, a nomeação de Albérico Fraga foi polêmica, pois, sendo admirador de Edgard Santos, ele só aceitou entrar na lista tríplice, a ser encaminhada ao presidente, para cumprir a formalidade de completá-la. Havia a certeza de que o professor Edgard Santos seria o escolhido para o cargo de reitor, en-

quanto era dada como certa a nomeação de Albérico Fraga para o cargo de embaixador do Brasil em Portugal. No entanto, o presidente Jânio Quadros, amigo pessoal de Albérico Fraga, que havia assumido inclusive a liderança de sua campanha na Bahia, decidiu nomeá-lo reitor da UFBA. Esta atitude inesperada do presidente, ainda conforme palavras de Sérgio Fraga Santos Faria, “[...] provocou enorme embaraço, e, embora chegasse a cogitar a recusa de tamanha honraria, terminou sendo convencido pelo próprio Edgard Santos a aceitar a determinação presidencial”. (FARIA, 2004)

Assim consta do *Boletim Informativo*, nº 57, de julho de 1961:

Posse do Reitor Professor Albérico Fraga:

A Universidade da Bahia tem, desde 1º do mês corrente, novo Reitor, o Professor Albérico Fraga.

Nomeado em 8 de junho passado por escolha do Exmº Sr. Presidente da República, da lista tríplice organizada pelo Conselho Universitário da Bahia, o Professor Albérico Pereira Fraga, que é catedrático de Direito Judiciário, 2ª Cadeira, da Faculdade de Direito e de Legislação e Economia Política, da Faculdade de Arquitetura, estava em pleno exercício no Conselho Universitário quando da sua nomeação. Tomou posse perante o Ministro da Educação e Cultura, no Rio de Janeiro, no dia 30 do mês passado. [...]

O professor Albérico Fraga, além do exercício efetivo do Magistério por mais de três decênios, é advogado militante, tendo representado a Bahia na Câmara Federal e dirigido a Secretaria do Interior e Justiça, como seu titular, no fecundo quadriênio do Govêrno de Otávio Mangabeira, muito se esperando de sua atuação no mais alto posto da hierarquia universitária, por isso que está familiarizado com os problemas universitários da Bahia.

Ao ato de posse, que se revestiu da máxima simplicidade, estiveram presentes os membros dos Conselhos de Curadores e Universitário e representantes dos corpos docentes das várias unidades da Universidade, além das mais representativas figuras do mundo oficial, o Governador Juracy Magalhães e o vice-governador do Estado, Dr. Orlando Moscoso.

Por causa da turbulência que houve antes de sua posse, com o episódio polêmico de sua nomeação, e também porque em sua gestão ocorre o golpe militar de 1964, Albérico Fraga teve um Reitorado difícil, com recursos escassos, porém “[...] marcado pela tranquilidade, realizando, como era próprio de seu temperamento, uma gestão extremamente conciliadora” (FARIA, 2004).

DESTAQUES DA GESTÃO

Há poucos registros disponíveis sobre os feitos de sua gestão. O *Relatório de atividades* do ano de 1962, apresentado em sessão do Conselho Universitário, em 4 de março de 1963, e que engloba também feitos do início da gestão, em 1961, ressalta como ações a Reforma do Estatuto da Universidade, que se alicerçou na então nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional e, que, por isto, se caracterizou por introduzir inovações na estrutura da Universidade; a inauguração, em 26 de novembro, do novo edifício dos Seminários de Música, que foi planejado e executado inteiramente em sua gestão; a reforma dos prédios que iriam abrigar, no Campus do Canela, a Faculdade de Farmácia e a Escola de Nutrição; a construção do prédio da Escola de Arquitetura; a criação do Instituto de Estudos Britânicos e do Instituto Cultural Brasil-Alemanha; a reestruturação, em 1962, dos cursos de graduação em Jornalismo e em Ciências Sociais. Realização de convênios com o Serviço Nacional de Meteorologia, com a Prefeitura de Salvador, com a Comissão da Rede Escolar da Bahia (Cereb) e com o Instituto de Economia e Finanças da Bahia. Fortalecimento da infraestrutura de ensino, pesquisa e extensão, com a aquisição e instalação de equipamentos, como o microscópio eletrônico, considerado, à época, como de grande avanço tecnológico.

Na perspectiva de consolidar a área de artes na UFBA e de contribuir para o desenvolvimento cultural da Bahia, o reitor Albérico Fraga assina convênio com o governo do Estado e o Museu de Arte Moderna, inclusive assumindo o compromisso de participar da conclusão e instalação do Teatro Castro Alves. (CARVALHO, M., 1999, p. 150)

MILITÂNCIA NA ADVOCACIA

Foi advogado militante no Fórum de Salvador desde 1928 e consultor jurídico de várias organizações comerciais e bancárias. Membro do Conselho da Ordem dos Advogados do Brasil, Seção Bahia, em vários mandatos. Presidente do Instituto da Ordem dos Advogados da Bahia e sócio-correspondente do Instituto da Ordem dos Advogados do Brasil, na Bahia.

MILITÂNCIA POLÍTICA

Iniciou sua carreira política ainda estudante, em 1924, como oficial de gabinete do governador Francisco Marques de Goes Calmon, permanecendo neste cargo até 1929; já no governo de Vital Soares, passa a exercer o cargo de diretor da Secretaria da Câmara dos Deputados da Bahia e, em 1933, o de consultor jurídico do Departamento das Municipalidades da Bahia. Foi deputado estadual de 1934 a 1937, quando teve destacada atuação como membro da Assembleia Constituinte do Estado da Bahia. Nesta fase de reconstitucionalização do Estado da Bahia, após o regime provisório estabelecido pela Revolução de 1930, como jovem professor de Direito Constitucional, ele se destacou como um dos autores da Constituição da Bahia. Em 1945, como deputado federal, foi membro da Constituinte Nacional; de 1946 a 1950, secretário de Interior e Justiça do governo Octávio Mangabeira e, em sua gestão, foi construído e inaugurado o prédio do Fórum Rui Barbosa. Em 1951, assume novamente o mandato de deputado federal e, em 1959, torna-se o presidente do Diretório Estadual da União Democrática Nacional (UDN). Em 1960, durante a campanha presidencial de Jânio Quadros, liderou a Comissão Interpartidária pró-Jânio Quadros na Bahia.

HONRARIAS

Em 12 de setembro de 1972, é agraciado pela UFBA com o título de Professor Emérito. Recebe também condecoração do governo do Estado da Bahia e dos ministérios do Exército, da Marinha e Aeronáutica. Muritiba, sua terra natal, presta-lhe homenagem, dando ao edifício do fórum do município, inaugurado em agosto de 1978, o nome Fórum Albérico Fraga.

Por ocasião de seu centenário, ocorrido em 29 de março de 2004, Albérico Fraga foi muito festejado pelas instituições baianas da área jurídica, nas quais ele atuou com afinco, dedicando seu trabalho e lutando por seus ideais e pela defesa da sociedade. Para comemorar o evento, a Universidade Federal da Bahia, a Faculdade de Direito, o Instituto dos Advogados e a Ordem dos Advogados do Brasil/Secção Bahia associaram-se à família e mandaram celebrar missa na Igreja da Vitória, às 8h30, e sessão solene, às 19h, no Auditório Raul Chaves da Faculdade de Direito, no Campus do Canela.

Foi ainda homenageado, em Sessão Plenária Ordinária do Conselho Estadual de Cultura, em 23 de março de 2004, tendo sido saudado por sua nora, a escritora Myriam Fraga, que, em seu discurso, afirma:

Albérico Fraga teve uma carreira política e pública pautada pela honestidade, pelo respeito aos seus princípios. Começou a vida pública como oficial de gabinete do doutor Góes Calmon, foi deputado estadual, foi deputado constituinte, inclusive, colega de Jorge Amado, onde eles militavam em lados opostos, mas sempre tão cordiais que, quando da instituição da Fundação Jorge Amado, ele foi um dos escolhidos por Jorge para ser instituidor.²

Ainda nesta sessão do Conselho Estadual de Cultura, outros conselheiros, que tiveram a oportunidade de com ele conviver, deram seus depoimentos. A conselheira Kleyde Lopes lembrou que, como reitor, Albérico Fraga estava alinhado com a ciência do seu tempo e contratou os primeiros geneticistas da UFBA, dentre eles a própria Kleyde Lopes. A conselheira Nilda Spencer referiu-se à admiração que Albérico Fraga tinha pela arte, em especial pelo teatro, e relatou que, quando era diretora da Escola de Teatro da UFBA, época marcada por poucos recursos, a Escola sempre recebeu o apoio do reitor na montagem de espetáculos e em outras situações. O conselheiro Waldir Freitas Oliveira, que foi o segundo diretor do Centro de Estudos Afro-Orientais, contou que a interferência e o apoio do reitor Albérico Fraga foi fundamental para que se concretizasse a assinatura de convênio, com a interveniência do Itamaraty, com o objetivo de trazer estudantes africanos para fazer cursos universitários no Brasil. O programa contou com o apoio irrestrito do reitor Albérico Fraga, embora a ideia não tivesse se originado no Reitorado dele, porém, com sua anuência, o programa teve sucesso, formando, pelo menos, oito estudantes no Brasil, dois deles na Bahia, um em Medicina e outro em Odontologia.

2 Excertos da ata Sessão Plenária Ordinária do Conselho Estadual de Cultura, em 23 de março de 2004.

OBRAS PUBLICADAS

Em razão direta de seus estudos, de sua prática jurídica e de sua atuação docente, escreveu algumas obras. Publicou: *Informações sobre caixas rurais Raiffeisen na Bahia* (1926); *O estado de sítio na prática constitucional* (1927); *Do poder legislativo* – Tese de concurso para a Docência Livre de Direito Constitucional (1928); *Recurso extraordinário* – Tese de concurso para a Cátedra de Direito Judiciário Civil (1937).

São também da autoria de Albérico Fraga os seguintes trabalhos:

Tese para concurso à livre docência da cadeira de Direito Público e constitucional da Faculdade de Direito da Bahia. Salvador, 1928. 423 p.

Parlamentarismo e presidencialismo. *Revista da Faculdade de Direito da UFBA*, Salvador, v. 7, p. 131-136, 1932.

A falência da democracia. *Revista da Faculdade de Direito da UFBA*, Salvador, v. 8, p. 123-126, 1933.

O poder executivo na constituição de 1934. *Revista da Faculdade de Direito da UFBA*, Salvador, v. 9, p. 159-162, 1934.

A constituição da Bahia. *Revista da Faculdade de Direito da UFBA*, Salvador, v. 10, p. 129-130, 1935.

Os impostos federais, estaduais e municipais na constituição de 16 de julho. *Revista da Faculdade de Direito da UFBA*, Salvador, v. 11, p. 41-45, 1936.

Recurso extraordinário. Bahia: A. Graphica, 1936. 116 p.

Democracia e constituição. *Revista da Faculdade de Direito da UFBA*, Salvador, v. 12, p. 1-5, 1937.

Concurso de direito judiciário civil. *Revista da Faculdade de Direito da UFBA*, Salvador, v. 13, p. 25-32, 1938.

O recurso extraordinário na constituição de 1937. *Revista da Faculdade de Direito da UFBA*, Salvador, v. 13, p. 80-82, 1938.

Filinto Bastos, mestre de direito constitucional. *Revista da Faculdade de Direito da UFBA*, Salvador, v. 14, p. 67-69, 1939.

Ministro Bernardino de Sousa. *Revista da Faculdade de Direito da UFBA*, Salvador, v. 15, p. 127-142, 1940.

Os municípios e a nova constituição. *Revista da Faculdade de Direito da UFBA*, Salvador, v. 21, p. 51-56, 1946.

O art. 163 da constituição federal e a anulação do casamento civil. *Revista da Faculdade de Direito da UFBA*, Salvador, v. 26, n. 4, p. 113-114, 1951.

A universidade de São Paulo. *Revista da Faculdade de Direito da UFBA*, Salvador, v. 26, n. 4, p. 93-95, 1951.

As comissões parlamentares de inquérito na constituição brasileira de 1946. *Revista da Faculdade de Direito da UFBA*, Salvador, v. 28, p. 205-212, jan./dez.1953.

O parlamentarismo na República brasileira. *Revista da Faculdade de Direito da UFBA*, Salvador, v. 34, p. 73-80, 1959-1961.

Evolução do recurso extraordinário no direito brasileiro. Salvador: Universidade Federal da Bahia, 1966. 19 p.

MIGUEL CALMON (1964-1967)

*Aida Varela Varela*¹

*Igor Baraúna e Wladimir Mendes de Freitas (colaboração)*²

Não posso entender a Universidade como órgão estático, apenas exercendo atividades de cúpula no panorama cultural da região a que serve, marginalizada de suas preocupações, alienada de sua problemática. Precisamos dar-lhe uma atitude dinâmica.

Que seja ela um fórum de debates das necessidades da vida da comunidade na qual se insere e um cadinho para a pesquisa dos seus problemas.

Miguel Calmon

Miguel Calmon du Pin e Almeida Sobrinho nasceu em 2 de maio de 1912, em Salvador, filho do banqueiro Francisco Marques de Goes Calmon, governador da Bahia de 1924 a 1928, e de Julieta Maria de Goes Calmon. Era descendente de Miguel du Pin e Almeida (1794-1865), marquês de Abrantes, ministro da Fazenda e dos Estrangeiros no Império, senador e deputado federal; sobrinho-neto de Miguel Calmon du Pin e Almeida (1843-1886), desembargador e presidente da província do Rio Grande do Sul em 1886; sobrinho de Miguel Calmon du Pin e Almeida (1879-1935), deputado federal da Bahia, ministro da Indústria, Viação e Obras Públicas de 1906 a 1909 e ministro da Agricultura de 1922 a 1926, e primo de Pedro Calmon

1 Docente Adjunta III, ICI/UFBA. Doutora em Ciência da Informação (UnB).

2 Alunos de Comunicação, colaborando na realização das entrevistas.

Moniz de Bittencourt, reitor da Universidade do Brasil, no Rio de Janeiro, de 1948 a 1966, e ministro da Educação de 1950 a 1951 e de 1959 a 1960.

Miguel Calmon fez os cursos preparatórios em Salvador, ingressando depois na Escola Politécnica da Bahia, pela qual formou-se engenheiro em 1932. Tornou-se gerente da firma Christian Nielsen e, em 1934, seguiu para Paris, onde fez um curso de especialização na École des Ponts et Chaussées e na École Centrale de Paris.

Em 1935, no governo de Juracy Magalhães, foi nomeado diretor da Companhia de Melhoramentos Urbanos da Bahia e chefe da Divisão das Municipalidades, cargos em que permaneceria até 1938. Em 1936, estagiou no Instituto de Pesquisas Tecnológicas de São Paulo. Logo depois prestou concurso para livre-docente da cadeira de Materiais de Construção da Escola Politécnica da Bahia, passando a regente em 1937 e a catedrático em 1940.

Ainda em 1940, foi eleito diretor-presidente do Banco Econômico da Bahia, pertencente à família Calmon e que tinha seu pai como presidente. Permaneceria no cargo durante os 22 anos seguintes.

Em 1944, eleito diretor da Associação Comercial da Bahia, a mais antiga entidade patronal do Brasil, presidiu a delegação baiana à I Conferência das Classes Produtoras, realizada em Teresópolis (RJ). Tornou-se nesse ano diretor da empresa Buriti S.A.

De 1948 a 1950, presidiu a Associação Comercial da Bahia. Neste último ano foi designado para organizar o setor de assistência técnica do Escritório Técnico de Coordenação de Projetos e Ajustes Administrativos do Ponto IV. Esse programa de cooperação técnica internacional entre os Estados Unidos e os países latino-americanos fora proposto pelo presidente Harry Truman e era considerado pelos críticos da política externa norte-americana como um instrumento de controle político e ideológico dos países subdesenvolvidos. O programa abrangia as áreas de economia, administração pública, finanças, agricultura, recursos minerais, energia nuclear, saúde, educação e outras. No Brasil, o Ponto IV foi estabelecido através da assinatura de dois acordos com o governo norte-americano: o Acordo Básico de Cooperação Técnica (19/12/1950) e o Acordo de Serviços Especiais (30/05/1953).

Em 1952, tornou-se diretor da Aliança da Bahia Capitalização. De 1952 a 1958, representou o Brasil no Conselho Interamericano do Comércio e Produção. Em 1957, assumiu a presidência da Comissão de Planejamento Econômico, criada no mesmo ano pelo governador Antônio Balbino, acumulando em 1958 esse cargo com o de presidente da Companhia de Eletricidade da Bahia (Coelba).

Nas eleições de 3 de outubro de 1958, Miguel Calmon elegeu-se deputado federal pelo Partido Social Democrático (PSD), assumindo o mandato em fevereiro do ano seguinte, quando também se tornou diretor do Banco da Cidade do Rio de Janeiro.

No dia 2 de setembro de 1961, em consequência de um acordo entre as diferentes forças políticas e militares, foi instituído no país o regime parlamentarista, permitindo que o vice-presidente João Goulart ocupasse a Presidência da República, vaga com a renúncia do presidente Jânio Quadros. Em agosto de 1962, Miguel Calmon, já no final de seu mandato como deputado federal, foi convidado para o cargo de subsecretário do Ministério da Fazenda. Logo depois, no dia 14 de setembro, assumiu interinamente essa pasta, em substituição a Francisco de Paula Brochado da Rocha, também ministro interino, na ausência do titular Walter Moreira Salles. Quatro dias depois, Calmon foi efetivado no ministério Hermes Lima.

Em sua curta permanência à frente do Ministério da Fazenda, Miguel Calmon anunciou um plano para a estabilidade da moeda e a diminuição do déficit de caixa do Tesouro. Segundo Carlos Lessa, o programa por ele proposto não obteve êxito, principalmente devido à concessão do 13º salário aos trabalhadores urbanos no final do ano. Entretanto, ainda segundo Lessa, várias de suas teses foram retomadas pelo Plano Trienal, previsto para ser aplicado de 1963 a 1965, mas abandonado com a eclosão do golpe militar de 31 de março de 1964.

No dia 6 de janeiro de 1963, um plebiscito determinou, por esmagadora maioria, a volta ao regime presidencialista. No dia 24 do mesmo mês, Goulart organizou um novo ministério, tendo Calmon transmitido a pasta da Fazenda a Francisco Clementino de San Tiago Dantas.

De volta a Salvador, Miguel Calmon retomou suas atividades de diretor-superintendente do Banco Econômico e passou a lecionar Finanças das Empresas e Organização das Indústrias na Faculdade de Ciências Econômicas da UFBA. No dia 1º de julho de 1964, foi designado, pelo presidente da República, reitor desta Universidade por um período de três anos. Sua administração, considerada modernizadora, procurou reformular a estrutura da unidade através da criação de várias comissões que buscavam maior articulação entre os corpos docente e discente.

No ano de 1964, foi nomeado, pelo presidente da República, para o cargo de reitor da Universidade Federal da Bahia e tomou posse em 1º de julho. Como reitor lançou as bases de uma ampla reforma da Universidade Federal da Bahia. Em 1966, presidiu as festividades do 20º aniversário da UFBA,

durante as quais foi instalado o Conselho de Reitores das Universidades Brasileiras, sendo eleito primeiro presidente do Conselho. Miguel Calmon morreu em Salvador no dia 7 de maio de 1967, às vésperas de completar o triênio do seu Reitorado. (UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA, 1969)

Foi casado com Sílvia Pontes. Seu sobrinho Ângelo Calmon de Sá foi ministro da Indústria e Comércio de 1977 a 1979.

A morte do reitor Miguel Calmon representou para a Universidade Federal da Bahia um duro golpe, não apenas pela inesperada perda do líder como também por impedir-lhe de encerrar uma fecunda gestão trienal, com o reconhecimento pelo esforço desenvolvido para que fossem definidas as linhas mestras da reforma da Universidade. Em lugar desse reconhecimento feito de aplausos e admiração, a Universidade pode apenas, agora, fazer o registro grato pela ação profícua e uma homenagem a quem prestou importantes serviços à vida brasileira. Para isso, o *Boletim Informativo* – Parte Cultural, por determinação do Conselho Universitário, coligiu o pensamento de figuras representativas da inteligência e da política brasileiras, que fazem um incompleto, mas necessário, primeiro balanço da marca indelével deixada por Miguel Calmon na comunidade a que serviu com competência e muita dedicação.

DISCURSO DE POSSE NO CARGO DE REITOR DA UFBA

Miguel Calmon du Pin e Almeida Sobrinho foi o terceiro reitor da UFBA e o primeiro presidente do CRUB. Abaixo, pronunciamento de Miguel Calmon, em 1º/7/1964, em sua posse.

Acredito ser do meu dever definir precisamente minha linha de conduta, para a qual espero receber dos corpos docente, discente e administrativo a mais dedicada cooperação.

Destaco que não é meu propósito colaborar para conduzir o país ao obscurantismo de uma especialização estreita. Precisamos, entretanto, proporcionar à nossa juventude mais oportunidades de formação profissional, a fim de que os quadros técnicos não fiquem desfalcados do mínimo necessário ao processo de desenvolvimento. Há necessidade de aumentar o número de formados, profissionalmente, para atender ao número de habitantes da população, tanto do ponto de vista do atendimento a essa grande massa quanto dos jovens que aspiravam acesso ao ensino superior.

Comparativamente, isso mostrava o grande atraso em relação às duas vizinhas repúblicas – Uruguai e Argentina.

[...] Não posso entender a Universidade como órgão estático, apenas exercendo atividades de cúpula no panorama cultural da região a que serve, marginalizada de suas preocupações, alienada de sua problemática. Precisamos dar-lhe uma atitude dinâmica. Que seja ela um fórum de debates das necessidades da vida da comunidade na qual se insere e um cadinho para a pesquisa dos seus problemas. Exercer efetiva liderança intelectual num Estado, como o nosso, onde o produto *per capita* é inferior à média nacional, é ainda mais imperioso por corresponder às exigências deste momento histórico. Acho indispensável que se instale na Universidade um setor de planejamento, a fim de que os nossos poucos recursos encontrem uma escala de prioridade visando ao aperfeiçoamento do pessoal docente e a que o aprimoramento do material didático flua, coordenadamente, de maneira intensiva. Preocupa-me, fundamentalmente, a formação dos novos quadros do magistério que deverão adquirir experiência onde mais apropriada ela se torne. Haveremos de conseguir intercâmbio com outras universidades, nacionais ou estrangeiras, a fim de que as modernas técnicas de ensino possam, de logo, vir a aprimorar o nível dos nossos docentes. Em particular, a criação de ensino, esparso em várias faculdades, será instrumento para dar vigor à institucionalização da nossa Universidade que, não obstante os esforços até agora empreendidos, ainda está longe de alcançar o objetivo tão almejado.

Estou entre os que acreditam ser a Universidade a ‘Escola de Conhecimentos Universais’. Aqui não farei profissão de fé porque sei que elas são necessárias, sei também, de ciência certa, que elas não são suficientes. Mas não cairei no óbvio ao declarar que, toda a ênfase ao problema técnico, não medirei esforços para que a assistência ao conhecimento humanístico seja estimulada. Quem é baiano é quem aqui formou seu espírito, quem aqui alicerçou sua cultura, pode assegurar a todos vós que não descuidarei um só instante no preservar, no fomentar todas as manifestações culturais de nossa terra e de nossa gente.

Declaro, com responsabilidade de quem vai dirigir uma Universidade, que dedicarei carinho às nossas artes e às nossas letras, com o mesmo desvelado interesse que tenho pelas ciências positivas. Não quero deixar de dirigir uma palavra aos estudantes da nossa Universidade no momento em que me invisto nas funções de seu reitor. Sou convicto de que a Universidade só pode sobreviver, só pode se engrandecer, na medida em que for um só corpo, uma só vontade,

uma só determinação. Universidade são mestre e aluno. Mestre e aluno somam. Não devem nunca dividir, muito menos diminuir. E porque este é o meu entendimento e porque esta é a minha determinação, aos estudantes quero declarar que entendo a sua participação na vida da comunidade. Sei ser uma imposição do momento histórico em que temos a felicidade de viver que o estudante não se alheie dos problemas vividos pelo país. [...] Estudando com afinco, com interesse, com compenetração dos seus deveres, é que o estudante marca a sua presença, assume uma liderança. [...] Não somos apenas mestres de disciplina. Temos a nobre tarefa de educar. De instruir. De formar. Se vamos conduzir a Universidade a um trabalho mais dinâmico, certo é que os estudantes serão mais solicitados que agora o são. E nesta solicitação, maior e mais efetiva, transmitiremos o desejo, e mostraremos a necessidade, que todos nós temos de construir uma grande nação, capaz de se alinhar entre as que o mundo lideram. E este trabalho só se fará com alma, com entusiasmo. (BOLETIM INFORMATIVO, 1967)

“PERDE A BAHIA UM FILHO ILUSTRE”

Sob o título acima, o *Jornal da Bahia* publicou matéria em 07 de maio de 1967 sobre a morte do reitor Miguel Calmon, cuja administração

[...] deveria concluir-se em junho próximo quando completaria três anos de exercício no cargo, no desempenho do qual não mediu sacrifícios no sentido de aparelhar a Universidade Federal da Bahia para o cumprimento das suas finalidades.

Ainda segundo o texto publicado, a tônica de seu reitorado

[...] foi a preocupação de reformular a estrutura da Universidade, tarefa que deixa praticamente concluída, e no sentido de cuja concretização organizou numerosas comissões especializadas, possibilitando, inclusive, maior participação de professores e discentes na condução dos destinos da UFBA.

O *Jornal da Bahia* assinala que a gestão de Miguel Calmon se caracterizou por

[...] uma ação destinada a possibilitar maior interação entre a Universidade e a comunidade e deu um vigoroso impulso ao

desenvolvimento da pesquisa universitária, abrindo-lhe amplas perspectivas entre nós. Dentre suas maiores realizações situa-se a criação dos Institutos Básicos que constituíram uma das etapas mais importantes da reforma empreendida. Sempre preocupado com o problema da integração dos estudantes na comunidade universitária, introduziu modificações no sistema de assistência estudantil da UFBA e favoreceu a implantação de uma agência de empregos para universitários, ensejando-lhes inclusive a aplicação imediata dos conhecimentos adquiridos em benefício do desenvolvimento baiano.

O texto do *Jornal da Bahia* também registra: a morte do reitor Miguel Calmon, “[...] que toda a Bahia lamenta, foi particularmente sentida no seio da Universidade, onde era estimado por professores, alunos e funcionários, pela maneira afável no trato e pela ampla visão administrativa”.

A BATALHA FINANCEIRA

O Reitorado era uma guerra, com inúmeras batalhas a vencer. Para um banqueiro bem-sucedido e obstinado, a luta pela reabilitação financeira estava situada na linha de frente. No relatório submetido à Assembleia Universitária, abordando as dificuldades do seu primeiro ano de trabalho, Miguel Calmon informou, depois de declarar que constituía uma Comissão de Orçamento:

Tinha de enfrentar um orçamento já de si insuficiente, seriamente comprometido com pagamento de despesas de exercícios anteriores e submetido a uma redução de suas disponibilidades em consequência do plano de economia do governo.

Foi mais claro ao expor números no relatório seguinte:

Neste momento, tenho a satisfação de comunicar que, finalmente, alcançamos a recuperação financeira de nossa instituição. Além de rigorosamente em dia com todos os compromissos agora, em 1966, com os recursos para os fundos da Universidade totalmente restabelecidos. Foi tarefa árdua chegar a tal equilíbrio.

Havia, disse logo depois, compromissos pendentes da ordem de meio bilhão de cruzeiros e de outro lado um corte de outro meio bilhão, determinado pelo Plano de Economia do governo federal, nas verbas que nos

foram destinadas. Os recursos do primeiro ano de gestão ficaram reduzidos à metade. Houve a imperiosa necessidade de uma severa política de despesas e adiamento das obras projetadas.

Miguel Calmon usou seu prestígio nacional na difícil obtenção de novas verbas. Mas não clamou contra possíveis erros anteriores, o que não condizia com sua formação, que sempre o levou a respeitar e conservar as velhas amizades. Vencida a peleja financeira, desapareceram os fantasmas dos credores, que ele encontrou nas salas do palacete do Canela.

O professor Miguel Calmon, ao mesmo tempo em que solucionava a crise financeira que atravessava a Instituição, procurou equacionar os problemas da reforma universitária, programou a expansão da Universidade para um período de 10 anos, conseguindo, à base desse projeto, financiamento do BID e a cooperação da Unesco. Deu início ainda aos trabalhos de reorganização administrativa, adquiriu áreas e prédios para ampliação do campus universitário do Canela e da Federação, tratou do aperfeiçoamento do pessoal docente e do desenvolvimento da pesquisa e firmou vários convênios de participação da UFBA no desenvolvimento da comunidade. Os estudos de reestruturação tiveram caráter pioneiro e suas linhas mestras coincidiram, no fundamental, com as diretrizes posteriormente adotadas pelo Conselho Federal de Educação para a reforma das universidades mantidas pela União. A administração do reitor Miguel Calmon deu ênfase, igualmente, aos problemas de assistência aos estudantes, reformulando a concessão de ajuda aos discentes necessitados e de bolsas de estudos, melhorando o restaurante e as residências universitárias.

Instalou em sede própria o Colégio de Aplicação, reiniciou as atividades de publicações, reformulou o Hospital das Clínicas, iniciou as obras de instalações da Faculdade de Arquitetura e criou o Serviço de Estatística Educacional. Nesta fase, por força do Decreto-Lei 250, de 28 de fevereiro de 1967, foram incorporadas à UFBA, as Escolas de Agronomia e de Medicina Veterinária, até então sob a administração do Estado, vindo a constituir as mais novas unidades de formação profissional da Universidade.

COMISSÕES DE ESTUDOS

Miguel Calmon tinha especial predileção pelas comissões de estudos, que vissem de perto os problemas, suas causas, suas consequências, suas

necessárias correções. Até então havia, apenas, a ação de órgãos isolados, cada qual envolvido no ajustamento e solução de situações próprias. Miguel Calmon optou pelas comissões, que concluíram ser preciso igualmente preparar as subcomissões, para melhor equacionamento da problemática universitária baiana. Anunciara, ao ser empossado, que não

[...] entendia a ação administrativa senão em equipe, e ela é tanto mais necessária quão mais complexos sejam os setores de administração, como ocorre na Universidade. Eis por que pretendo, paulatinamente, desenvolver uma equipe que se encarregue de analisar, um a um, os vários aspectos em que se desdobra a ação universitária.

Logo no início de sua gestão, criou e instalou a Comissão de Planejamento. Ouviu, numa larga pesquisa, os dirigentes, os corpos docente e discente, solicitando-lhes informações e opiniões. Para estudo imediato, fixou-se o recém-criado órgão em três assuntos: a. estrutura vigente da Universidade, consideradas suas unidades educacionais, culturais e técnicas; b. projeto de metas de desenvolvimento do referido conjunto com indicação de prioridades a serem estabelecidas e programas tendentes à concretização do plano básico; c. mapeamento das unidades e órgãos que compõem a UFBA.

A comissão sugeriu ao reitor a criação de duas subcomissões, uma para deliberar sobre o campus universitário e localização das unidades, outra, para o estudo dos institutos básicos.

No decorrer do tempo, outras subcomissões vieram a se integrar ao contexto da UFBA, como a Comissão de Assistência ao Estudante, a Comissão de Bolsas, posteriormente denominada Comissão de Formação e Aperfeiçoamento do Pessoal Docente, e a Comissão de Seleção e Admissão de Pessoal Docente.

O ANO DE 66

Há, na vida de Miguel Calmon, alguns anos marcados com pedras brancas, como os romanos praticavam com relação a seus dias felizes. O ano de 1966, no calendário da Reitoria, foi de bem-sucedidas realizações, de eventos destacáveis. A UFBA, em seu 20º aniversário de fundação, cumpriu um programa comemorativo de realce. Reuniram-se em Salvador os reitores das universidades brasileiras e a 1º de julho instalou-se oficialmente o Conselho de Reitores das Universidades Brasileiras (CRUB), uma antiga

aspiração dos dirigentes universitários, que, em homenagem à Bahia, e a seu reitor, escolheram Miguel Calmon como primeiro presidente da entidade, lugar que exerceria até a data de seu prematuro falecimento, no ano seguinte.

O Conselho Federal de Educação (CFE), ainda em 66, convocou, no Rio de Janeiro, uma reunião de reitores, com a presença do próprio ministro da Educação e Cultura. Miguel Calmon, na qualidade de presidente do CRUB, foi o intérprete de seus colegas. Em seu discurso, referiu-se a alguns pontos considerados essenciais, como a administração, as reformas estruturais e organizacionais das universidades brasileiras e os cursos de pós-graduação.

Após esclarecimentos, sempre acompanhados de dados estatísticos, como era seu hábito de falar, mostrou ser necessária uma reformulação dos sistemas de poder dentro da Universidade,

[...] mediante a criação de instâncias acadêmicas com poderes decisórios, para a coordenação e supervisão das atividades de áreas específicas, [...] a instituição de novos mecanismos de ingresso e de um sistema de crédito, que operem naturalmente a triagem para as diversas especialidades e carreiras profissionais, na medida em que o educando avance em seus estudos, de acordo com as suas aptidões e capacidade.

Defendeu a tese de não existência de soluções padronizadas para os problemas cruciais do ensino superior. Afirmou acreditar, porém, na possibilidade de “adoção de princípios de funcionamento”, sustentando a liberdade de organização das Universidades.

Naquele encontro de novembro, Miguel Calmon podia documentar sua posição reformadora, porque em maio anterior já estava concluído o *Documento básico do projeto de reforma da Universidade Federal da Bahia*, em cuja introdução procura

[...] situar a Universidade no pensamento científico, diante da cultura, integrada no meio, até a definição diante dos objetivos de ensino, pesquisa, extensão de serviços à comunidade, formação e aperfeiçoamento de pessoal, com a reformulação jurídica dos ciclos de formação, órgãos e funções, institutos centrais, organização administrativa, conselho de coordenação, mobilização de recursos financeiros, com previsão da implantação do novo sistema [...]

conforme relacionou Edivaldo Boaventura (1987) em seu ensaio *Miguel Calmon e a reforma da Universidade*.

UMA SÉRIE DE MEDIDAS

Afastados os empecilhos financeiros do ano inicial, a administração de Miguel Calmon começou a cuidar mais atentamente dos diversos aspectos atinentes à vida da UFBA. A assistência estudantil, como o estudo realizado pelo sociólogo e professor José Artur Rios, teve ampliado seu campo de ação, substituindo-se o Departamento de Assistência Universitário pelo Departamento Social de Vida Universitária (DSVU) englobando as atividades daquele e criando-se um financiamento especial, por parte da Universidade, ao estudante, durante seu curso, com o compromisso de resgatar, em longo prazo, aquela verba de que se lhe dispôs para manter-se a fim de concluir a graduação. Essa iniciativa provocou “[...] dificuldades e resistências naturais que encontra qualquer mudança estrutural”, disse o reitor no Relatório de 1966. Acostumado a implantar mudanças, Miguel Calmon sabia que tais reações eram naturais e terminavam sendo vencidas.

A expansão da UFBA, com o aparecimento de novas unidades e o crescimento do seu alunado, estava a exigir seu planejamento físico. A Comissão do Campus Universitário realizou um levantamento completo das áreas de expansão física da UFBA, nos parques do Canela e da Federação. Terrenos e imóveis foram desapropriados nos locais mencionados, tornando-se assim possível, no futuro, a ampliação dos estabelecimentos imprescindíveis.

O Colégio de Aplicação, anexo à Faculdade de Filosofia, em cujo prédio funcionava, ganhou casa própria no Canela, ficando melhor equipado para servir ao treinamento didático dos licenciados. Passou a chamar-se Colégio de Aplicação Reitor Miguel Calmon, após o falecimento desse professor.

Estudou-se também a criação de um Centro de Especialização em Ciências Básicas (Ceciba), mediante convênio entre a UFBA, o governo do Estado e o Ministério da Educação, assinado em 1966.

A um planejador não passaria despercebida a validade dos meios de comunicação e editoração. Surgiu a Imprensa Universitária visando a incrementar o movimento editorial, com aprovação por parte do Conselho Universitário e recursos destinados à aquisição de equipamentos e instalação dos serviços em área escolhida para esse fim. Numa publicação que se começara a preparar durante a gestão de Roberto Santos, foram reunidos dados básicos sobre a instituição. Documento de maior valia escreveu Boaventura, o *Catálogo geral*, de 1966, que permite se ter uma ideia concreta da UFBA antes da reforma. O Departamento Cultural, enfrentando os obstáculos

inevitáveis da falta de recursos, publicou o *Catálogo de teses* e o *Catálogo de cadeiras e docência*, apresentados nos últimos anos aos diversos órgãos da UFBA, preparado pela Escola de Biblioteconomia, além de regularizar a divulgação do *Boletim Administrativo*, que passou a ter duas seções, uma administrativa e outra cultural.

A Comissão de Pesquisa, com verba específica para realização de suas atividades, propiciaria melhor aproximação com os diversos grupos que já vinham trabalhando em seus respectivos setores, a fim de tornar mais conhecidos os estudos desenvolvidos.

Em face das ideias de reforma, a Reitoria passou à reformulação dos exames vestibulares, sendo elaborado um anteprojeto de concurso único de seleção, no qual colaborou o Prof. Valter Leses, da Universidade de São Paulo.

Pelo visto, o reitor Miguel Calmon deu atenção a inúmeros problemas da UFBA, no intuito de prepará-la para os tempos vindouros, servindo-se para tanto de inúmeros colaboradores, que atenderam de boa vontade a seu chamado de líder, perito na arte de envolver as pessoas para a participação nos serviços à comunidade. Era benemérita a ação das equipes.

RECURSOS INTERNACIONAIS

O reitor Albérico Fraga, que viveu uma época de agitação política e universitária, declarou, com singular franqueza, que o “Triênio de nossa administração na Reitoria foi marcado por dificuldades financeiras quase invencíveis”. Já apontamos os comentários do reitor Miguel Calmon a respeito do primeiro ano de seu mandato. Ele pôde dispor, finalmente, de elementos orçamentários para contornar a crise com que se deparou. Mas, também, por outro lado entendeu que um grande projeto não podia ser concretizado apenas com os magros recursos governamentais destinados à Universidade. Teria que apelar, e o fez com êxito, para o crédito estrangeiro. Voltou-se, assim, para o Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID).

Pela primeira vez, a UFBA apresentava um projeto de porte para a captação de recursos externos, informa Edivaldo Boaventura (1987), admitindo que o reitor Miguel Calmon teria se valido do prestígio de antigo ministro da Fazenda e de dirigente de uma conhecida organização, o Banco Econômico, para alcançar seu objetivo.

Miguel Calmon ventilou o assunto no relatório lido em 1967, quando deu ciência que, com a autorização do Conselho Universitário, iniciara contatos com o BID, na fase de um projeto, tecnicamente executado por empresa especializada. Tinha por objetivo um financiamento parcial para o plano de implantação da reforma. O BID considerou viável o projeto e o programa de investimentos. Em julho de 1966, os professores Ferrucio Accame, Alberto Davié, Rubens Fradin e Charles Gornell visitaram a UFBA e, em fevereiro de 1967, outra comissão de técnicos veio ao Estado, mostrando-se favorável à concessão de um empréstimo inicial de US2.500.000.00 (dois milhões e quinhentos mil dólares) para a execução da primeira fase do plano de implantação dos Institutos Centrais e Centros Básicos. Tais recursos permitiram a construção e equipamentos dos institutos, no Reitorado seguinte, do professor Roberto Santos.

PERSONALIDADE ESTRANGEIRAS

A Universidade Federal da Bahia, continuando uma prática iniciada no Reitorado de Edgard Santos, concedeu diversos títulos honoríficos a personalidades de prestígio internacional. Uma parte significativa de honrarias foi concedida por Miguel Calmon. Dois nomes fazem jus à menção especial, aos quais conferiu a UFBA a titulação de *Doutor Honoris Causa*: Arnold Toynbee, eminente historiador inglês, e Leopold Sedar Senghor, presidente do Senegal, grande poeta, que, em seu discurso, ao fazer uma apologia dos “valores da negritude”, afirmou: “Por ser do homem e por ser imaginação, a negritude é humanismo”.

Marili Andrade, assessora de Calmon, considerou a cerimônia da entrega do título ao poeta do Senegal “a de maior brilho, o dia mais significativo” daquele Reitorado.

ORLANDO GOMES (1967)

Edvaldo Brito¹

Orlando Gomes dos Santos é o seu nome de batismo. Nasceu e, por todo o tempo de sua profícua existência de 78 anos (07 de dezembro de 1909 a 28 de julho de 1988), viveu na Bahia, a partir de onde se notabilizou como o *príncipe dos civilistas brasileiros do século XX*, a quem o governo federal incumbiu de elaborar o anteprojeto de Código Civil, tarefa de que se desincumbiu com tal maestria que o seu texto, quando retirado do Congresso Nacional, por causa do tempo que lá passou sem ser votado, ao ser revisado por uma Comissão presidida pelo professor Miguel Reale, teve deste, ao final dos trabalhos, a assertiva: “O Projeto Orlando Gomes refletiu-se no espírito anti-individualista, na diretriz da socialidade, que acabou por impregnar o novo trabalho”.

Ninguém o excedeu em didática, durante o mais de meio século que lecionou nas Faculdades de Direito e de Ciências Econômicas da Universidade Federal da Bahia. Foi consagrado, por todos os seus contemporâneos, como o melhor professor dessas duas Escolas, em forma e em conteúdo e, no dia em que faleceu, ainda transmitiu seus conhecimentos, em sala de aula e, assim, cumpriu o que prometeu: “Se de mim depender e força mantiver, a vontade e o propósito são de continuar a ensinar na cátedra e no livro,

¹ Professor Emérito da Universidade Federal da Bahia, em cuja Faculdade de Direito leciona no Programa de Pós-Graduação. Professor Emérito da Universidade Mackenzie (São Paulo). Professor Titular da Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo (USP) por dois concursos públicos de títulos e de provas, um de Direito Civil, o outro de Legislação Tributária. Coordenador e elaborador da atualização das obras do professor Orlando Gomes.

com o mesmo entusiasmo, a mesma dedicação e o mesmo rigor, nesse longo labutar que vem enchendo a conta e a medida dos meus dias”.

Se na cátedra, por obra de Deus, parou de ensinar, no livro, contudo, continua. É vasta a sua produção literária. Escreveu não só sobre a *Ciência do Direito*, mas, também, sobre outros assuntos, mais de quarenta livros, destacando-se:

O Estado e o indivíduo. Bahia: Gráfica Popular, 1933. (esgotado).

A convenção coletiva de trabalho. Bahia: Gráfica Popular, 1936 (esgotada).

Direito do trabalho: estudos. Bahia: Liv. Progresso, 1941; 3. ed. 1954.

Introdução ao direito do trabalho. Rio de Janeiro: Forense, 1944. (esgotada).

O salário no direito brasileiro. Rio de Janeiro: J. Konfino, 1947. (esgotada).

Do reconhecimento dos filhos adulterinos. Rio de Janeiro: Forense, 1952. 2. v.; 2. ed. 1957 Em colaboração com Nelson Carneiro. (esgotada).

A crise do direito. São Paulo: Max Limonad, 1957. (esgotada).

Questões de direito civil. Salvador: Liv. Progresso, 1958; 5. ed. São Paulo: Saraiva, 1988.

Marx e Kelsen. Salvador: Ed. Universidade da Bahia, 1958; 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003; 2. ed. 2006 – 2ª tiragem.

Direitos reais. Rio de Janeiro: Forense, 1958; 19. ed. 2004.

Raízes históricas e sociológicas do código civil brasileiro. Salvador: Liv. Progresso, 1958. (esgotada); 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003; 2ª tiragem – 2006.

Contratos. Rio de Janeiro: Forense, 1959; 26. ed. 2007.

Direito privado: novos aspectos. Rio de Janeiro: Freitas Bastos, 1961 (esgotada).

- Obrigações*. Rio de Janeiro: Forense, 1961; 17. ed. 2007.
- Direito e desenvolvimento*. Salvador: Ed. Universidade da Bahia, 1961. (esgotada).
- Anteprojeto de código civil*. Imprensa Nacional, 1963.
- Memória justificativa do anteprojeto de reforma do código civil*. Imprensa Nacional, 1963.
- Curso de direito do trabalho*. Rio de Janeiro, Forense, 1963; 1. ed. 2000. Em colaboração com Elson Goltschalk.
- A Reforma do código civil*. Salvador: Ed. Universidade da Bahia, 1965.
- Transformações gerais do direito das obrigações*. São Paulo: Ed. Revista dos Tribunais, 1966; 2. ed. 1980.
- Direito de família*. Rio de Janeiro: Forense, 1968; 7. ed. 1987.
- Sucessões*. Rio de Janeiro: Forense, 1970; 12. ed. 2004.
- Harengas*. Salvador: Fundação Gonçalo Moniz, 1971.
- Contrato de adesão*. São Paulo: Ed. Revista dos Tribunais, 1972. (esgotada).
- Questões de direito do trabalho*. São Paulo: LTr., 1973.
- Alienação fiduciária em garantia*. 4. ed. São Paulo: Ed. Revista dos Tribunais, São Paulo, 1975. (esgotada).
- O novo direito de família: cinco estudos*. Salvador: S.A. Fabris, 1975; 2. ed. Porto Alegre: S. A. Fabris, 1983.
- Direito econômico*. São Paulo: Saraiva, 1977. Em colaboração com Antunes Varela. (esgotada).
- Novas questões de direito civil*. 2. ed. São Paulo: Saraiva, 1988.
- Escritos menores*. São Paulo: Saraiva, 1981.
- Novíssimas questões de direito civil*. 2. ed. São Paulo: Saraiva, 1988.
- Novos temas de direito civil*. Rio de Janeiro: Forense, 1984.

Código civil: projeto Orlando Gomes. Rio de Janeiro: Forense, 1985.

Questões mais recentes de direito privado: pareceres. São Paulo: Saraiva, 1988.

Em seu jubileu universitário, por força de uma lei ultrapassada que afasta, formalmente, da sala de aula, cérebros da estirpe de Orlando Gomes, o subscritor deste texto exercia o cargo de prefeito da Cidade do Salvador e, assim, teve o ensejo de prestar-lhe a homenagem que o município tinha o dever de fazer a um filho ilustre, dando-lhe o nome a uma das mais importantes avenidas da zona urbana, entre as vias da chamada Paralela (Avenida Luiz Viana Filho) e a Avenida Octávio Mangabeira, à altura da praia de Pituaçu. É um preito de justiça a quem projetou sua terra para além das fronteiras do Brasil, sem nunca dela ter transferido o seu domicílio, nem a sua residência. Repita-se: viveu todo o tempo de sua existência, em Salvador com hábitos saudáveis de quem acordava às cinco horas da manhã para escrever seus textos, por duas horas, após o que, fazia a primeira refeição, para, em seguida, dirigir-se à Faculdade, onde, pontualmente, entrava na sala de aula, dava a lição do dia encerrando-a, precisamente, 50 minutos depois, de todo o milimétrico esquema, por ele escrito no quadro de giz, ser, devidamente, exaurido com estilo claro e conciso, sem faltar profundidade no assunto, porque “lê-lo e ouvi-lo, encantam”, como afirmou um outro eminente jurista, Calmon de Passos, pois, disse mais: “nenhum adjetivo é supérfluo. Todos os verbos são expressivos. E os substantivos, adequados. Linguagem esguia e leve, enxuta como ele sempre o foi em toda a sua vida, desempenado e elegante, ostentando, na mocidade do rosto e dos olhos, uma idade que os anos já lhe negavam e ninguém sabia. E se sabiam, se esqueciam facilmente”.

Afirme-se, sem hesitação, Orlando Gomes é um clássico do direito brasileiro. Sua obra abrange para além do direito civil, o direito econômico – de que foi um estudioso pioneiro no Brasil – a jusfilosofia e o direito do trabalho.

A sua marca é a de um sábio, porque não se limitou a ser um comentarista do direito positivo brasileiro, nem mero analista do direito comparado; muito menos foi um repetidor de opiniões alheias.

Foi muito adiante: criativo e prospectivo.

Criativo, porque primou pela originalidade do estudo que oferecia sobre cada instituição, instituto, categoria e conceito jurídicos.

Prospectivo, porque diferiu essa sua originalidade, projetando para o futuro o seu pensamento sobre todas essas manifestações do espírito huma-

no, apreendidas pelo direito positivo, a ponto de estar atualizada a sua obra perante as palavras modificadoras do legislador e aquelas adaptadoras da jurisprudência. Serviu, assim, de escola para essas duas fontes normativas que, nele, encontraram, sempre, o fundamento de validade para seu atuar.

Multifacetário, Orlando Gomes não se limitou à Academia, como escritor e professor emérito. É difícil resumir os fatos de uma vida tão rica. Exerceu a advocacia, intemorato, como convém a esse mister. Jurista inexecedível, emitiu pareceres que, até hoje, servem de orientação para doutrinadores e magistrados. Foi empresário, cabendo-lhe administrar instituições financeiras e empreendimentos de outros ramos da atividade empresarial, sempre com sucesso pela honestidade gerencial, chegando a ser eleito presidente da bicentenária Associação Comercial da Bahia.

É ao administrador competente que os seus pares confiaram a gestão da Faculdade de Direito por nove anos consecutivos, de 02 de junho de 1952 a 1º de julho de 1961, após ter sido seu vice-diretor de 1946 a 1952, outorgando-lhe o mandato de diretor, novamente, de 1966 a 1970. Líder incontestado dessa unidade universitária, chamada pelos seus pósteros de “Casa de Orlando Gomes”, ele construiu o prédio onde ela se instala no “campus do Canela”, desde 1961, tendo criado o primeiro curso de Doutorado (1953) e o atual curso de Mestrado (1975), que integram o Programa de Pós-Graduação em Direito da UFBA.

Essas circunstâncias fizeram-no credenciado ao exercício de outras atividades universitárias, transformando-o em fiel companheiro e excelente colaborador do reitor Edgard Santos, primeiro dirigente da Universidade, em frutuosa gestão. Foi, por nove anos, vice-reitor, ocasião em que lhe coube assumir a própria Reitoria, não só substituindo o titular nos seus impedimentos eventuais, mas, de modo permanente, entre julho e setembro de 1954, quando este se ausentou para ocupar o cargo de ministro de Estado da Educação e Saúde do presidente da República, Getúlio Vargas.

Foi considerado o candidato natural à sucessão do reitor Miguel Calmon, cujo mandato encerrava-se a 03 de julho de 1967, por isso, o Conselho Universitário sufragou o seu nome, com aplauso unânime, participando, então, da primeira colocação na listra tríplice. A nomeação para o cargo, contudo, recaiu em outro integrante desse rol.

O reitor Naomar Monteiro de Almeida Filho, com base no teor de documento apresentado pelo Conselheiro Celso Castro, diretor da Faculdade de Direito e em face ao ensejo das comemorações do centenário de nasci-

mento do professor Orlando Gomes (07 de dezembro de 2009), submeteu ao Egrégio Conselho Universitário a proposta de reconhecimento de sua qualificação como reitor da Universidade Federal da Bahia, a qual foi aprovada por unanimidade e aclamação, conforme consta da ata da reunião do ilustre colegiado, realizada no dia 03 de dezembro de 2009. Está, consequentemente, conforme as palavras do reitor Naomar Almeida Filho, aprovado “um mecanismo documental formal da Instituição” que legitima o registro em placa de identificação do correspondente retrato apostado na “Galeria dos Reitores da UFBA”, em razão do efetivo exercício do Reitorado, pelo professor Orlando Gomes dos Santos.



A legalização do ato de ter Orlando Gomes como reitor e de investi-lo no cargo, por deliberação unânime do Conselho Universitário (Consuni) da UFBA, é explicado pelo Dr. Antonio Luis Calmon Teixeira no artigo a seguir:²

A Universidade Federal da Bahia e o reitor Orlando Gomes

*Antonio Luis Calmon Teixeira*³

A restauração do *Estado Democrático de Direito* pela Constituição Federal de 1988 por *Poder Constituinte Originário*, contra o qual sequer prevalecem direitos adquiridos, deu azo a que a *República Federativa do Brasil* reparasse direitos a pessoas e instituições postergados atrabiliariamente pelo duradouro governo de exceção anterior. Dentre elas avulta, pela relevância dos protagonistas, o sofrido conjuntamente por Orlando Gomes e a Universidade Federal da Bahia. Parafraseando o lema dos inconfidentes mineiros, sem, contudo, desrespeitar-lhe a disparidade das proporções e da gravidade, agora se pode dizer *Justitia quae, sera tamen* (Justiça, ainda que tardia).

2 Texto publicado na revista *Letrado*, São Paulo: IASP, n. 92, p. 6-7, jan./fev. 2011. Disponível em: <<http://iasp.org.br/2010/comunicacao/informativo/>>. Com autorização do editor e do autor.

3 Mestre em Direito Econômico, presidente do Instituto dos Advogados do Estado da Bahia. Grande Oficial da Ordem do Mérito do Estado da Bahia, outorga do governo do Estado. Comenda do mérito do trabalho no grau de comendador, pelo Tribunal Superior do Trabalho. Membro da Mesa Diretora dos Colóquios Internacionais em Homenagem a Orlando Gomes, no Instituto dos Advogados Brasileiros, no Rio de Janeiro, e do Instituto dos Advogados de São Paulo, com a participação do Diretor da Faculdade de Direito da Universidade de Coimbra, Portugal.

A nomeação de Orlando Gomes para reitor da Universidade Federal da Bahia já estava no *Diário Oficial da União*, quando órgão federal, então apodado de segurança nacional, apreendeu-lhe os exemplares e a nomeação foi substituída. Fato público e notório, mesmo então, pois não foi possível conter-lhe a divulgação, dispensa prova. Não há quem o conteste, ademais.

Supõe-se que o motivo da agressão teria sido a matriz socialista jamais negada de Orlando Gomes, a qual lhe valeu a decretação de prisão, na ditadura getulista. Certo, todavia, que a apreensão foi política ou ideológica. Daí sua efetivação por órgão denominado de segurança nacional. Sob a ótica do *Estado Democrático de Direito*, jamais foi jurídica. Tampouco o foi pelo ordenamento jurídico de exceção da época. Precedentes abundantes acerca do tema, no direito interno dos países sob o regime democrático de direito e no direito internacional, confirmam a injuridicidade da atrabiliaridade.

A atrabiliaridade não recaiu apenas sobre Orlando Gomes. Foi igualmente atingida, e fundamente, a Universidade Federal da Bahia. Teve desrespeitada a escolha (Orlando Gomes encabeçava a lista) e, após a nomeação estar no Diário Oficial da União, o direito de ter Orlando Gomes como reitor e de investi-lo no cargo, no centenário do Mestre Orlando Gomes, por deliberação unânime do Conselho Universitário, ante proposta do Diretor da Faculdade de Direito.

Sob a ótica do *Estado Democrático de Direito*, Orlando Gomes ser-lhe reitor e a Universidade Federal da Bahia reconhecê-lo reitor e incluir-lhe a efígie na galeria dos reitores repara a agressão de que ambos foram vítimas, em consonância com o direito constitucional e administrativo.

Anteriormente à Constituição Federal de 1988 a administração pública já se subordinava à legalidade, dentre outros princípios e normas igualmente ínsitos ao *Estado Democrático de Direito*. Ele impõe a observância da lei, sob pena da invalidade absoluta do ato. Sobremaneira se público. O princípio da moralidade, constitucional a partir de 1988, exige mais do que o da legalidade: que, a par desta, o ato, público sobremodo, acate a moralidade. Antes de tornar-se constitucional, o princípio da moralidade na administração pública já era unanimidade na jurisprudência pátria, desde o Supremo Tribunal Federal. A agressão de que foram vítimas Orlando Gomes e a Universidade Federal da Bahia ressentem-se de

legalidade e moralidade, o que a torna nula de pleno direito e os resguarda a ambos.

Ao obedecer aos ditames da Constituição Federal 1967, mesmo após a Emenda Constitucional de 1969, e da legislação administrativa, a nomeação de Orlando Gomes para reitor da Universidade Federal da Bahia, já no *Diário Oficial da União*, tornou-se, constitucional e legalmente, *ato jurídico perfeito* que gerou *direito adquirido* para ele e para a Universidade Federal da Bahia, institutos jurídicos na legislação ordinária pátria desde os longes de 1942.

Atos de força motivados política ou ideologicamente, logo injurídicos, mesmo pela legislação constitucional e ordinária da ocasião, a apreensão, por órgão de segurança nacional, dos exemplares do *Diário Oficial da União* com a nomeação de Orlando Gomes, e sua substituição por outrem, em seguida, são impotentes para desfigurar a nomeação e seus efeitos constitucionais e legais de ato jurídico perfeito e direito adquirido, no tocante a ser Reitor da Universidade Federal da Bahia, embora lhe tenha impossibilitado a investidura no cargo de reitor, pela Universidade Federal da Bahia, igualmente vítima da prepotência então cometida.

Sequela necessária da apreensão injurídica, logo absolutamente nula desde então, a não-investidura de Orlando Gomes no cargo de Reitor da Universidade Federal da Bahia tampouco lhes prejudicou o direito adquirido, corolário do ato jurídico perfeito da nomeação. Seria inviável cogitar de reconhecimento, enquanto perdurou o regime de exceção. Retornado o país ao *Estado Democrático de Direito*, o reparo das atrabiliaridades do regime de exceção a pessoas e instituições passou a ser assegurada constitucionalmente e legalmente.

Supor caduco ou prescrito o direito extirpado, total ou em parte, por atrabiliaridade do regime de exceção, atenta contra os princípios constitucionais mais mezinhos, sobretudo o da moralidade que preside a administração pública, seara em que se deu a violência cometida contra Orlando Gomes e a Universidade Federal da Bahia. Reparação moral desse teor é imprescritível. Como o é a dos direitos extrapatrimoniais do autor, outrossim.

Ato vulnerado por nulidade de pleno direito é passível de ter nulidade absoluta decretada espontaneamente pela administração pública que incorreu nela, à qual também incumbe reparar-lhe as consequências. Di-lo *Súmula* do Supremo Tribunal Federal

anterior à Constituição Federal de 1988. Exegese constitucional da Corte, sintetiza-lhe a jurisprudência predominante. Sem vincular os demais órgãos do poder judiciário, traça-lhes, não obstante, a diretriz da qual eles não se devem afastar, salvo dissensão jurídica comprovadamente fundamentada.

*A administração pode anular seus próprios atos quando eivados de vícios que os tornam ilegais, **porque deles não se originam direitos**; ou revogá-los, por motivos de conveniência ou oportunidade, respeitados os direitos adquiridos e ressalvada, em todos os casos, a apreciação judicial. (Súmula 473 – sem negrito no original)*

A Súmula 473 define a atrabiliaridade cometida pelo regime de exceção e seu corolário necessário: ato eivado *de vícios que o torna ilegal*, dele **não se originam direitos**, pelo que a **administração pode anulá-lo** de ofício. É constitucional e legal, logo válido e eficaz, a Universidade Federal da Bahia reconhecer que Orlando Gomes foi-lhe reitor e incluir-lhe a efígie na galeria de reitores. Atos que também reparam a violência do regime de exceção de impossibilitam a ela investi-lo no cargo e tê-lo como reitor.

Quem pode o mais, pode o menos. Jurídico, porém mais lógico do que jurídico, o princípio ajusta-se qual luva ao cargo. Se era dado à administração pública federal, da qual a Universidade Federal da Bahia é órgão descentralizado, anular o ato nulo que impossibilitou a Orlando Gomes a investidura no cargo de Reitor da Universidade Federal da Bahia e a ela investi-lo no cargo e tê-lo como reitor, muito mais fundamentadamente, ainda, ela pode reconhecê-lo reitor e inserir-lhe a efígie na galeria de reitores.

A morte de Orlando Gomes cingiu a reparação a estes atos. Bastantes, contudo, para as partes envolvidas, que jamais cogitaram de reparação patrimonial. Reparação moral, está a cavaleiro de prescrição nem caducidade. Como os direitos não-patrimoniais do auto, apesar dos patrimoniais serem passíveis de cessão que lhes transfere a titularidade para o cessionário e os torna suscetíveis de prescrição e caducidade.

ROBERTO SANTOS (1967-1971)

*Lídia Maria Batista Brandão Toutain¹
Wladimir Mendes de Freitas² (colaboração)*

Roberto Figueira Santos nasceu em Salvador, Bahia, em 15 de setembro de 1926, onde passou sua infância, filho de Edgard Rego Santos e Carmen Figueira Santos. Médico formado, em 1949, pela Faculdade de Medicina da Universidade da Bahia, especializou-se nos EUA (1951-53), como bolsista do American College of Physicians e da Kellogg Foundation, com participação na atividade clínica e em trabalho de pesquisa dos hospitais das universidades de Cornell, Michigan e Harvard.

Em 1953, depois de defesa de tese, em Salvador, recebe o título de professor de Ciências Médico-Cirúrgicas pela UFBA. No ano seguinte é aprovado no concurso de provas e títulos para livre-docente de Clínica Pro-pedêutica, na mesma Universidade. Depois de dois anos de atividade, em 1956 é nomeado professor catedrático de Clínica Médica e volta aos EUA em 1961-62, para o Hospital de Massachusetts, para desenvolver pesquisa sobre hormônio diurético na circulação sanguínea.

Casou-se com Maria Amélia Menezes Santos, em 1963, sendo pai de seis filhos.

Em 1964 foi nomeado, pelo presidente da República, membro do Conselho Federal de Educação, reconduzido em 1968. Secretário da Saúde do

1 Doutora em Filosofia pela Universidade de Léon, Espanha. Assessora da Reitoria da UFBA. Professora Associada I – ICI/UFBA, Coordenadora da Comissão Permanente de Arquivos da UFBA.

2 Aluno do curso de graduação em Comunicação da UFBA, colaborador na realização das entrevistas (2007).

governo Luiz Viana Filho, deixa o cargo em julho de 1967, para ser reitor da Universidade Federal da Bahia.

A escolha de Roberto Santos como reitor, em 1967, foi bastante atípica. Seu nome era o segundo da lista tríplice; o primeiro, o de Orlando Gomes, professor da Faculdade de Direito e notável civilista. O presidente da República escolheu, porém, Roberto Santos, que declinou da indicação, pois considerava que o novo reitor deveria ser Gomes, cujo nome, de acordo com a eleição havida na UFBA, era o primeiro. Aconselhado por professores da Universidade para evitar conflito com o governo da ditadura, imposta ao país pelo golpe militar de 1964, em que a Bahia poderia ser prejudicada, Santos aceitou a indicação. Tomou posse em 4 de julho de 1967. Com um mandato de quatro anos, seu vice foi Lafayette de Azevedo Pondé, professor catedrático de Direito Administrativo da Faculdade de Direito.

Em sua gestão deu prosseguimento ao *Estudo preliminar de reestruturação da Universidade*. Em 8 de fevereiro de 1968, o Decreto Federal nº 62.241 instituiu a nova estrutura da Universidade Federal da Bahia, que, em junho de 1969, teve aprovados seu Estatuto e Regimento Geral.

A UFBA passa a ser então constituída de 24 unidades de ensino, nove delas formando as unidades básicas nas áreas de Filosofia, Ciências, Letras e Artes; 15 dedicadas ao ensino profissional e pesquisa aplicada. Pelo mesmo decreto de reestruturação, com um acervo de 49.744 livros, foi criada a Biblioteca Central da UFBA, que passa a ser sede da Biblioteca Regional de Medicina (Bireme) e subordinada ao Centro Nacional de Bibliotecas Médicas do Brasil, filiada à National Library of Medicine, dos Estados Unidos.

IDEIAS BÁSICAS

De acordo com o *Relatório das atividades* da UFBA (1968, p. 17), são as seguintes as ideias básicas que redefinem a Universidade a partir do segundo ano da gestão de Santos:

1 - *Integração* da Universidade em três sentidos: integração sistemática do ensino e da pesquisa, integração com o meio e integração com o pensamento científico que dirige a revolução tecnológica e cultural de nosso tempo. 2 - *Reformulação* da cultura didática mediante a organização de mecanismos de ingresso que possam não só utilizar racionalmente as vagas oferecidas, mas também

possibilitar ao estudante uma opção menos precoce. 3 - *Articulação* orgânica entre os vários níveis e planos de estudos: do ciclo básico ao de formação profissional e à pós-graduação. 4 - *Flexibilidade* dos currículos mediante a utilização do sistema de créditos. 5 - *Diversificação* de currículos de modo a possibilitar a formação em novas especialidades surgidas como imperativas da industrialização e do desenvolvimento. 6 - *Incentivo* à pesquisa e às vocações científicas que não se enquadram nas carreiras exclusivamente profissionais.

Santos instituiu os cursos de pós-graduação em nível de mestrado. As obras que construiu têm, no total, 45.000 m².

Sua administração destacou-se pela implantação das reformas aprovadas.

Em 1969, Roberto Santos é empossado no Conselho de Educação Superior das Repúblicas Americanas, órgão vinculado ao Instituto Internacional de Educação, sediado em Nova York. Em 1971, foi condecorado com a Ordem do Mérito Educacional do Estado da Bahia e a Ordem Nacional do Mérito Educativo, no grau de Grande Oficial.

ENTREVISTA

Fale-nos um pouco sobre sua vida.

Eu nasci aqui na Bahia, de família baiana. Preparei-me para a vida universitária, que exerci em regime de tempo integral. Fiz os meus estudos pré-universitários aqui, na própria cidade do Salvador. E em seguida eu entrei para a Faculdade de Medicina, onde me formei em 1949. Depois de formado, naquela época não havia ainda programas de especialização e de pós-graduação organizados, como existem hoje, passei alguns meses aqui na Bahia e daí fui para os Estados Unidos, onde me demorei quase três anos trabalhando em hospitais de grandes universidades norte-americanas. Depois voltei para cá e me preparei para a vida universitária que eu exerci em regime de tempo integral, de dedicação exclusiva.

O Hospital das Clínicas estava inaugurado havia pouco tempo com excelentes condições de trabalho, e me foi possível, então, tanto exercer a prática da clínica médica, que é minha especialidade, como fazer pesquisas dentro do próprio hospital. E, aos poucos, ir juntando uma equipe que também realizou pesquisas.

Em 1956, eu fiz concurso para a Cátedra de Clínica Médica, fui nomeado por indicação da comissão e continuei a atividade clínica e as pesquisas, dando grande ênfase à organização do ensino da Medicina, que, na época estava ainda correspondendo às tradições anteriores a Segunda Guerra. Portanto, com uma influência que foi muito da tradição francesa. Depois da guerra, essa tradição francesa foi se reduzindo e passou a se tornar mais intensa a norte-americana e inglesa. Houve, então, um conjunto de esforços visando à reorganização do ensino da Medicina tanto aqui na Bahia como no Brasil todo.

De fato, a Medicina, cujo ensino tem uma organização bastante complexa porque envolve laboratório de ciências básicas, envolve ambulatórios e enfermarias para o ensino das clínicas, um currículo moderno, em que a medicina preventiva deve passar a ter uma influência maior do que tinha anteriormente. Enfim, houve uma série de esforços de reorganização em âmbito nacional, em cada qual das faculdades de Medicina havia um grupo interessado nessas modificações, e aqui em Salvador, em 1961, nós organizamos uma conferência patrocinada pela UFBA e pela Fundação Kellogs, com o comparecimento de todas as faculdades de Medicina do país, e precedida por um questionário em que foram descritas as condições de ensino da Medicina em cada qual das faculdades brasileiras. Essa conferência teve uma repercussão muito grande. Condiçãoou uma série de alterações que foram fundamentais para a transformação do ensino da Medicina no Brasil todo. Em 1963, foi instituída a Associação Brasileira das Escolas de Medicina, na época presidida por um professor da UFMG, Oscar Vivenciani. Eu participei intensamente dos trabalhos iniciais da ABEM. E fui eleito presidente dessa associação em 1966 para o exercício de 1968 a 1970.

Até 1967, eu fiquei totalmente dedicado ao regime de dedicação exclusiva, ao ensino da Medicina e à pesquisa médica. Escrevendo artigos que foram publicados em revistas nacionais e estrangeiras, de circulação internacional. Em 1967, fui eleito reitor da UFBA, e havia sido aprovada pouco antes uma lei que reestruturou as universidades federais. Essa legislação se destinava a dar maior ênfase, do que havia tido no passado, ao ensino e à pesquisa nos setores básicos do conhecimento, envolvendo Matemática, Física, Química, portanto, as Ciências Básicas, mais Letras e as Ciências Humanas. Essa reestruturação foi um reflexo do que aconteceu na Universidade de Brasília, em 1960/61, quando se organizou uma universidade completamente diferente das outras que haviam sido implantadas no Brasil.

Até aquela época, todas as universidades criadas no Brasil haviam resultado da aglutinação de faculdades que já existiam. Em 1960, quando Brasília estava em construção, os professores Anísio Teixeira e Darcy Ribeiro idealizaram uma universidade nova, cuja principal característica era a de começar por um conjunto de unidades destinadas aos setores básicos do conhecimento e mais uma Faculdade de Educação. Esse modelo de universidade durou pouco por motivos de ordem política, mas a ideia persistiu e foi aproveitada pelo Conselho Federal de Educação, em 1966, quando se preparou o documento básico da legislação que veio a reestruturar as universidades brasileiras. Esse decreto-lei da época foi emitido em 66, seguido de um outro de 67, pouco antes, portanto, de eu assumir a Reitoria.

Entre 67 e 71, que foi a duração do meu Reitorado, o principal trabalho foi o de reorganizar as unidades da Universidade, no sentido de reforçar dentro de unidades novas os institutos destinados a lecionar e a pesquisar as Ciências Básicas e mais as Letras e as Ciências Humanas. Esse, então, foi o esforço principal de meu trabalho como reitor. Essa época coincidiu como uma fase de movimentação estudantil muito intensa. De modo que também em função dessa movimentação estudantil houve uma atividade muita intensa. Eu sei que foi um período de muita animação, muito trabalho, muitas reuniões de professores e estudantes. Houve algumas reuniões de estudantes com um sentido de protesto, outras pela troca de ideias de como faríamos na Bahia a aplicação dos decretos-leis que haviam levado à reestruturação da Universidade.

Essa legislação referente à reforma da Universidade foi depois complementada por outros dispositivos de menor importância e, por isso, se fala numa reforma universitária de 1969, que teria influência de fora do Brasil e do meio universitário, mas isso foi uma coisa absolutamente sem importância. O importante mesmo é que a estruturação da universidade foi de decretos-leis que ocorreram em 1966/67, e que foram elaborados pelo Conselho Federal de Educação, por educadores brasileiros que naturalmente aproveitaram a experiência de outros países, mas que apontavam para uma adaptação à tradição brasileira que já era bastante cristalizada e consagrada. Foi nessa época que, além de reorganizar os currículos de modo a poder dar essa ênfase aos setores básicos do conhecimento, foram construídos os Institutos de Matemática, Física, Química, começado o Instituto de Biologia, o de Geociências. Portanto, foram quatro ou cinco unidades novas construídas para abrigar as Ciências Básicas.

E, ao mesmo tempo, mediante um convênio com a Unesco, foram indicados professores de fora daqui destinados a Matemática, Física, Química, Geociências, enfim, a principal consequência dessa estruturação foi a intensificação da pesquisa e pós-graduação nas universidades brasileiras, inclusive aqui na Bahia.

Nessa época também teve início a instituição do regime de pós-graduação e dedicação exclusiva que, até então, não existia nas universidades federais. Quando se compara o que havia de produção de pesquisa antes da estruturação e depois dela, são números absolutamente incontestáveis de como essa nova estrutura favoreceu a atividade de pesquisa e permitiu a implantação de toda uma rede de pós-graduação, cursos de mestrado e doutorado.

Como vê a interação da Universidade com o setor econômico na Bahia?

A Universidade tem oferecido os recursos humanos para a maior parte das atividades, sobretudo nessa fase de industrialização e prestação de serviços mais especializados, inclusive na área da saúde, que é uma das áreas mais fortes da produção baiana. As faculdades de Medicina, de Odontologia, Farmácia, Nutrição, Enfermagem são unidades que ganham destaque em prestar grandes serviços. A Escola Politécnica também, a Faculdade de Educação, de Administração, Geociências, enfim, as atividades de grande atividade, tanto de ensino quanto de pesquisa, têm sido fundamentais para a formação da sociedade baiana, que é multiétnica, multicultural, que é progressista.

Quais as principais dificuldades encontradas em sua gestão?

A reestruturação da Universidade, que foi o programa principal de minha gestão, exigiu uma mudança de hábitos, e por isso encontrou dificuldades de vários tipos. Havia alguns professores que eram muito adeptos daquela tradição de formação de profissionais como atividade principal da Universidade. Havia professores que não tinham ainda o hábito de pesquisar e que pelas próprias pressões sociais foram sendo conduzidos a isso e formaram os atuais pesquisadores e professores.

Eu queria fazer um parêntese para inserir o que deveria estar mais no começo. Quando a Universidade se formou dentro do modelo de aglutinação de escolas que já existiam, as escolas foram aglutinadas graças aos esforços do professor Edgard Santos, que foi o primeiro reitor, reeleito sucessivamente

por cinco mandatos, que na época eram de três anos. Criou numerosos cursos novos, os de Biblioteconomia, de Enfermagem, Administração, Geologia, Nutrição e alguns outros, e na área das Artes.

Como a ditadura influenciou a sua gestão?

Essas manifestações de protesto, e por sua vez a reação das forças que ocupavam o governo da época existiram aqui na Bahia, porém não foram tão traumáticas quanto em outras regiões do país. Aqui, nós mantivemos sempre um diálogo com os estudantes, a ponto de virarem amigos pessoais nossos. Embora eles tivessem sofrido da parte do governo militar, sendo que alguns foram presos. Alguns nós conseguimos soltar, outros não. Muitos deles tiveram dificuldades na continuidade dos seus estudos. Houve sem dúvida repressão aqui na Bahia, porém não tão forte como em outros Estados.

Paralelamente à atividade de reitor o senhor exerceu alguma atividade de ensino, pesquisa e extensão?

Não, porque não dispunha de tempo. Minha atuação na área médica foi quando eu estava em dedicação exclusiva no Hospital das Clínicas. Esses trabalhos concentraram-se na função renal e metabolismo hidromineral. Alguns deles foram publicados em revistas de curso internacional. Contribuíram para a formação de jovens médicos que alcançaram grande sucesso na vida profissional. Portanto, a minha atuação fora da vida universitária foi muito concentrada na área da saúde.

Ter sido reitor da UFBA foi para o senhor uma realização profissional?

Sim. Foi uma realização tipicamente profissional. E a formação de médico teve importância, pois para cada qual de nós que tem a possibilidade de realizar um curso superior, essa formação marca muito a vida da gente em todos os sentidos. De modo que a minha formação de médico influenciou muito o conjunto de atividades, não só na reorganização da Universidade, como na atividade política, como governador da Bahia.

O que desejou realizar como reitor e não pôde?

Todos nós desejamos sempre mais. Sempre imaginamos que o esforço que foi dedicado ao serviço público, nós possamos realizar ainda mais, por

de limitações conhecidas. As limitações orçamentárias, nós podemos dispor de recursos do Estado geridos com muito critério e credibilidade, como também recursos vindos do governo federal. Mas as limitações de ordem financeira sempre existem, de modo que se tivéssemos tido mais ainda poderíamos ter realizado mais.

O que são, para o senhor, esses 60 anos da UFBA?

Eu creio que nesses 60 anos, além do reconhecimento da sociedade baiana em relação ao que UFBA realizou até agora, além dessa transformação que ocorreu de uma entidade destinada quase que exclusivamente à formação de profissionais, a UFBA estendeu as suas atividades, com muito bom resultado, na área da pesquisa e de pós-graduação. E agora esse período do atual Reitorado de estender a ação da UFBA para o interior do Estado. É uma ação que está no começo, mas que é muito promissora, e que terá um grande significado para o desenvolvimento da Bahia.

PÓS-REITORADO

Em 1972, foi eleito presidente do Conselho Federal de Educação, encerrando o mandato em 1974, quando reeleito. Porém, renuncia ao cargo para concorrer ao governo da Bahia.

Governou a Bahia no período 1975/1979. Como governador, criou o Museu de Tecnologia, em Pituçu, em Salvador, e os Centros Sociais Urbanos em todo o Estado. Foi ainda implantado, em sua gestão, o Complexo Petroquímico de Camaçari.

Em 1985-86, foi presidente do CNPq (Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico). Em 1986-87, ministro da Saúde. No período 1995-1998, exerceu o mandato de deputado federal pelo PSDB.

Em 2006, a convite da Reitoria, trabalhou na coordenação dos eventos comemorativos dos 60 anos da UFBA.



O texto a seguir, incluído a pedido do professor Roberto Santos, foi extraído do capítulo 2 de seu livro *Na Bahia das últimas décadas do século XX: um depoimento crítico*, publicado pela EDUFBA, em 2008.

A REITORIA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA – 1967-1971

A LISTA TRÍPLICE E A NOMEAÇÃO PARA A REITORIA

Enquanto eu me iniciava no exercício do cargo de secretário Estadual da Saúde, desencadeou-se, na Universidade, o processo de sucessão do reitor Miguel Calmon, que terminaria seu mandato a 3 de julho do mesmo ano de 1967. Havia uma candidatura natural, a do professor Orlando Gomes, pela qual nos empenhávamos com total afincamento. Além de ser figura de projeção nacional nos meios jurídicos, Orlando tinha ocupado a Diretoria da Faculdade de Direito por vários mandatos e havia sido o vice-reitor durante a maior parte do Reitorado de meu pai. Era ele uma das figuras mais influentes e mais brilhantes do Conselho Universitário, órgão ao qual cabia a organização da lista tríplice para a nomeação do reitor, pelo presidente da República. À excepcional inteligência e ao respeitável saber jurídico, aliava Orlando grande conhecimento dos assuntos relativos ao ensino superior, e participara da história da UFBA desde os primeiros momentos. Embora a sua candidatura, aparentemente, merecesse apoio unânime, logo surgiram outros candidatos, firmados em rumores de que o governo federal faria objeção a seu nome, devido a posições supostamente radicais no campo das ideologias por ele defendidas nos tempos de juventude.

Por uma questão de estratégia da política universitária, os outros candidatos evitaram o confronto com Orlando no primeiro dos três escrutínios que serviam para a composição da lista tríplice a ser enviada à Presidência da República. Começou, então, a campanha desses candidatos para as votações no segundo e no terceiro escrutínios. O reitor Miguel Calmon, em final de mandato, o seu vice-reitor, professor Adriano Pondé, e o candidato ao primeiro escrutínio, professor Orlando Gomes passaram a insistir comigo para que disputasse o segundo escrutínio, a fim de evitar a escolha de algum colega capaz de pleitear **ativamente** a nomeação junto ao governo federal. Resisti a esse apelo, uma vez que eu vinha totalmente ocupado com a Secretaria da Saúde, para a qual me havia preparado com tanto entusiasmo. Estávamos muito próximos à eleição e não havia qualquer trabalho em favor de meu nome junto aos eleitores que, na época, eram, apenas, os membros do Conselho Universitário. Enquanto isso, um dos candidatos ao segundo

escrutínio vinha habilidosamente preparando a sua candidatura, havia mais de um ano, valendo-se de posição estratégica dentro do próprio Conselho Universitário.

Foram em vão os meus argumentos, buscando evitar a indicação do meu nome. Tive de admitir a candidatura, e trabalhá-la numa campanha de poucos dias, em ambiente de muita tensão, agravada por fato imprevisível, que gerou total consternação no ambiente da Universidade: poucas semanas antes da eleição, o reitor Calmon, em quem todos confiávamos na condução do processo sucessório, adoeceu gravemente e faleceu ao fim de poucos dias. Assumi a Reitoria, interinamente, o vice-reitor Adriano Pondé e nos encaminhamos para a eleição. Confirmando as expectativas, Orlando foi escolhido no primeiro escrutínio, pela unanimidade dos votos. A grande interrogação incidia sobre o segundo escrutínio. Feita a apuração, contaram-se dezessete votos para mim, e sete para o outro candidato, que, até aquele momento, considerara-se já eleito. Entrei, assim, para a lista tríplice, e não mais cogitei do assunto, pois estávamos certos da nomeação de Orlando. Voltei às minhas responsabilidades do momento, que incluíam a Secretaria da Saúde, e, durante uma semana em cada mês, a participação nas reuniões do Conselho Federal de Educação.

Passados alguns dias, estava eu em reunião plenária do Conselho, no prédio do Ministério da Educação no Rio de Janeiro, quando recebi um chamado do ministro Tarso Dutra para ir com toda a urgência a seu gabinete. Ao chegar lá, encontrei, além do ministro, o nosso vice-reitor em exercício, professor Adriano Pondé. O ministro, político de larga experiência, gaúcho, conterrâneo do então presidente Costa e Silva, e homem da confiança deste, passou a explicar que o professor Pondé ali estava para entregar a lista tríplice em que se basearia a escolha do futuro reitor. Dizia, em seguida, que o governo federal não desejava nomear o primeiro da lista e que caberia, então, a minha nomeação, uma vez que o meu nome havia sido eleito no segundo escrutínio. Acrescentava, ainda, que esta era também a sua preferência, por ver na minha nomeação uma homenagem a meu pai, fundador da Universidade. O ministro Tarso Dutra, enquanto deputado e senador pelo Rio Grande do Sul, havia pertencido, durante muito tempo, à então poderosa Comissão de Orçamento do Congresso Nacional. Muitas vezes, meu pai o procurara a fim de pleitear melhores verbas para a Universidade Federal da Bahia. Assim, se havia gerado grande admiração do então senador pelo trabalho do reitor baiano. Ao ouvir o comentário do ministro Tarso acerca

da dificuldade em nomear o professor Orlando Gomes, respondi-lhe que a família Edgard Santos, por mim representada, sentir-se-ia verdadeiramente homenageada com a escolha daquele que havia sido o vice-reitor durante a maior parte do Reitorado de meu pai, e que sempre atuara com a maior competência e lealdade. Esclareci, ainda mais, que eu havia entrado na lista tríplice, justamente, no intuito de evitar a inclusão de algum candidato que trabalhasse pela preterição do nome do professor Orlando. A isso respondeu o ministro que eu o estava colocando em posição muito difícil, pois, caso eu recusasse a nomeação, ele estaria obrigado a devolver a lista à Universidade, pedindo novas indicações. Seria esta uma decisão absolutamente inédita até aquele momento, e que se tornava mais grave ainda diante da complexidade das relações entre o mundo universitário e o governo militar. Adriano Pondé, presente a esse diálogo, e eu, pedimos tempo para conversar com o próprio Orlando e outros companheiros do Conselho Universitário. Assim foi feito. Logo voltamos à Bahia, Adriano e eu. As ligações telefônicas eram, então, muito precárias. Assim que chegamos a Salvador, conversamos com Orlando, que adotou de forma veemente a posição de que eu deveria aceitar a nomeação. E que ele se comprometia a apoiar totalmente a minha gestão, e a colaborar com ela sem restrições. Idêntica atitude foi a do governador Luiz Viana, a quem eu devia satisfação por me ter confiado uma Secretaria de Estado, cargo que eu assumira menos de três meses antes.

Nada mais havia a fazer, a não ser aceitar a ideia de que eu deveria mudar o rumo de vida que adotara pouco antes. Não só ficaram frustrados os planos imaginados para a Saúde no Estado, como teria de passar a desenvolver ideias e formular projetos para o exercício da Reitoria. Vários fatores contribuía para que eu não tivesse maior dificuldade em enfrentar a nova situação. Pelo convívio de todos os dias com meu pai, conhecia eu os trâmites da criação da Universidade e dos primeiros anos de sua história. Tinha acompanhado as dificuldades sobrevindas logo após o seu último mandato e havia participado da gestão Miguel Calmon, enquanto exercia a chefia do Departamento Cultural da Reitoria. De outra parte, na minha atividade junto ao Conselho Federal de Educação aprendera muito acerca do atual quadro do ensino superior no Brasil. Mais que tudo isso, vinha participando ativamente do esforço de modernização da estrutura das universidades brasileiras, em resposta às transformações socioeconômicas por que passava o país.

A REESTRUTURAÇÃO NECESSÁRIA – OS SETORES BÁSICOS DO CONHECIMENTO E A PESQUISA CIENTÍFICA E TECNOLÓGICA

Por que se havia tornado necessária e, até mesmo, urgente, a implantação de uma nova estrutura nas universidades brasileiras?

Os objetivos dessa reestruturação eram muito claros: além da formação de profissionais, que vinha sendo cumprida em moldes satisfatórios, impunha-se fomentar nas universidades brasileiras a tarefa de formar pesquisadores e realizar pesquisas técnico-científicas, o que não vinha merecendo a ênfase devida. Explicando melhor: desde o começo do século XIX, quando se instituíram os primeiros cursos médico-cirúrgicos e de bacharelado em Ciências Jurídicas, e durante mais de um século, os estabelecimentos educacionais de nível superior vinham funcionando como escolas isoladas, ou seja, não aglomeradas para constituir universidades.

Os poucos trabalhos de pesquisa, nas instituições de ensino e fora delas, eram realizados por pessoal preparado em outros países, abrangendo algumas áreas da medicina, da agronomia, da mineralogia, da botânica e de outros ramos aplicados ao estudo dos nossos recursos naturais, e que, em muitos casos, tinham perspectivas de aproveitamento econômico. Pela metade do século XX, contudo, o Brasil viveu um surto de intenso desenvolvimento social e econômico. Logo as nossas lideranças se aperceberam da necessidade de estimular as instituições acadêmicas nacionais a realizar pesquisas e a formar pessoal que delas se encarregasse. Era urgente conhecer melhor as nossas matérias-primas, os nossos mercados, e o melhor aproveitamento da mão de obra.

Muito tardiamente, na metade da década de 1930, haviam começado a funcionar as primeiras universidades brasileiras. As que se formaram entre as décadas de 1930 e 1960, resultaram da aglomeração de escolas superiores isoladas, algumas pré-existentes e outras que vieram a ser criadas.

Cada qual das escolas, ao incorporar-se à recém-formada universidade, manteve no seu próprio âmbito todas as disciplinas necessárias à concessão do diploma que assegurava o exercício profissional. Exemplificando: o futuro engenheiro necessitava conhecer a Matemática e a Física indispensáveis à atividade profissional; na própria Escola Politécnica encontrava todas as disciplinas lecionadas para a obtenção do diploma. Enquanto isso, na mesma Universidade, várias outras faculdades, a exemplo das de Economia, Arquitetura, Filosofia, abrigavam também dispositivos para o ensino da Matemática

e da Física. O mesmo se aplicava aos estudos do futuro médico, envolvendo noções de Bioquímica, de Fisiologia e outras disciplinas necessárias à compreensão das práticas inerentes ao exercício profissional; essas eram incluídas no âmbito da Faculdade de Medicina, e duplicadas em outras escolas da área biomédica, na mesma Universidade. A pulverização dos recursos humanos e materiais dedicados a cada qual dessas disciplinas, verdadeira “duplicação de meios para fins idênticos”, dificultava a obtenção de massa crítica nas respectivas áreas de atividade necessária à melhor qualidade dos trabalhos, restringia os trabalhos de pesquisa e dificultava a organização de cursos de pós-graduação. As universidades assim criadas se beneficiaram, pois, da integração administrativa das escolas que as constituíram, porém não ensejaram suficiente integração acadêmica entre elas. A Universidade de Brasília, criada em 1960, sob a inspiração de Anísio Teixeira e Darcy Ribeiro, foi a primeira a inovar, organizando, desde o seu começo, os departamentos encarregados dos setores básicos do conhecimento humano.

A reestruturação das universidades brasileiras, tal como desencadeada nos anos 1960, baseou-se no modelo adotado pela Universidade de Brasília (UNB), quando de sua criação. Esse modelo, contudo, foi deturpado, profundamente, ao fim de poucos anos, por problemas alheios à vida universitária. Essa incipiente experiência foi aproveitada, mais tarde, pelo Conselho Federal de Educação, ao propor alterações estruturais que se impunham nas universidades brasileiras, e apontar as novas bases dessa organização, consubstanciadas nos termos dos Decretos-Leis de números 53 (de 1966) e 252 (de 1967).

No âmbito do Conselho e, mais precisamente, da sua Câmara de Ensino Superior, o assunto foi particularmente examinado pelos conselheiros Anísio Teixeira, Newton Sucupira, Walnir Chagas, Ester Figueiredo Ferraz, Deolindo Couto, Raymundo Muniz de Aragão, entre outros. Juntei-me a eles, desde que passei a participar daquele órgão, trazendo a contribuição da vivência da administração universitária. Decorrido muito pouco tempo, na condição de reitor, coube-me a tarefa de presidir a implantação desses novos princípios na Universidade Federal da Bahia.

“NÃO-DUPLICAÇÃO DE MEIOS PARA FINS IDÊNTICOS”

Assim nasceu um dos dois princípios da nova estrutura universitária: “É proibida a duplicação de meios para fins idênticos”. Exemplificando: por

força de lei, já não poderiam existir, na mesma instituição universitária, várias cátedras de Matemática em diferentes faculdades como fossem as de Engenharia, de Arquitetura, além de outras mais para os cursos de Economia, de Filosofia e assim por diante. Passou a existir, em cada universidade, uma unidade apenas dedicada à Matemática, com vários departamentos.

Esta reunia os recursos humanos, materiais e financeiros voltados para a disciplina em apreço, e que antes eram pulverizados entre as várias faculdades da mesma universidade. Graças a essa concentração dos meios, foi possível criar programas mais avançados, para o adequado cumprimento das diferentes tarefas institucionais, incluindo as do ensino de graduação e de pós-graduação, de pesquisa e de extensão. Subsequente disseminação do regime de tempo integral e dedicação exclusiva para o magistério superior das instituições federais, indispensável ao fomento da pesquisa científica, permitiu a verificação de que o recrutamento de pessoal sob esse regime era muito mais exequível entre os dedicados às disciplinas básicas do que entre os encarregados das matérias profissionalizantes.

Na Bahia, aliás, o processo de valorização das ciências básicas havia começado a tornar-se realidade no final da gestão Edgard Santos, quando este, reconhecendo o mérito da orientação impressa por Anísio Teixeira e Darcy Ribeiro à recém-instituída Universidade de Brasília, criou os Institutos de Matemática e Física, e de Química, atribuindo-lhes, contudo, objetivos bem menos abrangentes do que vieram a ter depois, por força de lei. As mesmas ideias tomaram novo impulso na gestão Miguel Calmon, graças à elaboração de importantes documentos sobre as alterações que deveriam, em futuro próximo, atingir a estrutura da Universidade Federal da Bahia.

“INDISSOCIABILIDADE DO ENSINO E DA PESQUISA”

O outro princípio da legislação de 1966/67, mais polêmico que o primeiro, resultou, igualmente, de circunstâncias históricas, e se resumia na expressão “indissociabilidade do ensino e da pesquisa”. Não se deve desconhecer que as poucas pesquisas realizadas, no passado, no âmbito das faculdades tradicionais, tinham origem em iniciativas individuais, a exemplo da elaboração de teses. Contudo, no momento histórico em que a nova estrutura se implantou, foi oportuno ressaltar a importância da componente **pesquisa** em associação ao **ensino**, uma vez que ambas constituem parcelas indivisíveis do conceito de Universidade.

VERDADEIRA HISTÓRIA DA ORIGEM DA REESTRUTURAÇÃO

As bases da reestruturação das Universidades brasileiras foram totalmente construídas no Conselho Federal de Educação, aproveitando a incipiente experiência da Universidade de Brasília. Carecem, pois, de qualquer fundamento os rumores que chegaram a ser muito difundidos, de que essas normas tivessem sido influenciadas por uma Comissão MEC/USAID, integrada por dirigentes de universidades americanas, que aqui chegaram **depois** que já se tinham transformado em lei as propostas do Conselho Federal de Educação, e não contribuíram em nada para a modernização da estrutura de nossas universidades. Se é verdade que o alicerce legislativo da reestruturação surgiu durante o regime militar, é igualmente verdade que a sua inspiração é totalmente acadêmica e brasileira, condicionada por fatores históricos essencialmente nossos, e gerada por professores da mais alta categoria intelectual e ética, à frente dos quais se encontravam nomes já citados. Subsequentemente aos citados Decretos-Leis 53, de 1966, e 252, de 1967, nos anos de 1968 e 69, foram editados outros atos legislativos referentes ao funcionamento das universidades, que em pouco ou nada influenciaram a estrutura desses órgãos.

Aliás, boa parte do que se aponta na modernização de nossas universidades como sendo “cópia dos americanos”, se assemelha aos modelos que os próprios americanos adotaram – e sempre o declararam em alto e bom som – em virtude de adaptação de princípios vigentes nas Universidades alemãs desde o século XIX.

A UFBA E A NOVA ESTRUTURA DAS UNIVERSIDADES BRASILEIRAS

É fácil resumir o propósito de todo o esforço que empreendi durante o meu mandato de reitor, graças à total dedicação e à grande capacidade de trabalho da excelente equipe que pude reunir: foi nossa prioridade máxima modernizar e ampliar os dispositivos dedicados aos **setores básicos do conhecimento, com as vistas voltadas para a maior capacidade de formar pesquisadores e realizar pesquisas técnico científicas.**

Já em discurso datado de 3 de julho de 1967, ao ser imitado no cargo de reitor, assim me pronunciei: “Processo assim tão complexo, como o da reestruturação que agora se pretende, comporta interpretações de vária

ordem. Entendemos nós que o seu verdadeiro móvel tem sido a procura de maior soma de conhecimentos científicos para consumo de uma sociedade que entrou em fase acelerada de desenvolvimento e à qual já não poderia satisfazer o ensino superior ministrado em Escolas Profissionais que se mantiveram didaticamente autossuficientes, mesmo quando administrativamente reunidas em universidades. Conforme procuraremos demonstrar, a nova estrutura terá como vantagem maior ensejar o desenvolvimento das ciências básicas em ritmo que a nossa tradicional organização do ensino superior jamais permitiu”.

Alguns anos mais tarde (1972), em conferência que proferi na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, dizia eu: “Se há, no espírito dos que me ouvem, alguma dúvida sobre o rápido desenvolvimento dos departamentos que se ocupam dos setores fundamentais do saber humano, conseqüente à reforma das nossas universidades, eu sugiro que visitem os ‘campi’ situados desde o Norte até o Sul, desde o Leste até o Oeste do Brasil. Não há como negar que estamos vivendo ‘a vez e a hora’ das ciências básicas. É o que se verifica no que é mais visível [...] dos trabalhos das nossas instituições, que é a notória ampliação do espaço físico e do equipamento à disposição desses setores. Analisemos os currículos, amplamente revistos na generalidade das universidades, por ocasião da reforma. Apreciemos as recentes admissões para o corpo docente. Observemos os programas que justificaram a adoção do regime de dedicação exclusiva para o pessoal do magistério. Comparemos os trabalhos de pesquisa científica hoje com os que existiam há poucos anos. Apreciemos as áreas de concentração dos numerosos cursos de pós-graduação que se vêm instalando. É, de fato, admirável observar a rapidez com que se afirmaram as novas unidades universitárias, destinadas ao ensino e à pesquisa básicos. Há menos de um lustro, rebelavam-se, pelo Brasil afora, numerosos professores que, por força da nova legislação, deixaram de integrar o corpo docente das antigas escolas profissionais, pois a disciplina que lecionavam se incluía em departamentos integrantes de uma das unidades básicas, vedada a praxe da duplicação de meios para fins idênticos. Ora, todo o prestígio, aos olhos da comunidade, toda a força, na estrutura de poder da Universidade, recaía sobre os setores profissionalizantes, enquanto as novas unidades, de futuro incerto, se destinavam a tarefas que a sociedade não se habituara a identificar como de maior relevo dentre as que estão afetas às instituições de ensino superior”.

O tempo passou e poucos são os que lembram a eclosão dos setores de ensino e pesquisa nas áreas básicas, então ocorrida nas universidades brasileiras, inclusive na nossa. Alguns professores, entretanto, ainda se ressentem de feridas abertas pela nova estrutura. Contam-se entre eles uns poucos colegas da maior respeitabilidade, muito apegados às tradições, e que tiveram de mudar o seu ambiente de trabalho. Admira, apenas, que, transcorridos mais de quarenta anos desde que se desencadeou a reforma em apreço, nada de melhor haja sido proposto, em termos de estrutura universitária. Em verdade, nos ambientes mais progressistas e de economia mais dinâmica, o reforço dos departamentos de ciências básicas gerou vigoroso impulso em relação às pesquisas no âmbito das universidades, com evidente reflexo no relacionamento entre elas e as comunidades a que servem.

Logo após assumir a Reitoria, um de meus primeiros gestos foi a organização de um programa de visitas a cada qual das unidades da Universidade. Pedi, então, aos diretores das escolas e institutos que reunissem todos os professores das respectivas unidades, para conversas diretas sobre as aspirações e os planos de seus Departamentos. Foram extremamente ricas as informações assim colhidas. Enquanto cumpria esse programa de visitas às unidades, preparei uma série de encontros com lideranças de instituições públicas e privadas que eram as maiores fontes de empregos para os egressos da Universidade. Em outras palavras, procurava eu aferir em que medida a formação oferecida pela instituição satisfazia os usuários dos serviços dos nossos diplomados.

Além das autoridades não pertencentes aos quadros da Universidade, convidamos os diretores e algumas lideranças do corpo docente das escolas mais diretamente envolvidas com os assuntos que seriam tratados. Foi essa iniciativa, igualmente, muito bem-sucedida. Entre os convidados para esses seminários, estavam vários secretários do governo Luiz Viana Filho. Impressionou-me profundamente a exposição feita pelo Dr. Oliveira Brito, então secretário Estadual de Minas e Energia. Dos representantes da iniciativa privada, deixou também profunda impressão o debate com o empresário Norberto Odebrecht.

A reestruturação da Universidade Federal da Bahia exigiu enorme soma de esforços de toda a equipe. Foi esse processo facilitado pelo levantamento minucioso da utilização dos espaços físicos à disposição dos vários segmentos da instituição, feito pelo Departamento Cultural da Reitoria sob minha chefia, durante a gestão Miguel Calmon, e registrado em nosso primeiro

Catálogo, datado de 1966. Confirmou-se, graças a esse levantamento, o grande subaproveitamento dos espaços, em consequência da duplicação de meios para fins idênticos. O mesmo se verificou quanto às horas de trabalho efetivamente cumpridas pelo corpo docente.

Enquanto alguns trabalhavam excessivamente, outros pouco contribuíam para as atividades da instituição.

Paralelamente à implantação das normas recém-criadas, cuidou a Universidade de elaborar e pôr em prática os projetos de financiamento que começaram a ser elaborados no Reitorado de Miguel Calmon e foram por mim finalizados, um deles submetido ao Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID), e outro patrocinado pela Unesco e pelo Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (UNDP ou PNUD).

O primeiro desses projetos destinou-se à melhoria da infraestrutura física dos novos institutos. O outro serviu para a identificação e a remuneração de professores de alto nível, convidados para participarem também dos programas de aperfeiçoamento e modernização do ensino e da pesquisa nas ciências básicas. Os recursos do BID foram aplicados na construção de edifícios e na aquisição de equipamentos para os laboratórios de Matemática, de Física, de Química e de Geociências. Como os recursos do BID não seriam suficientes para o Instituto de Biologia, providenciamos o início de sua construção com verbas do orçamento da União. Os novos prédios foram implantados em terrenos que se estendiam do bairro da Federação até Ondina. Os projetos arquitetônicos e os termos de referência para a licitação das obras de construção civil, bastante complexos devido ao seu caráter internacional, conforme exigência do BID, ficaram a cargo do Escritório Técnico de Arquitetura da Universidade, onde trabalhavam os arquitetos Carlos Campos, Analdino Lisboa, Luiz Carlos Botas Dourado e outros. Nos novos edifícios foram instalados equipamentos muito mais modernos e abundantes que os existentes nas antigas instalações. Também esses equipamentos foram adquiridos com recursos do Banco Interamericano de Desenvolvimento.

A outra vertente do mesmo projeto, destinada à contratação de professores, foi absolutamente essencial à ampliação, em curto período de tempo, das atividades referentes às ciências básicas. Não havia pessoal local em número suficiente para as novas tarefas dessas unidades. Nas demais universidades brasileiras, havia crescido, simultaneamente, em escala semelhante, a demanda de recursos humanos para os mesmos ramos do conhecimento. Tornava-se,

por isso, impossível o recrutamento de pessoal docente adicional oriundo de outras instituições nacionais. Convidamos, então, professores estrangeiros, remunerados pelo Programa de Desenvolvimento das Nações Unidas (PNUD), após recrutamento e seleção com a ajuda da Unesco. Esta última instituição ofereceu à escolha da Universidade três ou quatro nomes para cada posição, com os respectivos currículos. Foram, assim, selecionados cerca de vinte professores que, durante muitos anos, prestaram relevantes serviços à Universidade e à Bahia. Alguns deles permaneceram entre nós por tempo indeterminado. A eles se juntaram outros professores estrangeiros de várias nacionalidades, financiados por programas bilaterais de fomento cultural.

A construção dos novos prédios resultou em profunda transformação do espaço antes ocupado nas antigas instalações da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras. As novas construções asseguraram a implantação de laboratórios modernos, planejados e equipados para as funções de ensino de graduação, de pós-graduação e de pesquisa. Os equipamentos recém-adquiridos jamais poderiam ter-se acomodado e funcionado a contento no velho edifício. Ao mesmo tempo, liberaram-se espaços das antigas instalações, que passaram a ser ocupados pelo Instituto de Letras e pela recém-constituída Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas (não confundir com a antiga Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras). Após o meu mandato, essas duas unidades foram transferidas para outras instalações, acrescentadas ao patrimônio da Universidade. A população estudantil da antiga Faculdade havia crescido muito além do previsível e se beneficiou notoriamente com o remanejamento do espaço. O velho prédio necessitava urgentemente de grandes reparos, e não tinha, nem de longe, como comportar o corpo discente que, àquela altura, já havia ultrapassado a faixa dos 3.000 alunos.

OS DOCUMENTOS DA REESTRUTURAÇÃO DA UFBA

Os documentos de adaptação da Universidade à nova legislação foram redigidos e aprovados dentro de um grande espírito de colaboração da maioria dos professores e em clima de muita harmonia. Envolvi-me pessoalmente, com o maior entusiasmo, em todo o processo. É este, aliás, um gênero de trabalho dos que mais me agradam. Foram memoráveis as reuniões do Conselho Universitário, todas por mim presididas, nas quais apreciamos, sucessivamente, o novo Estatuto da Universidade, os novos Regimentos das unidades universitárias e o Regimento da Reitoria. Após

exaustivos debates, foram aprovados esses documentos pelo Conselho Universitário em termos que mereceram expressivos elogios do Conselho Federal da Educação, órgão ao qual cabia nova apreciação, em instância superior. A composição do Conselho Universitário incluía, na época, os diretores das faculdades e dos institutos e mais um representante de cada Congregação, além de dois representantes do corpo discente e um da comunidade baiana. Todos prestaram a sua parcela de contribuição.

Vale, entretanto, uma referência especial a dois companheiros que tiveram papel decisivo na elaboração e na apreciação dos documentos pelos órgãos competentes. Orlando Gomes exercia excepcional liderança dentro do Conselho. Pela extraordinária capacidade de argumentação e pelo íntimo conhecimento da Universidade, a sua palavra era por todos ouvida com apreço e unanimemente acatada. Outro professor da Faculdade de Direito, José Joaquim Calmon dos Passos, da mesma forma por todos querido e respeitado, também se destacou na elaboração das novas normas, graças a seu talento e à sua experiência.

Quando chegou a oportunidade da aplicação das novas diretrizes, surgiram algumas esperadas resistências. Houve professores que não aceitaram bem a mudança de seu local de trabalho, embora, em geral, fosse para melhor, em relação ao que havia sido. Outros tiveram de modernizar o programa das aulas que repetiam anualmente, fazia muito tempo. Entre os ex-catedráticos, existiam os que detestaram ter de dividir com professores mais jovens, pelas novas normas do regime departamental, a soma de poderes que a cátedra assegurava. É claro que a maioria reconheceu, de imediato, as perspectivas que se abriam para a implantação da pós-graduação, assim como o salto que deram as atividades de pesquisa. E, por isso, colaboraram com entusiasmo para tornar realidade a nova estrutura.

Aos poucos, novas posições em regime de dedicação exclusiva foram sendo admitidas pelo governo federal. Alguns dos colegas que continuavam em tempo parcial, tinham compromissos externos que dificultavam a organização dos horários das aulas. Na estrutura tradicional, quase todas as aulas do mesmo conjunto de disciplinas exigidas para a obtenção de qualquer diploma eram oferecidas no edifício onde funcionavam, simultaneamente, as disciplinas básicas e as cátedras de disciplinas profissionalizantes. Na nova estrutura, as disciplinas básicas se deslocaram, muitas vezes, para prédios diversos dos destinados à formação profissional. Teria sido muito fácil juntar as aulas semanais de cada disciplina em uma só manhã ou na mesma tarde, a

fim de evitar problemas com o deslocamento dos alunos. Mas isto colidia, em muitos casos, com os compromissos externos de professores em regime de tempo parcial. Surgiram, assim, fontes de atrito e resistências que facilmente poderiam ter sido evitadas ou contornadas pelos próprios professores. Foi essa uma das críticas injustificáveis à realidade da nova estrutura.

Além de estabelecer alterações na estrutura universitária, as inovações da década de 1960 atingiram outros aspectos da organização do ensino. Nenhuma dessas inovações chocou tanto quanto a extinção das cátedras, ainda hoje lamentada por uns poucos. Convém lembrar que as cátedras significavam a **vinculação a uma só pessoa de todas as decisões referentes a determinado campo do saber, com caráter vitalício**, isto é, até que o catedrático morresse ou se aposentasse. O conceito de cátedra, profundamente arraigado, levava, em épocas passadas, a que o titular tivesse a designação oficial de “lente proprietário” daquela área do saber (o que se tornou chocante com o passar do tempo, por mais natural que parecesse no passado). De outra parte, os conceitos de liberdade acadêmica e autonomia universitária, mal interpretados, permitiram que os programas de aulas resultassem de decisões unipessoais e inapeláveis do catedrático. Este, por sua vez, sequer se articulava com os colegas de disciplinas afins do mesmo currículo.

Graças à reestruturação iniciada nos anos 60, as decisões relativas aos trabalhos acadêmicos deixaram de ser atribuição das cátedras e se transferiram para os departamentos, que funcionam como órgãos colegiados constituídos de catedráticos (já com a designação de “titulares”), de representantes dos professores das demais categorias funcionais, e da representação dos alunos que cursam as disciplinas a cargo do departamento. Em geral, os responsáveis pelas decisões passaram a ser, em média, muito mais jovens do que antes. Paralelamente, o campo do saber sob a responsabilidade de cada departamento se tornou muito mais amplo que o coberto por cada qual das antigas cátedras. A rotatividade dos professores entre as disciplinas afins do mesmo departamento deu margem à constante modernização dos programas de ensino, o que nem sempre ocorrera no passado. Havia catedráticos, quando senhores absolutos de seu campo do saber, que mantinham inalterado o programa de ensino por muitos anos, quando não por décadas, mesmo em cursos de elevado conteúdo técnico, versando matéria que rapidamente se renova.

Em nossa Universidade, a grande maioria dos laboratórios anteriormente destinados às ciências básicas era extremamente pobre em equipamentos.

Nesses laboratórios, a maior parte da aparelhagem era rudimentar, obsoleta e desnecessariamente duplicada, isto é, os mesmos aparelhos eram repetidos e subutilizados nos laboratórios da mesma disciplina em diferentes unidades universitárias. A criação dos institutos permitiu a ampliação, a modernização e o melhor aproveitamento do instrumental disponível. A fusão dos laboratórios destinados a uma mesma disciplina ensejou a utilização mais racional, cancelou a subutilização dessa infraestrutura física e forçou, de outra parte, a adoção de horários melhor planejados. Pode-se dizer o mesmo em relação ao tempo dedicado pelos professores às tarefas docentes. No passado, vários deles ficavam completamente ociosos durante semestres inteiros, (convém lembrar que não era praxe a realização de trabalhos de pesquisa), enquanto outros eram sobrecarregados.

De imediato, a nova estrutura alterou pouco a fase profissionalizante de cada currículo, enquanto o ciclo básico era, de modo geral, muito mais valorizado do que antes. A reforma ensejou a maior influência dos setores básicos no governo da Universidade, de tal forma que as decisões institucionais já não refletiam a absoluta predominância da opinião dos encarregados das disciplinas profissionalizantes. Na composição dos Conselhos superiores, por exemplo, enquanto a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, na antiga estrutura, era representada apenas pelo seu diretor e mais um professor, na nova estrutura, além da Faculdade de Educação, a participação dos institutos básicos nos novos Conselhos incluía as unidades de Matemática, de Física, de Química, de Filosofia e Ciências Humanas, de Letras e de Geociências. É este um dos motivos do saudosismo encontrado entre professores das disciplinas profissionalizantes, que acarretavam maior prestígio social.

No sistema tradicional, as poucas decisões que não resultavam da vontade unipessoal do catedrático eram atribuídas às Congregações das faculdades, quase totalmente constituídas pelos mesmos catedráticos.

Pouquíssima ou nenhuma atenção merecia a **articulação entre os programas** das disciplinas que integravam os diferentes currículos. Em atenção às práticas tradicionais, quase nenhum professor ousava comentar abertamente as falhas do ensino do conjunto das disciplinas, forma segura de evitar que a sua própria cátedra viesse a ser objeto de críticas ostensivas. De outra parte, as questões acadêmicas ocupavam pouquíssimo tempo das reuniões das Congregações. Estas serviam, predominantemente, para muita retórica sobre questões regimentais, sobre assuntos de concursos, quando não de quizilas pessoais, em formidáveis demonstrações do que hoje se

chamaria de “fogueira das vaidades”. Aliás, as reuniões da Congregação de minha faculdade, com todo o amor que dedico à instituição, foram motivo das mais profundas decepções dentre as que conheci na vida acadêmica.

Muito antes da implantação da nova estrutura, existiu em cada unidade universitária um Conselho Técnico-Administrativo, precursor dos Conselhos departamentais criados pela reforma. Destinavam-se, uns e outros, a cumprir atos formais da burocracia universitária, como a organização do calendário escolar, a marcação de datas para os concursos de docência livre e de cátedra, a escolha de parte dos membros das bancas examinadoras desses mesmos concursos. Aos Conselhos Departamentais da nova estrutura, por sua vez, reservava-se a função de conciliar os interesses administrativos dos vários Departamentos de uma mesma unidade. Os novos órgãos, bem diversos dos que anteriormente levavam idêntico nome, deveriam assumir importantes responsabilidades na vida acadêmica da instituição.

Entre os propósitos da Reforma estava, justamente, o de estimular o debate dos problemas de natureza acadêmica e a constante avaliação dos resultados do ensino e das atividades de pesquisa. Com este intuito, foram criados os “colegiados de curso” (designados, em outras universidades, como “congregações de carreira”), destinados a ensejar a ação conjunta e integrada de professores que lecionavam as disciplinas necessárias à atribuição de cada diploma. Esses “colegiados de curso” se fazem representar num novo órgão de instância superior, o Conselho de Coordenação de Ensino, Pesquisa e Extensão. Incompreensivelmente, muitos dos colegiados de cursos, destinados a ter papel da máxima importância na nova estrutura, não chegaram a cumprir integralmente suas funções, quer em nossa Universidade, quer em outras, congêneres.

Por tudo o que dissemos, o governo das universidades passou a deferir, em essência, do que havia sido anteriormente. No seu conjunto, as alterações se destinavam a tornar muito mais flexível a atuação do órgão e a exigir mais do corpo docente. Em retrospecto, a apreciação do funcionamento dos vários órgãos da nova estrutura enseja as seguintes impressões:

- a **abolição das cátedras** gerou imenso saudosismo entre alguns professores, que pareciam esquecer as terríveis críticas que incidiam sobre o antigo sistema, enquanto existiu;
- o novo regime, muito menos autoritário e personalista, desencadeou debates sobre a **coordenação** entre as disciplinas de cada currículo; ensejou a constante atualização dos programas de ensino; e estimulou

a crítica oportuna dos programas departamentais, providências que não chegaram a ocorrer enquanto existiram as cátedras;

- os **departamentos**, na sua nova concepção, abriram espaço para que as decisões de caráter colegiado tivessem a participação de professores que se achavam ainda em fases iniciais da carreira do magistério. Mas, com muita frequência, eles não chegaram a aproveitar o pleno potencial de atuação que a nova legislação lhes assegurou;
- os **colegiados de curso**, a despeito da importância que deveriam ter, talvez constituam a menos compreendida dentre as inovações daquela época. Salvo exceções, limitam-se a cumprir o lado formal de suas funções, sem atingir plenamente o papel de **integração curricular** que seria a sua principal responsabilidade;
- o **Conselho de Coordenação do Ensino, Pesquisa e Extensão** conseguiu firmar-se plenamente, no uso de suas atribuições, no mesmo nível hierárquico do Conselho Universitário da antiga tradição.

AMPLIAÇÃO E MODERNIZAÇÃO DA UFBA

Além da prioridade atribuída às Ciências Básicas, durante o meu mandato de reitor, tomaram também forte impulso outros aspectos da atuação da Universidade. Resumirei algumas dessas realizações, a título de exemplos:

- criação de numerosos cargos em regime de **tempo integral e dedicação exclusiva**, até então em número reduzidíssimo, sobretudo para os departamentos dedicados às áreas básicas;
- ampliação do **número de alunos**, que dobrou, de pouco mais de 5.000 para cerca de 11.000, nos quatro anos de 1967 a 71;
- ampliação do número de **vagas para o primeiro ano** dos vários cursos, de pouco mais de 1.200, no ano de 1967, para cerca de 3.000 em 1971, nível no qual se estabilizou por muitos anos;
- **ampliação do espaço físico**, compreendendo mais de 30.000 m² projetados, construídos e equipados para os institutos básicos, e mais cerca de 17.000 m² para uso das disciplinas profissionalizantes, construídos, total ou parcialmente, e equipados durante o meu período de Reitorado.

Especificando melhor: foram projetados, construídos e equipados os edifícios destinados aos institutos de Matemática, Física, Química

e Geociências, iniciado o do Instituto de Biologia e completadas as construções do Instituto de Ciências da Saúde, do novo pavilhão da Faculdade de Arquitetura e do Hospital Veterinário;

- implantação do **vestibular unificado**, com evidente aperfeiçoamento do processo de admissão de alunos à Universidade;
- intensificação dos **contatos nacionais e internacionais** com instituições culturais e entidades financiadoras de atividades universitárias (CNPq, Capes, fundações Kellogg, Rockefeller, Ford, Conselho Britânico, Fundação Gulbenkian, ORMSTOM etc.);
- implantação de programas de **mestrado e doutorado**, que deram início à atual rede de pós-graduação *stricto sensu*;
- ampliação e modernização do equipamento para o ensino e a pesquisa, tanto nas áreas básicas como nas profissionalizantes;
- aumento expressivo da **receita e da despesa**, tanto pelo maior aporte de recursos do orçamento federal de Educação, como pela mobilização de outras fontes nacionais e internacionais;
- atualização e ampliação do acervo das bibliotecas e modernização dos serviços por elas prestados;
- realização de sessões anuais de apresentação de pesquisas feitas na Universidade, a cargo das várias unidades;
- incorporação à Universidade, graças a decreto-lei emitido pouco antes de minha posse como reitor, das escolas de Agronomia e Veterinária, anteriormente vinculadas ao governo do Estado da Bahia;
- adaptação dos funcionários estaduais daquelas duas escolas ao regime do funcionalismo federal;
- implantação das matrículas por disciplina e do regime de créditos na avaliação do desempenho dos alunos;
- modernização de vários departamentos encarregados das disciplinas profissionalizantes, conforme descreverei adiante.

Entre os **programas de extensão universitária**, dois merecem especial referência pelo seu elevado nível e pelo apoio que representaram para os cursos de mestrado em fase de implantação. Ambos tiveram caráter multidisciplinar e geraram subsídios para importantes pesquisas de grande significado regional.

Um deles, sobre o **Recôncavo Baiano**, envolveu intenso intercâmbio com a Universidade de São Paulo, em especial com seu Instituto de Estudos Brasileiros. Valeu esse programa como crédito para o nosso recém-criado mestrado em Ciências Humanas. Os trabalhos abrangeram áreas como História, Geografia, Sociologia, Antropologia e Linguística, Literatura, Arte e Arquitetura.

Outro desses programas de extensão, designado **Festival do Barroco Baiano**, mereceu generoso apoio da Fundação Calouste Gulbenkian, sediada em Lisboa, envolveu tópicos de Arquitetura, Imaginária, Música, Letras, História, e ensejou a organização de seminários e de exposições de obras de arte que despertaram enorme interesse. Uma dessas exposições, intitulada *Aspectos da arquitetura barroca luso-brasileira*, foi objeto de elegantíssimo catálogo organizado e impresso pela Fundação Calouste Gulbenkian, no qual se inserem fotografias de real valor artístico e documental. Além disso, a Calouste Gulbenkian fez vir a Salvador, por ocasião do Festival, a sua Orquestra de Câmara, uma das melhores da Europa, a fim de realizar dois concertos memoráveis, em belíssimos ambientes do barroco baiano, respectivamente, na Capela do Museu de Arte Sacra e na Igreja de São Francisco.

ENSINO DAS DISCIPLINAS PROFISSIONALIZANTES NA ANTIGA E NA NOVA ESTRUTURA

No tocante à formação de recursos humanos para as profissões mais tradicionais, as universidades brasileiras haviam acumulado respeitável experiência e vinham suprindo o mercado de trabalho com pessoal de boa categoria. Contudo, a escassa realização de pesquisas e a reduzida formação de pesquisadores entravavam o conhecimento aprofundado de nossa própria realidade e a ampliação das fronteiras do saber nos mais diversos campos da atividade humana. O maior mérito de nossas faculdades estava em preparar pessoal para a realização de **práticas profissionais já consagradas, que se haviam desenvolvido em outros centros culturais**.

A nova estrutura universitária ensejou a implantação da rede nacional de pós-graduação *stricto sensu* (mestrado e doutorado), por meio da qual se vêm formando os professores e pesquisadores do futuro e se vêm realizando pesquisas em condições muito superiores às do passado.

Mesmo sem a pretensão de dar a este depoimento o feitio de um relatório, citarei alguns progressos nessa linha, que considero particularmente significativos:

- dentre as unidades de ensino profissionalizante criadas em decorrência da nova estrutura, mereceu especial atenção a Faculdade de Educação. Oriunda da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, competia, essencialmente, à nova escola, organizada pela professora Leda Jesuíno dos Santos, formar professores para o ensino médio e para a fase final do ensino fundamental. Foi essa escola planejada segundo as ideias de Anísio Teixeira. Com o apoio da Unesco, trouxemos para a Faculdade de Educação uma professora inglesa (Miss Gordon), muito competente e com excelente currículo profissional, embora não fosse de fácil convívio.

Com a sua colaboração foi possível implantar precocemente o mestrado em Educação, de grande significado para a época e de consequências futuras, talvez, ainda não totalmente reconhecidas;

- a Faculdade de Arquitetura nascera no seio da Escola de Belas Artes, ao tempo do reitor Edgard Santos. O espaço que lhe era dispensado àquela altura, logo se tornou exíguo, e o curso de Arquitetura precisou deslocar-se para novas instalações, ainda que provisórias. Na gestão Miguel Calmon, iniciou-se a construção de um edifício próprio, no campus da Federação. Encontrei as obras no seu início e promovi os meios para que se completasse a instalação que, logo, passou a abrigar uma das equipes de professores dos mais dedicados de toda a Universidade. Cabe lembrar que foram professores dessa Escola os integrantes do escritório técnico que projetou e acompanhou a construção dos Institutos de Ciências Básicas, no campus da Federação.

Alguns professores da Escola de Arquitetura eram profundos conhecedores dos assuntos de preservação e restauração de prédios e de obras de arte com valor histórico e artístico, motivo do maior orgulho para nós, baianos e brasileiros. Anos depois, a equipe dessa escola prestou excelente apoio a trabalhos de sua especialidade, durante o meu mandato de governador. Organizada sob a forma do Laboratório de Restauração, a mesma equipe alcançou reputação internacional e implantou cursos de pós-graduação de excelente nível;

- as Faculdades de Agronomia e de Veterinária haviam sido administrativa e financeiramente vinculadas ao governo da Bahia até o começo de 1967, quando foram federalizadas e incorporadas à UFBA, no final do mandato de Miguel Calmon. Como o Estado da Bahia, àquela altura, tinha tradição muito limitada na gestão de instituições

de ensino superior, e dispunha de recursos financeiros muito escassos para esse fim, nessas escolas não existia maior estímulo para a atividade docente. A Escola de Agronomia dispunha de excelentes prédios construídos em uma fazenda situada no município de Cruz das Almas, por determinação de um ex-aluno seu, Landulfo Alves de Almeida, que foi interventor no governo da Bahia no começo da década de 1940. Mas esses laboratórios estavam quase totalmente vazios de equipamento didático. Do corpo docente, faziam parte alguns professores muito competentes, formados mediante bolsas de estudos no exterior, ainda ao tempo do mesmo interventor Landulfo Alves; de modo geral, porém, se achavam eles desestimulados pela falta de condições de trabalho. Praticamente, não existia programa de pesquisa. E o padrão do ensino não era dos mais elevados;

- a Escola de Veterinária, situada em Salvador, contava com um prédio de construção relativamente recente, no qual existiam laboratórios, igualmente quase destituídos de equipamentos. Em frente ao terreno da escola havia sido iniciada, com recursos da Sudene, a construção de um hospital para pequenos e grandes animais. Ainda muito em início, essa construção havia sido interrompida por falta de recursos. Durante uma forte enchente havida em Salvador quando a escola estava ainda sob a responsabilidade do governo estadual, numerosas famílias que habitavam áreas de risco na cidade ficaram desabrigadas e foram alojadas no prédio em construção, destinado ao futuro hospital, sob condições incrivelmente precárias. Com grande esforço consegui transferir aquelas famílias para local apropriado, o que permitiu terminar a obra, aparelhar o hospital e fazê-lo funcionar. Mudou, assim, completamente, a feição do curso de Veterinária. A primeira providência que precisei tomar, em relação às escolas de Agronomia e de Veterinária, foi a da inclusão de pessoal docente na folha da Universidade, mediante processo de adaptação funcional de professores do quadro estadual, à situação de funcionários federais, tarefa que se mostrou enormemente trabalhosa. Quando assumi a Reitoria, no mês de julho de 1967, na metade do exercício orçamentário, já não estavam previstas verbas estaduais para a remuneração do pessoal docente e técnico-administrativo das duas escolas. De outra parte, não poderiam esses servidores perceber salários federais, no segundo semestre, sem que fosse reconhecida a sua nova condição

funcional. Tivemos de atendê-los com recursos próprios da Universidade, resultantes de sobras dos exercícios anteriores, zelosamente preservados para novas iniciativas e para situações de emergência.

- impunha-se promover, entre os corpos docente e discente, estímulo maior às atividades técnico-científicas das escolas. Foi assim que implantamos junto à Escola de Agronomia três projetos de pesquisa que se mostraram extremamente profícuos, graças à competência dos professores que a eles se dedicaram. Os temas desses trabalhos, por eles escolhidos, diziam respeito: ao plantio da mandioca, à adaptação ao nosso clima e solo de plantas forrageiras do gênero *Brachiaria*, importadas da África, e à implantação, entre nós, de cultivares de arroz irrigado de alta produtividade, importados das Filipinas. A Escola de Veterinária, por sua vez, iniciou o seu programa de pesquisa com um inquérito parasitológico junto à pecuária bovina do Recôncavo Baiano. As duas escolas responderam a esses estímulos com grande entusiasmo;
- a Escola de Administração (assim como a de Enfermagem) nasceu moderna. Seu início de funcionamento foi grandemente beneficiado por um convênio com a Fundação Ford, que proporcionou bolsas para diplomados em cursos superiores afins estudarem nos Estados Unidos, visando à obtenção do título de mestre em Administração e se tornarem professores de nossa escola. Para a Universidade da Califórnia em Los Angeles (UCLA), dirigiram-se os futuros professores da administração de empresas, enquanto para a Michigan State University (MSU) foram os destinados ao magistério da administração pública.

Os professores Lafayette Pondé e Oldegar Vieira haviam coordenado a implantação da escola, fortemente estimulada e apoiada pelo reitor Edgard Santos. Poucos anos depois de fundada e antes que eu assumisse a Reitoria, a escola entrou em profunda crise, motivada fundamentalmente pelas diferenças de atitude entre os ex-alunos da UCLA e os da MSU, o que vale dizer, entre os que se dedicavam, respectivamente, à administração pública e à administração de empresas. Haviam eles se tornado professores, com excelente bagagem técnica, porém ainda não totalmente amadurecidos para as tarefas de liderança. Foi uma luta que podemos chamar de fratricida, uma vez que a escola quase foi destruída pelo litígio. Afinal, conseguimos que se estabelecesse o indispensável *modus vivendi* entre eles, e a escola pudesse

cumprir o seu destino, para o que não faltava competência profissional do corpo docente. Nela foi criado um dos primeiros mestrados da UFBA, classificado entre os de mais alta qualidade. Na área de Ciências Humanas, foi ela a primeira a valer-se dos “estudos de casos” nos cursos de graduação, adaptados de modelos norte-americanos para a nossa realidade.

A Fundação Ford, durante minha gestão, ofereceu insistentemente bolsas adicionais para que alguns de nossos professores voltassem aos Estados Unidos, a fim de realizar cursos de doutorado. Mas os programas de mestrado por eles cumpridos poucos anos antes haviam assegurado formação tão sólida, que a todos logo foram oferecidas ótimas colocações no mercado de trabalho local. Não foi possível, naquela época e por essa razão, implantar o doutorado com o apoio da Fundação Ford, como era nossa intenção;

- conforme relatei anteriormente, nos primeiros dias de meu mandato de reitor, convidei representantes dos maiores empregadores dos egressos de nossa Universidade para participar de reuniões destinadas à análise da proficiência dos ex-alunos no cumprimento das tarefas que lhes eram cometidas. A Escola Politécnica foi a mais citada e aquela da qual mais esperavam e mais solicitavam as classes produtoras baianas, naquela fase de nosso desenvolvimento. Ao visitá-la, nesses primeiros dias de meu mandato, fiquei surpreso com a pobreza do equipamento da maioria dos laboratórios da escola. Havia, entretanto, pelo menos uma exceção: refiro-me ao Núcleo de Pesquisas Tecnológicas, muito ativo, estreitamente vinculado ao Laboratório de Engenharia Civil de Lisboa, chefiado pelo professor Manoel Rocha e que havia merecido toda atenção do reitor Miguel Calmon e de seu discípulo e meu vice-reitor, o professor Ernani Sobral, um dos mais competentes e leais colaboradores que tive ao longo de minha vida pública. Mas, em diversos outros departamentos, era urgente promover os meios para a aquisição de equipamento adicional. Mobilizei-me para melhorar a situação, tanto junto ao MEC quanto junto a empresas estatais que empregam engenheiros de várias especialidades;
- a Faculdade de Ciências Econômicas havia realizado importantes trabalhos de planejamento regional, nos anos 1950, sob a orientação técnica de Rômulo Almeida, com apoio do reitor Edgard Santos e do governador Antônio Balbino. Achava-se, entretanto, em fase de estagnação. Estimulamos a criação de um programa de estudos sobre

as Contas Nacionais, aproveitando a colaboração de professores que se haviam especializado no assunto, em outras universidades. Com muito esforço, devido a divergências internas na escola, conseguimos montar um curso de Mestrado em Desenvolvimento Regional, para o qual providenciamos o apoio da Sudene, do Banco do Nordeste do Brasil e da Fundação Ford;

- nos anos 1950, durante o Reitorado de Edgard Santos, por solicitação da Petrobras e com apoio financeiro desta, a Universidade implantou um programa de especialização em Geologia do Petróleo, destinado a diplomados em diferentes cursos afins de nível superior, e que contou com excelentes professores de universidades nacionais e estrangeiras. Em virtude do cumprimento desse programa, tornou-se evidente a necessidade de criação de um curso de graduação em Geologia em nossa instituição.

Cumprir lembrar que, a começar da década de 1950 e durante muitos anos, a Bahia foi o Estado de onde proveio a maior parte do petróleo explorado em território nacional. Foi, assim, criada a Escola de Geologia, que funcionou provisoriamente em prédio anexo ao da antiga Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras. Posteriormente, transferiu-se a Escola de Geologia para um casarão no bairro do Canela, próximo, portanto, a muitas outras unidades universitárias, na época. Devido à reestruturação da Universidade, criou-se o Instituto de Geociências, com atribuições mais amplas que as da antiga escola, e que se tornou uma das mais ativas de nossas unidades, com programas de pesquisa e de pós-graduação que mereceram amplo financiamento de entidades externas à Universidade. O Instituto de Geociências ocupou um dos prédios novos do campus da Federação, para esse fim construído e muito bem equipado. Esse instituto contou com ampla colaboração de professores e pesquisadores de entidades internacionais e, ao fim de pouco tempo, passou a abrigar um dos mais sólidos mestrados da UFBA, logo seguido de um curso de doutorado dos melhores do país;

- a Escola de Belas Artes, cujas raízes datavam de cerca de cem anos, àquela época, continuava funcionando num velho casarão que havia pertencido ao professor Jonathas Abbott, um dos luminares de nossa Faculdade de Medicina. O prédio é localizado no Centro Histórico de Salvador, cercado de vizinhança que se havia deteriorado consideravelmente, o que tornava desconfortável a circulação das alunas, professoras e funcionárias. A transferência da escola do antigo prédio

para o atual gerou incidente que me causou total surpresa, e do qual participou o então diretor do Museu de Arte Sacra. Explico melhor: a fim de acolher a Escola de Belas Artes no bairro do Canela, onde já se encontravam outras escolas da área das Artes, escolhemos o imóvel no qual vinha funcionando a Escola de Geologia. Esta, em virtude da reestruturação da Universidade, estava sendo incorporada ao recém-criado Instituto de Geociências, para o qual estávamos construindo uma nova sede, no campus da Federação. Em pouco tempo, ficaria vago o imóvel do bairro do Canela, muito bem conservado e que se adaptaria, facilmente, à função de Escola de Belas Artes.

Restava, então, conseguir a alienação do prédio da Rua 28 de Setembro, o que não era fácil. A Prefeitura de Salvador, cujas instalações estavam, em sua maioria, localizadas no Centro Histórico, mostrou interesse nessa aquisição, condicionando-a, porém, à liberação imediata do prédio. E a construção do novo Instituto de Geociências tardaria, ainda, uns três a quatro meses, coincidindo, parcialmente, com o período de férias escolares. Tratava-se, portanto, de encontrar abrigo provisório para o acervo das Belas Artes.

Examinados os vários imóveis da Universidade, ficou evidente que no antigo Convento de Santa Tereza, onde estava instalado o Museu de Arte Sacra, havia espaço que poderia ser ocupado, provisoriamente, por esse acervo. O assunto foi levado ao diretor do Museu, que participou de todos os entendimentos, com eles havia colaborado e os aprovava sem restrições. Quando iniciamos a mudança, fui surpreendido com o noticiário tendencioso de um dos jornais da cidade, no sentido de que essa operação traria dificuldades para o museu. Tais informações constavam de uma entrevista do diretor do Museu, o mesmo que havia participado de todas as gestões e as havia aprovado. Tive de procurar alguns artistas e outras personalidades influentes, a fim de explicar o verdadeiro sentido do que estava acontecendo, no que fui acompanhado por pessoas que conheciam a realidade dos fatos. Neste esforço de persuasão contei com a ajuda de Maria Amélia e de um querido amigo meu, estreitamente relacionado com os artistas mais em evidência, o Dr. Filinto Borja. Conseguimos, assim, conter uma onda que, apenas, começava a formar-se.

Ao fim de pouco tempo, o diretor do museu mudou de atitude, passou a colaborar com a Reitoria, e acabou me prestando festivas homenagens. Como era de esperar, nenhum dano foi causado ao museu pela limitada presença de alunos de Belas Artes em suas instalações. E o programa origi-

nal foi fielmente cumprido: isto é, a escola ocupou uma das dependências do convento durante uns poucos meses, e logo se mudou para o prédio do Canela, onde se encontra até hoje.

Ainda em meu mandato de reitor, tive a ocasião de atender velha e justa reivindicação dos professores e alunos da escola, implantando a galeria que recebeu o nome do pintor Cañizares, destinada a abrigar exposições de trabalhos artísticos dos professores e alunos. Para isso, a Universidade adquiriu uma antiga casa residencial, situada ao lado do prédio recém-ocupado pela escola no bairro do Canela, que foi devidamente adaptada à nova função. Bem situada do ponto de vista de acesso do público, com boas condições técnicas para acolher as exposições, ofereceu essa galeria a oportunidade de lançamento de novos talentos entre os alunos e de apresentação de obras de professores já consagrados pelo seu mérito;

- as outras escolas de Artes (Música e Artes Cênicas, Teatro e Dança) vinham realizando ótimo trabalho graças ao apoio que Edgard Santos lhes dera na sua origem, e à competência dos líderes que as orientaram desde quando implantadas. Na Escola de Música, o professor Koellreutter fora substituído pelos professores Ernst Widmer e Manuel Veiga. Na Dança, à professora Yanka haviam sucedido os Professores Rolf Gelewki e Dulce Aquino.

A Escola de Teatro, contudo, não encontrou quem verdadeiramente substituísse o professor Martim Gonçalves, apesar dos grandes esforços neste sentido empreendidos por sucessivos reitores, inclusive por mim;

- cabe uma palavra especial acerca da implantação da reforma na área da Saúde. Foi esta, sem dúvida, a mais lenta e a mais difícil das adaptações aos princípios da reestruturação universitária. Mandava a legislação da Reforma que se aglutinassem as **cátedras** das disciplinas pré-profissionalizantes, a exemplo da Anatomia, da Histologia, Fisiologia, Bioquímica, Biofísica, Farmacologia, Parasitologia, e Microbiologia, de modo a constituírem uma nova unidade, a que a nossa Universidade deu o nome de “Instituto de Ciências da Saúde”. Os gabinetes destinados a essas disciplinas, antes espalhados entre as faculdades de Medicina, Odontologia, Farmácia, Enfermagem e Nutrição, representavam exemplos muito claros da “duplicação de meios para fins idênticos”.

Na nova estrutura, os departamentos ampliados, graças à aglutinação de cátedras da mesma disciplina oriundos de diferentes unidades, ofereciam

programas que deveriam estar ajustados às múltiplas responsabilidades do recém-criado Instituto de Ciências da Saúde. Os novos Departamentos, graças à maior racionalidade no uso do tempo dos professores, assim como na aquisição e no uso dos equipamentos, ofereciam condições mais favoráveis que os da antiga estrutura, à realização de pesquisas e à implantação de programas de pós-graduação. Essas vantagens, entretanto, foram aproveitadas em grau muito variado pelos diferentes departamentos dessa unidade universitária.

A construção de edifício situado no campus do Canela, anteriormente destinado à Escola de Farmácia, havia sido interrompida muitos anos antes e foi retomada a fim de abrigar as disciplinas pré-profissionais da área da Saúde. O estado avançado de deterioração da obra, por tantos anos abandonada por falta de recursos, havia ensejado a sua transformação em esconderijo de malfeitores. Localizava-se esse edifício em terreno que constituía, então, uma das extremidades do campus do Canela, porquanto ainda não havia sido aberta a avenida que veio a chamar-se “Reitor Miguel Calmon”. Mediante extensas negociações, foi possível mudar a destinação do edifício, para que viesse a abrigar o recém-criado Instituto de Ciências da Saúde. Viabilizou-se, desta forma, o término das obras de construção e a dotação dos laboratórios com equipamento atualizado e muito mais abundante que o destinado às mesmas disciplinas, nas antigas faculdades.

ANEXO

Do ponto de vista da Medicina, a nova estrutura trazia a grande vantagem adicional de situar os departamentos das citadas disciplinas em área muito próxima ao Hospital das Clínicas, onde se processara uma verdadeira revolução de qualidade no atendimento aos pacientes, no ensino e na pesquisa. A aproximação física das duas unidades deveria estimular maior colaboração entre as equipes, com enorme vantagem para o conjunto da instituição universitária, o que vem ocorrendo em ritmo muito mais lento do que seria desejável.

Com a inauguração do Hospital das Clínicas (hoje Hospital Universitário Professor Edgard Santos), de 1949 em diante, se haviam acentuado as diferenças que já existiam, quanto às concepções de vida universitária, entre os professores mais jovens das clínicas, de uma parte, e o pessoal docente das disciplinas pré-profissionais. Os professores das clínicas viviam a sua

especialidade o dia inteiro, pela manhã no hospital universitário e à tarde em consultórios destinados à atividade privada. Enquanto isso, grande parte do pessoal docente das disciplinas pré-profissionais tinha vivência menos intensa com a disciplina que lecionava, porquanto complementava os baixos salários da atividade de magistério com o exercício de alguma especialidade clínica. Essas diferenças, que existiam de longa data, entre as duas fases da formação do futuro médico, passaram, **equivocadamente**, a ser atribuídas à nova estrutura universitária. Na medida em que o governo federal foi autorizando a implantação de maior número de posições em regime de dedicação exclusiva, essa diferença foi se reduzindo.

No Hospital das Clínicas, a supressão do regime de cátedras tornou recomendável a reorganização dos espaços destinados às enfermarias e aos ambulatorios. A nova distribuição das áreas gerou interminável polêmica, que ainda persiste. A crescente especialização dentro das disciplinas tradicionais tem levado a novas redistribuições desse mesmo espaço.

Certos aspectos da política de pessoal das universidades federais, implantadas nas últimas duas ou três décadas, tem gerado dificuldades para o hospital, que tornaram o seu funcionamento menos produtivo do que havia sido em passado mais remoto.

As outras escolas da área da saúde, Odontologia, Farmácia, Enfermagem, Nutrição, todas situadas no bairro do Canela, se beneficiaram pela liberação, nos respectivos edifícios, de considerável espaço que foi incorporado aos departamentos das disciplinas profissionalizantes. Expressas assim, no papel, essas alterações se mostram racionais e, na aparência, facilmente exequíveis. Na verdade, para os que são “do ramo”, logo saltam aos olhos as perspectivas de grandes dificuldades, de fato encontradas na sua implantação. Graças ao clima geral de colaboração então existente na Universidade, foi possível executá-los. Passados mais de quarenta anos, permanece de pé a formulação então adotada para atender aos ditames da lei recém-promulgada.

A Faculdade de Medicina tem uma tradição de pesquisa muito sólida, em relação às das demais unidades de nossa Universidade, o que foi favorecido pela aceitação precoce do regime de dedicação exclusiva por seus professores. Apoiadas pelo CNPq e por entidades internacionais, as disciplinas do currículo médico têm oferecido programas de mestrado e de doutorado muito bem conceituados em âmbito nacional, o que tem levado à formação de pesquisadores e de professores que asseguram um futuro altamente promissor para esse segmento das atividades da UFBA.

PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA NA NOVA ESTRUTURA

Como já tem sido assinalado, o maior salto verificado nas atividades da Universidade, graças à nova estrutura, foi, sem dúvida, a valorização dos setores básicos do conhecimento. Em diferentes áreas, abriu-se o caminho para a criação da vigorosa rede de cursos de pós-graduação que representou o aspecto mais positivo da evolução das universidades brasileiras nas últimas décadas. Embora se conheçam importantes exceções, os segmentos universitários devotados às ciências básicas, em geral, são mais propícios à formação de pesquisadores que os departamentos dedicados à ciência aplicada. O regime de dedicação exclusiva, fator da maior importância para o florescimento da pesquisa técnico-científica, se difunde mais facilmente entre as ciências básicas que nos departamentos profissionalizantes. A familiaridade maior com o método científico e com o uso de instrumentos, como a estatística e a metodologia da pesquisa científica, tornam o ambiente das disciplinas básicas mais propício à formação de pesquisadores e à realização de pesquisas de bom nível.

Em todo o Brasil, mesmo diante das dificuldades enfrentadas pelas nossas instituições públicas de ensino superior nas últimas décadas, não há como desconhecer os fortes reflexos da grande expansão da pesquisa universitária de alto nível no papel das universidades junto às comunidades a que servem. Sobretudo nas regiões onde a economia avança rapidamente graças ao uso de tecnologias mais complexas, as universidades locais têm sido muito estimuladas a incrementar os seus programas de pesquisa científica e de inovação tecnológica.

Em relação à Universidade Federal da Bahia, a nova estrutura contribuiu, sem dúvida, para as seguintes estatísticas, colhidas em publicação da Reitoria e referentes ao ano de 2007: contava, então, a Universidade com 46 cursos de mestrado, nos quais estavam matriculados 2.070 alunos; e 26 programas de doutorado, com 920 candidatos ao título. Do total de 1.708 membros do corpo docente, 1.233 adotavam o regime de dedicação exclusiva; desses, 793 eram doutores e mais 364 tinham o título de mestre.

A Universidade dispunha de 959 bolsas de diferentes origens, destinadas a alunos de pós-graduação e a pesquisadores. O forte impacto causado por esses números não teria ocorrido, se houvesse permanecido a anterior estrutura universitária.

A PRESIDÊNCIA DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DAS ESCOLAS DE MEDICINA

Abro aqui um parêntese nas considerações sobre minha atividade à frente da Reitoria. Entre 1968 e 1970, enquanto exercia o cargo de reitor, coube-me presidir a Associação Brasileira de Escolas Médicas (ABEM), em virtude de eleição realizada no congresso do mesmo órgão, ocorrido em 1966. Meu discurso de posse deixou muito claros os propósitos que sempre mantive quanto ao papel da ABEM e expressou fielmente o que veio a ser o exercício de meu mandato de presidente. Importava, prioritariamente, na ocasião, promover a mais forte associação possível entre as escolas de Medicina e os serviços comunitários de Saúde. Pela realização de seminários, simpósios e congressos, destinados a motivar os órgãos oficiais e as entidades internacionais no sentido de apoiarem as iniciativas das escolas médicas, foi-se criando a doutrina relativa ao significado dessa articulação na formação dos futuros médicos. A essa doutrina deu-se o nome de “integração docente-assistencial”.

Entre muitas providências de ordem prática, então examinadas, estava a aproximação das faculdades de Medicina com a Previdência Social. Elevada proporção dos pacientes atendidos nos hospitais públicos de ensino, graças aos recursos oriundos dos orçamentos da Educação, era constituída de beneficiários da Previdência Social, que contava, então, com orçamentos muito mais amplos. Mas, da parte das autoridades desse último setor, havia grande resistência em admitir a indenização com recursos da Previdência, dos gastos feitos nos hospitais públicos de ensino com o atendimento de seus beneficiários. Foi essa uma das conquistas mais lentas e tortuosas das faculdades públicas de Medicina. Dela participei, desde o seu início. Ainda na década de 1960, **durante mais de um ano**, a Comissão de Ensino Médico do MEC, de que era eu o coordenador, esteve reunida com uma representação da Previdência Social, a fim de redigir a minuta de um convênio que terminou ocupando pouco mais de uma página de papel ofício. Representou esse convênio um grande triunfo para os hospitais universitários e significou o ponto de partida para um relacionamento que cresceu substancialmente nas décadas seguintes. A criação do Sistema Único de Saúde (SUS), uma das mais importantes consequências da Constituição de 1988, corrigiu vários males do passado e deveria ter melhorado, sob esse aspecto, a situação dos hospitais de ensino.

MOVIMENTO ESTUDANTIL

Muitas outras realizações, além da reestruturação da Universidade, geraram o ritmo intensíssimo de trabalho de toda a equipe da Reitoria, durante o período sob minha gestão. Tive, ademais, de conviver com o chamado “movimento estudantil”, que se instalou, quase simultaneamente, em muitos países do mundo, e teve como acontecimentos de maior repercussão internacional a “primavera parisiense”, em maio de 1968, e a rebelião de alunos da Universidade de Berkeley, na Califórnia, pouco depois. No Brasil, o “movimento” tomou a conotação de protestos contra o governo militar e incluiu manifestações muito variadas. Na UFBA, despendemos enorme tempo e energia em conversas com as lideranças estudantis. Reconheço, entretanto, que em outras unidades da Federação, as transgressões aos direitos humanos foram muito mais severas que na Bahia. O “movimento estudantil”, naquela época, promoveu a ocupação de alguns prédios das unidades universitárias e o acampamento de estudantes em frente à Reitoria, abrigados em barracas de lona. Felizmente, não houve depredação nem qualquer dano ao patrimônio público. A recuperação dos espaços para as atividades de ensino e pesquisa resultou, invariavelmente, de longas conversas entre as autoridades universitárias e os estudantes.

Ocorreram também passeatas e outras manifestações de rua contra os governos estadual e federal. Algumas delas terminaram em prisões de estudantes que me levaram a visitas repetidas às delegacias e aos quartéis, a fim de soltá-los. Vários estudantes estiveram presos por períodos mais longos, enquanto aguardavam a convocação para depoimentos acerca de atividades consideradas subversivas. Com frequência, as manifestações de rua, nascidas em diferentes pontos da cidade, se encaminhavam à Reitoria, cujo salão eu havia franqueado para os debates estudantis, mediante o compromisso de que não houvesse qualquer dano às instalações. Um desses incidentes revestiu-se de maior gravidade. Tratava-se do protesto contra atos de governo estadual, iniciado no centro da cidade. Diante da ação policial, os estudantes, mais uma vez, se encaminharam para a Reitoria.

Havia muita tensão entre o público, devido a rumores envolvendo ameaças de violência. Por isso, vários membros do Conselho Universitário tinham se deslocado para a Reitoria, em louvável atitude de solidariedade. Estávamos no andar superior do prédio, quando os grupos em confronto se aproximaram. Surgiu a notícia de que a polícia estava disposta a invadir a Reitoria, quando os estudantes ali penetrassem. Evidentemente, eu não

poderia permitir que isso acontecesse. Desci, então, acompanhado de alguns professores e funcionários da Universidade, a escada que liga o gabinete do reitor ao andar térreo, a fim de impedir o acesso dos policiais ao edifício da Reitoria.

Estavam sendo lançadas bombas de gás lacrimogêneo. Felizmente, após as explicações necessárias, os policiais desistiram do anunciado intento de invasão. Os estudantes, mais uma vez, entraram no edifício, para a realização de assembleia no grande auditório da Reitoria. Era o que vinham fazendo, desde o começo da movimentação, sem causar dano ao patrimônio público.

Encerrou-se o episódio sem maior seqüela, além do temporário efeito do gás, do qual fui vítima pela primeira e única vez. Fatos como o que acabo de relatar contribuíram para que a minha imagem pessoal suscitasse restrições junto aos mais altos escalões do governo de então.

SECRETARIA GERAL DE CURSOS E DEPARTAMENTO CULTURAL DA REITORIA

Quero destacar dois órgãos da Reitoria que prestaram inestimável colaboração à minha gestão: a Secretaria Geral de Cursos, dirigida pela professora Ivete Oliveira, e o Departamento Cultural, dirigido pelo professor Valentin Calderón.

A Secretaria Geral de Cursos teve papel decisivo na implantação dos currículos adaptados à nova estrutura. Várias inovações devem ser aqui lembradas, a título de exemplos:

- a matrícula por disciplina, centralizada na Reitoria, baseada no Catálogo da Universidade e ajudada por professores orientadores, para isso especialmente treinados, significou maior liberdade e flexibilidade no cumprimento dos currículos por parte dos alunos. Saímos do rígido sistema seriado tradicional, em que todos os alunos seguiam exatamente o mesmo elenco de disciplinas nos mesmos momentos, até alcançar o diploma. Um dos propósitos da Reforma foi, exatamente, o de proporcionar melhor aproveitamento das matérias opcionais, o que ocasionaria ao aluno um horizonte mais largo em sua formação cultural, do que vinha ocorrendo no regime tradicional. O significado da matrícula por disciplina, apesar dos notórios benefícios, nem sempre foi entendido pelas mais conservadoras dentre as nossas lideranças;

- a livre escolha das matérias complementares ao currículo, para a formação do futuro cidadão, ainda dentro do conceito do currículo pleno, de acordo com os planos de vida do aluno e com a colaboração dos “professores orientadores”;
- a maior flexibilidade na composição das turmas de alunos pertencentes a cursos diferentes, nos quais a mesma disciplina era lecionada segundo programas idênticos entre si;
- a maior flexibilidade na avaliação do desempenho dos alunos, graças à substituição das antigas notas pelos “conceitos”.
- Tudo isso exigiu, da parte dos responsáveis pela implantação da nova estrutura, conhecimento profundo da organização universitária, clareza nos conceitos pedagógicos e paciência para o esclarecimento a alguns professores e alunos sobre as vantagens do regime de trabalho que se estava inaugurando.

INTERCÂMBIO COM INSTITUIÇÕES INTERNACIONAIS DE OBJETIVOS CULTURAIS

O **Departamento Cultural da Reitoria**, por sua vez, ofereceu numerosos programas muito imaginosos, entre os quais quero destacar o Festival do Barroco Baiano, ao qual já fiz referência, ao tratar dos trabalhos de extensão a cargo da Universidade. Também de grande relevância, entre as atividades a cargo desse departamento, foi o intercâmbio com instituições internacionais, de finalidade cultural, ao qual me dediquei com o maior empenho.

No passado, enquanto me ocupava exclusivamente com a área da Saúde, havia adquirido considerável experiência no exercício desse intercâmbio, particularmente, com as fundações Kellogg e Rockefeller.

Além de aprofundar os contatos anteriores, trabalhei intensamente com outras entidades norte-americanas, com o Conselho Britânico e com instituições francesas, canadenses e alemãs.

O Instituto Internacional de Educação (IIE), sediado em Nova York, convidou-me para integrar o Conselho de Educação Superior das Repúblicas Americanas (CHEAR), ao qual pertenci por tempo superior ao de minha gestão como reitor, e constituiu uma das mais agradáveis e proveitosas atividades internacionais de que participei. Promovia esse Conselho reuniões de reitores de universidades latino-americanas com presidentes de congêneres norte-americanas, em diferentes capitais do continente. Eram seminários

muito bem financiados, que tinham como norma convidar os participantes acompanhados das respectivas esposas.

Foi assim que Maria Amélia e eu fizemos várias viagens internacionais, conhecemos personalidades de grande renome no meio universitário das Américas, em ambiente de grande simpatia e com grande proveito.

A fim de participar dessas reuniões, visitamos Buenos-Aires, Lima, Guatemala, São Domingos, além de nos encontrarmos em São Paulo e em Salvador. Depois das primeiras reuniões, escolheram-me para a comissão organizadora dos trabalhos, o que me proporcionou viagens adicionais destinadas a sessões preparatórias, nas quais convivi ainda mais proximamente com dirigentes universitários de outros países das Américas. De minhas participações em atividades internacionais, está o CHEAR entre as que me deixaram melhores recordações.

MINHA SUBSTITUIÇÃO NA REITORIA

A recondução dos reitores para mandatos consecutivos era, então, proibida. Alguns amigos chegaram a preparar um documento dirigido ao ministro da Educação, consultando sobre a possibilidade de uma revisão da norma legal, o que, aliás, veio a ocorrer muitos anos mais tarde. De minha parte, comecei a cogitar de outra atividade, na qual aproveitasse a experiência propiciada pelo exercício da Reitoria. Logo surgiu a possibilidade de vir a ocupar a Presidência do Conselho Federal de Educação, do qual eu fazia parte há vários anos.

A lista tríplice organizada pelos Conselhos Superiores para a escolha do novo reitor foi encabeçada pelo professor Lafayette Pondé, das faculdades de Direito e de Administração, imediatamente nomeado pelo governo sem qualquer restrição.

PRESIDÊNCIA DO CONSELHO FEDERAL DE EDUCAÇÃO

Após a transmissão do cargo de reitor, levei adiante a consulta aos companheiros do Conselho Federal de Educação, no sentido de vir a ser eleito presidente daquele órgão, ao qual pertencia desde 1964. O então presidente do Conselho, o professor e ex-ministro da Educação Raimundo Moniz de Aragão não desejava continuar no cargo. Além do bom trânsito entre os colegas, contava eu com o apoio do então ministro da Educação, Jarbas Passarinho. Tive, assim, uma eleição tranquila e unânime. Para exer-

cer a Presidência do Conselho, assumi o compromisso de mudar-me para Brasília, com toda a família. Iniciou-se, então, um novo período de minha vida familiar e de minha atividade pública.

LAFAYETTE PONDÉ (1971-1975)

João Eurico Matta¹, Esmeralda Maria de Aragão²

Lídia Maria Batista Brandão Toutain³

Gilda Maria Pondé Bastianelli⁴ (colaboração)

Lafayette de Azevêdo Pondé, aos 64 anos de idade, foi eleito e indicado, pelo Conselho Universitário da Universidade Federal da Bahia, em lista tríplice, para reitor de mandato no quadriênio de 1971 a 1975, tendo sido nomeado por decreto do presidente da República Emílio Garrastazu Médici.

TRAJETÓRIA NO SERVIÇO PÚBLICO E NO MAGISTÉRIO UNIVERSITÁRIO: NOTÍCIA RETROSPECTIVA

No quadriênio anterior, do Reitorado Roberto Figueira Santos, empossado em 04 de julho de 1967, até 1971, Lafayette Pondé fora vice-reitor, ocasião em que, como mestre e doutor em Direito Público e Administrativo, propiciou valioso apoio e relevante serviço à reestruturação da Universidade Federal da Bahia, decorrente do Decreto Federal nº 62.241, de 08 de fevereiro de 1968, do presidente Arthur da Costa e Silva, e resultante na concepção institucional de novos Estatuto e Regimento Geral da Universidade, apro-

1 Professor Emérito de Administração da Universidade Federal da Bahia.

2 Professora aposentada do Instituto de Ciência da Informação da Universidade Federal da Bahia.

3 Doutora em Filosofia pela Universidade de Léon, Espanha. Assessora da Reitoria da UFBA. Professora Associada I – ICI/UFBA, Coordenadora da Comissão Permanente de Arquivos da UFBA.

4 Professora aposentada do Instituto de Ciência da Informação da Universidade Federal da Bahia.

vados em junho de 1969, e no complexo de projetos e ações da Reforma Universitária deflagrada pelo governo da República e implantada, como prioridade gerencial e com determinação e dedicada competência, pelo reitor Roberto Santos. Nos sete anos anteriores, desde julho de 1961 – quando, nos seus 54 anos de idade, foi, pelo então Reitor Albérico Fraga, nomeado primeiro Diretor da recém-criada, em 1959, pelo Reitor Edgard Santos, Escola de Administração da UFBA, – até 1967, e naquela circunstância, como eminente jurista, membro do Conselho Universitário da UFBA, Lafayette Pondé institucionalizou definitivamente e com maestria, via estatutária e regimental, aquela Escola de Administração e seus órgãos complementares, o Instituto de Serviço Público e o fugaz Instituto de Administração de Empresas. Mas vem da década de 1950 sua participação como membro do Conselho Universitário da então ainda identificada, desde 1946, como *Universidade da Bahia*, quando, em 1952, aos 45 anos de idade, passou a representar a Faculdade de Direito, de cuja congregação era professor catedrático, por momentoso concurso realizado em 1943, nos seus 36 anos. No ano anterior, 1942, fora nomeado ministro do Tribunal de Contas do Estado pelo interventor Landulfo Alves de Almeida, e ingressara, como professor catedrático (fundador) da disciplina Ciência Política, na congregação da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, então criada pelo educador Isaías Alves de Almeida, que era desde 1938 secretário de Estado da Educação e Saúde no governo de seu irmão Landulfo, interventor da confiança do presidente, sob a Carta Constitucional de 1937, Getúlio Vargas. Cabe aqui lembrar que em 1949, no governo democrático de Octávio Mangabeira, o conselheiro Lafayette Pondé foi eleito por seus pares presidente do Tribunal de Contas do Estado, mas no início da década de 1950 ocorreu um fato significativo, por decisão dele próprio, narrado com muita propriedade pelo acadêmico de Letras e professor emérito Roberto Figueira Santos, em artigo de 12 de março de 2007, intitulado *Lafayette de Azevêdo Pondé completa 100 anos de idade* (publicado no livro *100 anos de um aniversário: 12 de março de 2007: Lafayette Pondé – Homenagens a um mestre*, Salvador, Bahia – *Contexto*, páginas 89-93, como segue;

[...] Um gesto marcante assinalou a sua vocação verdadeira: em certo momento da carreira de servidor público, teve de optar entre o cargo de Conselheiro do Tribunal de Contas do nosso Estado e o de Professor Catedrático da Universidade Federal da Bahia. A sua preferência foi definitiva: permaneceu no magistério.

Curiosamente, naquele ano letivo de 1949, professor catedrático das Faculdades de Filosofia, de Ciências Econômicas e de Direito, lecionaria a disciplina Direito Administrativo no novo curso de doutorado em Direito Público, pós-graduação então recém-criada pelo diretor da Faculdade (e vice-reitor da UFBA) Orlando Gomes.

Entretanto, nesta notícia retrospectiva dos momentos da trajetória de Lafayette Pondé no serviço público estadual e como *scholar* universitário e administrador de instituições de ensino superior, deve registrar-se que naquele ano de 1938, aos 31 anos, ele foi diretor da Faculdade de Ciências Econômicas da Bahia, uma escola fundacional particular na qual se transformara, em 1934 (com apoio do interventor estadual Juracy Montenegro Magalhães), uma anterior Escola de Comércio de 1905, para ministrar o então chamado, por decretos de reforma educacional de 1931/32 do governo provisório da República, “Curso Superior de Administração e Finanças”. Foi nesta faculdade que o jovem ex-promotor público recém-chegado do interior (de 1930 a 1932, atuara nas comarcas: Maragojipe, Santo Amaro, Alagoinhas e Remanso). Bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais pela Faculdade Livre de Direito da Bahia em 1929, Lafayette de Azevêdo Pondé começou sua carreira de magistério universitário em 1935, lecionando as disciplinas direito internacional público e Instituições de Direito Público e Privado (na mesma faculdade lecionaria, em 1942, a disciplina Ciência da Administração, que em 1935 fora lecionada, ali mesmo na praça da Piedade, por seu jovem colega de congregação, Orlando Gomes). Aqui, aliás, cabe também o registro de um fato histórico de grande significação: em 1935 o Professor Lafayette Pondé se associa a 25 “*sócios fundadores*”, entre seus ilustres colegas da congregação da Faculdade de Ciências Econômicas (a exemplo dos professores Alberto Silva, Alfredo Amorim, Augusto Alexandre Machado, Edgard Matta, Guilherme Marback, João Alves dos Santos, João Mendonça, J. Caldas Coni, Manuel Pinto de Aguiar, Orlando Gomes) e altos executivos de autarquias e Caixa Econômica federais na Bahia (a exemplo dos bacharéis em Ciências Econômicas (*B.C.E.*) – Álvaro da Cruz Rios e Oswaldo Serra e da Associação Comercial da Bahia (a exemplo do comerciante e *B.C.E.* Antônio Jasmin), para fundar uma entidade de pesquisa científica e sistemática dos fatos da economia e administração financeira no âmbito estadual, o **Instituto de Economia e Finanças da Bahia**, que perdurou, operosa, por 27 anos, até 1962, prestando serviços relevantes que contaram com expressivo apoio do “sócio de destaque” Rômulo Barreto de

Almeida, chefe da Assessoria para Assuntos Econômicos, de 1951 a 1954, do presidente (eleito por sufrágio popular) Getúlio Vargas, e desde 1955, como criador e presidente da C.P.E., Comissão de Planejamento Econômico, e secretário de Estado da Fazenda nos governos estaduais dos popularmente sufragados Antônio Balbino de Carvalho e Juracy Montenegro Magalhães. Aquele ano de 1935 assinala também a nomeação, pelo então governador (eleito pela Constituinte estadual de 1935) Juracy Magalhães, de Lafayette Pondé, conselheiro desde 1932 da Ordem dos Advogados do Brasil, Seção da Bahia, para o cargo de procurador geral do Estado e da Justiça, que exerceu até 1938, ano em que assume o cargo de secretário de Estado do Interior e Justiça no governo do interventor Landolfo Alves de Almeida. No ano seguinte, 1939, exerceria, interinamente, o cargo de secretário de Estado da Fazenda e seria nomeado, por decreto do presidente Vargas, interventor substituto no Estado da Bahia; e em 1941 exerceria, interinamente, o cargo de secretário da Segurança Pública do Estado.

REITORADO

Ao iniciar seu Reitorado já existiam, com algumas obras de engenharia – construção, reforma ou ampliação – iniciadas pelo reitor Roberto Santos, os campi do Canela, da Federação e de Cruz das Almas (a Escola de Agronomia), nos quais se situavam muitas unidades universitárias e órgãos suplementares, além da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, antes situada na Av. Joana Angélica, no bairro de Nazaré, mas já transferida para o antigo prédio da Faculdade de Medicina, no Terreiro de Jesus, tendo permanecido em Nazaré o Instituto de Letras recriado pela Reforma Universitária e a nova Faculdade de Educação, mais a Faculdade de Ciências Econômicas, em edifício moderno, construído no mesmo sítio da Praça da Piedade onde ficava a antiga fundação Escola de Comércio de 1905, e inaugurado ainda pelo reitor Edgard Santos.

Ressalte-se, porém, preliminarmente, que uma das características do Reitorado Lafayette Pondé foi sua firme diretriz de documentar, cuidadosamente, com numerosas publicações – algumas, ainda que graficamente pobres, em virtude da escassez de recursos orçamentários, mas de uma simplicidade rica em informações – sobre as realizações e atividades da UFBA, inclusive dois relatórios de autoria do próprio reitor: o *Relatório*

anual 1973, datado de 4 de março de 1974, mimeografado, com 33 páginas e numerosos anexos; e o *Relatório atividades da UFBA – 1971/1975*, digitalizado, com 16 páginas e 34 anexos, apresentado por **Palavras do Reitor**, datadas de 12 de agosto de 1975, assim iniciadas: “Cumpre-me transmitir a Vossa Magnificência, Senhor Vice-Reitor Augusto da Silveira Mascarenhas, o exercício do honroso cargo, que recebi do eminente Professor Roberto Santos, há quatro anos.”

Mas a primeira dessas bem-cuidadas publicações data logo do ano inicial do Reitorado Pondé, 1971, é digitalizada e impressa na Imprensa Universitária da UFBA, com 199 páginas inclusive os anexos, e na capa e frontispício se intitula *Vinte e cinco anos de Universidade* (UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA, 1971), apresentando, como epígrafe, dois parágrafos extraídos do *Relatório anual da UFBA / 1970*, do reitor Roberto Santos, assim iniciados: “A 2 de julho de 1971, completará a Universidade os primeiros vinte e cinco anos de serviços inestimáveis à Bahia e ao Brasil, o que será comemorado ao longo de todo o ano letivo, atendendo a programa a cargo de Comissão Especial sob a presidência do Professor Orlando Gomes”. O volume tem uma introdução datada de outubro de 1971 e firmada pelo adjunto do reitor para Assuntos de Planejamento e Administração, professor Jorge Hage Sobrinho, no exercício do cargo desde o Reitorado Roberto Santos, e nele está documentada a nova estrutura organizacional da UFBA, com os Conselhos e Serviços da Reitoria, e de suas unidades universitárias – as do chamado **Sistema Básico**, a saber: os institutos de Matemática (com o Centro de Processamento de Dados), de Física, de Química, de Biologia, de Geociências, de Ciências da Saúde, e o de Letras, mais a Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas e a Escola de Belas Artes; bem como as do chamado **Sistema Profissionalizante**, a saber: as faculdades de Arquitetura, de Direito, de Educação, de Farmácia, de Medicina, de Odontologia, de Ciências Econômicas, e as Escolas de Administração, a Politécnica, a de Agronomia, a de Medicina Veterinária, a de Enfermagem, a de Música e Artes Cênicas, a de Biblioteconomia e Comunicação, e a de Nutrição; e os chamados **Órgãos Suplementares**: a nova Biblioteca Central, o Hospital Professor Edgard Santos, a Maternidade Climério de Oliveira, o Museu de Arte Sacra, o Centro de Estudos Afro-Orientais, o Núcleo de Serviços Tecnológicos, o Centro de Computação e o Hospital de Medicina Veterinária – todo esse complexo institucional, redefinido como **de ensino (de graduação e pós-graduação), pesquisa e extensão**, esteve no Reitorado Pondé em continuado, ininter-

rupto, processo de implantação, que fora deflagrado, no quadriênio anterior, com liderança e determinação, pelo reitor Roberto Santos. Registre-se já, por oportuno agora, que o Reitorado Lafayette Pondé criará quatro **novos Órgãos Suplementares**, portanto subordinados diretamente à Reitoria, a saber: 1) o Centro de Estudos Interdisciplinares para o Setor Público (ISP), mantida esta sigla porque se tratava de uma reformulação institucional do anterior Instituto de Serviço Público (ISP), órgão complementar da Escola de Administração criado por Regimento de 1964 e por isso, desde então e por dez anos, subordinado ao diretor daquela escola; 2) o Centro de Recursos Humanos, com algum vínculo com a Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, à semelhança do Centro de Estudos Afro-Orientais; 3) o Centro de Estudos Baianos, uma entidade privada dos anos 1940 que o reitor Pondé incorporará, acrescida do precioso acervo da Biblioteca Frederico Edelweiss, que seu Reitorado adquiriu mediante dotação especial do Ministério da Educação e Cultura à UFBA; e 4) o Centro de Computação, que resultará da fusão do Serviço de Automação Administrativa (SAA) e do Centro de Processamento de Dados (CPD).

Duas publicações dos anos seguintes, 1972 e 1974, estas apresentadas pelo próprio reitor Lafayette Pondé sob o título *A pesquisa como atividade universitária*, sendo adjunto do reitor para Assuntos de Ensino, Pesquisa e Extensão a professora Maria Ivete Ribeiro de Oliveira, no exercício desse cargo desde o Reitorado Roberto Santos, são os volumes, editados pela Superintendência Acadêmica da UFBA, *Pesquisas 1972* e *Pesquisas 1974*, documentos caracterizados pelo reitor como “[...] o começo de uma nova fase desta Universidade, em que a pesquisa se incorpora definitivamente ao programa de trabalho dos vários departamentos”. O próprio reitor acrescenta, na apresentação do segundo volume, que “[...] daquele ano, 1972, até o fim de 1974, principalmente no que diz respeito à Tecnologia, ampliaram-se consideravelmente as atividades de pesquisa na UFBA. O que agora se há de fazer é consolidá-las e dar-lhes maior campo, pois isto é imperativo para o desenvolvimento da região e do país [...]” Essas duas valiosas publicações documentam, em sumários, os cerca de quinhentos projetos de pesquisa desenvolvidos ou em curso, no quadriênio do Reitorado Lafayette Pondé, por ilustres professores pesquisadores, indivíduos ou em equipe, em praticamente todos os departamentos acadêmicos das unidades universitárias das cinco Áreas de Ensino e Pesquisa: I – Ciências Físicas e Tecnologia (Arquitetura, Engenharia, Física, Geociências, Matemática e Química); II – Ciências

Biológicas e Profissões da Saúde (Agronomia, Biologia, Ciências da Saúde, Enfermagem, Farmácia, Medicina, Veterinária, Nutrição e Odontologia); III – Filosofia e Ciências Humanas (Administração, Ciências Econômicas, Educação, Sociologia, Psicologia e Filosofia); IV – Letras; V – Artes (a temática de Teatro e Dramaturgia, Dança Afro-Brasileira Contemporânea, Música – Instrumentos Cinéticos e Órgão Eletrônico Microtonizado, Metodologia para Educação Artística) e Outros Setores, a saber: Biblioteca Central e Reitoria: Assessoria de Planejamento.

Duas outras publicações de significativa contribuição informacional, ambas com apresentação também da lavra do próprio reitor, são os volumes: v. 1 – *Pareceres, normas e resoluções da Câmara de Ensino de Graduação do Conselho de Coordenação: agosto de 1969 a julho de 1973*, Salvador, 1974, no qual o reitor ressalta “a relevância de divulgar as decisões desse importante órgão” e que deve ter “continuidade em outras publicações similares”, o que aconteceria, dois anos mais tarde, já no Reitorado Augusto da Silveira Mascarenhas, com a publicação do volume *Normas e resoluções das Câmaras de Ensino de Graduação, de Pós-Graduação e Pesquisa, e de Extensão do Conselho de Coordenação (agosto de 1969 a maio de 1976)*, UFBA – Superintendência Acadêmica, Salvador, 1976, com apresentação firmada pela então superintendente acadêmica, professora Yeda de Andrade Ferreira; e o v. 2 – *O processo de Administração Acadêmica, edição da Superintendência Acadêmica da Universidade Federal da Bahia*, 1974, em cuja Apresentação, datada de 31 de janeiro de 1975, o reitor Lafayette Pondé, antes de enaltecer os nomes dos técnicos auxiliares da equipe da Profa. Maria Ivete Ribeiro de Oliveira, pró-reitora para ensino, pesquisa e extensão, – assevera, com sua costumeira objetividade, o seguinte:

Com a promulgação, nos fins da década de 1960, das leis e decretos que traçaram as diretrizes para a reestruturação e reformulação do ensino universitário brasileiro, inaugurou-se uma nova fase na história do ensino superior deste País. Esse período se caracterizou, entre outros aspectos, pela exigência de maior participação de toda a comunidade Universitária na difícil tarefa de repensar a missão e objetivos da universidade num país em desenvolvimento, e, a partir [...] da legislação vigente, traçar novos rumos... para a Instituição nas próximas décadas.

Não foi e não tem sido fácil esse processo de fazer-se uma mudança institucional, de vencer resistências de toda ordem, na busca de

formas mais eficazes de otimizar os recursos humanos e materiais para servir melhor ao ensino, propiciar condições para a pesquisa e incrementar o programa de extensão.

A Universidade Federal da Bahia, reestruturada em 1968, elaborou a partir daí os seus documentos legais – Estatuto e Regimento, – implantou os novos órgãos da administração superior, ordenou o seu crescimento, traçou novo regime didático, elaborou normas, estabeleceu rotinas, reviu currículos, enfim, reformulou assim todo o processo da administração acadêmica, não esquecendo de cuidar dos demais aspectos da vida universitária.

A presente, utilíssima, publicação, que reúne informações relativas aos procedimentos adotados na administração acadêmica desta Universidade, objetiva contribuir [...] para o desenvolvimento desse novo e complexo setor da administração universitária [...] (UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA, 1974, p. 5-6)

No mencionado *Relatório anual, 1973*, datado de 4 de março de 1974, quando assinala a então iminente sucessão do governo do presidente Médici pelo do presidente Ernesto Geisel, o reitor, – preocupado com a “terrível pobreza de recursos” e as limitações ou contenções orçamentárias federais (UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA, 1974b, p. 11), bem como com o desafio de que “[...] urge refrear a expansão que se fez súbita, explosiva e abrupta nos últimos seis anos, quando duplicou a população estudantil e igualmente duplicou o número anual de conclusão de cursos” (UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA, 1974b, p. 3), – afirma que a UFBA se mantinha “[...] na posição de 3º estabelecimento oficial de ensino superior no país, em número de alunos, com uma matrícula global (de todos os níveis) verificada, em 1973, em torno de 14.000”, sem alteração de sua oferta de vagas, que “se estabilizou em 3.055”, mas que, felizmente, fora beneficiada por “[...] importantes projetos de financiamento especial, da iniciativa governamental de 1973”, que facultaram [...] à Universidade da Bahia ser incluída com alta prioridade (2º lugar entre 18 Universidades) no Programa denominado MEC/BID II”, de financiamento internacional favorável ao “nosso plano global de construções”, inclusive “[...] recursos efetivos a serem repassados a esta Universidade para a concretização da desapropriação de diversos imóveis” declarados de utilidade pública para fins de execução do Plano de Obras da UFBA. Também felizmente dotações orçamentárias “[...] especiais do MEC [...] mediante solicitações e exposições nossas para fins

específicos” viabilizariam a instalação do novo prédio da Escola de Administração, a indenização ao Instituto Politécnico, a recuperação das instalações do antigo Crinep, na Federação, para aí instalar a Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, a construção do Centro de Educação Física e Desportos (Federação) e o projeto Polo de Expansão Musical.

E no também acima citado relatório final, abrangente, **Atividades da UFBA – 1971 / 1975**, as “Palavras do Reitor”, datadas de 12 de agosto de 1975, apresentando uma “súmula de atividades (em 16 páginas e 34 quadros) assim apuradas pela Assessoria de Planejamento”, asseveram, com relação à expansão da “Base Física” da Universidade, o seguinte:

No período, foram construídas as seguintes unidades: Escola de Administração, Faculdade de Educação e Almoarifado Central, bem como foram incorporados (na Federação e Canela) os imóveis a seguir indicados: Faculdade de Filosofia, Cenap, Correios e Telégrafos, Casa da França (para a Biblioteca Central), Clínica Tisiológica (para o Instituto de Ciências da Saúde) e Centro Editorial e Didático. Foram ainda realizadas obras de significação com reparos e adaptação no Instituto de Ciências da Saúde, na Faculdade de Farmácia, na Escola Politécnica e, principalmente, no Hospital Professor Edgard Santos, onde foram recuperadas quatro enfermarias.

Acham-se no momento em andamento as seguintes obras: construção do Centro de Educação Física e Desportos (na Federação), da sede nova da Faculdade de Medicina (no Canela), além da readaptação da antiga sede daquela unidade (no Terreiro de Jesus) para instalação do Museu Afro-Brasileiro.

Em termos de área total (ocupada) passou a Universidade Federal da Bahia de 408.000 m², em 1971, a 605.000 m², em 1975, excluindo-se, evidentemente, o Campus Rural (de Cruz das Almas), com seus 16.000.000 de m², já existentes [...]

Registrou-se, portanto, um acréscimo de 48,3 % na totalidade de sua área. Além disso, acham-se em fase de negociação 175.000 m² a serem incorporados ao Campus da Federação [...]

Acrescente-se que no período foram concluídas as obras da segunda etapa da Faculdade de Arquitetura e da nova sede do Centro Editorial, e que na ala direita, vaga, do 3º andar do novo prédio da Escola de Administração, inaugurado em 1974, instalou-se o Centro de Estudos Baianos (a

ele incorporada a Biblioteca Frederico Edelweiss), dirigido pela professora Consuelo Pondé de Senna.

No que toca a realizações e atividades do Reitorado Lafayette Pondé, cabem aqui dois registros conclusivos, um sobre *Extensão universitária* e outro sobre *Convênios executados ou de execução em curso em 1975*. No primeiro caso,

[...] através da Escola de Música e Artes Cênicas e da Escola de Belas Artes foram desenvolvidos programas permanentes de extensão, a cargo da Orquestra Sinfônica, do Madrigal, dos Grupos e Conjuntos de Dança e Música e da Galeria de Artes e Mostras”. Os eventos culturais e artísticos mais expressivos, no período, foram: o I Seminário de Estudos sobre o Nordeste, com a temática ‘Preservação do Patrimônio Histórico e Artístico da Região; o I Seminário Internacional de Jornalismo Comparado; várias Jornadas Brasileiras de Curta Metragem; Festivais de Artes (a começar pela comemoração do Cinquentenário da Semana de Arte Moderna de 1922); a Apresentação do Grupo de Dança Contemporânea da UFBA em Brasília; dezenas de concertos, inclusive os ‘Concertos para a Juventude’, e projeções de filmes, apresentações de peças teatrais e realizações de concursos literários e de composição musical; e a criação e instalação do Museu Afro-Brasileiro. (UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA, 1975, p. 11)

No segundo caso, devem aqui mencionar-se os principais convênios, seja os executados, seja os de execução ainda em curso, em 1975: Avaliação da Reforma Universitária – com o Ministério da Educação e Cultura; Programa de Pesquisa e Educação para o Desenvolvimento – Proped – com a Fundação Rockefeller; Pesquisas Geofísicas – com o BNDE/Funtec/Finep; Métodos de Prospecção Geofísica – com a Sudene; Biologia da Reprodução – com a OMS – FORD FOUNDATION – POPULATION COUNCIL; Mudança do papel do hospital universitário numa comunidade brasileira – com a KELLOG FOUNDATION; e os programas especiais de pós-graduação em Geofísica, bem como o mestrado em Economia.

CRONOLOGIA (1974-2008)

- 1974 – O professor Lafayette de Azevêdo Pondé integra como Conselheiro, – por ato do presidente Ernesto Geisel, no âmbito do Ministério da Educação e Cultura, – o Conselho Federal de Educação.
- 1975/1978 – Atua como membro do Conselho Federal de Educação, do qual é eleito presidente em 1978, passando a residir em Brasília, D.F., no ano em que exerce o cargo.
- 1980 – Torna-se membro fundador da Academia de Letras Jurídicas da Bahia, da qual será eleito presidente; e integra o Conselho Superior do Instituto Brasileiro de Direito Administrativo, também como membro fundador.
- 1992 – Aos 85 anos, passa a coordenar, até 2002, o Curso de Especialização em Direito Administrativo, mantido pela Fundação Faculdade de Direito da Universidade Federal da Bahia.
- 1998 – É eleito, por unanimidade do colegiado que o homenageava nonagenário, membro da Academia Baiana de Educação, para ocupar a cadeira nº 39, cujo Patrono é Rui Barbosa.
- 2000 – Aos 92 anos, toma posse como membro na Academia Baiana de Educação, pronunciando um discurso, brilhante no seu costumeiro *wit and humour*, em que declara que vinha “participar” da Academia “[...] com tanto maior desvanecimento quanto, sob o prestígio cultural desta Casa, fico sob o patrocínio do espírito imortal de Rui Barbosa [...]”, a este dedicando um parágrafo breve, mas incisivo, como segue: “De Rui, nada sei que possa exceder à sagração nacional com que todos lhe cultuamos a memória. Basta-me a mim relembrar aqui suas palavras de desalento, que ainda hoje ressoam no país inteiro”:

O ensino, como a justiça, como a administração, prospera e vive muito mais, realmente, da verdade e moralidade com que se pratica, do que das grandes invenções e belas reformas que se lhe consagram [...] (BARBOSA, 1966, p. 58)

- 2007 – “Em 12 de março” – no dizer de Thereza de Sá Carvalho – “comemora o seu centenário de nascimento ao lado da família e dos que o têm como exemplo de dignidade e competência”.

- 2008 – Falece, aos 101 anos de idade, em Salvador, Bahia, onde nasceu, em 1907, à Rua Direita da Piedade, então residência de seus pais, Dr. João de Souza Pondé – conceituado médico de família – e de D. Adriana Maria Daltro de Azevêdo Pondé.

TÍTULOS E CONDECORAÇÕES

Mais de 20 títulos, condecorações e medalhas, nacionais, estaduais e institucionais, por decretos federais ou estaduais, e decisões de instituições públicas e privadas, foram conferidos ao professor Lafayette Pondé, como se pode verificar na relação organizada por Thereza de Sá Carvalho e publicada no já citado volume *100 anos de um aniversário*: 12 de março de 2007: Lafayette Pondé: homenagens a um mestre, Salvador, Bahia: Contexto, 2007, p. 176-177.

FAMÍLIA

Teve Lafayette Pondé oito irmãos, alguns médicos ilustres e dois militares de alta patente, um general e um almirante, a saber: Prof. Adriano de Azevêdo Pondé (que foi vice-reitor da UFBA), João de Souza Pondé Filho, Maria Bernadete Pondé de Senna, Francisco de Paula de Azevedo Pondé (o general), Beatriz Pondé de Castro Lima, Regina Pondé Falcão, Jayme de Azevedo Pondé (o almirante) e Alberto de Azevêdo Pondé.

Em 1933 casou-se, em São Paulo, com Lourdes Margarida Vaz Porto, ela, paulista, de família materna baiana, sua esposa por 71 anos até falecer em 2004. Descendem do casal três filhos: o médico João de Souza Pondé Neto, a bibliotecária e professora Gilda Maria Pondé Bastianelli e o procurador do Estado Lafayette Pondé Filho, além de seis netos: João Luiz, Gustavo, Helena, Luciana e Maurizio Bastianelli, e Sílvia; e seis bisnetos: Mariana e Sérgio Dhelomme, Antonio Pondé, Rafael Knopf, Letícia Bastianelli, Júlia Pondé e a australiana Siena, nascida em 2010, filha da neta Sílvia.

AUGUSTO MASCARENHAS (1975-1979)

*Clara Wolfovitch¹, Nadja Valverde Viana²
Paulo R. Marinho³, Aida Varela Varela⁴*

A história é a testemunha do tempo, a luz da verdade,
a escola da vida, a mensagem de antiguidade.

Cícero (106 A.C.)

APRESENTAÇÃO

Os dados descritos nesta apresentação têm como objetivo proporcionar uma visão do que foram o comando e a ação dos principais órgãos da Reitoria e das unidades da Universidade Federal da Bahia, durante o período de 1975 a 1979, gestão do reitor Augusto da Silveira Mascarenhas.

Algumas ideias plantadas e parte do planejamento ideal não foram registradas pela limitação de recursos da época.

Os dados pessoais do reitor foram adquiridos em 31/02/2011, através de entrevista escrita com sua filha, professora Tania Tavares Mascarenhas.

1 Professora Adjunta IV, aposentada da Escola de Enfermagem da UFBA

2 Professora Adjunta, aposentada do Instituto de Química da UFBA.

3 Procurador da União, aposentado UFBA.

4 Vice-coordenadora do Programa de Pós-Graduação do ICI/UFBA. Professora Adjunta IV.

INTRODUÇÃO

O Prof. Dr. Augusto da Silveira Mascarenhas exerceu o Reitorado da UFBA durante o período de 1975 a 1979. Foi escolhido através de lista sêxtupla pelo Conselho Universitário e nomeado pelo presidente da República.

Nasceu em 19 de agosto de 1916, na cidade de Cachoeira, no Recôncavo Baiano, filho do advogado, político, deputado estadual e federal Alfredo Mascarenhas e de Leopoldina da Silveira Mascarenhas.

Casou-se em 1943, com Maria Jesuína Santos Mascarenhas, pianista clássica carioca e teve duas filhas: Tania Mascarenhas Tavares, atual professora titular de Química Analítica da UFBA e Liana Santos Mascarenhas.

Seus primeiros estudos foram realizados na cidade natal. Mudou-se para Salvador com a família e realizou o curso colegial no Colégio Estadual da Bahia.

Nessa época, interessou-se muito por estudos de Física, fazendo curso extraescolar de kits importados e desprezados pelos professores e que serviram de base do conhecimento para uma pesquisa sua em eletrocardiografia.

Estudou Medicina na Faculdade de Medicina da Bahia, graduando-se em 1939. Durante a sua vida universitária, foi atuante na política estudantil, tendo sido um dos fundadores da União Nacional dos Estudantes (UNE). Logo após ser diplomado, continuou seus estudos, indo fazer Residência Médica em São Paulo, por iniciativa própria, tendo contado apenas com o empréstimo de “5 contos de réis” de seu padrinho, o que demonstra o seu destemor.

Após dez anos de formado, foi médico concursado do Instituto de Aposentadoria e Pensão dos Comerciários (IAPC).

Tornou-se pesquisador conhecido em Cardiologia e foi assistente do professor catedrático de Cardiologia da USP, Dr. Jairo Ramos.

Em 1949, foi aprovado, em primeiro lugar, no concurso para professor catedrático de Propedêutica Médica da UFBA, assumindo o cargo no início do ano seguinte.

Associou às atividades universitárias o seu trabalho no consultório, onde atendia nas especialidades Clínica Geral e Cardiologia.

Foi, muito atuante, presidente da Sociedade Brasileira de Cardiologia.

Presidiu o XI Congresso Brasileiro de Cardiologia, realizado em Salvador de 4 a 7 de julho de 1954, sendo presidente de uma mesa redonda sobre “doenças reumáticas”. Publicou vários trabalhos sobre a sua especialidade,

destacando-se, porém, os relativos à Eletrocardiografia. Participou do VI Congresso Interamericano de Cardiologia em 1960, no Rio de Janeiro, com a presença do professor Paul White, considerado, na época, o mais famoso cardiologista norte-americano.

Augusto Mascarenhas foi, acima de tudo, um professor dedicado à graduação, ao contrário do que se vê nos dias atuais, em que a grande preocupação de alguns docentes é a pesquisa e a pós-graduação. Não obstante esse fato, muito contribuiu para a implantação do Mestrado de Medicina Interna e de outros, na Universidade.

Foi clínico de renome, vice-reitor e reitor da Universidade Federal da Bahia. Como reitor, prestou inestimáveis serviços a Feira de Santana por iniciativa própria, dando apoio logístico à Universidade Estadual de Feira de Santana durante os primeiros meses de seu funcionamento.

REITORADO

Dando continuidade à filosofia de Integração Docente-Assistencial, preocupação constante da UFBA, Augusto Mascarenhas, durante sua gestão, procurou estimular os docentes e alunos a desenvolver trabalhos na comunidade baiana, através de estágios, projetos de cursos e trabalhos de pesquisa.

Mascarenhas ensinava que a Universidade não devia ser uma instituição alienada e desligada da realidade, sobretudo das regiões em desenvolvimento. Considerava que uma universidade deve se afirmar na liderança da comunidade, por ser um órgão que participa ativamente de toda vida social, buscando formar pessoas responsáveis e competentes que tenham condições necessárias para dirigir a nação.

A Universidade é sinônimo de liberdade, e liberdade não é uma dádiva. É uma conquista. Por isso, estimulava evidenciar no universitário ser um líder autêntico na sua comunidade e cidadão consciente de seus deveres e direitos. Dizia sempre que um país só se sentirá forte e seguro na medida em que contar com uma elite dirigente em quantidade e qualidade correspondentes aos reclamos de suas aspirações e do seu desenvolvimento, de sua determinação no progresso e da sua afirmação no consenso universal.

Tinha preocupação constante na formação de líderes que modificassem, dentro da comunidade, a estrutura antiquada dos diversos serviços.

Repetia sempre que a Universidade deve acompanhar o desenvolvimento das sociedades, particularmente no que se refere aos esforços de valorização da vida humana, porque seu material de trabalho, é o homem (professores, alunos e funcionários), como tal, sujeito à complexa ação de sua própria estrutura biofísica e social; insaciável em seus desejos e ansiedades, livre em seus julgamentos e atitudes.

Foram muitas as lições aprendidas durante a sua gestão, sobretudo no que diz respeito ao agir ético.

Como administrador, naquele momento, colocava a sua sabedoria a serviço da sociedade, exercendo a Reitoria com dignidade e beleza moral.

Era um homem determinado que sabia enfrentar as dificuldades inerentes à vida, sobretudo ao cargo que estava ocupando, não se deixando abater nem desanimar. Demonstrou acreditar na virtude alheia e sua conduta foi sempre retilínea e digna, utilizando a sagrada liberdade humana para o bem e crescimento da Universidade.

Mascarenhas assumiu o cargo de reitor da UFBA em 1975, sete anos após a instalação da Reforma Universitária (1968) implantada pelo reitor Roberto Santos.

Revelou logo, no início de sua gestão, o objetivo de organizar os campi universitários desde o bairro do Canela até a área de Ondina, e assim mandou projetar uma maquete demarcando os diversos campi da UFBA, colocando-a em exposição no hall de entrada do palácio da Reitoria para ser apreciada por todos.

Constou de seu planejamento administrativo a consolidação dos campi do Canela, da Federação e de Ondina.

Por outro lado, preocupado com o acúmulo de órgãos que funcionavam na Reitoria, onde circulava grande número de pessoas, solicitou à Escola de Enfermagem permissão para, provisoriamente, dali transferir os órgãos da administração para o prédio que, na época, contava com espaço ocioso devido ao fechamento da residência das estudantes de Enfermagem (1973).

Inicialmente, implantou, na Escola de Enfermagem, a Câmara de Ensino de Graduação e Pós-Graduação e Pesquisa; em seguida, a Superintendência de Pessoal, Consultoria Jurídica, Bolsa Trabalho-Pesquisa para estudantes da UFBA, os Escritórios Técnico-Administrativos (ETA) da Prefeitura do Campus e uma agência do Banco do Brasil, instalada com recursos do próprio banco.

As obras planejadas foram concluídas no final da gestão e o reitor Augusto Mascarenhas devolveu o espaço à Escola de Enfermagem.

É importante ressaltar, em sua gestão, o convênio MEC-BID para financiar construções, recursos humanos, equipamentos e assistência técnica, ficando sob a responsabilidade e execução do ETA.

Conseguiu junto à CHESF, com a Coelba e o governo do Estado, o parque Garcia D'Ávila, situado em Ondina, com uma área de 80.000 metros quadrados e outra de 5.000 metros quadrados, já construídos.

Em 1976, foi aprovado o projeto de recuperação do Campus Universitário. Merece distinguir, em seu Reitorado, o projeto de Desenvolvimento Integrado de Cachoeira (Integração-Ensino Serviço), oferecendo a essa cidade do Recôncavo Baiano melhores condições de educação, de preservação de seus bens culturais, e estímulo às suas atividades econômicas.

ATIVIDADES RELEVANTES REALIZADAS

ASSESSORIA DE PLANEJAMENTO

A gestão de Mascarenhas foi marcada pela reativação da Assessoria de Planejamento, com a redefinição de uma linha de projeto para a UFBA. A elaboração de um programa geral para a Universidade partiu das colocações feitas no trabalho publicado sob o título *Diagnóstico dos problemas operacionais da UFBA*, quando se buscou determinar os seus objetivos educacionais, a racionalização de sua estrutura organizacional e a modernização de seu processo de gestão.

Elaborado o Plano Operativo, que integra o documento *Proposta para o desenvolvimento da função planejamento da UFBA*, foram delimitados os programas fundamentais e analisadas as condições de implantação e desenvolvimento do órgão central de planejamento na Universidade Federal da Bahia, desde a Reforma Universitária.

PLANEJAMENTO GLOBAL

Os princípios gerais do planejamento foram viabilizados através do seguinte esquema operativo:

- Sistema de planejamento global – para a autoavaliação da UFBA, mobilizando e integrando pessoas, departamentos e órgãos.

- Subsistema de base – envolvendo atividades relacionadas ao suporte a todo o trabalho de planejamento global.

Com a institucionalização do processo de planejamento, as programações e os projetos foram orientados para viabilizar a integração da Universidade ao desenvolvimento regional, com uma maior articulação orgânica do ensino universitário/comunidade/desenvolvimento regional, observadas, porém, limitações de escassez de recursos humanos e financeiros.

AÇÕES DO PLANEJAMENTO

Foram implementadas as seguintes atividades:

- Elaboração de um Projeto de Pesquisa Institucional, juntamente com o Departamento de Sociologia, voltado para a análise do “Padrão de desempenho da profissão acadêmica na UFBA”.

As atividades desse Projeto foram realizadas através de:

- seminários teóricos sobre assuntos da relação Universidade/Sociedade, bem como sobre o corpo docente;
 - levantamento e sistematização de material bibliográfico e estatístico existente;
 - atualização do cadastro docente e tabulação de dados de caracterização do corpo docente da UFBA;
 - sistematização da legislação sobre pessoal docente.
- Experiência piloto na área das ciências agrárias, através da implementação do Programa de Desenvolvimento da Escola de Agronomia da UFBA, com um convênio firmado entre o MEC/DAU/UFBA, executado sob a responsabilidade do Centro de Estudos Interdisciplinares para o Setor Público (ISP).
 - Atividades da programação orçamentária, dentro da política de aperfeiçoamento de métodos da Assessoria de Planejamento, fortalecendo as unidades de ensino no processo de definição dos programas universitários.

Entre outros trabalhos, essas atividades compreenderam: pré-operação orçamentária; alocação de recursos para despesas de capital; acompanhamento da despesa mensal com pessoal; Sistema de Controle da Despesa de Diárias; *Manual de elaboração das propostas parciais*; estudo do custo histórico das atividades da UFBA e sua programação financeira.

- Mecanismo de ativação dos departamentos através do assessoramento direto às unidades de ensino, destacando-se o assessoramento estatístico às atividades de pesquisa educacional da Faculdade de Educação e a consultoria estatística ao Centro de Recursos Humanos para a elaboração da pesquisa *Determinantes socioeconômicos para o desempenho escolar na UFBA*. O projeto *Desenvolvimento de ensino e pesquisa na Escola de Medicina Veterinária da UFBA*, com o apoio financeiro da SUBIN/MINIPLAN.
- Elaboração de anteprojeto do *Regimento interno da Reitoria*.
- Implantação e desenvolvimento do Sistema de Informações da UFBA.

MELHORIA DA INFORMATIZAÇÃO

Desenvolvimento do Programa de Automação Administrativa, com instalação do computador DEC.10 e aumento da capacidade de processamento dos dados eletronicamente, que resultaram em maior envolvimento dos órgãos usuários do sistema de computação, com integração de Sistemas gerenciais e a organização do Setor de Documentação e Estatística

Entre as atividades do Setor de Documentação e Estatística, deve-se distinguir o trabalho sistemático de coletar e divulgar legislação educacional, em apoio à elaboração de documentos estudados e pesquisados. Também como crescia o número de professores realizando pesquisa, foi instituída a *Lista bibliográfica de documentos recebidos* para atender às solicitações da comunidade acadêmica.

FINALIDADE DA ASSESSORIA

A Assessoria de Planejamento foi institucionalizada visando a estruturar a Universidade para coletar dados e publicá-los como informação de interesse da comunidade estudantil e docente. Foi criado o *Boletim de dados estatísticos anuais da UFBA*, publicado no início de cada ano letivo. Esse setor de Documentação e Estatística sistematizou informações sobre o ensino de graduação e pós-graduação na UFBA e demais instituições de ensino superior do Estado, detalhando-as em:

- matrículas por curso, ciclo de estudo e conclusão de curso;
- matrículas detalhadas por aluno e disciplina;
- demanda do vestibular por curso;

- oferta de vagas pela UFBA e demais instituições de ensino superior na Bahia;
- diplomas expedidos por curso e instituição de ensino;
- estatística de pessoal docente, por categoria funcional, regime de trabalho e departamento.

Como se observa, o reitor Augusto Mascarenhas destacou a função Planejamento, visando à modernidade da gestão acadêmica por ele implementada.

SUPERINTENDÊNCIA ACADÊMICA

Reconhecimento de Cursos

Durante o primeiro semestre de 1976, foi feito um levantamento da situação de todos os currículos dos cursos oferecidos pela UFBA, partindo-se para a reformulação e adaptação às normas legais dos currículos de Nutrição, Enfermagem, Odontologia, Secretariado, Museologia e Processamento de Dados.

Considerando-se que alguns cursos ainda não estavam reconhecidos, foram tomadas diligências junto aos Colegiados, para a reformulação dos currículos e posterior aprovação pela Câmara de Ensino de Graduação. Assim, mereceram reconhecimento, pelo Conselho Federal de Educação, os seguintes cursos da UFBA:

- Museologia.
- Secretariado.
- Processamento de Dados.
- Licenciatura em Ciência.
- Formação de Psicólogo.
- Formação de Tecnólogo Químico-Analista Industrial – visando atender à demanda do Pólo Petroquímico, implantado em convênio com o Ministério da Educação, demonstrando a responsabilidade da Universidade no atendimento às necessidades do mercado de trabalho.

Durante esse período, foram criados e entraram em funcionamento os Cursos de Engenharia de Minas e Engenharia Sanitária.

Depois de reformulados e adaptados às normas legais, foram aprovados pelo Conselho Federal de Educação os novos currículos dos cursos:

Engenharia Civil, Engenharia Química, Engenharia Sanitária e Engenharia de Minas, modernizados.

Ensino de Educação Física

Por ato do Conselho Universitário da UFBA, foi criado o Departamento de Educação Física, abrangendo as seguintes modalidades: Atletismo, Voleibol, Natação, Ginástica Rítmica, Ginástica Geral, Futebol e Basquetebol.

Estudos de Recuperação

Foi realizada uma avaliação de procedimentos implantados em decorrência da Reforma Universitária de 1968. Tomou-se por base dados que demonstraram a ineficácia dos Estudos de Recuperação do Primeiro Ciclo.

Orientação para Vestibular

Com o objetivo de oferecer orientação para os vestibulandos na escolha da profissão e sobre as oportunidades do mercado de trabalho, o Serviço de Seleção, Orientação e Avaliação publicou uma série sobre *Informação Profissional*, realizando, também, palestras nos estabelecimentos de ensino médio (antigo segundo grau), esclarecendo as dúvidas que estudantes tinham sobre as opções de cursos oferecidos pela Universidade.

Matrículas

O Sistema de Cadastramento dos Alunos da UFBA foi aperfeiçoado, com o objetivo de utilizar toda a potencialidade do computador DEC-10. Para tanto, junto com o Centro de Processamento de Dados, os trabalhos de planejamento para ofertas de vagas em disciplinas foram desenvolvidos com a participação de professores, chefes de Departamentos, diretores e professores orientadores, resultando na adequação de oferta e consequente eficiência da matrícula.

INFORMAÇÕES SOBRE PESSOAL DOCENTE

O cadastro do Corpo Docente da UFBA foi elaborado pela Superintendência Acadêmica, sendo alimentado com informações periódicas e confirmadas pela programação semestral dos departamentos. Esse controle foi feito por categoria, regime de trabalho e titulação acadêmica, possibilitando igualmente informações seguras sobre:

- abertura de seleção para auxiliar de ensino, junto aos departamentos mais carentes;
- abertura de concursos para professor assistente e professor adjunto;
- controle de pessoal, decorrente do estudo da capacidade docente, por departamento, em cumprimento da Resolução N° 01/77 do Conselho de Coordenação;
- análise do processo de contratação de professor colaborador;
- abertura de vagas para professor titular.

Em decorrência da análise da capacidade docente, instalado por departamento, efetuada pela Superintendência Acadêmica, foi possível ampliar-se o oferecimento do número de vagas por disciplinas que, no ano de 1975, era de 76.065, tendo passado, no primeiro semestre de 1979, para 90.630 vagas. A partir dessa oferta, o número de matrículas por disciplina foi também aumentado, o que possibilitou ao corpo discente maior número de créditos.

Iniciou-se, nessa época, a elaboração de um planejamento adequado, possibilitando a utilização do potencial dos departamentos, com vistas à otimização de ofertas de vagas para atendimento à demanda de alunos.

PUBLICAÇÕES

Estabeleceu-se competição com a comunidade acadêmica, alunos e professores com funções variadas indicando as publicações de catálogo, manual do estudante e outros.

As publicações regulares, mantidas pela Superintendência Acadêmica, foram:

- *Catálogo geral da UFBA* – com reformulações, nos últimos dois exemplares, para oferecer mais subsídios aos usuários.
- *Manual do estudante* – acrescido de novas informações.
- *Regulamento geral de matrícula.*
- *Guias de matrícula.*
- *Normas e Resoluções das Câmaras do Conselho Federal.*
- *Revistas Universitárias.*
- *Textos didáticos.*
- *Estudos baianos.*

PÓS-GRADUAÇÃO

A pós-graduação, na gestão do reitor Augusto Mascarenhas (1975-1979), passou a considerar aspectos que muito interessaram aos candidatos aos cursos dessa área. Para isso, foram determinantes as seguintes ações:

- elaboração do *Guia semestral de matrícula*, para permitir aos estudantes, juntamente com o respectivo diretor de Estudos, o planejamento da matrícula semestral;
- organização do *Calendário Universitário* e o *Regulamento de matrícula da Pós-Graduação*, que proporcionaram regularidade e uniformidade aos vários eventos;
- publicação do *Catálogo dos Cursos de Pós-Graduação da UFBA*, que permitiu a codificação centralizada das disciplinas de pós-graduação, uma inovação. A Coordenação dos Cursos de Pós-Graduação pôde contratar pessoal e forneceu equipamentos de escritório para os cursos mais carentes;
- regularização do alunado de pós-graduação para cumprimento dos prazos de duração curso;
- planificação no estabelecimento de novas vagas para o ingresso nos cursos de pós-graduação, atendendo à capacidade de orientação de cada curso;
- estabilização do número de “alunos especiais”, com o controle do número de vagas das disciplinas ofertadas;
- em conjunto com a Câmara de Pós-Graduação e Pesquisa, foi elaborado o anteprojeto de revisão das *Normas da Pós-Graduação*.

POLÍTICAS DE FORMAÇÃO DE RECURSOS HUMANOS

Durante o período em estudo, foi criado o *Plano Institucional de Capacitação Docente* (PICD), destinado à oferta de bolsas para cursos de mestrado, doutorado e pós-doutorado no país e no exterior.

Nesse mesmo período, realizou-se:

- a implantação da administração de recursos repassados pela Capes, em convênio com a UFBA, destinados a bolsas para cursos de pós-graduação, no país;

- recrutamento de pessoal docente, de acordo com a política de qualificação de recursos humanos da UFBA, para bolsas de pós-graduação no exterior, com indicação das prioridades da Universidade junto à Capes, apoio às conexões com instituições culturais estrangeiras e à realização de testes de proficiência em línguas, estendendo-se o apoio aos representantes da Capes, quando da realização de entrevistas dos candidatos não só da UFBA como de todo o Nordeste;
- elaboração do *Manual do PICD* (Programa Institucional de Capacitação Docente);
- instituição de uma representação do PICD, em cada unidade, com um docente indicado pela diretoria, para funcionar como elemento de ligação, principalmente, no que diz respeito à divulgação;
- organização de um *Calendário anual* para cada PICD;
- organização de um subsistema cujo acervo era constituído de um *Catálogo de doutorado na França*;
- início da organização de um *Catálogo de doutorado na Alemanha*;
- acompanhamento dos bolsistas do PICD através de relatórios semestrais, o que permitia a avaliação de desempenho.

PROGRAMA DE BOLSAS CAPES

A criação desse programa foi realizada através de:

- divulgação e inscrição dos candidatos, mesmo dos que não tinham relação com a UFBA, para o PICD no exterior;
- relatórios de desempenho dos cursos para distribuição anual, pela Capes, das cotas de bolsas destinadas aos vários cursos da UFBA.
- acompanhamento e avaliação de bolsistas que realizavam cursos de doutorado no exterior;
- orientação de bolsistas de outros programas patrocinados por agências estrangeiras, em cooperação técnica com o governo brasileiro, ressaltando-se o programa Laspau-Fullbright, ofertado através da Adjuntoria, para a qualificação de recursos humanos na área de Artes.

PESQUISA

Foi muito evidenciado, durante o Reitorado de Mascarenhas, o programa de incentivo à pesquisa, organizando-se uma central de informação para fornecer aos docentes e alunos dados sobre as possíveis fontes de financiamento de pesquisa, suas normas, modos de proceder, e os formulários respectivos para solicitação. Foram estimulados pedidos de bolsas ao CNPq e de auxílio de financiamento ao Banco do Nordeste para pesquisa e dissertações de interesse regional.

O desenvolvimento das pesquisas envolvia várias unidades, inovando pela valorização do meio ambiente. Além disso, foi estimulado o envolvimento de estudantes de graduação, em trabalho de pesquisa com a Instituição dos Estudos dos Ambientes Estuarinos, mediante um projeto integrado envolvendo pesquisa dos institutos de Biologia e Química, tendo como resultado a elaboração de quatro teses de doutorado.

TRABALHO/PESQUISA

Nessa gestão foi criado o *Projeto Bolsa Trabalho/Pesquisa*, instituído pelo MEC para estimular atividades de pesquisa por estudantes de graduação.

CATÁLOGO DE PESQUISA

Foi editado o *Catálogo de pesquisa da UFBA*, relacionando os projetos de pesquisa e os seus responsáveis.

PUBLICAÇÕES ESPECIAIS

Foram preparados números especiais da revista *Universitas*, veículo oficial de difusão cultural e científico da UFBA, dedicado às diversas áreas da Universidade.

ADMINISTRAÇÃO DE CONVÊNIOS

Crescia o número de convênios firmados pela Reitoria e suas unidades de ensino, o que levou à busca da racionalização dos processos gerenciais

dos convênios e da centralização de toda a sua administração, tendo como base a estrutura do Programa de Pesquisa e Educação (PROPED), convênio UFBA/Fundação Rockefeller e como principal fonte de recursos a Capes, com o custeio para pós-graduação, através do Projeto Nordeste, além de concessão de recursos para as bolsas PICD e para o Programa Demanda Social.

OUTRAS ATIVIDADES FORAM DESENVOLVIDAS:

- estímulo à captação de recursos humanos com os denominados “Professores Visitantes”;
- estímulo a programas de intercâmbio científico com instituições nacionais e estrangeiras. Deve ser citado, como dos mais promissores, um iniciante programa com a Pen State University, dos Estados Unidos, na área de Educação; outro programa que teve grandes perspectivas envolveu o Departamento de Geografia do Instituto de Geociências foi o Acordo de Cooperação Técnica Franco-brasileiro, com o apoio da Capes.

CREDENCIAMENTO DE CURSOS DE PÓS-GRADUAÇÃO (O RECONHECIMENTO DE CURSOS ATUALMENTE SEGUNDO “RECOMENDAÇÃO DA CAPES”)

Foi promovido, àquela época, junto ao Conselho Federal de Educação, o reconhecimento dos cursos de mestrado em Ciências Sociais e Economia, elevando-se para seis o número de cursos de pós-graduação com esse credenciamento.

O mestrado em Medicina teve seu credenciamento aprovado pelo Conselho Federal de Educação, enquanto o Curso de Patologia Humana foi encaminhado em processo para este fim, assim como os mestrados em Educação e Geologia.

NOVOS CURSOS

Foi significativa a expansão, nessa época, de cursos de pós-graduação *stricto sensu e lato sensu*. Foram criados os cursos de mestrado em Agrono-

mia e Enfermagem, motivados pela crescente demanda de pessoal nessas áreas para o Nordeste, ambos oferecendo, também, treinamento em nível de especialização.

Foram criados, em nível de especialização, dois cursos: Engenharia Metalúrgica e Medicina Veterinária. O primeiro, em convênio com a Usiba, representando uma experiência de integração Empresa-Universidade, recebeu financiamento da Finep, apoio docente da COPPE (UFRJ) e foi coordenado pela UFBA. O segundo foi pioneiro desse tipo no Norte-Nordeste, destinando-se a atender às necessidades de desenvolvimento da região.

Foi elaborado um projeto para criação de pós-graduação em Artes com mestrado e doutorado.

INTEGRAÇÃO ENSINO-SERVIÇO NA ÁREA DE SAÚDE

A filosofia mantida, desde o início da UFBA, foi confirmada com a execução do projeto de integração de Ensino-Serviço na área de saúde, com o apoio financeiro da Fundação Rockefeller e desenvolvido em duas etapas: a primeira, com a organização de um seminário, e a segunda, com a coordenação de um grupo de trabalho, que montou o projeto definitivo, enviado à Reitoria da UFBA, Secretaria da Saúde do Estado da Bahia, Fundação Rockefeller e outros órgãos de saúde.

Foi executado com sucesso o *Programa Integrado de Saúde Rural* na cidade de Cruz das Almas (Bahia) pelo Departamento de Enfermagem Comunitária, financiado pela Fundação Rockefeller, cujos objetivos foram:

- Integrar os serviços de saúde existentes na cidade de Cruz das Almas (Serviço de Saúde da Prefeitura, Santa Casa da Misericórdia, Postos de Saúde e INPS).
- Oferecer campo de estágio para estudantes de Enfermagem e de demais áreas da saúde.
- Implementar o Sistema de Saúde Simplificado.
- Treinamento de pessoal que prestava assistência de saúde na região.
- Formação de atendentes rurais através de cursos de curta duração.
- Criação de minipostos na periferia de Cruz das Almas (Sapeaçu).
- Formação de atendentes de laboratório (Escola de Farmácia), em cursos de curta duração.

- Formação de atendentes de Nutrição (Escola de Nutrição), em cursos de curta duração.

Foram ainda realizados:

- Programa de Educação Rural em Sapeçu (Cruz das Almas) coordenado por uma professora da Faculdade de Educação do Departamento II – Programa de Treinamento de Professores de Ciências e Matemática (PROTAP). Foi elaborado um currículo da 1ª à 4ª série voltado para atendimento à Educação.
- Projeto de Desenvolvimento Rural Integrado, coordenado por uma professora da Faculdade de Educação, com a participação de diversas unidades da UFBA: Faculdade de Educação, Escola de Agronomia, Escola de Enfermagem, Escola de Nutrição, Mestrado de Saúde Comunitária (Medicina), Faculdade de Direito e Faculdade de Administração.

COORDENAÇÃO CENTRAL DE EXTENSÃO

No quadriênio 75/79, as atividades de extensão desenvolveram-se, principalmente, na execução do Programa de Educação Continuada, do Programa de Educação Não-Formal e do Programa de Desenvolvimento Integrado da Cidade Monumento de Cachoeira (Prodesca).

Dentro do Programa de Educação Continuada, foram realizados 250 cursos e 50 seminários, abrangendo diversas áreas.

O Programa de Educação Não-Formal, implantado à época, desdobrou-se na realização dos cursos de Redação, Dicção, Cartografia na Pesquisa e no Planejamento, Técnica de Redação, Dicção e Comunicação, o Móvel como Testemunho do Homem e sua Época, Dinâmica das Relações Interpessoais, Pré-História e Arqueologia, Recreação e Fotointerpretação.

O Programa de Desenvolvimento Integrado da Cidade Monumento de Cachoeira desenvolveu os seguintes projetos:

- Saúde: Medicina; Ensino e Assistência de Enfermagem; Implantação dos auxiliares de Nutrição, envolvendo alunos e professores da Escola de Nutrição.
- Biblioteconomia: implantação da biblioteca Municipal de Cachoeira, Preparação da comunidade escolar do ginásio de Cachoeira,

Preservação dos Arquivos de Cachoeira: Preservação do arquivo histórico de Cachoeira em convênio com a Prefeitura Municipal sob a supervisão da Biblioteca Central e o Departamento de História da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas.

- Programa de Cultura: Integração da Educação Artística ao Ensino no Primeiro e no Segundo Grau e atividades comunitárias de Cachoeira. Coordenado pelo Departamento de Artes Cênicas da Escola de Música e Artes Cênicas e Departamento de Psicologia da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. Levantamento do acervo histórico musical da cidade de Cachoeira, supervisionado pela Escola de Música e Artes Cênicas.
- Desenvolvimento da criatividade e difusão de Artes Plásticas – Escolas de Belas Artes: Cursos de Desenho, Pintura e Xilografia.
- Assessoria Administrativa: a cargo do ISP.
- Desenvolvimento de Microempresas do Recôncavo – Projeto do curso de Mestrado em Economia.

Em 1977/1978, continuaram os projetos em Cachoeira. Dentre eles:

- Implantação da Biblioteca de Cachoeira, contando com material doado pela biblioteca de Administração Fazendária.
- Curso de Desenho e Xilogravura.
- Cursos para técnicos de enfermagem.
- Curso para atendente rural.
- Instalação de minipostos (Unidade Elementar de Saúde).
- Primeiro encontro dos artistas de Cachoeira.
- Curso de Educação Artística.
- Semana de Arte Infantil.
- Assistência e orientação alimentar nutricional em Cachoeira.
- Treinamento em serviço de pessoal auxiliar.
- Treinamento para formação de orientadores nutricionais.
- Jornada Educacional do Recôncavo em Santo Amaro (Planejamento e Avaliação da Aprendizagem).
- Construção da enfermaria masculina no Hospital São João de Deus (Arquitetura).

- Construção da nova clínica cirúrgica no Hospital São João de Deus (Arquitetura).
- Técnicas Biblioteconômicas como instrumento de acesso à informação.
- Treinamento de pessoal do Serviço de Nutrição Dietética.
- Campanha de promoção ao aleitamento materno.
- Encontro de empresários de microempresas do planalto do Recôncavo.
- Treinamento para estagiários.
- Implantação do centro de ativação cultural (Departamento de Artes Cênicas da Escola de Belas Artes).
- Seminário de debates sobre a questão cultural do Recôncavo.
- Mostra de Artes Cultura Cachoeira.
- Em 1978, com a morte do artista plástico Hansen Bahia, em Cachoeira, foi fundado o Museu Hansen Bahia.

Observa-se, nitidamente, o grande impulso que teve a extensão no Reitorado de Mascarenhas.

PREFEITURA DO CAMPUS

ESCRITÓRIO TÉCNICO-ADMINISTRATIVO

No quadriênio 75/79, foram feitas desapropriações para ampliação do Campus Universitário da Federação, equivalentes a 142.094,39 metros quadrados, tendo-se investido Cr\$ 82.876.464,37 cruzeiros. Desse modo, a área passou a ter a configuração prevista no Plano de Ocupação Física do Campus da UFBA, com um acréscimo de, aproximadamente, 25%. Os imóveis adquiridos, pertencentes a particulares, também incluíam terras da CHESF, governo do Estado (antigo Parque Garcia D'Ávila) e Coelba.

Em convênio com o Programa Premesu IV, a UFBA investiu, inicialmente, cerca de 124 milhões de cruzeiros (com previsão reajustável para 227 milhões de cruzeiros), no Subprograma Campus e Edifícios, iniciado com a construção do Bloco D do Instituto de Geociências e por um conjunto de prédios constituído pelo Centro de Processamentos de Dados, Instituto de Matemática, Restaurante Universitário e Pavilhão de Aulas da Federação I,

além das obras de infraestrutura integrada de todo o Campus de Ondina, que compreenderam: terraplanagem, drenagem, proteção de encostas, sistema viário, esgoto, comunicação telefônica, água e energia elétrica.

RECUPERAÇÃO E MANUTENÇÃO

Com vistas à agilização e à racionalidade das ações da Prefeitura do Campus, criou-se e implantou-se o Escritório Técnico-Administrativo, responsável pela área de manutenção e conservação e obras por administração direta.

No setor de Projetos e Construções, destacou-se a realização dos seguintes serviços:

- Reformulação dos espaços de administração da Faculdade de Medicina.
- Reformulação dos espaços didáticos e administrativos da Escola de Música.
- Recuperação e reforma de ambulatórios, enfermarias, cozinha e restaurante do Hospital Professor Edgard Santos.
- Recuperação do prédio da Maternidade Climério de Oliveira.
- Recuperação das instalações do Campus de Ciências Agrárias (Escola de Agronomia, em Cruz das Almas).
- Recuperação e adaptação de pavilhões do antigo Parque Garcia D'Ávila, destinados à instalação dos serviços de Administração de Meios da UFBA, tais como Secretaria Geral de Cursos, Superintendência Administrativa e Superintendência de Pessoal.
- Adaptação e recuperação do prédio da antiga Clínica Tisiológica.
- Recuperação e reforma do prédio da Escola Politécnica.
- Recuperação e reforma do prédio da Faculdade de Direito.

ENCARGOS E ESTUDOS

Com a organização e publicação do *Caderno geral de encargos*, pelo ETA, a Universidade passou a dispor de um texto básico de referência para especificações técnicas, normas de execução e procedimentos relacionados

a obras e serviços de reparo, o que proporcionou o controle e acompanhamento das obras.

O reitor Mascarenhas continuou com a colaboração institucional, tendo, então, elaborado, por solicitação do governo do Estado da Bahia, o projeto arquitetônico da primeira etapa da Universidade de Camaçari, destinada a atender às necessidades de mão de obra qualificada para o Polo Petroquímico.

Por solicitação da Universidade Federal de Sergipe, a UFBA elaborou e coordenou o projeto arquitetônico do Restaurante Universitário.

A ampliação da infraestrutura da Prefeitura do Campus e a criação do ETA permitiram que, no Reitorado do professor Augusto Mascarenhas, se concretizasse a consolidação dos três campi da UFBA: Canela, Federação e Ondina. Este foi o principal objetivo do reitor nessa área.

SUPERINTENDÊNCIA ADMINISTRATIVA

Teve como meta a normatização das rotinas, visando à qualidade e agilidade. Para tal, foram elaborados vários manuais práticos sobre as rotinas e os processos adotados e introduzidos na UFBA, marcando as atividades da Superintendência Administrativa durante 1975 a 79.

Com o *Manual de administração de material*, contendo a legislação pertinente, instruções e instrumentos mais dinâmicos, a atuação do setor foi modernizada.

Foi instituída a Centralização de Compras, e implantado o Almoxarifado Central, visando à redução de custos.

Foi elaborado o *Catálogo de materiais*, racionalizando as compras de matérias de uso comum, centralizando aquisições no Almoxarifado Central e padronizando os diversos tipos de materiais utilizados pelas unidades, diminuindo-se sensivelmente os custos.

A implantação do sistema de controle de combustíveis, com um micro-posto de gasolina, centralizou o abastecimento para toda a Universidade.

SETOR FINANCEIRO

Foram desdobradas todas as contas dos sistemas Patrimonial, Financeiro e Orçamentário, e projetados novos documentos de entrada de dados e relatórios, através do Plano de Automação Administrativa. Esse trabalho

permitiu a introdução de novos mecanismos e recursos do sistema de computação, possibilitando a adaptação dos instrumentos contábeis e financeiros à legislação e às normas da Inspeção Geral de Finanças, para as auditorias realizadas na Universidade.

Também foi elaborado o *Manual de administração financeira*, documento contendo a legislação e as resoluções que disciplinam a execução orçamentária e financeira da UFBA.

SETOR PATRIMONIAL

Visando ao controle do patrimônio, foi preparada a infraestrutura para a implantação do Projeto de Controle de Bens Patrimoniais e elaboração do *Manual de administração patrimonial*, com um conjunto de normas e procedimentos básicos, destinados ao controle físico-financeiro dos bens móveis da UFBA, bem como o *Manual de classificação de bens de móveis*.

COMUNICAÇÃO

- Elaborado o *Manual de protocolo e normas sobre organização de processos*, com normas e procedimentos para modernizar o setor nas diversas unidades da UFBA. Logo em seguida, realizou-se treinamento, sob a coordenação da Divisão de Seleção e Aperfeiçoamento, de pessoal necessário à introdução dos novos procedimentos.
- Foram reorganizados o Arquivo Geral e o arquivo da Secretaria Geral de Cursos, como início do processo de microfilmagem, catalogação e análise dos documentos referentes ao período de 1948 a 1972.

PROJETOS ESPECIAIS

Foi ampliado o Sistema de Telecomunicações, com a instalação de 17 linhas para diversas unidades.

Assessoramento para a aquisição de equipamentos da farmácia modelo da Escola de Farmácia da UFBA.

SUPERINTENDÊNCIA DE PESSOAL

A Superintendência de Pessoal teve papel importante no Reitorado devido à alteração na legislação e política para os servidores públicos da União, o que resultou em:

- implantação do *Plano de classificação de cargo do pessoal técnico-administrativo e dos docentes*, regidos pelas legislações estatutária e trabalhista, com aplicação de processos seletivos (realização de provas), específicos para cada categoria e, nos casos determinados pela lei, promoção de cursos de treinamento para os servidores ocupantes de funções de apoio administrativo;
- implantação do *Plano de classificação de cargos do pessoal* redistribuído pela Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos para a UFBA, por ato do presidente da República, sendo aplicado o mesmo processo seletivo do item anterior;
- aplicação de Processo Seletivo para inclusão de servidores abrangidos pela Instrução Normativa do Dasp, nº 67/77, e posterior elaboração da proposta de inclusão no Plano de Classificação de Cargos;
- melhoria das práticas administrativas e simplificação de rotinas;
- avaliação de desempenho, resultando no Aumento por Mérito e Progressão Funcional dos servidores incluídos no Plano de Classificação de Cargos;
- preparo da reestruturação do grupo Direção e Assistência Intermediária, com proposta feita pela UFBA ao Dasp, para a elevação do nível dos Chefes do Serviço de Apoio Administrativo e dos Secretários integrantes daquele grupo;
- processamento e execução, junto com a Copert(Comissão Permanente de Regime de Trabalho), da Progressão Funcional do Grupo Magistério, pela qual professores assistentes da UFBA, que estavam há três anos no exercício da função e não possuíam título de doutor, passaram para a classe de adjunto, beneficiando mais de 300 professores;
- elaboração de projetos relacionados a Normas Internas de Pessoal, orientando servidores da UFBA sobre procedimentos a adotar, diante de cada caso administrativo;

- atendimento a diversas solicitações de outros órgãos públicos para treinamento de seus servidores, tais como: Ministério do Exército, Escola Técnica Federal na Bahia, Delegacia Regional do MEC e Instituto Brasileiro do Café;
- realização de promoção e acesso do pessoal incluído no Quadro Suplementar;
- providências administrativas para implantação do Cadastro Geral no computador, mediante a realização de um censo para coleta de dados relativos a todo o pessoal da Universidade;
- implantação da Copert com atribuições de, mediante análise do plano de trabalho, alterar para 40 horas ou D.E., o que resultou no aumento substancial de professores em tempo integral, acrescidos de que a Progressão Funcional dava aumento salarial de acordo com os níveis I, II, III, IV.

A RELAÇÃO DO REITOR COM OS ESTUDANTES

Exercendo a função de reitor da UFBA numa época (1975-1979) em que havia muitas divergências sobre o regime político vigente, não foram registrados fatos que tivessem interferido na sua administração.

Nessa época, a UFBA já uma das maiores universidades públicas do país, contava com, aproximadamente, 15.688 alunos.

Para as suas decisões, o reitor sempre solicitava aos diretores das unidades e dos órgãos da Reitoria, as opiniões estudantis, respeitando os órgãos colegiados onde existiam representações do alunado.

Como já descrevemos, o Prof. Mascarenhas como reitor administrou em função da melhor assistência ao corpo discente, exigindo a representação estudantil em todos os órgãos colegiados.

Criou a Bolsa Trabalho/Pesquisa, introduzindo o aluno nos trabalhos de pesquisadores.

Mascarenhas preocupava-se com a integração entre os serviços e o ensino para um melhor aprendizado da realidade existente na prática.

No fim de sua gestão, o professor Mascarenhas inaugurou, no campus de Ondina, o Restaurante Universitário para todos os estudantes da UFBA, fato relevante diante do reduzido valor cobrado pelas refeições.

REFLEXÕES SOBRE O REITOR EMITIDA PELOS AUTORES DA BIOGRAFIA

O professor Augusto da Silveira Mascarenhas baseou o seu Reitorado nos seguintes pontos:

- valorização dos órgãos colegiados superiores, como apoio para a implementação das políticas e ações;
- “Planejamento de ações” – frase muito utilizada no seu reitorado;
- modernização administrativa com a introdução de instrumentos de avaliação e controle;
- avanço tecnológico mediante a ampliação da rede informática e uso do processamento de dados, que permitiram o acesso a informações da fundamentação para o desenvolvimento;
- institucionalização da pós-graduação;
- integração da Universidade com a comunidade;
- melhoria e consolidação da infraestrutura dos três campi: Canela, Ondina e Federação.

LUIZ FERNANDO DE MACÊDO COSTA (1979-1983)

*Lídia Maria Batista Brandão Toutain*¹
*Alfredo Carvalho de Macêdo Costa*² (colaborador)

A relevância da educação sobressai a partir de sua participação no contexto socioeconômico. Assim, não obstante abrigar e aperfeiçoar uma elite – que é minoria – a Universidade atuará com as vistas voltadas para o restante da população, porque, além de carente, é, também, maioria.

Macêdo Costa

Em seu reitorado, o médico e professor Luiz Fernando Macêdo Costa teve como uma de suas prioridades o apoio e estímulo à pós-graduação e à pesquisa. Procurou ressaltar a importância da produção de novos conhecimentos para atender à demanda do mercado de trabalho, tanto no setor público quanto no privado, com o preparo de profissionais de alto nível. Todavia, consciente do papel social da UFBA, destacava a atividade de extensão, classificando-a como “ponte de ligação entre a Universidade e o ambiente local”, preocupado em não diplomar técnicos individualistas que desconhecem a função social da própria profissão.

1 Doutora em Filosofia pela Universidade de Léon, Espanha. Professora do Instituto de Ciência da Informação da UFBA.

2 Alfredo Carvalho de Macêdo Costa, filho de Luiz Fernando Macêdo Costa, engenheiro civil.

Empenhou-se Macêdo Costa por uma administração universitária moderna, ágil e desburocratizada. Era, portanto, muito atento à relação custo/benefício na gestão universitária. Seu vice-reitor foi o professor e historiador José Calasans Brandão da Silva.

Finalizou o planejamento de espaço para complementação do Plano Diretor dos campi da UFBA. Um dos focos de seu trabalho foi o desenvolvimento do subprojeto Campi e Edifícios. Criou o Biotério Central, a creche da UFBA, construiu a escada de acesso ao campus de Ondina e instalou a sua iluminação. Foram concluídas as obras dos prédios do Instituto de Matemática e Centro de Processamento de Dados, Pavilhão de Aulas da Federação, Bloco D do Instituto de Geociências, novo Restaurante Universitário e Faculdade de Farmácia.

Também voltado para o desenvolvimento de projetos culturais, o reitor Macêdo Costa criou o Museu Afro-Brasileiro (1982), Memorial de Medicina (1982), que coincidiu com a comemoração dos 150 anos da faculdade, a mais antiga do país. Construiu no campus de Ondina a nova Biblioteca Central da UFBA (1983), com área total de 8.124m², onde se destaca o painel, que decora o hall, de 100m², com obras de Carybé, Calasans Neto, Carlos Bastos, Rescala, Juarez Paraíso e Mirabeau Sampaio, entre outros.

Projetou a instalação de um hospital pediátrico, em regime de ambulatório e de internação. Criou também a Fapex (Fundação de Apoio à Pesquisa e Extensão) em outubro de 1980, para tornar mais eficaz o relacionamento e a contribuição mútua entre a UFBA e a comunidade, o que foi muito significativo.

Desenvolveu o Projeto Produtivo da Escola de Agronomia, no campus de Cruz das Almas (atualmente incorporado à Universidade Federal do Recôncavo da Bahia).

Em 1981 inaugurou o novo Restaurante Universitário, que passou a atender 3.000 usuários/dia, entre professores, alunos e funcionários. Instituiu ainda o Programa Bolsa Alimentação. Os alunos carentes recebiam alimentação totalmente gratuita.

O Programa Bolsa de Trabalho, que encaminhava alunos para estágio remunerado, através de convênio, também fornecia nomes e endereços de recém-formados no sentido de preencher vagas nos quadros funcionais das empresas.

Foi também nesta gestão que se instituiu a Comissão Permanente de Pessoal Docente (CPPD).

DADOS BIOGRÁFICOS

Luiz Fernando Seixas de Macêdo Costa nasceu em Aracaju (SE), em 20 de novembro de 1925, e morreu em Salvador (BA), em 31 de outubro de 1984. Com apenas dois anos, veio com seus pais para Salvador, onde fixariam residência definitiva. Filho de Edith Seixas de Macêdo Costa e Mário de Macêdo Costa (médico com especialidade em ginecologia e obstetrícia e docente de Química da Faculdade de Medicina da Bahia).

Casado com Maria Helena Carvalho de Macêdo Costa, teve quatro filhos: Alfredo, Angelina, Rosana e Luiz Fernando. Tinha apenas uma irmã, Leonor, casada com o jornalista e professor Jorge Calmon.

Ao longo de sua formação acadêmica, do antigo curso primário à Universidade, sempre se destacou. Teve uma brilhante carreira nos estudos: graduou-se pela Faculdade de Medicina da Universidade Federal da Bahia (1949), quando recebeu o Prêmio Manuel Vitorino, conferido ao aluno que obtém a melhor média ao longo de toda a graduação. Na pós-graduação, fez o curso de Fisiologia ministrado pelo Prof. Virgílio Foglia, catedrático de Fisiologia da Universidade de Buenos Aires, na Argentina (1950); curso sobre Condução Nervosa, ministrado pelo Prof. Carlos Chagas Filho, na Universidade do Brasil (1955); curso sobre Fisiologia Muscular e Uterina na cátedra de Fisiologia da Faculdade de Medicina da UFBA (1958); curso sobre Fisiologia da Reprodução, sob a orientação do Prof. Arpad Csapó, no Laboratório do Dr. George W. Corner, no Rockefeller Institute, em Nova York (1959); curso sobre Fisiologia da Reprodução, sob a orientação dos Profs. Arpad Csapó e Jacques Sauvage, na Washington University, em Saint Louis, Missouri, EUA (abril a junho de 1970), e também, nessa universidade, o curso de especialização em Fisiologia da Reprodução – ciclo miometrial e prostaglandinas, sob a orientação do Prof. Arpad Csapó (outubro a dezembro de 1970).

PRINCIPAIS TÍTULOS

Doutor em Ciências Médico-Cirúrgicas, ao defender tese que foi aprovada com nota máxima (1955); livre-docente de Fisiologia – aprovado em concurso com a média 9,8 (1956); professor adjunto de Fisiologia da Faculdade de Medicina da UFBA (1951); professor regente da cátedra de

Fisiologia (1968); assistente de Fisiologia da Escola Bahiana de Medicina e Saúde Pública (1954); livre-docente de Terapêutica Clínica da Faculdade de Medicina da UFBA (1958); professor catedrático de Terapêutica Clínica da Escola Bahiana de Medicina e Saúde Pública desde 1958; paraninfo dos médicos de 1971 – Faculdade de Medicina da UFBA; professor titular, por concurso, de Fisiologia, do Instituto de Ciências da Saúde (1971); Paraninfo da turma de médicos de 1977 da Escola Bahiana de Medicina e Saúde Pública.

Entre seus trabalhos publicados, destacam-se: *Tentativa de adaptação do Teste de Thorn ao rato* – tese de doutoramento aprovada com média 10; *Estudo sobre a motricidade dos corações linfáticos* – tese aprovada com média 10 em concurso para livre-docente de Fisiologia; *Problemas terapêuticos da bartonelose* – tese aprovada em concurso para livre-docente de Terapêutica Clínica; *Assymetrical delivery in rabbits* (em colaboração com o Prof. Arpad Csapó e citado em diversas publicações internacionais); *Fisiologia do aparelho digestivo* – livro didático (1971); *Temas médicos* – livro editado (1978) pelo Conselho Regional de Medicina do Estado da Bahia (Cremeb); *Ética médica e tecnologia* – Prêmio Cremeb (1978); *Reflexões sobre a Universidade* – livro (1978); *Outras reflexões sobre a Universidade* – livro (1982); *Novas reflexões sobre a Universidade* – livro (1983); *Recentes reflexões sobre a Universidade* – livro (1983); *Memorial da Medicina, Arte baiana hoje e Museu-afro brasileiro* – 1983.

ATIVIDADES DIDÁTICAS

A atuação de Luiz Fernando de Macêdo Costa se deu através de aulas e cursos curriculares e extracurriculares, participação em órgãos colegiados, cargos de chefia, composição de bancas de exame e concurso, dentre cujos trabalhos devem ser ressaltadas as seguintes atividades: aulas ministradas regularmente nos cursos de Medicina da UFBA (desde 1950) e na Escola Bahiana de Medicina e Saúde Pública (desde 1957); representante (eleito e reeleito) dos Docentes Livres da Faculdade de Medicina da UFBA na Congregação da Unidade (1959 e 1961); representante (eleito e reeleito) dos Docentes Livres da Faculdade de Medicina da UFBA no Conselho Departamental da Unidade (1960 e 1962); representante (eleito) dos Docentes Livres da Universidade Federal da Bahia no Conselho Universitário (1968); representante (eleito) do Instituto de Ciências da Saúde no Conselho de Coordenação, atual Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão (Consep)

da UFBA, 1969); representante (eleito) do Conselho de Coordenação (atual Consep) no Conselho Universitário (1969); representante (eleito) dos professores adjuntos na Congregação do ICS (Instituto de Ciências da Saúde – 1969); membro do Conselho Técnico e Administrativo da Escola Bahiana de Medicina e Saúde Pública (1958-60); presidente da Comissão do Currículo Nuclear da Câmara de Ensino de Graduação (1969-70); eleito e reeleito chefe do Departamento de Fisiologia do ICS (1973 e 1975); eleito e reeleito chefe do Departamento de Ciências da Biorregulação do ICS (1976 e 1978); conselheiro efetivo do Conselho Nacional de Saúde, indicado pelo ministro da Saúde (1979); presidente da Fundação de Apoio à Pesquisa e Extensão (Fapex – 1981-83); membro do Grande Júri do Concurso Nacional Moinho Santista (1980-83).

ATIVIDADES PROFISSIONAIS

Além das formas já anunciadas, ocorreu a sua participação em congressos, simpósios, conferências, palestras, comunicações, filiação a órgãos e associações científicas ou profissionais ao longo do exercício da profissão: representante do Brasil no IX Seminário sobre Educação Superior nas Américas, nas Universidades da Costa Rica, Novo México e Kansas (1969); sócio efetivo da Sociedade Brasileira de Fisiologia; sócio da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC); membro do Colégio de Cirurgiões – seção especializada de fisiologia; membro efetivo da Academia Bahiana de Medicina; membro efetivo da Associação Médica Brasileira; membro efetivo da Associação Bahiana de Medicina; sócio efetivo da Sociedade Brasileira de Higiene; sócio efetivo da Sociedade Brasileira de Cardiologia; médico clínico do Instituto de Aposentadoria e Pensão dos Comerciários (IAPC), através de concurso em que foi classificado em 1º lugar; diretor médico do Sanatório Espanhol; condecorado pelo governo da Espanha com a Ordem de Isabel, a Católica, pelos serviços médicos prestados ao Sanatório Espanhol (1966); detentor do Prêmio Creneb – 1978, do Conselho Regional de Medicina do Estado da Bahia; “Professor Honorário” da Universidade Federal do Maranhão; presidente eleito da Academia de Medicina da Bahia; membro da Academia de Letras da Bahia; membro do Conselho Nacional de Saúde (1979); condecorado pelo governo da Bahia com a Ordem do Mérito da Bahia (1980); condecorado pelo governo francês como Chevalier de la

Légion d’Honneur (1983); condecorado com a Medalha do Rio Branco – Chancelaria da Ordem do Rio Branco, no Grau de Grande Oficial – pelo Ministério das Relações Exteriores, em Brasília (1982); título de “Cidadão de Salvador”, conferido pela Câmara Municipal de Salvador (1982); presidente da Comissão de Intercâmbio Cultural em visita aos países africanos: Nigéria, Togo, Costa do Marfim e Senegal (1982); título de “Cidadão Baiano” conferido pela Assembleia Legislativa do Estado (1983); Membro de Honra do Conselho da Organização Universitária Interamericana (OUI) (1983); reitor da Universidade Federal da Bahia (1979-83).

Luiz Fernando Seixas de Macêdo Costa foi um médico (clínico geral) de renome, de expressiva clientela e um professor destacado pela extensão e profundidade de seus conhecimentos científicos, pela excelência de sua qualificação e pela didática expositiva. A medicina e a docência se imbricavam e se complementavam em sua vida profissional, da qual a UFBA foi parte integrante e irremovível. O ideal e a perseverança lhe permitiram alcançar a Reitoria, igualmente exercida com dedicação e competência. Os rumos que imprimiu à sua trajetória podem ser observados através dos registros sucintamente apresentados. Excelente orador, estudioso contumaz, inquieto pesquisador, eficiente empreendedor, homem de cultura e de fé, Macedo Costa muito teria ainda para produzir e realizar, se não tivesse morrido ainda cedo, aos 58 anos de idade, em plena maturidade profissional e intelectual.

DEPOIMENTO

PROF. FERNANDO DA ROCHA PERES, ADJUNTO DE REITOR
PARA ASSUNTOS DE EXTENSÃO NO REITORADO DE LUIZ
FERNANDO DE MACÊDO COSTA (2007)

A meu ver, o que marcou a gestão do reitor Luiz Fernando de Macêdo Costa foi a retomada de uma tradição no ritual acadêmico. Até certo ponto, sua gestão foi afetada pela ditadura militar, na medida em que a Universidade ficou durante tantos anos acuada, não só estudantes, mas os professores e os funcionários. A UFBA, com o reitor Macêdo Costa, assumiu o seu lugar, isso ainda quando um militar era o presidente da República, o general João Figueiredo. Pode-se avaliar o quanto foi difícil para Macêdo Costa transitar entre as articulações da oposição fora e dentro da Universidade, e ainda com os resquícios da pressão dos órgãos repressores. Ele fez-se impor

por sua personalidade, por sua educação, por sua postura política diante daquela circunstância, e retomou os antigos ritos universitários assumindo, de fato, a condição de reitor da Universidade Federal da Bahia.

Macêdo Costa, além de ter construído muitos prédios para a infraestrutura da Universidade no campus de Ondina, também fez uma gestão com realizações importantes na área da pós-graduação, da extensão e da graduação. Contou para isso com uma equipe de muito bom nível e sintonia com ele, o reitor, e entre os pares. Do ponto de vista cultural, ele revitalizou os equipamentos deixados por Edgard Santos, como, por exemplo, a Escola de Música, a de Dança e a de Teatro, promovendo vários espetáculos e trazendo vários interpretes. Editou um importante livro de Carybé, sobre os deuses africanos na Bahia, hoje uma raridade bibliográfica. Esta faceta do reitor em conciliar as diversas áreas da Universidade, dando grande ênfase à cultura, recolocou a instituição na pauta dos jornais, da televisão e também da cidade. Foi, após a ditadura militar, o reitor da chamada redemocratização. Os reitores que o antecederam – como Miguel Calmon e Lafayette Pondé – marcaram, também, dois momentos na vida desta Universidade. Miguel Calmon implantou o planejamento, e Lafayette Pondé criou órgãos significativos, como o Centro de Estudos Baianos, que detém uma das mais importantes bibliotecas do Brasil. Estes dois reitores, naquele período de dificuldades, fizeram um excepcional trabalho. Macêdo Costa assumiu a Universidade no último período da ditadura, recuperando os rituais necessários à vida da instituição, a hierarquia que ela precisa ter entre professores, funcionários e estudantes.

Dificuldades da gestão

Dificuldades de natureza financeira, como sempre. Para isso ele teve de recorrer a fontes de financiamento do Estado da Bahia, a convênios com órgãos nacionais e internacionais. E dificuldades ainda pelo rescaldo da ditadura de natureza política, com estudantes, funcionários e professores. Um dos grandes problemas com os reitores era a questão do restaurante universitário, a das residências, da assistência ao estudante, de um modo geral. As crises políticas são contornáveis, mas as crises financeiras dificilmente o são. Por isso é necessário que a Universidade ganhe a sua autonomia financeira e administrativa. Que ela saiba qual será o seu orçamento para poder administrar de cabeça fria. As dificuldades de Macêdo Costa foram as dos muitos reitores que já passaram por esta Universidade.

Pesquisa

Macêdo Costa foi um grande professor, dada a sua facilidade de cativar os auditórios. Ele procurou, dentro da política geral de pesquisa no país, fortalecer, como já vinha sendo feito por outros Reitorados desde Roberto Santos, a pesquisa científica. Esta preocupação iniciou-se no período de Roberto Santos. E com outros reitores, como Macêdo Costa, esta ênfase foi relevante. As áreas médica, de engenharia, de geociências, de química, têm avançado na pesquisa, com percalços, altos e baixos, com baixo financiamento, e isso não fugiu à regra no Reitorado de Macêdo Costa.

Economia baiana

Macêdo Costa teve bom relacionamento com o setor produtivo baiano. Médico e professor, ao assumir a Reitoria ele soube estreitar a cooperação entre a UFBA e grandes empresas privadas e públicas, como a Odebrecht, a rede de supermercados Paes Mendonça e a Petrobras, o que resultou em apoio a atividades de extensão, a programas culturais com concertos sinfônicos e a projetos de edição. Bem-conceituado, ele fez muitas amizades durante o seu período como médico e docente. Quando chegou à condição de reitor, ele soube costurar essas aproximações com grandes empresas baianas. As empresas Paes Mendonça, rede de supermercados, pois o proprietário era amigo de Macêdo Costa, colaborava com a área de extensão, apoiando publicações e concertos.

GERMANO TABACOF (1984-1988)

*Aida Varela Varela*¹

*Igor Baraúna e Wladimir Mendes de Freitas*² (colaboradores)

ENSINO DE GRADUAÇÃO

Na gestão de Tabacof, diante do crescimento de algumas áreas de interesse, que exigiram uma organização institucional própria, inclusive em termos de espaço físico, foram promovidas algumas mudanças:

- desmembrou-se a Escola de Biblioteconomia e Comunicação em duas unidades: Escola de Biblioteconomia e Documentação e Faculdade de Comunicação, esta última instalada no antigo prédio da Biblioteca Central;
- instalou-se a Escola de Nutrição no prédio onde funcionava o Colégio de Aplicação;
- desdobrou-se a Escola de Música e Artes Cênicas em três unidades: Música, Teatro e Dança;
- foram criados os cursos de Educação Física, Química Industrial e Bacharelado em Biologia.

O apoio do Projeto Oficina, criado pela Administração Central, viabilizou a instalação de laboratórios em diferentes unidades, além da recupe-

1 Doutora em Ciência da Informação pela Universidade de Brasília. Vice-coordenadora do Programa de Pós-Graduação do ICI/UFBA. Professora Adjunta IV.

2 Alunos de Comunicação, colaboradores na realização das entrevistas.

ração de outros tantos, contando com a colaboração de alunos, professores e técnicos.

Foram assumidas políticas de alcance geral no sentido de aperfeiçoar o ensino, atuando-se em quatro dimensões básicas:

- Currículos

Buscou-se revitalizar o conceito de curso, fortalecer o Colegiado e apoiar projetos de aprimoramento dos currículos. Realizaram-se experiências em busca de alternativas para superar problemas crônicos como repetência, evasão e reduzido aproveitamento em certas disciplinas.

- Desempenho Docente

Foi estimulada a capacidade docente, mediante uma política de favorecer a criação de cursos de especialização, a participação em congressos, seminários de atualização ou de estudo de questões relevantes para o desenvolvimento no plano científico, técnico-didático e cultural e a liberação de docentes para a pós-graduação em outros centros brasileiros ou no exterior.

- Desenvolvimento Discente

A participação discente sempre se impôs de modo característico, seja diretamente, através de grupos de alunos que apresentavam reivindicações específicas, seja através de seus órgãos de representação – inclusive junto aos órgãos colegiados da Universidade –, expressando uma tendência ao crescimento, na medida em que a juventude recuperava sua consciência da cidadania e era reconhecido o valor efetivo desta participação.

- Administração Acadêmica

A partir de criterioso diagnóstico realizado no âmbito da Secretaria Geral de Cursos (SGC), procurou-se tornar mais eficientes seus diversos setores no apoio às atividades de ensino, com a melhoria das condições de atendimento à clientela, a redefinição e reaparelhamento do espaço físico e a capacitação de recursos humanos para a garantia do funcionamento da nova sistemática. Em consequência, a SGC ampliou e informatizou o atendimento ao público, contando com um painel de orientações básicas sobre cada tipo de procedimento.

Contribuiu muito para estimular a atividade docente a conquista do Quadro de Carreira do Magistério do Ensino Superior, que, embora não tenha estabelecido condições ideais para o professor universitário da rede pública federal, pôs fim à situação discricionária dos professores e funcionários das universidades autárquicas em relação às fundacionais. Outras conquistas foram o incentivo à capacitação docente, a licença especial para o pessoal celetista, a licença sabática e principalmente a profissionalização do magistério, com a ampliação do número de professores com dedicação exclusiva e o estabelecimento de apenas dois regimes: o de Tempo Parcial (vinte horas) e o de Tempo Integral com Dedicação Exclusiva.

Estas conquistas foram devidas ao destemor e consciência do pessoal docente na luta por restabelecer a dignidade da profissão. Contudo, antes mesmo que as medidas fossem assumidas da parte do MEC, a UFBA procurou estimular ao máximo a profissionalização do professor mediante a concessão do regime de DE, desde que indicada e solicitada pelos respectivos departamentos. Dentre os professores em atividade didática em 1984, 37,8% correspondiam ao regime de 20 horas; 39,9%, ao regime de 40 horas; e 22,4% tinham DE. Em 1987, o quadro havia se invertido: 31,5% dos professores tinham contrato de 20 horas; 30,7%, de 40 horas; e nada menos de 37,8% haviam sido contemplados com o contrato de DE.

Outro fator de desenvolvimento nesta dimensão foi a participação atuante das entidades de representação da categoria nos níveis nacional e estadual.

Implantou-se internamente o sistema de microfilmagem, que até então havia alcançado apenas os arquivos inativos dos alunos de graduação e os programas de disciplinas oferecidas pela UFBA, a partir de 1969. Esta medida permitiu o descarte de aproximadamente vinte toneladas de papel, com a liberação do prédio anexo à Secretaria Geral de Cursos, o qual passou a ser ocupado por outro órgão.

Outra modificação importante foi a atualização dos registros escolares de ex-alunos dos cursos de Especialização, Aperfeiçoamento e Atualização, o que permitiu a expedição dos respectivos certificados pelo programa desenvolvido para microcomputadores.

Por seu turno, também o sistema Registros Escolares (REG), que permite o controle automatizado de toda a vida acadêmica do alunado da UFBA, foi beneficiado com a implantação de pequenos novos programas

de correção e atualização de dados cadastrais, possibilitando a produção de relatórios mais fidedignos e de melhor desempenho para fins gerenciais.

Foram implantados ainda dois novos sistemas para microcomputadores. Um deles é o Sistema Automatizado de Controle de Processos, que seria estendido aos demais órgãos da Universidade, com o objetivo de agilizar a localização e controle da tramitação de processos, oferecendo assim um melhor atendimento aos interessados. Este sistema possibilitou ainda a geração de informações e instrumentos que facilitam, em grau acentuado, diversas outras rotinas acadêmicas, como o aproveitamento de estudos ou a matrícula de diplomados de nível superior, transferidos para a UFBA, alunos especiais etc. O outro novo sistema controla os cursos de Especialização, Atualização e Aperfeiçoamento e tem como principais produtos o cadastramento de alunos e professores, registro de matrícula, emissão de cadernetas escolares, históricos escolares e certificados de conclusão de curso.

Todo este trabalho de modernização da administração acadêmica foi coordenado por técnicos especializados da UFBA, auxiliados por estagiários do 2º grau.

No âmbito do ensino, dois pontos ainda merecem consideração: a matrícula e o exame vestibular.

MATRÍCULA

Não se progrediu muito neste campo. Persistiram problemas gerados por horários conflitantes, planejamento inadequado em boa parte dos departamentos e falta de integração com os respectivos Colegiados de Curso, culminando em transtornos na proliferação indiscriminada de cursos de pós-graduação sem o necessário respaldo técnico, acadêmico e financeiro para o estabelecimento de programas em nível de excelência. Isto se concretizou em algumas medidas como:

- estímulo à prática de autoavaliação permanente dos cursos já implantados, detectando carências e pontos de estrangulamento, visando ao estabelecimento de um planejamento de médio e longo prazos;
- maximização da integração pós-graduação/graduação, considerando que a pós-graduação deve gerar conhecimentos que retroalimentem e aprimorem o ensino básico na UFBA;

- incentivo aos departamentos, no sentido da elaboração de planejamentos internos que permitam maior desenvolvimento do programa de capacitação docente;
- racionalização dos programas de pós-graduação já implantados, elevando sua eficiência e rendimento e reduzindo os tempos médios de titulação.

Como resultados práticos da adoção de tais diretrizes, verificou-se uma sensível melhoria dos conceitos atribuídos pela Capes a vários programas de mestrado e doutorado. Aproximadamente, 60% aos cursos de pós-graduação da UFBA figuram hoje na lista anual de recomendação em nível nacional, publicada pela Capes.

No período 1984-88, foram criados o mestrado em Engenharia Química e o doutorado em Patologia Humana, elevando-se assim o número de cursos nesses níveis da UFBA para 21 e dois, respectivamente. Outras áreas, como Imunologia/Biologia Molecular, Medicina Veterinária, Música e Comunicação, começaram a elaborar projetos para a criação de novos cursos de mestrado. Foram criadas duas novas áreas de concentração no mestrado em Química (Físico-Química e Química Orgânica) e uma no mestrado em Agronomia (Fruticultura Tropical).

A estas medidas somou-se o esforço no sentido de aumentar o número de bolsas oferecidas nos cursos de mestrado e doutorado. Em 1986, o número de bolsas a mestrandos não docentes da UFBA havia chegado a 96, representando um significativo aumento em relação ao início da gestão. Além disso, a UFBA distribuiu 37 bolsas com recursos próprios, particularmente aos cursos ainda não qualificados para receber auxílio da Capes. Foi estabelecido também um convênio com o Conselho para o Desenvolvimento Científico e Tecnológico do Estado da Bahia (Concitec) para apoio à elaboração de teses.

A criação de novos cursos de especialização foi estimulada ao longo de toda a gestão. De 11 que eram em 1984, passaram a 25 em 1986, atraindo estudantes de outros Estados e do exterior. Entendeu-se que tais programas, além de muito importantes na formação e aperfeiçoamento de recursos humanos, são pontes para o estabelecimento de cursos de mestrado e doutorado.

Manteve-se a política de aperfeiçoamento do corpo docente envolvido na pós-graduação, elevando-se o número de doutores. Para isso, foram utilizados programas de cooperação internacional, alguns com apoio da Capes e outros mediante cooperação bilateral.

PESQUISA

A UFBA empenhou-se, nesta gestão, em captar recursos junto a diferentes fontes de financiamento, desde agências oficiais até empresas privadas. Cerca de 10% de seu orçamento correspondiam a recursos obtidos através de convênios para aplicação em projetos de pesquisa diretamente administrados pela instituição. Aliando-se a este montante, os recursos alocados com a interveniência da Fapex chegaram, em 1987, a aproximadamente 35 mil OTNs.

Logrou-se ainda intensificar o Programa Institucional de Iniciação Científica, que visa a preparar os novos pesquisadores ainda em fase de graduação, ampliando a oferta de bolsas de estudo e estabelecendo o acompanhamento sistemático das pesquisas estudantis em desenvolvimento através de encontros mensais para estudos ligados à metodologia de produção de conhecimento, e o Seminário Estudantil de Pesquisas, realização anual que confere prêmios aos melhores trabalhos. Em 1987, o VII Seminário reuniu 348 estudantes, com a apresentação de 236 trabalhos, 130 dos quais de sua autoria.

Em termos de pesquisa dos docentes, procurou-se fomentar o desenvolvimento de projetos com a divulgação das diversas oportunidades de financiamento, informando aos interessados sobre os mecanismos disponíveis nas diversas agências financiadoras e montando, inclusive, programas institucionais de caráter multidisciplinar em áreas prioritárias.

Por outro lado, procurou-se melhorar a qualidade da pesquisa dos grupos já consolidados e fomentar o surgimento de novos grupos nas diversas áreas do conhecimento em que atua a UFBA, dando especial atenção às linhas de pesquisa de interesse regional.

Para a divulgação e discussão da produção científica, além do mecanismo tradicional – edição anual do *Catálogo de produção científica, literária e artística* –, a UFBA passou a promover anualmente, a partir de 1986, o Seminário Universitário de Pesquisas de Docentes, em duas etapas: seminários internos às unidades e painéis e debates ampliados.

EXTENSÃO

A proposta de extensão assumida pela UFBA, na gestão do reitor Germano Tabacof, pode ser sumariada em três linhas convergentes de atuação:

- conferir uma identidade institucional à Extensão, atribuindo-lhe efetivamente importância de prioridade e superando a visão equívoca de atividade secundária, à sombra do ensino e da pesquisa;
- revitalizar sua organização normativa e administrativa, viabilizando seu funcionamento nas unidades e órgãos da Universidade, aprimorando seu desempenho e implementando estruturas próprias (núcleos de extensão) para promover e coordenar suas atividades;
- criar mecanismos para a superação dos limites de financiamento, assegurando o desenvolvimento dos projetos.

Isto se consubstanciou numa relação intensificada entre a Pró-Reitoria de Extensão, os diversos organismos universitários e instituições de outra natureza, através de encontros onde se procurava amadurecer uma nova ideia acerca do valor e papel da extensão no conjunto da Universidade. A própria composição simplificada da Pró-Reitoria facilitou e agilizou a tomada de decisões. O resultado mais preciso deste esforço é o entendimento da extensão como atividade curricular própria da Universidade, com prática docente reconhecida, canal legítimo de diálogo e aproximação entre a Universidade e a comunidade onde se insere.

No período 1984-87, foram experimentadas várias mudanças na organização da vida universitária para viabilizar um melhor desempenho deste setor:

- atribuição de carga horária aos docentes envolvidos nas atividades da extensão, em paridade com a pesquisa e o ensino;
- reorganização descentralizada da administração, com a atribuição de funções específicas e responsabilidades a todo o pessoal administrativo lotado no órgão central de extensão, agilizando e desburocratizando os processos;
- participação da Fundação de Apoio à Pesquisa e Extensão (Fapex) como organismo de apoio administrativo-financeiro às atividades;
- criação do *Informe*, instrumento de apoio aos órgãos geradores na divulgação das atividades programadas, e do *Colóquio*, revista de divulgação de ideias e experiências entre os professores e especialistas no campo da extensão;
- criação do Setor de Recursos Audiovisuais, com equipamentos intensamente utilizados, e do Grupo de Assessoramento à Pró-Reitoria

de Extensão, representativo das diversas unidades e órgãos, para estimular a cooperação e intercâmbio sistemático de informações;

- procura de outras formas de apoio financeiro, através de gestões junto à Fapex, para facilitar a diversificação das fontes de recursos, independentemente da iniciativa de captar recursos externos. Como resultado, foi criado o Fundo de Extensão, apoiando significativamente os departamentos e órgãos, e foi estabelecida pelo Conselho Administrativo da Fapex uma parcela anual de recursos adicionais para a Extensão.

Estas diretrizes se concretizam nos programas Educação Continuada, Ação Comunitária, Difusão Cultural e Prestação de Serviços.

EDUCAÇÃO CONTINUADA

Este programa foi desenvolvido pelas unidades de ensino, departamentos, órgãos suplementares e Pró-Reitoria de Extensão, através da Coordenação Central de Extensão. Apresentou o seguinte o desempenho nas áreas abaixo relacionadas:

- Educação Sanitária – profilaxia de doenças, integração de programas de saúde, orientação nutricional.
- Integração com o ensino de 1º e 2º graus – treinamento de professores e educação de adultos.
- Extensão Rural – agropecuária, irrigação, administração rural e atendimento aos pequenos produtores de Barreiras (campus avançado) e Cansanção (projeto especial da UFBA).
- Meio Ambiente – administração, planejamento, arborização urbana e educação ambiental.
- Transporte e Trânsito – problemas urbanos e educação para o trânsito.
- Habitação – problemas urbanos de Salvador e questões de urbanismo.
- Cultura – atividades referentes à recuperação da memória histórica e à criação individual espontânea.

ACÇÃO COMUNITÁRIA

A busca de cooperação educativa junto à população levou a UFBA a desenvolver um trabalho contínuo através de programas e projetos voltados prioritariamente para os setores sociais mais carentes, estimulando a participação da comunidade em iniciativas nas áreas de saúde, saneamento, alimentação, habitação etc. Além de contribuir na tentativa de solução de problemas socioeconômicos e culturais da comunidade, esses programas e projetos procuraram abrir novas fontes de conhecimento para a formação profissional do estudante.

Nota-se que houve a necessidade de integrar mais essas experiências através de uma ação interdisciplinar que, a partir do conhecimento específico de cada departamento ou órgão, reforçasse a coordenação e a realização de programas com afinidades de conteúdo e metodologia.

DIFUSÃO CULTURAL

A UFBA ofereceu, no período 1984-88, um conjunto considerável de realizações artísticas e culturais, contribuindo para a manutenção dos valores tradicionais e estimulando a produção espontânea local. Neste sentido, conjugaram-se esforços em projetos especiais, vários dos quais apoiados por organismos públicos e privados.

Como marco dessas atividades, as Oficinas Nacionais de Dança Contemporânea prosseguiram na consolidação de sua posição de destaque no calendário permanente da vida cultural e artística da Bahia e do Brasil, como o único acontecimento de dança identificado com a filosofia de desenvolver uma visão crítica da Dança Contemporânea Brasileira e aglutinar grupos experimentais e emergentes, principais revitalizadores da criação artística. Neste quadriênio, foram realizadas duas oficinas.

Outro fato importante para o desenvolvimento das artes cênicas na Bahia foi a criação da Companhia de Teatro da UFBA, ainda em 1984, que, ao longo desta gestão, conseguiu montar nove espetáculos.

As edições da Jornada de Cinema da Bahia mantiveram a posição de destaque entre os eventos cinematográficos do Brasil, pela sua dimensão cultural, pela coerência de suas linhas programáticas e pela fidelidade ao calendário, acontecendo sempre na segunda semana de setembro de cada ano. Este evento atrai para a Bahia as atenções de todos quantos desenvol-

vem trabalhos no amplo universo do cinema documentário e cultural. Até o presente, é o único evento no gênero na América Latina.

A música, que tanto caracteriza culturalmente a Bahia, também alcançou posição destacada mediante a realização de concertos e uma ampla atividade de ensino ao público não universitário, incluindo a manutenção de um Coral Infantil junto ao Madrigal, à Banda Sinfônica e ao Grupo de Percussão. Foi preservado o Curso Básico, com aproximadamente 200 alunos não universitários, em preparação para o Curso Superior de Música, e o Curso de Iniciação Musical, cujo efetivo também variou em torno de 200 alunos de 5 a 9 anos, tendo sido criado ainda, à noite, o Seminário de Musicalização para iniciação musical de adultos.

A realização das Semanas de Música Contemporânea, em 1986 e 1987, congregou na Bahia um grande número de instrumentistas, compositores, professores e observadores do Brasil e de várias partes do mundo, com um amplo programa de discussão e apresentações, funcionando como um fazer contemporâneo no campo da música.

Por sua vez, a Orquestra Sinfônica da UFBA foi recomposta, com a contratação de oito instrumentistas. Manteve uma média de 15 apresentações anuais, tendo gravado mais um disco no final de 1987.

Para assegurar o desempenho na área da música, foi necessário a reforma do patrimônio da escola, com a recuperação de seus instrumentos, inclusive dez pianos de concerto.

Por fim, outro acontecimento de importância na área foi a realização do Acampamento Cultural em Mussurunga, conjunto residencial de baixa renda na periferia de Salvador. Experiência pioneira no gênero, propôs-se difundir e recuperar junto à comunidade o papel do livro como promotor e veículo privilegiado de cultura.

PRESTAÇÃO DE SERVIÇOS

Trata-se de uma área da Extensão pela qual a UFBA atende solicitações da comunidade acadêmica e externa.

Visando a oferecer subsídios que impulsionem esta atividade, iniciou-se em 1985 um levantamento do que efetivamente vinha sendo realizado pelas unidades de ensino e órgãos suplementares, com a coleta de dados referentes às Áreas I e II. O objetivo era atender melhor a comunidade através dos serviços prestados em clínicas, ambulatórios e laboratórios, tendo como

resultado acadêmico mais direto a melhoria da qualidade do ensino, através da graduação, pós-graduação e, eventualmente, da extensão.

PLANEJAMENTO

Esta gestão buscou restaurar o planejamento enquanto função significativa no conjunto da organização, capaz, portanto, de possibilitar à administração a compreensão integral da Universidade. A diretriz básica da gestão foi aprimorar o sistema administrativo para que funcionasse como suporte da área-fim da UFBA, a fim de simplificar e racionalizar procedimentos, avançar no processo de informatização, com a implantação do Sistema de Controles e Produção de Dados, de forma ágil e em tempo real para possibilitar um melhor gerenciamento, reduzindo custos de manutenção administrativa e possibilitando a liberação de maiores parcelas de recursos para aplicação nas atividades acadêmicas.

Outra característica da área de planejamento foi o trabalho de consultoria interna, voltado basicamente para apoiar estudos e ações por solicitação das unidades ou mesmo por indicação técnica. Além disso, deu-se prosseguimento a vários projetos de pesquisa, projetos especiais, produção de documentos básicos e informações estatísticas.

Enfim, o ganho imenso que resultou do planejamento pode ser resumido em três elementos: a descentralização do processo decisório, a racionalização dos mecanismos burocráticos e a adequação das atividade-meio às atividades-fim, mediante considerável investimento tanto no desenvolvimento de programas de recursos humanos como na área de informatização.

A intenção primeira da administração foi a redução de gastos nas atividade-meio para ampliar sempre mais o investimento nas atividades-fim, em especial o ensino. Inicialmente, foi elaborado um Programa de Trabalho, para o período 1984-88, que contemplava o atendimento às necessidades básicas identificadas a fim de garantir a melhor utilização possível dos recursos públicos.

Para tanto, foi criado o Sistema de Administração de Material com o apoio do Centro de Processamento de Dados, objetivando a obtenção de informações em tempo real. Este sistema inclui cadastro de fornecedores, catálogo de material, controle de estoque, programação de compras, cadastro de licitação, pesquisa de mercado, acompanhamento e análise de consumo por unidade e avaliação sistemática do material em uso. Esta medida resultou

na racionalização de procedimentos, na redução de custos no processo de aquisição e na produção rápida de informações necessárias ao gerenciamento. Com o apoio de pessoal especializado, as compras foram centralizadas, com diminuição de custos.

Ao lado destas medidas, vinculou-se o Sistema Patrimonial ao Sistema Centralizado de Aquisição de Equipamento e Material Permanente. Com isto, superou-se a costumeira dispersão e falta de identificação dos bens e dos seus respectivos responsáveis e produziram-se listagens atualizadas do acervo e etiquetas de identificação de todos os bens móveis da Universidade.

Para definir todos os tipos de receitas auferidas pela UFBA, bem como seus respectivos instrumentos de recolhimento, foi elaborado o Manual de Receita, com o que se padronizaram os lançamentos contábeis de receita mediante processamento eletrônico, através do Sistema CTB.

Foi adotado o *Manual de administração do veículo*, procurando sedimentar a sua utilização, a fim de obter um uso racional e uma manutenção mais eficaz. Optou-se pela instituição do *pool* de veículos para possibilitar o atendimento mais racional aos diversos setores, em especial os de atividades-fim.

OBRAS REALIZADAS E INICIADAS

1984

- Construção do Pavilhão 7-A do Setor Administrativo, onde foi instalada a Divisão de Seleção e Aperfeiçoamento e o Posto de Serviço da Caixa Econômica Federal.
- Recuperação do Pavilhão 17 e reconstrução dos Pavilhões 5 e 19 da Escola de Belas Artes.
- Montagem da Central Telefônica do campus da Federação, interligando por ramais todas as suas unidades e órgãos, além do Palácio da Reitoria e do Centro de Estudos Afro-Orientais.

1985

- Início das obras do Biotério Central, com sua paralisação após a construção da infraestrutura, superestrutura e instalações elétricas e hidrossanitárias.

- Início da construção de uma Unidade de Produção de Material (para fabricação de blocos, meios-fios, estacas, placas para pavimentação e outros).
- Adaptação do prédio do antigo Instituto de Matemática para relocação do Serviço Médico da Universidade e do Centro de Recursos Humanos.

1986

- Fechamento do campus da Federação com cercas perimetrais.
- Instalação do Centro de Desenvolvimento da Pecuária na Fazenda Experimental de Oliveira dos Campinhos para o desenvolvimento de atividades de pesquisa da Escola de Veterinária.
- Elaboração do projeto da Fundação Casa de Jorge Amado no Centro Histórico de Salvador;
- Aperfeiçoamento das instalações do Hospital Professor Edgard Santos, com a reforma e adaptação da lavanderia industrial, equipamentos hidráulicos, elétricos e a vapor; reforma e adaptação da Unidade de Diálise e ampliação da área útil; instalações provisórias da Diálise Peritoneal.
- Melhorias na Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, com a reforma e adaptação do Pavilhão Administrativo e das salas de aula e serviços de urbanização e levantamento topográfico para agenciamento da área externa;
- Reparos gerais na Residência Universitária Feminina; reforma geral na Creche Universitária.
- Execução de obras de reforma e adaptação, envolvendo demolições, alvenaria, esquadrias, revestimento, divisórias, cobertura e pintura na Maternidade Climério de Oliveira.
- Construção de escadas drenantes para facilitar acessos através de encostas em vários locais no campus do Canela e no campus da Federação.
- Ampliação e adaptação da Gráfica Universitária.

1987

- Reforma e ampliação da ala T-O do Hospital Professor Edgard Santos para a Cardiologia e Hemodinâmica;
- Reforma e adaptação do prédio da antiga Biblioteca Central para instalação da Faculdade de Comunicação.
- Reforma do restaurante da Escola de Agronomia.
- Construção de muro de contenção de encosta na antiga Faculdade de Medicina.
- Projeto de reforma e adaptação dos Laboratórios de Engenharia Química, na Escola Politécnica, para instalação do curso de mestrado.
- Reforma do antigo prédio do Serviço Médico da Universidade para a instalação do Diretório Central dos Estudantes;
- Reconstrução da passarela de acesso ao prédio principal da Faculdade de Arquitetura.
- Implantação de pavilhões de aula pré-moldados na Escola de Belas Artes e na Faculdade de Filosofia.

ATIVIDADES SUPLEMENTARES

Seria difícil não destacar, neste conjunto, o papel do Hospital Professor Edgard Santos, bandeira de luta da própria vida da Universidade como um todo e câmara de serviço da nossa instituição à comunidade baiana. A comunidade reconhece o “Hospital das Clínicas” como sua principal casa de tratamento, recebendo os casos mais graves e de patologias mais complexas, mesmo sem vinculação institucional à rede local de assistência médica.

A UFBA participou da elaboração do projeto da Fundação Casa de Jorge Amado, sediada no Largo do Pelourinho, em Salvador, e do aparelhamento dessa instituição como testemunha da importância do escritor na cultura brasileira. A FCJA começou a manter inúmeras atividades conjuntas com grupos diversos da Bahia, tendo iniciado, em 1987, sua linha editorial, com a publicação da revista *Exu*.

A partir de recursos orçamentários e de convênios e acordos, como o Projeto Biblos/Nova Universidade, o PADCT/CNPq e o Plano Nacional de Bibliotecas Universitárias/Programa de Aquisição Planificada de Periódicos, foi ampliado o acervo da UFBA como suporte ao desenvolvimento do ensino

e da pesquisa. Foram mantidos convênios para o intercâmbio de publicações com outras bibliotecas universitárias e instituições de pesquisa.

O Centro de Processamento de Dados desenvolveu vários projetos para atender às necessidades de modernização administrativa e acadêmica, resultando na produção de aproximadamente 30 sistemas, além de pesquisas na área de informática que desembocaram no desenvolvimento de um serviço de arquivos, o qual permite a interligação de microcomputadores em rede, no desenvolvimento de dois concentradores de linhas de comunicação, visando a permitir a ligação de mais terminais ao DEC-10, e na especificação de uma linguagem de programação voltada para o ensino assistido por computador. Começou a se desenvolver, na gestão de Tabacof, um compilador para a linguagem Pascal voltada para o ensino de programação.

A modernização do parque gráfico, com a aquisição de equipamentos de processamento de filmes e a implantação de uma tipografia, viabilizou a impressão dos formulários padronizados da UFBA no próprio Centro Editorial e Didático, com economia de custos. O aparelhamento da tipografia permitiu ainda o desafogo do sistema offset para a impressão de livros.

ASSISTÊNCIA À COMUNIDADE UNIVERSITÁRIA

É tradição da Universidade brasileira apoiar a comunidade universitária em necessidades básicas como alojamento, alimentação e saúde, dedicando atenção especial aos membros mais carentes. Em respeito a essa tradição, visando a manter e ampliar as condições de acesso de estudantes de baixa renda à Universidade e como forma de complementar os baixos níveis salariais de alguns servidores, esta gestão fez o possível para assegurar o funcionamento de vários serviços de natureza assistencial, através de vários serviços, a saber:

RESTAURANTE UNIVERSITÁRIO

Foi o único no Brasil que, apesar de escassez de recursos, não deixou de atender aos comensais, mantendo uma clientela diária de cerca de 2000 pessoas, das quais uma metade sem ônus algum e a outra, mediante uma taxa simbólica. Mesmo nos períodos de paralisação e de férias, foram fornecidos tíquetes-restaurantes aos estudantes carentes. O Restaurante fornece também marmitas para a guarda universitária e o pessoal de plantão nas diversas unidades, além de atender eventualmente em congressos, seminários e outros eventos de que participe a UFBA.

CRECHE

Criada na gestão anterior para atender aos filhos de servidores e estudantes com base nos critérios de carência, foi ampliada nesta gestão para atender a cerca de 100 crianças até 4 anos. Mantida com recursos orçamentários e outros provenientes de convênio com a Legião Brasileira de Assistência (LBA), conta com refeitório e setor de enfermagem, funcionando ainda como pré-escola. O pessoal técnico alocado oferece ainda orientação gratuita aos pais. Foi elaborado o projeto de construção de uma nova creche, com capacidade para atender a mais 60 crianças.

SETOR SOCIAL

Foi mantido o Setor de Vida Social, responsável pelo cadastramento, avaliação e concessão de benefícios a estudantes carentes, como restaurante, bolsa de trabalho e bolsa Comitê de Fomento Industrial de Camaçari (Cofic). Responsável também pelo encaminhamento de casos ao atendimento médico e pela orientação psicológica.

BARBEARIA

Instalada numa dependência do Restaurante Universitário, atende a preço simbólico, diariamente, uma média de 20 a 30 estudantes carentes.

RECREAÇÃO E ESPORTES

Foram estimulados eventos esportivos e culturais que normalmente contaram com patrocínio de outras instituições.

BOLSA DE TRABALHO

Foram atendidos anualmente cerca de 100 bolsistas distribuídos em duas linhas: uma de 20 horas, na área de administração, e outra de 10 horas, na área médica. Foram celebrados convênios com várias empresas privadas para o encaminhamento de bolsistas previamente cadastrados.

POSTO DE IDENTIFICAÇÃO

Criou-se, a partir do convênio com o Instituto Pedro Meio, do governo do Estado, um Posto de Identificação junto à Superintendência Estudantil para facilitar o atendimento ao pessoal da Universidade, servindo também a pessoas da comunidade.

RESIDÊNCIAS

Foram mantidas as três Residências Universitárias, duas masculinas e uma feminina. Embora a demanda seja sempre crescente, não foi possível ampliar a oferta de vagas porque os prédios tiveram ocupada sua capacidade máxima de 280 hóspedes.

SERVIÇO MÉDICO

Ainda em 1985 foi relocado o Serviço Médico da Universidade nas antigas instalações do Instituto de Matemática, readaptadas para abrigá-lo. Foram então criados novos serviços como pediatria, fisioterapia e enfermagem. Ao final desta gestão, passou a dispor de 18 consultórios. Foram comprados equipamentos para a instalação de novos consultórios.

A fim de ampliar os benefícios oferecidos aos servidores da UFBA, foi estendida a assistência médica aos dependentes dos funcionários e professores. Com essa medida, a clientela do Serviço Médico aumentou em cerca de 3.000 novos cadastros. A assinatura de convênio com o INAMPS, através do Hospital Professor Edgard Santos, tornou possível a manutenção e ampliação do Serviço Médico sem aumento de despesa para a UFBA.

Para a manutenção do atendimento residencial em casos especiais, foram destinados uma ambulância e outro veículo para o transporte do médico visitador.

Para atender à comunidade universitária da Escola de Agronomia, em Cruz das Almas, foi assinado convênio com a Santa Casa de Misericórdia daquele município, além da instalação de um gabinete odontológico e da aquisição de uma ambulância.

NÚCLEO DE ATENDIMENTO AO SERVIDOR

Foi instalado no Pavilhão 8, no campus de Ondina, o Núcleo de Atendimento ao Servidor, para assistir particularmente ao pessoal de faixas salariais mais baixas. Começou garantindo projetos de suplementação alimentar e o vale-transporte. Foi prevista sua ampliação com a implantação de outros serviços.

ENTREVISTA

Conte-nos um pouco sobre sua vida.

Nasci em Salvador, em 29 de dezembro de 1931. Entrei muito cedo na docência da Universidade, no ano de 1954. Eu tinha menos de dois anos de formado. Como eu havia feito um bom curso universitário, tive um convite de um professor para trabalhar, naquela época, como assistente. Mas decidi dar outro rumo à minha vida: formei-me, casei e viajei para São Paulo, onde trabalhei durante 10 meses em consultório privado. Consegui ganhar dinheiro, mas, naquela época, São Paulo era uma cidade muito fria, hoje não é mais. Era uma cidade com 2,5 milhões de habitantes, hoje tem uma população quase cinco vezes maior. Então, pensei: “Aqui não é meu lugar, minha praia”. Voltei para a Bahia, e me apresentei na Faculdade de Odontologia àquele professor que havia me convidado, e ele disse: “Ponha um jaleco e vamos trabalhar”. E daí comecei como auxiliar de professor regente, uma denominação nova porque a Faculdade de Odontologia estava recém-emancipada da Faculdade de Medicina. Em 1950, havia tido essa autonomia e estavam se formando os quadros da Faculdade.

A partir daí, trabalhei na parte acadêmica durante praticamente toda a minha vida útil. Paralelamente, tinha uma atividade no Estado como cirurgião-dentista, onde implantei os serviços de pronto-socorro odontológico, que hoje ainda existem na Avenida Vasco da Gama e na Liberdade. Exerci atividade clínica até 1970, quando surgiu o regime de dedicação exclusiva com a reforma da época. E muita gente achava que eu não devia abandonar o consultório, que era uma fonte de renda muito importante, mas eu disse: “Minha bandeira dentro da Universidade era a da dedicação exclusiva e, agora, que ela chegou, eu não posso deixar de assumir”.

Desde 1954, como auxiliar de professor regente, fui galgando todos os degraus. Fui assistente, fiz duas livres-docências, uma em disciplina básica e outra em uma disciplina profissionalizante, e depois essas livres-docências foram reconhecidas como equivalentes a doutorados.

Participei intensamente da vida acadêmica. Fui responsável por uma disciplina, também coordenei os estágios, e criei uma disciplina nova, que era a orientação profissional que faltava para dar um embasamento na prática daquele que iria se formar. Costumo dizer que fui tudo dentro da UFBA. Após a reforma, fui chefe de departamento, coordenador do colegiado de cursos, representante da Faculdade no Conselho de Coordenação. Fui diretor da Faculdade de Odontologia; depois, numa esfera mais alta, substituto do vice-reitor. Logo depois, vice-reitor interino e reitor interino porque, quando acabou o mandato do reitor Luiz Fernando de Macêdo Costa, o vice-reitor, que era o professor José Calazans, não quis assumir, e como eu era o substituto do vice-reitor, assumi esse cargo e, conseqüentemente, a Reitoria. Depois de algum tempo, entrei na lista que estava com a Presidência da República, e disse: “Não vou ficar porque isso pode favorecer a minha indicação, como também pode prejudicar”, e passei para outro substituto de vice-reitor. Então, saiu a minha nomeação, em março de 1984.

O que motivou essa mudança da área acadêmica para uma área política, dentro da Universidade?

Foi o próprio desempenho da atividade docente. Depois de algum tempo, assumi papéis de direção. Foi quando comecei a me preocupar com a Instituição. Fui o primeiro chefe de departamento, após a reforma. Conseqüentemente, depois, com a experiência adquirida, fui ser coordenador do Colegiado de Cursos. Daí, onde tive um pequeno interregno, fui assistente do reitor Luiz Fernando de Macêdo Costa para assuntos de graduação. Então, foi uma evolução natural. Não houve aquela determinação. Eu dizia que a minha aspiração era ser diretor da faculdade, onde eu já estava militando aquele tempo todo, mas terminei me envolvendo, e entrei na lista para reitor. Não foi nada que me motivou, foi apenas uma decorrência dessa atividade docente.

Que momentos o senhor destacaria em sua gestão de reitor?

Tudo foi marcante. Tivemos problemas que já existiam, e que estão existindo. Porque a UFBA é uma instituição federal, e, portanto, não há um cuidado maior do Ministério da Educação para com as suas universidades federais. Dificuldades na obtenção de recursos. Consegui que a UFBA ficasse no 3º ou 4º orçamento em relação às outras universidades. Foi uma luta muito grande para conseguir professores, para abrir concursos para professor titular, porque esses concursos estavam emperrados. Mas o ponto alto acho que foi o relacionamento que eu tive com a comunidade universitária como um todo: professores, servidores e alunos. Porque eu não desci de para quedas na Reitoria, eu cheguei lá depois de ter participado de tudo na Universidade. E, aí, esse relacionamento permitiu que, mesmo naquela fase de 1984, em que estávamos saindo dos 20 anos de governo militar, fosse um período de paz na Universidade, onde todos se manifestaram. Aquele Salão Nobre da Reitoria, que era hermeticamente fechado, passou a ser utilizado por estudantes, servidores, professores, e até mesmo por pessoas de outras organizações de nossa sociedade civil. Poderia apontar algumas coisas, como a separação das três escolas – de Música, de Dança e de Teatro, o que era necessário. A criação do curso de Educação Física era também uma necessidade. A separação da Escola de Biblioteconomia da de Comunicação também foi um fato que considero muito importante. Mas o mais importante foi primeiro, a projeção da Universidade dentro do Ministério da Educação, um trabalho contínuo. Inclusive, com uma participação também ativa no Conselho de Reitores das Universidades Brasileiras, o Crub. Foi uma comissão do Crub que mediou a primeira grande greve de professores e servidores, em 1984, e que durou exatamente 84 dias. Semanalmente, eu estava em Brasília para discutir uma solução para a greve com o Ministério da Educação. Depois que a greve acabou, fiz parte de uma comissão do MEC para tentar, porque a greve acabou e não se conseguiu nada, tentar ver se conseguia alguma coisa. Esse foi um trabalho que muito me exigiu, mas tive, e tenho até hoje, o reconhecimento dos servidores da UFBA. Sempre ressaltei a importância do trabalho deles.

Um cargo como esse exige apoio de todos os lados, dos professores, alunos, servidores. Sem isso não há como fazer um bom trabalho.

É evidente que sim. O que houve primeiro foi uma fase de catarse, em que todos queriam falar porque as vozes estavam caladas, amordaçadas. Eu defendia os interesses dessas categorias, e consegui algumas coisas. Mas tive a colaboração, isso eu não posso deixar de citar como ponto relevante. Tive o apoio total dos três segmentos da comunidade universitária.

Quais foram as maiores dificuldades de seu Reitorado?

As dificuldades foram todas praticamente oriundas da falta de estímulo dos poderes públicos, que seriam, em suma, de ordem orçamentária e de pessoal. Então, fala-se muito da necessidade dos cursos noturnos, e eu batalhei muito para isso, mas esbarrava na falta de professores e de recursos necessários.

Houve alguma coisa que o senhor gostaria de ter feito e não pôde?

A essa altura, depois de praticamente vinte anos, não sei o que eu gostaria de ter feito. Eu queria ver a UFBA funcionando em todos os seus aspectos: com boas aulas, bons laboratórios, material de consumo à disposição, boas bibliotecas. É evidente que eu tinha sonhos como reitor, mas a essa altura...

Como vê, hoje, a pesquisa científica no Brasil?

Está crescendo, mas ainda é insuficiente. Pesquisa é fundamental para o Brasil poder deslanchar. Continua a se investir um percentual pequeno através das agências de fomento, como Capes, CNPq, Finep. A Universidade tem um papel muito importante porque é o único lugar organizado para efetuar pesquisas. A iniciativa privada, através das grandes corporações industriais, ainda não compreendeu o papel da sociedade de se associar à Universidade. Algumas áreas estão tendo um desenvolvimento razoável, como a da saúde e a da tecnologia. Mas aí entra novamente a questão da falta do estímulo oficial, que não compreendeu o salto que o Brasil poderia dar se tivesse tido um investimento efetivo no desenvolvimento científico e tecnológico. Aqui, temos um grande incentivo através da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia (Fapesb), que, em cinco anos de atividade, já despendeu

170 milhões de reais, dos quais 100 milhões do próprio Estado e 70 milhões de outras agências. Temos que criar a nossa própria tecnologia, temos que inovar. Mas é preciso investir muito na educação, a partir do ensino fundamental, antes até.

Como vê a interação da UFBA com o setor econômico na Bahia?

Sem dúvida, já existe uma relação estabelecida. Em minha gestão, criei o primeiro mestrado em Engenharia Química, porque havia uma demanda muito grande de engenheiros, devido ao Complexo Petroquímico de Camaçari e ao Centro Industrial de Aratu. Então, juntei tudo o que havia de possibilidade, não só no Ministério da Educação, mas também na Capes, no CNPq, e com o pessoal do Estado. E essa relação com a UFBA, pelo que percebo, está crescendo, mas é um crescimento que ainda não considero ótimo. Mas já é um bom sinal.

Deveria ser então maior essa interação?

Sim, maior. E interação não só com os meios culturais, o que é muito bom. Podemos dizer que praticamente a cultura mais contemporânea é gerada a partir da Universidade, nesses 60 anos, devido à influência das escolas de Teatro, Música, Dança e da área de Letras. Mas poderia ser mais estreita a cooperação com a área das engenharias e a da saúde.

Paralelamente a seu trabalho de reitor, exercia algum outro tipo de atividade?

O trabalho de reitor é uma dedicação de duzentos por cento, quinhentos por cento. Eu não tinha nenhuma condição de exercer outra atividade fora da Reitoria. Mas fiz muitas pesquisas quando atuava na faculdade, tenho mais de cem trabalhos publicados. Fiz três teses, duas de livre-docência e outra que não cheguei a defender porque fui efetivado como professor titular por um decreto ainda do presidente Costa e Silva.

Com atividades tão absorventes como reitor, tinha algum lazer?

Sim, eu precisava me permitir isso. Embora minhas responsabilidades fossem grandes, em nenhum momento me estressei, porque os problemas já

existiam, existem e existirão. São praticamente os mesmos problemas com uma roupagem diferente. Então, como eu vinha de uma experiência prática na Universidade, fui tudo na parte acadêmica, na parte administrativa. O que me frustrava mais era que muitas vezes não existiam modos, maneiras ou recursos para resolver os problemas. Eu ia sempre à Ilha de Itaparica, era o meu refúgio, tinha que descansar a cabeça, mas continuava no trabalho da Reitoria. Mesmo no lazer não podemos nos desligar totalmente do trabalho, ainda mais agora com o tal de telefone celular. Naquele tempo não existia celular. Hoje imagino que seja pior ainda a pessoa conseguir ter um pouco de lazer.

Foi uma realização profissional ter sido reitor da UFBA?

Sim, é claro. Abandonei toda uma carreira rentável para me dedicar à UFBA. Eu gostava de dar aulas. Sempre gostei. Tenho a consciência de que fiz o que pude e o que as condições permitiram, e o que minha capacidade permitiu. Houve os momentos difíceis. Ninguém tem uma felicidade completa, mas momentos de felicidade. Do tempo de diretor da Faculdade de Odontologia e como reitor da UFBA tenho boas recordações. Foram duas fases boas de minha vida.

Qual a principal conquista da UFBA nesses 60 anos?

O que eu considero é que a UFBA está viva, atuante, cumprindo o seu papel de formação de mão de obra. Cumprindo o seu papel de desenvolvimento científico, tecnológico e de inovação, e atendendo a um preceito constitucional, o de que o cidadão tem direito à educação superior, direito que é um dever do Estado assegurar, mas que não vem sendo cem por cento cumprido. Temos atividades nos vários campos do conhecimento humano. A Universidade Federal da Bahia desempenhou um papel relevante, e ainda desempenha, no desenvolvimento da Bahia. Eu citei muito rapidamente o Complexo Petroquímico de Camaçari, o Centro Industrial de Aratu, os quadros do governo e os quadros da iniciativa privada, que são todos oriundos da Universidade. Nesses 60 anos é marcante a influência da Universidade Federal da Bahia no desenvolvimento de nosso Estado

ROGÉRIO VARGENS (1988-1992)

*Nadja Maria Valverde Viana*¹

*Marilene Lobo Abreu Barbosa*²

*Ana Helena Hiltner Almeida*³

*Florentina Santos Diez Del Corral*⁴

*Wladimir Mendes de Freitas*⁵(colaboração)

Ao assumir o cargo de reitor, eu tinha a nítida visão do desafio a que me propunha. Tinha absoluta clareza das dificuldades e desafios. Coloquei-me diante desta tarefa com a postura profissional de quem tem uma grande obra a realizar e uma batalha a vencer.

Rogério Vargens

O REITOR

José Rogério da Costa Vargens foi o nono reitor da Universidade Federal da Bahia. Em 1987, integrou, pela segunda vez consecutiva, a lista sêxtupla para reitor da UFBA, valendo-lhe a nomeação para o cargo em janeiro do

1 Vice-reitora 1988/92; professora Adjunta, aposentada do Instituto de Química/UFBA.

2 Mestre em Ciência da Informação, professora do Instituto de Ciência da Informação da UFBA, superintendente do Sistema de Bibliotecas da UFBA.

3 Professora Adjunta, aposentada da Escola Politécnica/UFBA.

4 Professora Adjunta, aposentada da Escola de Farmácia/UFBA.

5 Aluno de Comunicação, colaborador na realização da entrevista.

ano seguinte. Assumiu em 15 de março de 1988, cumprindo o mandato de quatro anos, até março de 1992.

Filho de Olympio Baldoino da Costa Vargens e de Regina Dias da Silva, Rogério Vargens nasceu em Salvador no dia 15 de julho de 1942. Nesta capital, realizou toda a sua formação escolar, iniciando o primário na Escola Modelo e concluindo-o na Escola Jesus Maria José. Coursou o ginásio no São Bento e o científico no Colégio Estadual da Bahia, o Central. Em julho de 1969, graduou-se engenheiro civil pela Universidade Federal da Bahia.

Logo após a formatura, iniciou seus estudos de pós-graduação, realizando um curso de especialização em Economia Rodoviária patrocinado pelo Conselho Nacional de Pesquisas em convênio com o Ministério dos Transportes, e concluído em fevereiro de 1970. No mês seguinte, deslocou-se para Lisboa, em Portugal, onde realizou, no Laboratório Nacional de Engenharia Civil (LNEC), um curso de pós-graduação *stricto sensu* com duração de três anos, tendo sido aprovado em concurso público com apresentação de tese original no domínio da Mecânica das Rochas. Ao retornar ao Brasil, ingressou, por concurso, na sua Universidade de origem, iniciando sua carreira docente no Departamento de Ciência e Tecnologia dos Materiais da Escola Politécnica, em março de 1973. Posteriormente, em 1976, deslocou-se para a Inglaterra a fim de realizar um curso de especialização na Universidade de Manchester em Gestão de Educação Técnica, patrocinado pelo British Council.

Ao lado de sua carreira docente na UFBA, vivenciou muitas outras experiências nos campos da educação e da ciência e tecnologia. Entre 1975 e 1977, atuou intensamente no projeto físico, acadêmico, institucional e respectiva implantação do Centec, instituição de ensino pioneira no Brasil, organizada sob forma de autarquia do Ministério de Educação e que veio a se tornar o Cefet/BA originando outras congêneres em diversos estados. Integrou a sua Diretoria de Fundação, acumulando os cargos vice-diretor geral e diretor acadêmico.

Logo em seguida, atendendo a convite do então governador Roberto Santos, instalou e desenvolveu a Subsecretaria de Ciência e Tecnologia do governo do Estado, sendo seu primeiro titular e aí permanecendo até o final desse período governamental, em 1979.

Nesse mesmo ano, assumiu o cargo de diretor da Escola Politécnica da Universidade Federal da Bahia. Inicialmente e até o ano seguinte, atuou na condição de *pro tempore*, sucedendo o professor Hernani Sobral, durante

o Reitorado do professor Augusto Mascarenhas. Permaneceu nesta função por ter sido nomeado para exercer o mandato regular, de 1980 a 1984, correspondente ao Reitorado do Professor Luiz Fernando de Macêdo Costa.

Durante sua trajetória na UFBA, lecionou a disciplina de Mecânica dos Solos e estruturou, organizou e implantou a disciplina de Mecânica das Rochas, a primeira neste domínio no Brasil a ser oferecida regularmente em cursos de graduação, dela se ocupando como docente até sua aposentadoria. Coordenou a implantação do curso de Engenharia de Minas. Percorreu todas as instâncias da gestão acadêmica antes de ser reitor, entre as quais foi presidente da Câmara de Ensino de Graduação. Permaneceu como membro titular nos Conselhos Superiores, durante ininterruptos 13 anos, de 1979 a 1992, tendo-os presidido enquanto reitor.

Durante um longo período após o Reitorado, de 1991 a 2006, foi membro titular do Conselho Estadual de Educação por sucessivos mandatos, tendo sido seu presidente por duas vezes, quando promoveu uma importante modernização desse órgão. Presidiu igualmente o Fórum Nacional dos Conselhos Estaduais, organismo que congrega estes conselhos, fazendo realizar em Salvador uma convenção nacional que teve especial importância na consolidação desse Fórum. Durante esse período, estimulou a criação dos Conselhos Municipais de Educação e instituiu, na Bahia, a realização de uma reunião anual itinerante desses conselhos com o Conselho Estadual, encontro que se consolidou até os dias atuais e vem prestando, ainda, significativa orientação aos municípios na área educacional.

Desde 2008, é presidente da Academia Baiana de Educação, sucedendo o ex-reitor Roberto Figueira Santos.

CONTEXTO, REFLEXÃO E AÇÃO

A década de 1980 foi pródiga em profundas mudanças no cenário nacional que se estenderam desde a reimplantação de um regime democrático a algumas trocas da moeda brasileira. No ano de 1988, preparava-se uma nova Constituição, justo motivo para que todos os segmentos avidamente se debruçassem nas diretrizes legais que regeriam o país nos anos seguintes. Atravessava-se um período que coincidiu com uma das mais profundas crises da história nacional, com evidentes e inevitáveis consequências para o Reitorado que se iniciava nessas circunstâncias. Até mesmo porque a Universidade

não é uma ilha situada ao largo da realidade concreta, mas um sítio batido por todos os ventos e correntes ideológicas. Na prática, a Reitoria deparou-se com problemas cuja origem se situava fora do seu âmbito decisório. O maior exemplo foram as repetidas e prolongadas greves promovidas pelo corpo docente e pelos funcionários, basicamente em contraposição a políticas salariais definidas pelo governo federal. Infelizmente, esses movimentos causaram graves prejuízos ao desenvolvimento do trabalho universitário.

A concepção de Universidade que orientou o Reitorado do professor José Rogério da Costa Vargens foi a de que ela é o agente vitalizador do organismo social que toma para si a responsabilidade de formar quadros qualificados para a ação, para dinamizar a produção e a transmissão do saber e oferecer reflexões críticas e criativas.

Com esta visão, resoluto e obstinado, Vargens deu início ao seu Reitorado, começando por estruturar e sua equipe de trabalho de forma a assegurar o cumprimento de seu programa de ação. Era preciso que toda a equipe estivesse motivada, que seus integrantes se conhecessem uns aos outros e tivessem visão ampla de toda a Universidade. Com este intuito, logo ao início da gestão, foi realizado o I Encontro de Gestão Universitária, cuja organização esteve a cargo da Escola de Administração. Participaram todos os dirigentes, o que resultou em extraordinária confiança para o desenvolvimento do Plano de Metas, com maior entrosamento das unidades de ensino com os órgãos da Administração Central.

Novo Encontro de Gestão Universitária foi realizado cerca de um ano após o primeiro para avaliar os entraves organizacionais da instituição e buscar soluções urgentes, visando a minimizá-los de forma a tornar a gestão mais eficiente. A reunião contou com a participação e orientação da professora Elisa Wolineck, então pró-reitora de Planejamento da USP, que apresentou o modelo adotado por aquela Universidade, referência para as atividades desse Encontro. Ao final da gestão, o terceiro e último desses eventos aconteceu com a finalidade de avaliar o resultado da gestão. A motivação sobre a avaliação levou a Escola de Enfermagem a desenvolver um procedimento na sua unidade, realizando um trabalho de avaliação institucional inovador, um exemplo a ser seguido na ocasião. O balanço final, considerado positivo no cenário do Estado e no contexto do país, foi fruto de uma administração caracterizada pela austeridade, onde a ação esteve à frente da retórica, imprimindo ao Reitorado as marcas do modernizar, ensinar, pesquisar e servir.

Uma característica dessa gestão foi a contribuição da Vice-Reitoria, tendo como atribuições permanentes encarregar-se da supervisão da área acadêmica, por delegação devidamente formalizada em Portaria. A professora Nadja Valverde Viana realizou um trabalho de atendimento e prestação aos dirigentes universitários, em todos os seus níveis, sendo possível resolver muitos dos problemas apresentados e proporcionar maior eficiência à gestão. Assim, a Vice-Reitora vivenciou o Reitorado em cotidiana e estreita articulação com o reitor, de tal modo que nas oportunidades de substituição não havia qualquer solução de continuidade.

Evitar as dificuldades nem sempre é possível, todavia superá-las é um dever de quem administra. Esta foi a tônica desta administração que, superando os inúmeros obstáculos que se lhe impuseram, conseguiu realizar um trabalho que merece registro.

ATIVIDADES DE PLANEJAMENTO E ADMINISTRAÇÃO

Para cumprir satisfatoriamente sua função social, uma universidade precisa manter-se em constante processo de modernização, em todos os sentidos. São as pessoas que constituem a comunidade acadêmica que determinam, em última instância, os padrões de qualidade das instituições universitárias. É imprescindível, porém, que elas disponham de meios adequados para desenvolver suas potencialidades. Dedicção, sensibilidade, inteligência e criatividade, embora sejam bens dos mais valiosos, podem não se converter em resultados palpáveis quando em um ambiente de instalações físicas precárias e equipamentos arcaicos.

Assim, a UFBA encontrou o caminho da superação de problemas crônicos e, a despeito das limitações orçamentárias, incorporou evidentes melhorias. Merece destaque o trabalho realizado pela Prefeitura do Campus, que atuou nos serviços básicos de segurança e suprimento que foram regularizados. Após uma avaliação das condições de funcionamento das diversas unidades da Universidade, a Prefeitura implementou o *Plano de recuperação da planta física da UFBA*. O campus de Ondina-Federação foi completamente urbanizado e quase todas as unidades foram beneficiadas com obras de ampliação, reforma e reconstrução. Surgiram novas sedes, entre as quais o Pavilhão de Aulas Professor Alceu Hiltner e o Pavilhão de Ambulatórios Francisco Magalhães Neto. A construção da Escola de Dança

e do Instituto de Letras foi um marco significativo que veio a concretizar uma aspiração há muito alimentada por essas unidades de ensino. Criou-se, enfim, um novo panorama.

A chave que abriu à UFBA os caminhos para escapar do imobilismo foi a modernização. A instituição avançou no tempo, não só em termos de infraestrutura, como nos procedimentos administrativos e acadêmicos. Para tanto, o passo fundamental foi a desenvoltura com que se deu a execução do Plano Diretor de Informática, graças ao trabalho de uma comissão de alto nível, presidida pela professora titular doutora Lolita Carneiro de Campos Dantas, que procedeu aos estudos das necessidades da Instituição, das exigências quanto aos equipamentos a serem adquiridos e ao acompanhamento de toda a sua implantação. O Centro de Processamento de Dados, sem equipamento de grande porte, não tinha autonomia para realizar matrículas na Universidade nem para processar seu próprio concurso vestibular. A opção foi por um IBM 3090, com processador vetorial e capacidade para interligar toda a Universidade. O computador central podia ser utilizado pelos pesquisadores locais para acessar, via satélite, a rede internacional BitNet, hoje internet, à qual estavam ligadas as principais instituições científicas do planeta. O número de microcomputadores instalados triplicou para atender à grande parte da demanda.

A informatização trouxe ganhos para todas as áreas da Universidade, tornando mais ágeis e descomplicados os procedimentos de administração orçamentária até os de matrícula. Não seria correto atribuir o melhor desempenho global da Instituição exclusivamente à modernização instrumental. Pesou também, de modo decisivo, a adoção de estratégias de gerenciamento, igualmente modernas. As medidas de racionalização postas em prática estancaram muitos prejuízos. O vestibular, por exemplo, deixou de ser deficitário. As unidades hospitalares evoluíram da condição de vorazes consumidoras de repasses na direção da autonomia financeira. Na área de recursos humanos houve uma redução de 14% no contingente de servidores técnico-administrativos, sem perda da eficiência operacional.

Respalhada no crédito de bons resultados, a Reitoria pode obter junto ao governo federal, maior aporte de recursos. Em cifras aproximadas, o orçamento inicial da Universidade cresceu de US\$ 72 milhões, em 1988, para US\$ 196 milhões, em 1992. Mas não é só. O perfil do orçamento passou a ter outro desenho: em 1987, quase todos os recursos disponíveis foram aplicados em despesas correntes, enquanto os investimentos tiveram apenas

1,8% do total, repetindo uma performance comum nos anos anteriores; em 1991, último exercício completo do Reitorado de Rogério Vargens, este percentual chegou a 10,4 % – o mais alto dos dez anos anteriores. Isto significa que a UFBA passou a ter maior autonomia gerencial e mais possibilidades de atender às necessidades da comunidade acadêmica.

ATIVIDADES DE ENSINO

Dentre as grandes vertentes de atuação das universidades, a formação de pessoas é, de longe, a mais exigente. É a que consome a maior parte das atenções e dos recursos despendidos, sendo por isso a que mais identifica as instituições do gênero. Neste Reitorado, o ensino foi contemplado com um grau de prioridade proporcional à sua importância. Houve um esforço de aprimoramento, com ênfase no estímulo à capacitação de docentes. Ao longo do período, mais de 10% dos professores estiveram em cursos de mestrado ou de doutorado, na própria UFBA ou em outras universidades brasileiras ou estrangeiras. Desse modo, foi possível compensar a perda de docentes qualificados por motivo de aposentadoria. Em 1987, 12,9 % dos professores tinham doutorado e 34 %, mestrado. Quatro anos depois, esses percentuais se elevaram para 15,4 % e 37,6 %, respectivamente. Para tanto, a UFBA utilizou bolsas de estudos da Capes nos mecanismos do Plano Institucional de Capacitação Docente (PICD), Demanda Social (DS) e Programa Capes/Exterior.

O ensino de pós-graduação logrou obter um crescimento tanto quantitativo quanto qualitativo. Surgiram 10 novas opções de mestrado e oito de doutorado, o que quase duplicou o número de cursos de pós-graduação *stricto sensu*, chegando a um total de 39 cursos, sendo 30 de mestrado e nove de doutorado. Houve também um aumento da oferta de cursos de pós-graduação *lato sensu*, modalidade especialização.

Segundo a criteriosa avaliação da Capes, esse processo de ampliação foi acompanhado por um notável salto de qualidade. O último levantamento realizado revelou que, apesar do elevado percentual de cursos novos, 67 % do total foram classificados nos níveis “bom” e “excelente”.

Na graduação, a Superintendência Acadêmica coordenou as atividades em todos os seus aspectos, destacando-se: a adoção de um novo modelo de Concurso Vestibular, em uma só fase, mas introduzindo-se a exigência de

conhecimentos específicos para cada área, além do desempenho do candidato em todas as disciplinas do núcleo comum do 2º grau, atual ensino médio; novo processo informatizado de realização da matrícula discente, evoluindo-se gradativamente para a descentralização dirigida às diversas unidades de ensino; ampliação do número de vagas oferecidas no vestibular, sem alteração desde 1976, com um acréscimo de 14,3 % em relação a 1988, chegando-se a 3.515 vagas, em 1992. O quadro de docentes foi consideravelmente renovado com a abertura de concurso público para admissão de 358 professores nas mais diversas áreas do conhecimento, distribuídas por todas as unidades de ensino.

Neste Reitorado foram criados três novos cursos de graduação – Geofísica, Desenho Industrial e Decoração, passando a ter em seu catálogo de cursos um total de 59 opções. Ao lado disso, a Universidade procurou atender a uma antiga demanda social, implantando cursos noturnos de: Processamento de Dados, Direito, Administração de Empresas, Pedagogia e Secretariado. Ainda que não tenha sido possível ampliar as vagas totais desses cursos, a nova oferta representou um avanço social no contexto do ensino de graduação na Bahia.

A Reitoria procurou, com persistência, oferecer melhores condições de trabalho a professores e alunos, através das já mencionadas iniciativas de recuperação e ampliação do patrimônio físico e da aquisição de equipamentos, desde instrumentos musicais até computadores. O sistema de bibliotecas – que tem a Biblioteca Central na coordenação de 35 unidades setoriais – experimentou um processo de recuperação da capacidade de atendimento. O acervo bibliográfico foi gradualmente realimentado, chegando-se ao final do Reitorado a um índice de 100% de deferimento das solicitações de livros feitas pelas bibliotecas setoriais.

Foram implementados convênios com: a Bireme, a Organização Pan-Americana de Saúde, para a recuperação da informação automatizada na área das ciências da saúde; a Capes/Comut, para o fornecimento de cópias de trabalhos científicos, independentemente de sua localização, no país; o CNPq/IBICT, para o desenvolvimento do Catálogo Coletivo Nacional de Periódicos. Também, foram mantidos o Projeto BIBLOS (MEC/SESU/PNBu) e o Programa de Ação Planificada (Finep).

Atenta ao princípio de que o ensinar não deve ser enclausurado em espaços exclusivamente curriculares, a Reitoria investiu no apoio à realização de congressos, encontros e simpósios, apostando assim na riqueza dos

intercâmbios culturais, técnicos e científicos. Entre as centenas de eventos dessa natureza, encontraram-se alguns do porte dos Seminários Internacionais de Música, que foram reativados depois de mais de duas décadas de interrupção, contribuindo para recolocar a UFBA no mapa estético-cultural do país, pelo qual tanto lutou o grande reitor Edgard Santos.

ATIVIDADES DE PESQUISA

No campo da pesquisa, a Bahia se viu especialmente sacrificada por receber verbas para a investigação científica que não correspondiam à sua significação demográfica e econômica no contexto nacional. A UFBA procurou enfrentar as dificuldades neste sentido, apoiando as atividades de pesquisa com recursos próprios, estabelecendo parcerias com empresas privadas e buscando financiamento junto a entidades nacionais – Capes, CNPQ, Finep, PADCT, SEMA, Inep, Fipecc, Sudene, Petrobras, EBTU, Cofecub, Inamps, Embrapa, Ceplac, Cofic, Secretaria de Minas e Energia, Ministério da Saúde, Instituto Nacional de Meteorologia; e estrangeiras – OMS, Comcitech, DAAD, GTZ, OPAS, Fundação Rockefeller, Fundação Fullbright, Universidade de Harvard, The Pop Council, Universidade de Cornell e Conselho Superior de Investigação Científica da Espanha.

Consciente de que a pesquisa é o espaço por excelência da criatividade universitária, a UFBA colocou em prática projetos de investigação em diversas áreas do conhecimento, com destaque para os programas de Engenharia Química, Meio Ambiente, Geofísica Aplicada, Saúde, Nutrição, Artes, Física Atômica e Molecular, Agricultura e Sanidade Animal. Além das unidades de ensino, as atividades de pesquisa envolveram diversos órgãos suplementares, a exemplo do Centro de Recursos Humanos e do Centro de Estudos Afro-Orientais, este último na vanguarda da divulgação da cultura negra na Bahia, hoje de ensino obrigatório na educação básica. A partir de 1991, foi iniciada uma nova experiência de cooperação entre a Universidade e empresas privadas, a exemplo da implantação do Centro de Excelência em Petróleo e Petroquímica, cuja função era identificar interesses comuns a ambas as partes e formar grupos de trabalho em torno de projetos específicos.

Tiveram continuidade os trabalhos desenvolvidos por núcleos de pesquisa já consolidados e que conquistaram destaque nacional. O Instituto de Geociências foi reconhecido pelo pioneirismo na condução de pesquisas em

Geofísica aplicada à exploração mineral, petrolífera e de água subterrânea. Na área de saúde, a UFBA manteve-se em posição de vanguarda nos estudos de patologia social, desenvolvendo trabalhos sobre os temas: doenças tropicais, reprodução humana, antropogenética, saúde mental e epidemiologia.

A crescente preocupação da sociedade com a questão ambiental teve reflexos na Universidade, que colocou em andamento, com o apoio do governo alemão e da Agência Brasileira de Cooperação, o Projeto de Educação Integrada em Ciências Ambientais e Gerenciamento de Recursos Humanos para a Ação Comunitária. Para execução deste projeto foi criado o Núcleo Interdisciplinar de Ensino, Pesquisa e Extensão em Meio Ambiente (NIMA).

Foi implantado, nessa gestão, o Núcleo Interinstitucional de Biotecnologia, com o objetivo de coordenar as ações de diversos laboratórios, na execução de investigações científicas relevantes, correlacionadas.

A implantação de novos laboratórios e reestruturação dos já existentes se conjugaram com a disponibilidade de apoio para criar um panorama efetivamente favorável ao desenvolvimento da pesquisa universitária. Merece destaque, neste particular, o papel desempenhado pela Fundação de Apoio à Pesquisa e Extensão (Fapex), que acumulou uma folha de serviços prestados da maior relevância. Foram estes fatores que, ao lado do empenho dos pesquisadores, permitiram à UFBA ampliar e aprofundar o seu desempenho enquanto instituição de pesquisa.

ATIVIDADES DE EXTENSÃO

A bússola que orientou todas as iniciativas do Reitorado de José Rogério Vargens esteve sempre apontada para uma mesma direção: o desejo de servir. Cada decisão tomada submeteu-se à análise da relação custo/benefícios, embora com a ressalva de evitar-se o pragmatismo excessivo. A UFBA foi conduzida com o propósito claro e declarado de ser uma instituição útil, em todos os aspectos.

Ao fim do Reitorado, pôde-se constatar objetivamente, mediante a apreciação dos resultados, que houve uma compreensão ampla do sentido de utilidade. Uma compreensão que contemplou os objetivos básicos da Universidade, necessariamente situados a longo prazo, sem deixar de lado o atendimento imediato a demandas por prestação de serviços, internas e

externas. Para tanto, entre outras medidas, foram reforçadas e valorizadas as atividades de extensão.

A UFBA aproximou-se das comunidades que a cercam, em suas várias frentes de atuação. Estabeleceu parcerias com empresas, ofereceu cursos, dinamizou a vida cultural da Bahia, contribuiu com projetos comunitários, ampliou sua participação nos serviços de saúde pública e interagiu com outras entidades voltadas para o bem comum.

A disposição para aproveitar a oportunidade de servir, materializou-se, com destaque, no funcionamento das unidades hospitalares da UFBA. A Maternidade Climério de Oliveira, totalmente reformada e ampliada, teve a sua capacidade triplicada e a taxa de ocupação de leitos subiu de 35% para mais de 80%. Só em 1991, a maternidade realizou mais de 50 mil atendimentos.

O Hospital Universitário Professor Edgard Santos teve uma grande transformação. Além de passar por uma completa reforma em suas instalações e novos equipamentos, foi também ampliado pela construção de uma nova unidade ambulatorial, com 40 salas. Outro avanço marcante foi a implantação de uma unidade de cirurgia cardiovascular de altíssimo nível. O mais importante, porém, foi o crescimento dos indicadores de produtividade: a taxa de ocupação dos leitos saltou de 50 para 89%.

Outros exemplos de contribuição da UFBA ao setor de saúde pública são encontrados nos trabalhos desenvolvidos por unidades como a Faculdade de Odontologia, que realizou em torno de 70 mil atendimentos, em 1991; a Faculdade de Farmácia, com seus laboratórios de Análises Clínicas, Análises Bromatológicas e Análises Toxicológicas, bem como as escolas de Nutrição e de Enfermagem. No plano interno, o Serviço Médico da Universidade assistiu professores, alunos, funcionários e seus dependentes.

O incremento das atividades de extensão não ficou restrito ao ambiente urbano. No meio rural, destacou-se a atuação da Escola de Agronomia, da Escola de Medicina Veterinária, do Hospital de Medicina Veterinária Renato de Medeiros Neto, do Centro de Desenvolvimento da Pecuária, localizado em Oliveira dos Campinhos, e da Fazenda Experimental de Entre Rios, incorporada ao patrimônio da UFBA nesta gestão. Com suas instalações recuperadas, a Escola de Agronomia, localizada no município de Cruz das Almas, pôde intensificar o apoio direto a agricultores, pecuaristas e apicultores, prestando assistência técnica e transferindo novas tecnologias. Dentro da própria área da escola, foi iniciado o Projeto Volta à Terra, uma experiência-piloto de apoio a pequenos produtores rurais e suas famílias.

Cabe destaque ao convênio assinado com a União dos Pequenos Agricultores de Cana que ampliou a prestação de serviços.

A UFBA promoveu cursos de treinamento de vaqueiros, realizou visitas técnicas a dezenas de propriedades rurais, coordenou seminários de difusão de técnicas capazes de aumentar a produção leiteira. O Hospital de Medicina Veterinária contabilizou mais de 5 mil atendimentos, só em 1991. Em prosseguimento ao Projeto Cansação – experiência multidisciplinar de apoio a comunidades carentes do interior, desenvolvida no município do mesmo nome – a UFBA prestou serviços de diversas naturezas que beneficiaram mais de 2 mil famílias.

Através de órgãos suplementares como o Centro de Recursos Humanos, o Centro de Estudos Interdisciplinares para o Setor Público, o Núcleo de Serviços Tecnológicos e o Núcleo de Manutenção de Equipamentos de Pesquisa, a Universidade colaborou com empresas privadas e instituições públicas, prestando consultoria e serviços especializados. Em várias oportunidades, essas parcerias tiveram como contrapartida o oferecimento de melhores condições de trabalho aos pesquisadores da UFBA.

Se, de um lado, procurou empregar ao máximo a capacidade da UFBA de prestar assistência à população e contribuir com o setor produtivo, a Reitoria não descuidou da área cultural. Durante esses quatro anos, verificou-se um avanço notável na atividade de difusão artístico-literária. A Gráfica Universitária imprimiu 63 livros, totalizando cerca de 50 mil exemplares; o Museu de Arte Sacra recebeu milhares de visitantes e parte de seu acervo foi colocada no evento Bahia, Momentos Del Barroco, realizado em Buenos Aires; ali também foi exposta a coleção de painéis do artista plástico Carybé, denominada Orixás; e o Centro de Estudos Afro-Orientais promoveu vários cursos e exposições e recebeu mais de 11 mil visitantes.

As unidades de ensino da área de artes – Escola de Dança, Escola de Belas Artes, Escola de Música e Escola de Teatro – para além da formação de seus alunos, participaram intensamente da vida cultural do Estado. Todas essas unidades foram beneficiadas com a melhoria de suas instalações, aquisição de novos equipamentos e apoio financeiro para a realização de eventos. Em resposta, apresentaram níveis de produtividade muito superiores à média histórica. Podem ser citados:

- Na Escola de Música – Seminários Internacionais de Música, Semana de Música Contemporânea;

- Na Escola de Dança – apresentações do Grupo Odundê e projetos de produção artística e apresentações didáticas;
- Na Escola de Teatro – apresentação de dezenas de peças e realização de cursos;
- Na Escola de Belas Artes – revitalização da Galeria Cañizares, recuperação de inúmeras obras de arte e o reaparecimento do Salão Universitário de Artes Visuais (SUAV), onde 172 artistas tiveram oportunidade de expor 470 trabalhos de arte.

Todas essas atividades representaram os resultados do trabalho acadêmico no campo das artes, acrescentando-se apresentações fora dos campi, inclusive em outros Estados. A Orquestra Sinfônica, o Madrigal, o Coral Universitário e os espetáculos montados pelas escolas foram vistos e ouvidos por milhares de espectadores. Além disso, as unidades de ensino da área ofereceram dezenas de cursos abertos de formação artística.

Cada qual a seu modo, todas as células da Universidade se incorporaram ao propósito de prestar serviços à comunidade. A Faculdade de Arquitetura cooperou com a Prefeitura de Salvador na formulação de planos de urbanização; alunos e professores da Faculdade de Direito prestaram assistência judiciária a pessoas carentes; a Faculdade de Educação colaborou em programas de reciclagem de professores do ensino básico; a Escola Politécnica realizou estudos de impacto ambiental do traçado de estradas. Centenas de atividades foram traduzidas em eventos como congressos, seminários, simpósios, feiras, alguns dos quais de âmbito internacional.

Assim, a comunidade da UFBA assimilou e consolidou, na prática, a cultura do servir, estabelecendo-se de modo irreversível a tendência de interação cada vez maior com a sociedade.

CONCLUSÃO

Superando os obstáculos, o Reitorado do professor José Rogério da Costa Vargens foi um período fecundo na trajetória da UFBA. Tempo de recuperação do patrimônio físico e de expansão do patrimônio cultural. De melhoria dos padrões de qualidade e dos índices de desempenho. De atualização e de prestação de serviços à comunidade baiana. Tempo de sementes. Tempo de frutos.

ENTREVISTA

Fale um pouco sobre sua vida até a entrada na Universidade.

Nascido em Salvador, em 15 de julho de 1942, aqui passei a infância, adolescência e juventude, onde estudei desde o curso primário até a graduação, e aqui sempre fixei residência, salvo períodos passados no exterior ou outras interrupções.

Cursei o ginásio no São Bento, tendo recebido dos beneditinos uma das mais proveitosas influências de minha formação. Tive a felicidade de fazer o curso médio no Colégio Estadual da Bahia, o Central, na época em que aquele estabelecimento público exemplar vivia os seus melhores momentos. Realizei o meu curso superior na UFBA, na Escola Politécnica, onde me graduei engenheiro civil, que viria a ser a porta de entrada na vida acadêmica da Universidade como docente.

Fui um estudante alegre, frequentador de folguedos e da vida noturna, com muita presença entre os colegas e amigos de juventude.

Ainda muito cedo, antes mesmo de ingressar na UFBA, tive de antecipar a minha emancipação para trabalhar e assumir encargos de arrimo de família. Estas experiências foram muito valiosas no desempenho de funções que viria assumir ao longo da vida.

Pouco tempo depois de graduado, fui convidado para um curso de pós-graduação no exterior, em uma instituição sediada em Lisboa, que era, na época, considerada a mais completa e uma das melhores instituições de investigação científica do mundo no domínio da Engenharia Civil. Aí permaneci durante três anos, tendo sido aprovado em concurso público para integrar o seu quadro de especialistas. Embora tendo recebido insistentes convites e propostas para lá permanecer, preferi voltar ao Brasil.

Ao retomar, fui convidado a ingressar na UFBA como docente, aproveitando um processo seletivo que estava com inscrições abertas. Aceitei a proposta com a única intenção de retribuir à sociedade os investimentos que o poder público havia feito em minha formação, uma vez que estudei predominantemente em instituições públicas. Não tinha qualquer intenção de desenvolver a carreira de reitor.

A atividade política me atraiu, primeiramente na política estudantil, antes de ingressar na UFBA, de onde tive de me afastar devido a outras ocupações, e posteriormente, no processo de redemocratização, entre as décadas de 1970 e 80, quando me envolvi com a política partidária de oposição.

Como o senhor saiu da função de pesquisador e professor para atuar na área política da Universidade? O que motivou esta mudança?

Como eu disse anteriormente, minha intenção era permanecer como professor de tempo parcial, exercendo funções exclusivas de ensino e pesquisa. Entretanto, fui sendo solicitado a assumir funções de coordenação e direção, ou por apelos muito insistentes ou por iniciativas que por vezes se desenvolveram à minha revelia, criando situações que não permitiam recusa sem o inconveniente de grandes constrangimentos, a exemplo das duas vezes em que fui nomeado diretor da Escola Politécnica. Primeiro, como diretor *pro tempore* para completar um mandato. Sem saber, encontrava-me fora da Bahia e fui chamado para tomar posse. Da segunda vez, a Congregação havia incluído meu nome na lista, sem meu conhecimento, e a nomeação para o respectivo mandato se deu sem que houvesse de minha parte esta expectativa.

Dessa forma, exerci quase todas as funções da estrutura acadêmica da Universidade sem pretender, salvo o cargo de reitor, que contou com a minha iniciativa. Entretanto, todas as vezes fui movido pela intenção inicial de servir ao interesse público.

A Reitoria da UFBA foi o seu primeiro cargo de direção?

Não. Embora tenha sido um dos mais jovens reitores da UFBA em sua história, seja porque tenha iniciado a vida produtiva muito cedo, seja porque tenha vivenciado muitas outras oportunidades tanto na área pública como privada, já contava com ampla e diversificada experiência.

Na iniciativa privada já contava com a experiência de funções diretivas em empresas ou nos meus negócios pessoais.

No setor público fora da Universidade, com atuação nas esferas municipal, estadual e federal, já havia exercido diversas funções de direção e assessoramento superior. Aí se ressalta minha participação durante todo o processo de

implantação de dois importantes órgãos na Bahia: o Centec (posteriormente Cefet), no âmbito federal, onde acumulei duas funções em sua primeira Diretoria, e a Subsecretaria de Ciência e Tecnologia do governo do Estado, onde fui seu primeiro titular.

Na Universidade, como já apontado, eu já havia percorrido toda a estrutura de gestão acadêmica, incluindo a coordenação da implantação de um novo curso de graduação e, em dois reitorados consecutivos, a Diretoria da Escola Politécnica, sua maior unidade de formação profissional. Ao assumir a Reitoria, eu já contava com a experiência, durante cerca dos dez anos anteriores, de integrar os Conselhos Superiores da UFBA, tendo exercido a Presidência da Câmara de Ensino de Graduação, a mais movimentada das Câmaras. Provavelmente, foi a marcante atuação nestes órgãos que me proporcionou, no Colégio Eleitoral, o maior número de indicações para o cargo de reitor. Vale apontar que meu nome também figurou na lista para o Reitorado anterior, em que foi nomeado o Prof. Germano Tabacoff

Que momentos considera marcantes em seu reitorado?

Inicialmente a minha permanência na Reitoria foi alvo de fortes protestos, desenvolvidos por aqueles que não se conformavam com a forma com que fui escolhido e nomeado para o cargo.

Vivia-se um momento nacional muito crítico. A redemocratização estava ainda dando seus primeiros passos, nos quais muitas pessoas ainda não acreditavam, e o país era sacudido pelo conflito de interesses em uma Constituinte. A exemplo do que se deu em outros Estados, a Universidade, em decorrência do longo período autoritário, desenvolvera em seu interior núcleos partidários contaminados pelo extremismo e fomentados pelo corporativismo. Promovera-se uma consulta, antes da elaboração da lista pelo Colégio Eleitoral, conduzida por estes núcleos e, por isso, com resultados fortemente polarizados em dois nomes. Este movimento não aceitava a escolha de qualquer outro nome, como o meu, que não contasse com esta preferência. Observe-se, contudo, que esta imposição nunca havia ocorrido nas escolhas precedentes e a consulta não foi feita para indicar um nome, mas os seis que iriam compor a lista.

Foi possível vencer essas resistências graças à forte determinação de bons propósitos, lastreada em profundas convicções e consistência de princípios,

autoconfiança e confiança nas instituições democráticas que se firmavam, credibilidade e relacionamento pessoal, persistência, talento, experiência de gestão administrativa e de conflitos, conhecimento da própria Universidade e visão muito clara de seu papel social. Aliado a estas características pessoais, como reitor contei ainda com amplo e generalizado apoio da opinião pública, indignada inclusive com a agressividade dos opositores.

Outra marca deste Reitorado foi a reconhecida capacidade de agregação que, apesar de todo o esforço e hostilidade dos opositores, se deveu à política implementada de incentivo aos que desejavam realizar e construir, sem qualquer ato de discriminação ou revanchismo, mas orientada por critérios de mérito, criando facilitadores e acolhendo colaboradores, sem qualquer indagação sobre suas posições.

Assim, é que foi possível construir uma das equipes mais coesas de toda a história da Universidade. Vale ressaltar que muitos dirigentes foram escolhidos em listas propositalmente elaboradas para que o reitor não tivesse alternativa de escolha. Todavia, em qualquer dos casos foi escolhida a opção que melhor se apresentava para o desempenho da respectiva função.

Outro fato que marcou o Reitorado foi o notável acervo de realizações, em momento de tanta conturbação na vida nacional e da própria Universidade, o qual será abordado nas questões seguintes.

Quais as dificuldades que encontrou em sua gestão?

A estrutura da Universidade, do ponto de vista interno, e as severas limitações de sua autonomia, do ponto de vista de sua inserção como órgão da administração pública. A administração interna estava, por um lado, brutalmente centralizada e, por outro, pulverizada por um numeroso conjunto de órgãos, sem instrumentos eficazes de conexão, tornando a responsabilidade difusa e o setor administrativo inconvenientemente apartado do setor acadêmico.

Por outro lado, ao contrário do que enunciavam seus documentos institucionais, a Universidade não tinha autonomia para dispor de seus recursos materiais e humanos. Uma e outra situação eram impostas pela legislação que, à época, submetia todas as universidades federais. O que, apesar do advento da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, inexplicavelmente, parece ainda não ter sido satisfatoriamente resolvido.

Quais foram os principais problemas que enfrentou na Reitoria?

No início, encontrei a UFBA em um dos piores momentos de sua história, pois padecia de deficiências graves, algumas das quais dramáticas. O patrimônio físico estava em franco sucateamento, a ponto de exigir o fechamento de unidades que literalmente caíam aos pedaços, como o Instituto de Letras, que se encontrava desalojado, ou o computador central, que, já obsoleto, havia sido inutilizado por causa de uma inundação decorrente de um defeito no teto do imóvel em que estava instalado, tendo a Universidade de recorrer a outras instituições, situadas em outros Estados, para atender suas necessidades imprescindíveis. As unidades hospitalares estavam em péssimas condições. Ao lado disto, a situação orçamentária era de asfixia e a insegurança atingia todos os campi, com registros frequentes de roubo de equipamentos, vandalismos e agressões. Ao longo do mandato, em decorrência das graves crises que marcaram a vida nacional naquele período, o Reitorado se deparou com problemas cuja origem se situava fora do seu âmbito decisório, como as prolongadas e repetidas greves de reivindicação salarial, promovidas por servidores e docentes. Tais movimentos, infelizmente, causaram grandes prejuízos ao desenvolvimento dos trabalhos.

Como foi o trabalho que realizou durante sua gestão?

Foi um trabalho de ampla recuperação da planta física, com intervenções e reforma de todas as unidades de ensino, de órgãos suplementares, como o Hospital Universitário Professor Edgard Santos, Maternidade Climério de Oliveira, Hospital de Medicina Veterinária Renato de Medeiros Neto, Centro de Desenvolvimento da Pecuária, Museu de Arte Sacra, Museu Etnológico e Arqueológico, Centro de Processamento de Dados e o Centro de Estudos Afro-Orientais, bem como de outros equipamentos, como o Palácio da Reitoria, o Teatro Santo Antônio, as Residências Universitárias, a Creche, a Superintendência Estudantil e pavilhões administrativos.

Foram edificadas novas construções, como a Escola de Dança e o Instituto de Letras, velhas aspirações de suas respectivas comunidades, o Pavilhão de Aulas Professor Alceu Hiltner (PAF II), o Ambulatório de Pacientes Externos Professor Francisco Magalhães Neto, o Biotério e o Pavilhão do Almojarifado.

Foi ampliado o patrimônio com a incorporação do Hospital Infantil Professor Hosannah de Oliveira e o Centro de Desenvolvimento da Pecuária de Entre Rios.

Novas instalações foram agregadas, como o Berçário de Alto Risco, na Maternidade Climério de Oliveira, as amplas e modernas instalações da Unidade de Cirurgia Cardiovascular, no Hospital Professor Edgard Santos, o Memorial Lindenberg Cardoso, na Escola de Música, e diversos novos pavilhões em várias outras unidades.

Incluiu-se entre as obras de porte a reurbanização do campus de Ondina.

Promoveu-se a modernização da UFBA, reequipando-a e fazendo-a avançar não só em termos de infraestrutura, como também nos procedimentos administrativos e acadêmicos. Neste sentido, um passo fundamental foi a elaboração e execução do Plano Diretor de Informática. O Centro de Processamento de Dados, depois de dois anos sem equipamento de grande porte, foi dotado de um IBM 3090, com processador vetorial e capacidade para interligar toda a Universidade, à época, um equipamento considerado mundialmente como top de linha. O número de microcomputadores triplicou. Desse modo, quando ainda não estava disponibilizada a internet, o computador central podia ser acessado pelos pesquisadores locais para também acessar, via satélite, a rede internacional Bitnet, à qual estavam ligadas as principais instituições científicas do planeta.

O sistema de bibliotecas, coordenado pela Biblioteca Central, experimentou um processo de recuperação de atendimento e realimentação do acervo, atingindo-se, no final do Reitorado, um índice de 100% de deferimento das solicitações de livros feitas pelas bibliotecas setoriais.

O melhor desempenho verificado não se deveu apenas à modernização instrumental, pois foram adotadas estratégias de gerenciamento igualmente modernas, com medidas de racionalização que incrementaram a produtividade e estancaram fontes de prejuízos. Nesse ponto, não hesitei em adotar medidas consideradas impopulares, mas necessárias para dismantelar um conjunto de práticas viciadas que minavam os caminhos da eficácia, como o restabelecimento do turno de 8 horas e o corte de ponto dos servidores que não compareciam ao trabalho. Com o mesmo objetivo, optei pelo fechamento do Restaurante Universitário e, dessa forma, ao invés de servir almoço indiscriminadamente gratuito a uma maioria que não precisava,

preferi atender melhor os alunos de fato carentes, que passaram a ter três refeições por dia nas Residências Universitárias.

A experiência e habilidade do reitor para transitar nas esferas do Poder e o respaldado dos bons resultados que passaram a ser obtidos, resgataram o prestígio da UFBA junto ao governo federal, com notável repercussão nas suas disponibilidades orçamentárias. O orçamento inicial da Universidade cresceu de US\$ 72 milhões, em 1988, para US\$ 196 milhões, em 1992. Ao lado desses acréscimos, verificou-se também notável modificação no perfil orçamentário: em 1987, os recursos disponíveis foram consumidos quase integralmente em despesas correntes (98,2%), enquanto os investimentos contaram apenas com 1,8% do total, tal como vinha ocorrendo nos anos anteriores, enquanto que, em 1991, último exercício completo de nosso Reitorado, o percentual de investimentos alcançou 10,4%, o mais alto dos dez anos precedentes.

Consideradas as funções da Universidade, os resultados foram muito significativos. No ensino de graduação rompeu-se a estagnação, com o oferecimento de três novos cursos, a implantação pioneira de cursos noturnos e a ampliação do número de vagas no vestibular, congeladas desde 1976. De outro lado, processou-se a renovação do quadro de professores, com abertura de concursos, o que não ocorria desde 1982.

O ensino de pós-graduação logrou obter um sensível crescimento. O número de cursos *stricto sensu*, praticamente dobrou, com o oferecimento de 10 novos programas de mestrado e 8 de doutorado, atingindo um total de 39 cursos. Note-se que esta ampliação foi acompanhada também por um salto de qualidade: segundo a última avaliação da Capes, apesar do elevado número de cursos novos, 67% estavam classificados nos níveis “bom” ou “ótimo”.

A pesquisa igualmente teve acréscimos, passando de 577 trabalhos concluídos em 1987, para 898 em 1991. O índice anual de trabalhos por pesquisador, embora em valor ainda muito reduzido, quase duplicou.

Conduzindo a UFBA com o propósito claro e objetivo de utilidade e eficiência em todos os aspectos, obteve-se uma compreensão ampla deste compromisso, com repercussão muito positiva nos serviços de extensão. Exemplo muito evidente se configurou no funcionamento das unidades hospitalares.

A Maternidade Climério de Oliveira, reformada e ampliada, teve a sua capacidade triplicada. A taxa de ocupação de leitos evoluiu de 35% para 80%, de tal modo que, em 1991, realizou 50.000 atendimentos.

O Hospital Universitário Professor Edgard Santos passou por uma grande transformação, com resultados objetivos nos indicadores de produtividade. A taxa de ocupação de leitos passou de 50% para 89%. A Faculdade de Odontologia, por sua vez, atingiu a marca de 70.000 atendimentos também em 1991.

Esta foi a tônica que atingiu todas as áreas da Universidade, desde a área tecnológica, que intensificou a produção de serviços, até a área de artes e de difusão artístico-literária. A Gráfica Universitária, por exemplo, que teve, aliás, suas instalações ampliadas, imprimiu 63 livros, totalizando cerca de 50 mil exemplares.

O que gostaria de ter feito e não pôde fazer como reitor?

Gostaria de ter feito uma profunda reformulação na estrutura da Universidade. Não foi possível. Fizemos a reformulação de seus documentos legais, Estatuto e Regimento Geral, mas sem a profundidade e alcance que eu desejava. As amarras legais, à época, não permitiam.

Gostaria também de ter promovido uma ampla reforma curricular. Todavia, pelas mesmas razões, não foi possível.

Por outro lado, devo reconhecer que os limites temporais do mandato, em período tão conturbado, seriam de qualquer sorte um fator restritivo.

Um cargo como esse exige muita dedicação. Que tipo de atividades o senhor costumava fazer para relaxar?

Na verdade, eu já estava muito habituado às pressões de trabalho intenso e períodos de grande dedicação.

Cotidianamente, eu caminhava cerca de 5 km na orla marítima ao alvorecer do dia, na Pituba. Nos finais de semana, sempre que possível, viajava para dar atenção aos meus negócios pessoais, que embora fossem atividade produtiva, desviavam o foco das preocupações.

Por outro lado, graças ao afinamento, coesão e lealdade da equipe, foi possível tirar períodos de férias, em algumas ocasiões.

Paralelamente a seu trabalho de reitor, exerceu atividades de ensino, pesquisa e extensão?

Inicialmente, continuei dando aulas na Escola Politécnica. Com o passar do tempo isto se tomou inviável, pelas frequentes ausências motivadas por viagens funcionais. Desde o início não tive mais condições de continuar com as outras atividades.

Como vê a pesquisa científica atualmente no país, nas universidades brasileiras em geral e, particularmente, na Bahia?

A atividade de pesquisa científica tem crescido no país. Notadamente, nas últimas duas décadas, acompanhando a tendência mundial, cresceu significativamente o número de artigos científicos e técnicos publicados.

É também verdadeiro que a pesquisa científica no Brasil está situada predominantemente nas universidades, apenas uma pequena parcela dos cientistas que trabalham em pesquisa está fora do meio acadêmico. Isto ocorre, entretanto, menos pela excelência ou produtividade do meio universitário e mais porque falta ao setor produtivo brasileiro a cultura de estimular e bancar a inovação tecnológica de seus próprios produtos, como ocorre em muitos outros países. Contudo, os industriais costumam reconhecer o desenvolvimento tecnológico como diferencial de competitividade.

Muito embora as desigualdades regionais também se verifiquem nesse importante setor, uma vez que, enquanto a região Sudeste abriga cerca de 55% dos grupos de pesquisa atualmente em atividade no Brasil e a região Nordeste conte com apenas 14% deste total, tem se observado avanços no Estado da Bahia.

O explosivo crescimento da oferta de ensino superior privado na Bahia ainda não trouxe contribuição significativa ao desenvolvimento da pesquisa científica no Estado.

Todavia, em contraposição, o notável desenvolvimento das universidades públicas estaduais, graças aos substanciais investimentos que o Estado tem feito ao longo dos últimos anos, representa um inequívoco salto neste sentido. Em alguns casos, há ganhos muito expressivos na qualificação de pessoal docente através da pós-graduação, o que representa um forte estímulo ao desenvolvimento da pesquisa.

Como vê a interação da UFBA com o setor econômico na Bahia?

Há setores da Universidade que têm tradição de desenvolver convênios de cooperação ou prestação de serviços com segmentos da atividade empresarial ou agências governamentais do Estado, alguns inclusive de forma já bem consolidada. A UFBA, por outro lado, tem se valido de instrumentos, como a Fapex, para fomentar esta interação. Entretanto, considero que deve haver uma política mais determinada nesta importante direção.

Qual a principal conquista da UFBA nesses 60 anos?

A UFBA se caracteriza como a instituição que prestou a mais relevante contribuição ao desenvolvimento humano da Bahia.

E durante seu Reitorado?

Por ter arrancado a UFBA da situação de descrédito e deterioração em que se encontrava e pelo grande acervo de realizações, posso afirmar lhe ter oferecido, em momentos tão difíceis da vida nacional, um dos quadriênios mais profícuos de sua história.

Atuar como reitor da UFBA foi uma realização profissional?

Sim. Ao assumir o cargo de reitor tinha a nítida visão do desafio a que me propunha. Tinha absoluta clareza das dificuldades e desafios. Coloquei-me diante desta tarefa com a postura profissional de quem tem uma grande obra a realizar e uma batalha a vencer.

Por isso, além de uma experiência muito rica, estou convencido de que ter vencido as inúmeras dificuldades e ter legado à minha Universidade um patrimônio tão expressivo de realizações, consistiu em uma grande realização profissional.

ELIANE AZEVÊDO (1992-1993)

Marilene Lobo Abreu Barbosa¹

DADOS BIOGRÁFICOS

Eliane Elisa de Souza e Azevêdo nasceu em 12 de março de 1936, em Tanquinho (BA), filha do Dr. José Adolpho Magalhães Azevêdo, cirurgião dentista, e de D. Judith Soares de Souza e Azevêdo, professora de nível médio. Em Tanquinho, iniciou seus estudos ainda em fase de recuperação da poliomielite que a afetou aos 4 anos de idade. Sem andar, era conduzida à escola em seu velocípede, auxiliada por amigos, principalmente por Benedito Ribeiro, colega e vizinho. Mais tarde, recuperada a locomoção, estudou em Feira de Santana, de 1949 a 1952, no Colégio Santanópolis e no Ginásio Estadual da Escola Normal de Feira de Santana, e, em seguida (1953-1955), em Salvador, no Instituto Normal da Bahia. Em janeiro de 1956, foi aprovada no exame vestibular para o curso de Medicina da Universidade Federal da Bahia. À época, Medicina era considerada profissão para homens; entre 53 aprovados, apenas cinco mulheres.

¹ Mestre em Ciência da Informação, professora do Instituto de Ciência da Informação da UFBA, superintendente do Sistema de Bibliotecas da UFBA.

TITULAÇÃO

Graduou-se em Medicina em 1961, pela Faculdade de Medicina da Bahia (FMB), da Universidade Federal da Bahia. Como estudante, desde o primeiro ano, interessou-se pela pesquisa, tendo sido estagiária voluntária nos laboratórios de Histologia e de Fisiologia, ambos no prédio da faculdade no Terreiro de Jesus. Mais tarde, no Hospital das Clínicas, hoje Hospital Universitário Prof. Edgard Santos (Hupes), foi estagiária do Núcleo de Medicina Experimental (Numex), sob a orientação do Prof. Roberto Santos, e bolsista de Iniciação Científica do CNPq, sob a orientação da Profa. Cora de Moura Pedreira. Aprovada na seleção para Residência Médica no Hupes, em janeiro de 1962, manteve-se nessa atividade até julho do mesmo ano, quando, por indicação do Prof. Roberto Santos, foi entrevistada e aceita para participar de um amplo projeto de pesquisa em Genética Humana, a ser desenvolvido no Brasil e nos Estados Unidos, sob a coordenação do geneticista Dr. Newton Morton, professor da Universidade do Hawaii, Honolulu, EUA. Participando da equipe do Dr. Morton, realizou, durante um ano, a coleta de dados na Hospedaria de Imigrantes em São Paulo e, em julho de 1963, partiu para Honolulu, contratada como geneticista junior da University of Hawaii, onde trabalhou e estudou até setembro de 1964, quando foi selecionada no Post-doctoral Fellow, na University of Washington, em Seattle, Serviço de Genética Médica, tendo aí permanecido até setembro de 1966, quando retornou à University of Hawaii, a convite do Dr. Newton Morton. De volta à University of Hawaii, concluiu créditos-disciplina; submeteu-se aos exames pertinentes ao programa de doutoramento; escreveu e defendeu a tese intitulada *Erythrocyte isozymes, other polymorphisms, and the coefficient of kinship in Northeastern Brazil*, obtendo o título de PhD in Genetics, em janeiro de 1969.

TRAJETÓRIA NA UFBA

Após obtenção do título de PhD, retornou a Salvador, contratada pela UFBA, como professora padrão C. O reitor à época, Prof. Roberto Santos, a autorizou a usar espaços no 6º andar do Hupes, tendo aí instalado o Laboratório de Genética Médica, munido das novas técnicas de eletroforese em gel de amido. Além do Laboratório de Genética Médica, a professora Eliane

Azevêdo criou o Ambulatório de Genética Clínica no Hupes e disciplinas de Genética Médica no curso de graduação da FMB. Posteriormente, criou as disciplinas de Antropologia Médica, Metodologia da Pesquisa, Genética Médica e, mais recentemente, de Bioética, nos cursos de pós-graduação desta faculdade.

Em 1975, submeteu-se, na FMB-UFBA, a concurso público e foi aprovada para o cargo de professora titular de Genética Médica. Foi a segunda mulher a tornar-se professora titular na Faculdade de Medicina da Bahia da UFBA, sendo precedida, três meses antes, pela Profa. Maria Thereza de Medeiros Pacheco.

Durante quatro anos chefou o Departamento de Medicina Preventiva. Em 1985, após consulta à comunidade, foi indicada para o cargo de vice-reitora, que exerceu de 1985 a 1989. Ressalte-se que, à época, as universidades públicas lutavam por processos democráticos para indicação de dirigentes, tendo a UFBA sido uma das pioneiras a concretizar este ideal, com a posse da Profa. Eliane Azevêdo na Vice-Reitoria. Em 1986, por sua sugestão, e em convênio com o CNPq, foi criado, experimentalmente, na UFBA, o Programa Institucional de Iniciação Científica, Pibic, cuja importância foi rapidamente admitida pelo próprio CNPq, tornando-o um programa oficial dessa instituição.

Comprometida com as questões sociais, a professora Eliane Azevêdo coordenou a Comissão de Justiça e Paz da Arquidiocese de Salvador, durante quatro anos, desligando-se desta atividade em fevereiro de 1985, ao assumir o cargo de vice-reitora da UFBA.

Em 1987, foi, na comunidade da UFBA, a mais votada para o cargo de reitor, tendo o ministro da Educação indicado o quinto colocado na lista classificatória dos resultados da eleição. Configurava-se, assim, um retrocesso nas conquistas democráticas da UFBA e das universidades públicas federais. Em 1991, novamente a professora Eliane Azevêdo fora a mais votada pela comunidade da UFBA, tendo sido, desta vez, indicada, tomando posse no cargo de reitor em abril de 1992. Manteve-se no cargo até outubro de 1993 quando uma fratura na perna com seqüela de pólio a impediu de continuar no cargo, levando-a a renunciá-lo. Nesta mesma época, aposentou-se na UFBA, após 25 anos de vida acadêmica em tempo integral e dedicação exclusiva. O Laboratório de Genética Médica que criou, no Hospital Universitário Prof. Edgard Santos, vem sendo mantido por pesquisadores nele treinados, e outros

por ele atraídos. Atualmente, as pesquisadoras professoras Angelina Acosta e Betânia Pereira Toralles dirigem esse laboratório e seus serviços anexos.

Após aposentar-se na UFBA, em 1993, manteve-se ligada ao ensino da Bioética nos cursos de pós-graduação na Faculdade de Medicina da Bahia; continuou orientando alunos de curso de mestrado e doutorado e manteve ativa sua Bolsa de Produtividade nível A1, do CNPq.

DESTAQUES DO REITORADO

O *Relatório anual de atividades* do ano de 1992, do primeiro ano do Reitorado da Profa. Eliane Azevêdo, denota sua disposição de fazer uma gestão amplamente democrática, com o compartilhamento de funções e co-responsabilidade de todos os gestores e plena liberdade dos conselhos superiores nas tomadas de decisões. Consta assim no documento: “[...] relatório do primeiro ano de atividades da administração democrática, escolhida pelo voto direto da comunidade”.

Na perspectiva de pensar o reordenamento da vida universitária conjuntamente, foram formadas comissões, com representação dos diversos segmentos da Universidade, para estudar questões como segurança nos campi, reabertura do Restaurante Universitário, melhoria da qualidade de atendimento ao aluno, recuperação das Residências Universitárias e implantação de curso noturno.

ALGUMAS AÇÕES ADOTADAS EM SUA GESTÃO

- Reativação do Conselho Social de Vida Universitária, que estava inativo desde 1989.
- Criação e instalação da Comissão do Pessoal Técnico-Administrativo (CPPTA).
- Criação da Comissão Preparatória, cuja função era planejar e implementar as condições para instalação da Assembleia Universitária Estatuinte, com a finalidade de construir, por meio de ampla e amadurecida discussão, o novo Estatuto da UFBA.

- Obtenção, no MEC, de autorização para a contratação de 247 professores, uma vez que havia alunos sem aula e um alto déficit de professores, em virtude de aposentadorias.
- Concerto e recuperação da Escola de Teatro com recursos próprios, tendo em vista que houve atraso na aprovação do orçamento da União e na liberação dos recursos para a UFBA.
- O Reitorado instituiu 1992 como o ano de investimento na infraestrutura institucional visando à construção de um programa de melhoramento de qualidade dos cursos de graduação e instalação de um Programa de Melhoria da Qualidade de Atendimento ao Aluno, no intuito de aperfeiçoar os serviços aos estudantes.
- Reforma da Secretária Geral de Cursos (SGC), com elaboração do projeto de layout, instalação do serviço de microfilmagem de todo o arquivo de documentos dos alunos e o estudo e funcionamento adequado à minimização do tempo de atendimento, além do projeto de informatização.
- Instalação de programas de monitoria, com a seleção de 65 monitores, visando a aprofundar e difundir a compreensão do conceito de indissociabilidade das atividades-fim da Universidade e para a formação de futuros docentes.

Tomou-se a iniciativa de descentralizar o poder, atribuindo-se delegação aos colegiados de cursos, fortalecendo as instâncias que lidam diretamente com os problemas correntes do ensino de graduação.

- Aprovação das normas sobre estágios curriculares.
- Realização pela PRPPG, com a Câmara de Ensino de Pós-Graduação e Pesquisa (CEPGP), do Seminário de Avaliação da Pós-Graduação, visando à melhoria e aperfeiçoamento, conhecimento e adequação aos modelos Capes, em busca da eficiência.
- Ampliação do Programa Institucional de Iniciação Científica, Pibic/UFBA/CNPq, de 100 para 130 bolsas. A UFBA concedeu 60 bolsas, com recursos próprios, e a Fundação Mitsubishi, 12 bolsas para Engenharia e Química.
- Realização do I Seminário de Extensão da UFBA, de 22 a 25 de setembro de 1992.

- Publicação de um catálogo de atividades extensionistas – o Quase Catálogo – 1992.
- Elaboração e apresentação do Projeto Cultural UFBA 1992/1996, que propôs aos ministérios da Educação e Cultura vínculos institucionais e parcerias para um trabalho conjunto durante o quadriênio 92/96 e apoio à produção cultural.

TRAJETÓRIA NA UEFS

Em 1998, foi contratada como professora visitante pela Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS). Dois anos depois (2000), submeteu-se e foi aprovada em concurso público para o cargo de Professor Titular de Bioética, no Departamento de Ciências Biológicas da UEFS. Manteve-se nesse cargo até 2006, quando foi aposentada por completar 70 anos. Na UEFS, criou disciplinas de Bioética no curso de graduação em Biologia e na pós-graduação na área de saúde. Criou e coordenou o Núcleo de Bioética, com atividades de pesquisa, orientação de alunos de graduação e de pós-graduação; o Comitê de Ética em Pesquisa em Seres Humanos, CEP-UEFS, e estimulou a criação do Comitê de Ética de Pesquisa em Animais. Todas as atividades de Bioética na UEFS foram mantidas após sua aposentadoria, tendo sido sua principal continuadora a professora Maria da Glória Sampaio Gomes.

Ainda em Feira de Santana, idealizou e, com o apoio de um grupo de médicos, criou, em 2004, a Academia de Medicina de Feira de Santana, a qual mantém suas atividades atuais sob a presidência do Dr. Washington Almeida.

Aposentada da UFBA e da UEFS, manteve-se ligada à pós-graduação na Faculdade de Medicina da Bahia – UFBA, onde, atualmente (março de 2011) coordena, na condição de professora emérita, o Núcleo de Bioética, com atividades científicas quinzenais. Atualmente (março de 2011), tem duas orientandas de doutoramento. Decidida a dedicar-se livremente a estudos e pesquisas sobre conhecimentos diversos em ciência da vida, e atraída por outros avanços da ciência moderna, resolveu encerrar suas atividades específicas de orientação oficial de alunos, assim como não solicitar renovação de sua bolsa de pesquisa do CNPq – “uma espécie de ‘alforria institucional’ ao completar 75 anos”, declarou.

PROFESSORA

Eliane Azevêdo identifica a sala de aula como um dos espaços que a fazem feliz: – “Sempre saio da sala de aula melhor do que entrei”, costuma dizer. Dessa forma, sem compromissos institucionais formais, está mantida, a partir de 2011, na Faculdade de Medicina da Bahia – UFBA, como professora convidada do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Saúde, com atribuições de ministrar aulas para alunos dos cursos de mestrado e doutorado.

HONRARIAS

A professora Eliane recebeu, ao longo de sua carreira docente e de gestora universitária, muitas homenagens, destacando-se:

No IX Congresso Brasileiro de Genética Médica, recebeu placa alusiva a seu pioneirismo nesta área de pesquisa no Brasil. Também recebeu o título de Pesquisadora Homenageada, pela SBPC, na 53ª Reunião, em 2001, realizada em Salvador. O Conselho Universitário da UFBA lhe outorgou, por unanimidade, o título de Professor Emérito, em 2002, por indicação da Faculdade de Medicina da Bahia e do Instituto de Biologia. Recebeu, entre outras mulheres, o título de Mulher do Século, conferido pela Assembleia Legislativa do Estado da Bahia.

Além destes títulos lhe foram ainda conferidas as seguintes honrarias::

2010

“Medalha Reitor Edgard Santos”, da Universidade Federal da Bahia.

Reconhecimento de seu nome dado ao “Prêmio Eliane Elisa de Souza e Azevêdo”, pela Academia de Medicina de Feira de Santana quando presidente o Prof. Dr. Washington Almeida.

Membro Titular do Instituto Bahiano de História da Medicina e Ciências Afins, cad. nº 20., Instituto Bahiano de História da Medicina e Ciências Afins.

Placa em reconhecimento à criação do LGM-HUPES há 40 anos, Laboratório de Genética Médica – Hospital Prof. Edgard Santos – Faculdade de Medicina – UFBA.

Homenagem da SBG Regional Nordeste na abertura do XVIII ENGENE, SBG Regional Nordeste.

2008

Diploma de Honra ao Mérito, Assembleia Legislativa do Estado da Bahia.

“Nome da Turma” – Formandos em Medicina da UFBA.

Membro Emérito da Academia de Medicina de Feira Santana.

Membro Honorário do Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Universidade Estadual de Feira Santana (UEFS).

2007

Diploma de Mérito, Academia de Medicina de Feira de Santana.

Destaque em Ciência, Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia (Fapesb), Governo do Estado da Bahia.

Homenagem “Retrato da primeira mulher na Reitoria da UFBA” – artigo de Ronaldo Jacobina, Jornal do Cremeb.

2006

Patrona dos Formandos em Biologia da UEFS 2005-1.

Inauguração de Retrato na Galeria de Ex-Reitores da UFBA.

Sala (Núcleo de Bioética) “Professora Doutora Eliane Elisa de Souza e Azevedo”, Universidade Estadual de Feira de Santana – Resolução Consu 42/2006.

Moção de Reconhecimento, Departamento de Ciências Biológicas da UEFS.

2005

Patrona de Formandos em Biologia 2004-1, UEFS.

Sala “Eliane Elisa de Souza e Azevedo” do Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) – UESF.

Homenagem – Placa por seu relevante papel na criação do Pibic – UFBA, em 1987.

Placa – Homenagem AULA MAGNA, Universidade Estadual de Feira de Santana.

2003

Professora Homenageada, Formandos em Biologia da UEFS – 2003.2.

1998

Homenagem Especial (Placa Pioneiras da Genética na Bahia), Sociedade Brasileira de Genética, Regional Bahia.

1997

Homenagem Especial (Placa), Sociedade Brasileira de Genética Clínica.

1994

Presidente de Honra, X ENGENE – Encontro de Genética do Nordeste. Membro Honorário do Conselho de Reitores das Universidades Brasileiras (CRUB).

1992

Honra ao Mérito, Federação Baiana do Culto Afro-Brasileiro.

1987

Sócio Honorário da Associação Baiana de Medicina.

1986

Moção de Louvor (Of. 92/86), da Câmara Municipal de Salvador.

1985

Cidadã da Cidade do Salvador, outorgado pela Câmara Municipal do Salvador – Resolução nº 623/85.

Moção de Aplausos (Of. 3942/85), da Câmara Municipal de Salvador.

PRODUÇÃO BIBLIOGRÁFICA

O currículo da professora Eliane Azevêdo, postado no endereço da Plataforma Lattes, registra sua vasta produção científica que, até dezembro de 2010, constava de:

- Artigos completos publicados em periódicos, muitos no exterior – 165
- Livros publicados/organizados ou edições – 12
- Capítulos de livros – 22
- Textos em jornais de notícias/revistas – 55
- Trabalhos completos publicados em anais de congressos – 5
- Resumos publicados em anais de congressos – 74
- Outros tipos de produção bibliográfica – 4
- Produção técnica – 9

Dos livros, destaca-se o a seguir referenciado, sobre os 200 Anos da Faculdade de Medicina da UFBA:

AZEVÊDO, Eliane Souza. *Bicentenário da Faculdade de Medicina da Bahia: Terreiro de Jesus: memória histórica: 1996-2007*. Feira de Santana, BA: AMeFs, 2008. 300 p. ISBN 9788560943029.

ENTREVISTA

Como a senhora saiu da função de pesquisador e professor para atuar na área política da Universidade? O que motivou esta mudança?

Quanto retornei ao Brasil, em 1969, após tê-lo deixado em 1963, tive a impressão de ter retornado a outro país. Todos pareciam viver sufocados por não poder ser, pensar e dizer. No mundo acadêmico, percebi que apenas a Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC) e algumas pessoas da comunidade das universidades públicas federais lutavam pela preservação de espaços democráticos. Identifiquei-me com esse ideal. Colegas e amigos, na UFBA, convenceram-me que meu nome teria chances como candidata a cargos de dirigentes, forçando um processo democrático inovador de eleições diretas. Acatei a ideia. Concorri a quatro eleições na comunidade universitária, nesses anos de lutas por eleições democráticas

para os cargos de dirigentes universitários. Comecei em 1982, sendo a mais votada na comunidade para a Direção da Faculdade de Medicina, mas a Congregação, em votação secreta, elegeu-me no segundo lugar, por dois votos de diferença. Não fui indicada. Pouco tempo depois, em 1984, para a Vice-Reitoria, fui eleita pela comunidade e indicada para o cargo, tomando posse em fevereiro de 1985. Em 1988, fui a mais votada na comunidade para o cargo de reitor, mas o Ministério de Educação indicou o quinto da lista. Em 1991, novamente eleita na comunidade, fui indicada, tomando posse no cargo de reitor em abril de 1992.

Hoje, consolidada a democracia nas universidades públicas, nem todos que agora exercem o nobre direito de escolha de seus dirigentes conhecem os enfrentamentos e desafios vividos no passado pela comunidade universitária. Relembrar esses fatos faz-me feliz por ter sido parte deles na UFBA, assim como muitos alunos(as), servidores(as) e professores(as) que fizeram essa história, a exemplo da Profa. Susana Alice Marcelino Cardoso, do Instituto de Letras.

A Reitoria da UFBA foi o seu primeiro cargo de direção?

Não. Já havia sido Vice-Reitora (4 anos); Chefe de Departamento (4 anos), e Chefe de Laboratório de Pesquisa (muitos anos).

Que momentos considera marcantes em seu reitorado?

A vibrante participação da comunidade na vitória da democracia.

Quais as dificuldades que encontrou em sua gestão?

Todas que os dirigentes enfrentavam à época: da insuficiência de recursos às políticas não valorizadoras da educação superior.

Quais foram os principais problemas que enfrentou na Reitoria?

O estado de decadência física das instalações da UFBA.

Como foi o trabalho que realizou durante sua gestão?

Procurei assegurar uma gestão democrática, consciente de que as mudanças conquistadas pela comunidade universitária precisavam ser efetivadas e ampliadas.

O que gostaria de ter feito e não pôde fazer como reitora?

Durante os quatro anos na Vice-Reitoria (1985-1989), tive mais tempo para servir à UFBA do que no curto período do Reitorado, de abril de 1992 a outubro de 1993. Para a maioria das propostas que fizemos para a Reitoria, não tivemos tempo de realização.

Um cargo como esse exige muita dedicação. Que tipo de atividades a senhora costumava fazer para relaxar?

Meditava (ao meu modo).

Paralelamente a seu trabalho de reitora, exerceu atividades de ensino, pesquisa e extensão?

De pesquisa, sim. Nunca me afastei da pesquisa e da orientação de alunos, tanto na Vice-Reitoria com na Reitoria.

Como vê a pesquisa científica atualmente no país, nas universidades brasileiras em geral e, particularmente, na Bahia?

Existe notório avanço na produção científica no Brasil e também na Bahia, comprovado pelos indicadores bibliométricos de fontes variadas. O sistema de pós-graduação instituído no país impõe vigilância acadêmica e exige produtividade em publicações. Percebo, todavia, que os pesquisadores que se destacam em ciência no Brasil vivem sob constantes cobranças das agências financiadoras para prestar-lhes serviços de assessoria, além de forte carga burocrática em suas instituições de origem, restando-lhes pouco tempo para dedicar-se à reflexão científica. O pensamento científico superficial limita a criatividade e a inovação. Assim, o Brasil vem se revelando um país que produz ciência em quantidade, mas com acanhado número de registros de patentes e pouco potencial para a pesquisa de real impacto internacional. Considero ser urgente libertar os bons pesquisadores brasileiros da sufo-

cante carga de atividades outras, que os impede de ter tempo e silêncio para pensar. Só o muito pensar em ciência leva a grandes descobertas; somente grandes descobertas científicas têm reconhecimento de mérito através de tradicionais premiações. O Brasil não tem prêmio Nobel em ciência e parece não se preparar para isso.

Como vê a interação da UFBA com o setor econômico na Bahia?

Não conheço detalhes, mas parece-me em notório avanço.

Qual a principal conquista da UFBA nesses 60 anos?

A democratização tanto para o acesso a estudantes como para a escolha de dirigentes.

E durante seu Reitorado, qual a principal conquista?

A consolidação da democracia na escolha de dirigentes.

Atuar como reitora da UFBA foi uma realização profissional?

Uma realização de cidadania.

FELIPPE SERPA
(1993 /1994 – PRO TEMPORE)
(1994 /1998 – 2º PERÍODO)

Marilene Lobo Abreu Barbosa¹

Meu grande drama era ser físico ou ser brasileiro. A pesquisa de ponta que eu desenvolvia, se desse resultado, seria aproveitada por outra sociedade. Eu queria melhorar a formação científica dos profissionais de tecnologia.

Felippe Serpa

DADOS BIOGRÁFICOS

Luiz Felipe Perret Serpa nasceu no Rio de Janeiro (RJ) em 23 de abril de 1935. Morreu em Salvador em 15 de novembro de 2003. Casou-se três vezes e teve seis filhos e três netos.

TITULAÇÃO

Graduado em Física pela Universidade do Brasil (atual Universidade Federal do Rio de Janeiro), em 1958, e especializado em Métodos de Ensi-

¹ Mestre em Ciência da Informação, professora do Instituto de Ciência da Informação da UFBA, superintendente do Sistema de Bibliotecas da UFBA.

no da Física, curso promovido pela Unesco, na Universidade de Bariloche, Argentina, em 1967.

Recebeu o título de Notório Saber, equivalente ao de Doutor, do Colegiado de Pós-Graduação da Faculdade de Educação da UFBA, legitimado, posteriormente, pelo Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão da UFBA.

Receoso de que a outorga do título representasse apenas uma tentativa de enquadrá-lo nos modelos da atual política educacional, que valoriza o professor em função do título que ostenta, assim ele reagiu: “Toda titulação tem a função de dar a autonomia intelectual à pessoa. Já me considero autônomo há muitos anos. O importante é produzir. Isso não é intransigência, é uma questão de vida”. (CELESTINO, 2003) Pretendia ser reconhecido por sua história de dedicação à ciência, à educação e à universidade. Serpa, no entanto, aconselhava seus alunos a persistir em seus estudos acadêmicos, convicto de que a qualificação profissional do professor é determinante no aperfeiçoamento e melhoria do ensino e na valorização profissional.

TRAJETÓRIA

Obstinado e curioso, decidiu, ainda na adolescência, cursar Física, exatamente porque tinha dificuldade em lidar com esta disciplina. Aos 17 anos, começou a trabalhar, à noite, no jornal carioca *Diário de Notícias*, para custear os estudos universitários, tendo atuado em quase todas as atividades do jornal, como revisor, diagramador e redator.

Na função de jornalista teve a oportunidade de participar da vida política do país, vivenciando cenas como a tentativa, em 1954, de golpe de Estado e o suicídio do presidente Getúlio Vargas.

Já graduado em Física e atuando no Instituto Tecnológico da Aeronáutica (ITA), em São Paulo, foi agraciado com bolsa para cursar doutorado em Física Nuclear, nos Estados Unidos, quando recebeu o convite do Prof. Edgard Santos para implantar o Departamento de Física e Geociências da UFBA.

Admirador da proposta de universidade idealizada por Edgar Santos, que dava destaque à arte e à cultura, Serpa veio para a Bahia na década de 1960, quando ministrou um curso para a formação de engenheiros na área petrolífera. Desde então, entusiasmou-se com a perspectiva de atuar na área de educação. Refletindo sobre este assunto, disse: “Meu grande drama

era ser físico ou ser brasileiro. A pesquisa de ponta que eu desenvolvia, se desse resultado, seria aproveitada por outra sociedade. Eu queria melhorar a formação científica dos profissionais de tecnologia”. (CELESTINO, 2003)

Assim, decidiu desenvolver projetos na área de educação, a exemplo dos centros de ensino das ciências para estágio e treinamento de professores na Bahia, tendo trabalhado no Instituto de Matemática e Física, no recém-criado Instituto de Geologia e contribuído com o projeto de criação da Faculdade de Educação (Faced).

Mas foi somente em 1982 que Felipe Serpa fixou residência em Salvador. Antes administrou o Instituto de Física da Universidade Federal do Ceará – 1963/1965. Coordenou o Programa do Ciclo Básico na Universidade de Brasília, ensinou na pós-graduação em Física e Educação da USP – 1967. Participou do Seminário Latino-Americano de Física, na Argentina, em 1967, coordenou o Programa do Centro Nacional de Referência Cultural. Foi diretor executivo do Centro de Ensino das Ciências da Bahia, 1977 a 1979, coordenou o Programa Cultural de Ouro Preto – Convênio UFOP/ Pró-Memória, 1979 a 1981, contribuiu para a elaboração do projeto de criação da Fundação Nacional Pró-Memória/ MEC – de 1977 até 1983 e coordenou o Curso Interamericano de Políticas Culturais – realizado pelo governo brasileiro em convênio com a OEA, entre 1980 e 1985. Em 1987, como membro do Conselho Estadual de Educação da Bahia, foi eleito presidente e exerceu o cargo.

REITORADO

Foi eleito vice-reitor na UFBA em 1993 e assumiu o Reitorado, como *pro tempore*, nos últimos meses de 1993, ao substituir a Profa. Eliane Azevêdo, titular do cargo, que se exonerou por motivos de doença. Combativo e ferrenho defensor da universidade pública e gratuita, Serpa denunciou, na apresentação do *Relatório anual de atividades* de 1993, as condições difíceis em que se encontrava a UFBA e os problemas que prejudicaram o seu funcionamento naquele ano, a exemplo do retardamento na aprovação do orçamento de 1992, que resultou no atraso da liberação de verbas para a Universidade.

Por outro lado, convênios assinados com outros órgãos deixaram de ser honrados em tempo hábil e só o foram após acatamento de liminar pela

Justiça Federal, enquanto que os pedidos de créditos suplementares só foram atendidos em dezembro de 1993, prejudicando, obviamente, os projetos de ensino, pesquisa e extensão da Universidade. Serpa se manifesta veementemente contra esta situação e, neste ínterim, denuncia a redução de 18% para 14% da verba consagrada pela Constituição Federal à educação.

No âmbito das atividades desenvolvidas em sua gestão como *pro tempore*, destacam-se os debates intensos promovidos pelos órgãos colegiados superiores, no sentido de estabelecer diretrizes para o ensino, a pesquisa e a extensão, de modo a fundamentar e sistematizar a tomada de decisão nas ações acadêmicas, bem como a realização de concurso público para professor e a descentralização da matrícula *on-line* da graduação.

Serpa sempre foi um entusiasta do papel e do poder da Universidade pública e, assim, procurava conclamar os professores, servidores e alunos “[...] a dedicarem o melhor de si para a reconstrução desta Universidade, restituindo-lhe o padrão de modernidade e de avanço na sua concepção que teve, quando de sua implementação pelo reitor Edgard Santos”. (UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA, 1994, p. 9)

Em 1994, foi aclamado reitor, com 70% dos votos. Seu Reitorado foi fortemente marcado por ações voltadas para o bem-estar de todo o corpo da Universidade.

Esta gestão também se empenhou pelo bem-estar da população, tal como a instalação do Comitê Cidadania pela Vida, Contra a Fome e a Miséria, mas também foram promovidas ações estruturais, voltadas para a melhoria do desempenho funcional da UFBA, a exemplo da instalação da Rede UFBA, a implementação do processo de informatização acadêmica, assegurando-se a presença da UFBA na Rede Nacional de Pesquisa, na Rede Bahia e na internet. Promoveu, também, a ampliação do quadro de professores da UFBA, obtendo vagas e realizando concurso para a classe de professor titular.

Como reitor, participou das reuniões do Conselho de Reitores das Universidades Brasileiras e representou o Nordeste na Associação Nacional dos Dirigentes das Instituições Federais de Ensino Superior (Andifes).

DESTAQUES NOS RELATÓRIOS DE ATIVIDADES

1994

Como admirador de Edgard Santos, o professor Felipe Serpa, empenhou-se para que a comemoração do centenário do idealizador, criador e primeiro reitor da UFBA, que aconteceu em seu Reitorado, obtivesse o máximo êxito. Como parte das comemorações, houve exposição fotográfica da vida universitária do ex-reitor no Museu de Arte Sacra e lançamento do livro *Vidas paralelas*, do professor Roberto Santos, filho do homenageado e também ex-reitor da UFBA. Criação da Fundação Edgard Santos para a Projeção da Cultura Baiana e proposta de construção do Espaço Cultural Edgard Santos, no campus de Ondina.

O Reitorado Serpa caracterizou-se pelo alto nível de integração da UFBA com o ambiente sociocultural, político, científico e empresarial do Estado da Bahia. Com esta visão, a UFBA participou do seminário nacional Projetos Estratégicos Alternativos para o Brasil, que reuniu universidades sediadas na Bahia, Instituto Pensar, Prefeitura Municipal do Salvador e a Universidade de Brasília (UnB), visando à discussão sobre a inserção política destas organizações nos debates sobre o destino do país.

Houve também, durante sua gestão, o incremento da integração da Universidade com o mundo empresarial, que resultou na aproximação da UFBA com o Sebrae, redundando na implantação do Balcão Sebrae/UFBA, com o intuito de viabilizar e promover a transferência de tecnologia de domínio da UFBA para pequenas e microempresas interessadas. Dentre as atividades deste projeto, a UFBA participou da Feira Baiana de Negócios, juntamente com o Sebrae, e da realização do Seminário Internacional de Transferência de Tecnologia, com a participação do Sebrae e do sistema FIEB/IEL; e com estes mesmos parceiros, foi realizado o Seminário para Jovens Empreendedores, o Curso de Formação e Desenvolvimento de Empreendedores, na Escola de Administração, e, ainda, a implantação do Programa Jovens Empreendedores, este último com a participação da Universidade Federal de Santa Catarina.

Representaram marcos de sua gestão, no ano de 1994, a consolidação definitiva do projeto de informatização, com a implantação da Rede UFBA e sua presença na Rede Nacional de Pesquisa, na Rede Bahia e na internet, além da garantia de intensificação da informatização dos processos acadê-

micos internos; a realização de cursos de treinamento de professores de nível médio, nas áreas de Letras, Matemática e Física, em convênio com o governo do Estado da Bahia; e a instalação e funcionamento do Comitê Cidadania pela Vida, Contra a Fome e a Miséria, sob a coordenação da Escola de Nutrição, com a participação de várias unidades da UFBA e instituições locais.

NO ÂMBITO DA GRADUAÇÃO

A falta de recursos levou a duas direções: buscar a captação de recursos extraordinários, com destinação específica, visando ao desenvolvimento de ações que possibilitassem a melhoria do ensino de graduação; e, por outro lado, iniciar ações que repercutissem sobre a cultura organizacional, no sentido de favorecer a descentralização, agilizando o processo decisório e tornando mais participativos o planejamento e a administração acadêmicos, com a presença efetiva de departamentos e colegiados de cursos.

Alguns projetos especiais foram realizados, com a finalidade de incentivar ações em áreas ainda fragilizadas, quer no âmbito da Universidade, quer na sua relação com a sociedade; neste caso, estão incluídos: a) o Projeto Institucional das Licenciaturas (Prolicen), que visou à revitalização dos cursos de licenciatura por meio de medidas de revisão de currículos e outras ações pedagógicas, administrativas e institucionais; b) o Projeto Especial de Informatização da Universidade (COINF), que visava à informatização de todos os setores e processos da UFBA, com destaque para a implantação dos laboratórios acadêmicos de informática em todas as unidades, com fins didáticos e de pesquisa; c) o Programa Intercampos, que previa o intercâmbio de estudantes de graduação entre universidades brasileiras e estrangeiras; d) e o Projeto Monitoria, que, neste ano, foi ampliado, sendo sua verba aumentada em 22%, passando a ser atendidos 198 dos 430 pedidos formulados pela comunidade acadêmica.

NA PÓS-GRADUAÇÃO

Merecem destaque: a oferta de 31 cursos de especialização, representando crescimento de 50% em relação ao ano anterior; a realização do seminário Capacitação no Exterior: programas de pós-graduação e cooperação

internacional, visando a incentivar a demanda por capacitação no exterior, quando foi distribuído o *Guia geral de capacitação no exterior*.

1995

A UFBA foi a primeira universidade brasileira a ter um departamento de computação e um CPD; no entanto, até 1993, a informatização da Universidade ocorreu de modo muito precário, sobretudo por falta do estabelecimento de políticas e de planejamento para esta área. Decidiu-se, a partir de então, implantar um programa estruturante de informatização da Universidade, a fim de torná-la funcional e contemporânea, intensificando a implantação da infraestrutura de rede e promovendo a capilarização deste recurso em todos os ambientes da UFBA. Em 1995, o quadro de precariedade se reverteu, com a informatização de 100% dos setores e processos administrativos e acadêmicos e implantação de 50% dos laboratórios de aulas nas unidades de ensino. Foi adquirido novo mainframe, o IBM S_390, ampliando o potencial informático, e assinado convênio com a IBM, que doou as estações de trabalho necessárias à completa estruturação da plataforma.

Automação do Sistema de Bibliotecas, com a aquisição e aplicação do sistema Ortodocs, no gerenciamento do acervo bibliográfico da UFBA, resultando na criação da Base de Dados Bibliográficos da UFBA. Para implementar esta ação, além da aquisição do software, investiu-se no treinamento de pessoal da biblioteca, tanto para uniformizar a aplicação dos procedimentos biblioteconômicos no processamento do material informacional quanto para criar competência, nos bibliotecários e em seus auxiliares técnicos, no manuseio do sistema informático Ortodocs e, assim, viabilizar a implantação e manutenção da base de dados.

Foram investidos quase oito milhões de reais com software e hardware, incrementando-se a informatização da Universidade como um todo e com a criação de laboratórios e aquisição de softwares científicos.

Reconhecendo a importância da construção de uma estrutura múltipla para a veiculação da informação e do conhecimento, para além da tradicional transmissão do saber nas salas de aula, como condição indispensável ao pleno funcionamento da UFBA, como órgão contemporâneo, a UFBA em abril de 1993, para substituir o antigo Centro Editorial e Didático, o Reitorado de Serpa criou a EDUFBA, como culminância de uma política editorial, para difundir o conhecimento produzido pela UFBA. Em setembro de 1993 foi instalado o Conselho Editorial.

1996

No *Relatório de atividades* de 1996, apresentado à Assembléia Universitária, o professor Felipe Serpa inicia destacando o “Jubileu de Ouro” da UFBA, ou seja, as comemorações dos 50 anos da Instituição. Merece realce a Comissão Interinstitucional do Cinquentenário, presidida pelo governador do Estado, Paulo Souto, e integrada por autoridades dos Poderes Executivo, Legislativo e Judiciário, além de representantes da sociedade civil, do empresariado, de instituições não governamentais e professores eméritos da Universidade. Declara Serpa: “[...] a UFBA reiterou, para a comunidade externa e interna, que sua história, suas conquistas, suas dificuldades e, principalmente, seus produtos e seu futuro dizem respeito a toda a sociedade baiana”. (UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA, 1996, p. 11)

A comissão interna foi constituída de professores e funcionários de todas as unidades da UFBA, além de representação dos estudantes e coubelhe, a responsabilidade de organizar a programação e executar os principais eventos do cinquentenário. As comemorações tiveram início em dezembro de 1995 e se estenderam durante todo o ano de 1996. No dia 8 de abril, em sessão solene na Faculdade de Direito, comemorou-se a assinatura do Decreto de criação da UFBA, sendo lançada nesta mesma data o Índice da *Universitas*, revista da UFBA, publicada por mais de duas décadas; na mesma semana, foi lançado, pela Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos, na Câmara de Vereadores de Salvador, o carimbo comemorativo do cinquentenário da UFBA. O ponto alto das comemorações ocorreu na Semana do 2 de Julho, com uma missa de ação de graças na Igreja Abacial do Mosteiro de São Bento, a participação da comunidade universitária no desfile cívico do 2 de Julho, data magna da Independência da Bahia e também data de fundação da UFBA e, na noite deste mesmo dia, o pronunciamento da Oração do Cinquentenário, pelo professor emérito José Calasans. No dia 4 de julho, houve o magistral concerto do Bahia Ensemble, regido pelo maestro Piero Bastianelli, com participação de Mário Ulloa, e no dia 5, foi realizado o Baile do Cinquentenário.

Integrando a programação do cinquentenário, ocorreram também eventos culturais e científicos nacionais e locais, como seminários, cursos, exposições, debates em áreas diversas, a exemplo dos concertos realizados pela Escola de Música, que homenagearam todos os setores da Universidade, completando as atividades comemorativas, que se realizaram durante todo o ano de 1996.

No âmbito administrativo, a UFBA intensificou a reforma acadêmica, promovendo o funcionamento de modo articulado dos órgãos da administração central e o planejamento coordenado de diretrizes, metas, estratégias e ações visando a solucionar problemas estruturais e funcionais detectados em áreas estratégicas da gestão.

Na graduação, deu-se prioridade à melhoria da qualidade do ensino, sobretudo promovendo a atualização dos currículos e sua adequação às demandas da sociedade, bem como incrementando os resultados da pesquisa e da extensão. As bolsas Monitoria, Pibic, PET e a criação de uma nova modalidade – a Bolsa-Trabalho – contribuiu para manter o estudante na Universidade propiciando-lhe maior oportunidade de aprofundar seus estudos, tendo proporcionado também o treinamento profissional, a iniciação na pesquisa e a chance, muitas vezes, de atuação em atividades de extensão.

Na pós-graduação e na pesquisa, o empenho geral na qualificação de professores, na melhoria da infraestrutura, bem como o investimento em áreas estruturantes da gestão, propiciaram a obtenção de melhores conceitos na avaliação da Capes, o que se refletiu de modo objetivo na captação de mais recursos para os programas em execução e para a criação de outros. Além do crescimento qualitativo, a pós-graduação continuou crescendo, com a instalação, em 1996, do doutorado em Letras e a elaboração de projetos de novos cursos, a exemplo do doutorado em Música, do Programa de Pós-Graduação (mestrado e doutorado) em Artes Cênicas, o mestrado em Engenharia Ambiental urbana e o mestrado em Nutrição.

Na extensão, privilegiou-se a implantação da visão desta área como produtora de conhecimento, tema debatido em dois seminários sobre o assunto. Neste âmbito, destaca-se a afirmação da atividade extensionista UFBA em Campo, como agregadora de estudantes e professores de todas as áreas do conhecimento, bem com a realização de múltiplas atividades.

Dentre as atividades e programas acadêmicos desenvolvidos durante o ano de 1996, destacam-se:

- O Plano Emergencial de Qualificação Docente, que objetivou intensificar a capacitação de professores em programas de pós-graduação *stricto sensu*, a fim de propiciar a melhoria e qualificação do ensino, da pesquisa e da extensão na Universidade.
- O Projeto Artes & Humanidades, que se constituiu de um conjunto de propostas setoriais das áreas III, IV e V da UFBA, configurado como um projeto estratégico voltado para a recuperação do perfil inicial

da Universidade e para o atendimento às demandas da sociedade baiana naquele momento.

1997

Ao apresentar o *Relatório de atividades* de 1997, o reitor Felipe Serpa e sua vice-reitora, Maria Gleide Santos Barreto, assinalam:

[...] a convicção de que, para responder às demandas da sociedade contemporânea, submetida a vertiginoso processo de mudanças e reordenamentos, confrontada com novos valores materiais e imateriais e estimulada por novos paradigmas, a Universidade Federal da Bahia haveria que se transformar, sobretudo porque, como toda Universidade, é matriz do conhecimento original e derivado, agência de formação de profissionais e pólo irradiador e disseminador do saber acumulado. (UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA, 1998, p. 7)

Nesse documento, observam também que, para transformar a Universidade, era preciso traçar metas e realizar ações que considerassem o caráter estratégico que o conhecimento, a informação e a formação de pessoal assumiram na sociedade, a partir do último milênio. Daí a direção dada à gestão destes dirigentes, sobretudo a partir de então.

A Pró-Reitoria de Graduação, pretendendo melhorar o conhecimento e a compreensão dos órgãos e gestores acadêmicos da Universidade sobre a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), aprovada em dezembro de 1996, procurou dar ênfase a ações que propiciassem este entendimento, atendendo dispositivo de regulamentação do MEC, o Edital nº 4/97; assim, em 18 de dezembro de 1997, a UFBA dá início a amplo debate sobre a nova LDB, em reunião conjunta de chefes de departamentos e coordenadores de colegiados.

O Regulamento de Ensino de Graduação foi submetido a processo de reformulação, liderado pela Câmara de Ensino de Graduação, envolvendo toda a comunidade universitária, bem como a Procuradoria Jurídica da UFBA, o que resultou, inclusive, na implantação de reformas nas ações da referida Câmara, com o objetivo de flexibilizar os processos e atender às exigências da nova LDB.

Objetivando promover a integração entre a graduação e a pós-graduação, a Pró-Reitoria de Graduação e a de Pós-Graduação implantaram o Pro-

grama de Capacitação para o Ensino Superior (Process), regulamentado pela Portaria nº 040/97, do reitor, que incentivou a participação dos estudantes de pós-graduação na graduação, ministrando aulas e outras atividades, sob a supervisão de um professor. O programa teve ainda a finalidade de formar quadros para atuação no ensino superior.

Teve continuidade o Fórum das Licenciaturas, que, neste íterim, intensificou o debate sobre as condições dos cursos de licenciatura, sempre na perspectiva de melhorar sua qualificação.

Houve também a ampliação do programa de bolsas para os estudantes – Pibic, PET, Monitoria e Bolsa-Trabalho, que em 1997, beneficiou 729 alunos, consolidando a concepção da Universidade de capacitar o aluno pela pesquisa e extensão, mas também de apoiá-lo financeiramente, para que possa dar continuidade a seus estudos, dedicando-se, com mais afinco, à vida acadêmica. Além dos beneficiados acima, mais 62 alunos receberam bolsa Balcão-CNPq e 404 alunos não bolsistas se envolveram em projetos com financiamentos diversos.

Pelo fato de estar integrada ao Programa Estudantes Convênio (PEC), mantido pelo governo federal, cujo propósito é propiciar a cooperação educacional, científica e tecnológica entre os países em vias de desenvolvimento da América Latina, Ásia e África, a UFBA recebeu, em 1997, 29 alunos destes países, que se distribuíram em doze de seus cursos.

Já no Programa de Cooperação Interuniversitário (PCI), que, à época, era praticado por acordo entre as universidades brasileiras e espanholas, foram beneficiados, da UFBA, quatro professores e 13 estudantes de diversos cursos de graduação e pós-graduação, que realizaram atividades acadêmicas na Espanha nos meses de janeiro a abril de 1997. No percurso inverso, de agosto a outubro do mesmo ano, sete estudantes espanhóis frequentaram os cursos de Farmácia, Medicina, Medicina Veterinária e Engenharias.

Desde 1994, a UFBA vinha estudando e promovendo alterações no modelo do Concurso Vestibular e a LDB, de 1996, propôs a flexibilização do concurso, a que intitulou de Processo Seletivo. Assim, após estudos e análises de indicadores, como número de candidatos por vaga, número de candidatos aprovados em segunda opção, desempenho nas questões discursivas, coeficiente de rendimento nas duas etapas do Vestibular, permanência e evasão dos aprovados em segunda opção, dentre outros, foram introduzidas reformulações, como a inclusão de mais uma questão discursiva, de acordo

com as áreas de conhecimento, e a mudança da prova de língua estrangeira para a primeira etapa.

Quanto à pós-graduação, o ano de 1997 confirmou a política de ampliação das atividades relacionadas com a produção do conhecimento e a formação de pessoal qualificado, desenvolvida neste Reitorado, com o crescimento de 9% na oferta de cursos e de 38,5% no número de alunos inscritos, em relação ao ano anterior. Em números absolutos foram ofertados 48 cursos de pós-graduação *stricto sensu*, sendo 35 de mestrado e 13 de doutorado, com 1.600 alunos regulares, além dos matriculados na qualidade de alunos especiais. Contribuíram para o aumento da pós-graduação a implantação dos cursos de mestrado em Engenharia Ambiental Urbana e em Artes Cênicas, e dos doutorados em Letras, em Música e em Artes Cênicas. Foram também aprovadas, pela Câmara de Pós-Graduação e Pesquisa, as propostas de criação dos cursos de doutorado em Imunologia e mestrados em Nutrição e Pediatria, e mestrado profissional em Administração, todos instalados no primeiro semestre de 1998.

A instalação da pós-graduação em Artes Cênicas, reunindo o potencial das escolas de Teatro e de Dança, associada à também inovadora proposta dos cursos de pós-graduação em Belas Artes e Música, além da graduação nestas áreas, recuperaram a vocação original da UFBA, consolidando, “[...] em âmbito nacional, a sua já forte expressão acadêmica e cultural no campo das artes”. (UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA, 1998, p. 40) Merecem destaque também os pareceres elogiosos dos consultores da Capes à proposta da Pós-graduação em Artes Cênicas, com recomendação e designação de quatro bolsas para o mestrado.

Foi dada atenção especial aos cursos de pós-graduação ainda não recomendados pela Capes, desenvolvendo-se uma política de apoio, com a contratação de consultores externos, especialistas nas respectivas áreas de conhecimento dos cursos, além da promoção de encontros com a coordenadora de Avaliação da Capes, resultando, desta política, a recomendação e inserção, no Sistema Nacional de Pós-Graduação, dos doutorados em Letras e Linguística, iniciado em 1996, e em Música, iniciado em 1997, e do mestrado em Artes Cênicas, também criado em 1997, além do mestrado em Nutrição, com início previsto para 1998.

O doutorado em Letras e Linguística mereceu menção honrosa por sua alta produtividade acadêmica, que, conforme declaração dos avaliadores da Capes, foi superior, inclusive, à de cursos da área enquadrados na categoria A.

No segmento dos cursos de pós-graduação *lato sensu*, a UFBA ofereceu, computando a oferta das cinco áreas de ensino, 30 cursos, com 813 alunos matriculados; estes dados indicam uma baixa nesta modalidade de treinamento, tanto na oferta de cursos, em torno de 10%, quanto no número de inscritos, em torno de 30%, em virtude da política da Capes de redução de financiamento destes cursos.

Dentro das medidas de fomento ao ensino de graduação e pós-graduação, buscou-se a ampliação de bolsas com as agências financiadoras, sendo submetidos vinte e quatro pedidos ao Programa de Bolsas de Demanda Social, da Capes, para a pós-graduação *lato sensu*. Já no Programa Institucional de Capacitação Docente e Técnica (PIDCT), houve um aumento de 72,7% no doutorado e 100% no mestrado do número de bolsas do ano de 1996 para 1997, que, em números absolutos, representaram 22 bolsas de doutorado e 4 de mestrado em 1996, para 38 de doutorado e 8 de mestrado em 1997.

Para melhorar os registros e controles dos cursos de pós-graduação, foi projetada a implantação de sistemas informatizados de registros de dados, sendo que o sistema dos cursos *lato sensu* foi concluído em 1997 e o sistema dos cursos *stricto sensu*, em 1998.

A pós-graduação da UFBA esteve sistematicamente presente no Fórum Nacional de Pró-Reitores de Pesquisa e Pós-Graduação, tendo o pró-reitor assumido o cargo de vice-coordenador da Regional Nordeste em 1997. Em abril de 1997, a UFBA sediou um encontro regional do referido fórum, que recebeu os pró-reitores de pesquisa e pós-graduação da região Nordeste, além de representantes das fundações estaduais de amparo à pesquisa e das principais agências de fomento.

A presença marcante da UFBA no Projeto Nordeste/Capes e PINE/BA, posto que seus representantes – pró-reitor de pesquisa e pós-graduação e coordenador de pós-graduação – assumiram as comissões nacional e estadual, fortaleceu a imagem desta Universidade como centro de pesquisa e pós-graduação e influenciou na captação de novos recursos. A UFBA teve aprovados 13 dos 19 projetos submetidos ao Projeto Nordeste.

No âmbito da pesquisa, a UFBA continuou buscando reafirmar sua presença na comunidade científica nacional e, para tanto, procurou consolidar o Programa Institucional de Bolsa e Iniciação Científica (Pibic), investir na qualificação docente e na formação de pesquisadores e implantar e manter o registro, avaliação e divulgação sistemática de sua produção científica.

Com relação ao Pibic, a UFBA tem procurado aperfeiçoar sua estruturação e funcionamento e fortalecer sua credibilidade junto ao CNPq. Deste modo, de 1º a 3 de setembro foi realizado o XVI Seminário Estudantil de Pesquisa, com a apresentação dos trabalhos dos bolsistas Pibic, dos bolsistas do “balcão CNPq” e de outros programas, e com a presença dos orientadores, professores em geral, estudantes e assessores externos enviados pelo CNPq. Devem ser destacadas as avaliações positivas emitidas pelo CNPq nos anos de 1996 e 1997 para o Pibic/UFBA, inclusive concedendo mais 20 bolsas de iniciação científica.

Em 1997, foi também implantado o Programa Emergencial de Qualificação Docente, planejado em 1996, cujo propósito foi o estabelecimento de metas de titulação dos professores em cursos de mestrado e doutorado e em programas de pós-doutorado, a partir do escalonamento traçado pelos departamentos, com previsão até 2001.

Para o registro e divulgação da Produção Acadêmica foi implantado, no segundo semestre de 1998, em todas as unidades integrantes da Rede UFBA, o Banco de Dados UFBA – Docente.

Em 1995 foram identificados 83 grupos de pesquisa na UFBA; já em 1997, foram cadastrados 136 grupos no Diretório do CNPq, fato que evidencia que a produção científica na UFBA vem sendo incrementada pela formação dos grupos de pesquisa.

Em 1997 houve um crescimento de 20% nas atividades de extensão em relação ao ano anterior, sendo contabilizadas 1.290 atividades, das quais 390 em caráter permanente. No relatório de 1997, assim está expresso o propósito da extensão na UFBA, pelo menos neste Reitorado:

Se, em 1996, as prioridades para a área de extensão foram a busca de uma visão crítica do universo de atividades realizadas pela UFBA, e a elaboração de uma nova proposta a partir do esforço conjunto de coordenadores de projetos de comunidades e de representantes de extensão, então, pode-se considerar 1997 como o ano da experimentação com atividades geradas a partir do novo modelo – através do Programa UFBA em campo – cujos resultados podem certamente nortear uma política abrangente de reestruturação da área. (UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA, 1998, p. 77)

O *Catálogo de extensão* – 96 foi publicado no início de 1997, arrolando todas as atividades, ditas de extensão, desenvolvidas na UFBA, apresentando um panorama desta atividade na Universidade.

Outra novidade implantada no âmbito da extensão foi a instalação de *outdoors* nos campi, facilitando a promoção dos eventos e ampliando a potencialidade de divulgação deles, tanto no ambiente acadêmico como externamente. O programa UFBA em Campo foi concebido no final de 1996, com a Pró-Reitoria de Extensão, à época dirigida pelo professor Paulo Costa Lima, na perspectiva de renovação do modelo das atividades de extensão e como estratégia para se construir “[...] uma interface ativa entre a Universidade e a sociedade, por meio da pesquisa e do ensino”. (UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA, 1998, p. 79) Sobre o UFBA em Campo, registra ainda o relatório de 1997: “[...] o UFBA em Campo sintetiza, por outro lado, a política que se buscou imprimir na reconstrução dos elos entre as atividades da Universidade e as demandas da sociedade, através de movimentos bidirecionais e da ativação de sua interface [...]”. (UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA, 1998, p. 11) O UFBA em Campo teve início em 17 maio de 1997, com a presença de mais de oitocentos estudantes. (SERPA, 2004, p. 287) A Atividade com Comunidade (ACC), que sucedeu ao Programa UFBA em Campo, foi implantada, como meio de creditar as atividades desenvolvidas pelo aluno na referida atividade de extensão em seu histórico escolar, tendo em vista que a ACC passou a fazer parte do currículo de graduação, contando, assim, créditos para os estudantes.

PROFESSOR

Serpa ensinou na graduação e pós-graduação em Educação, atuando nas linhas de pesquisa Fundamentos da Educação e Ensino de Ciências.

Ao reassumir suas atividades docentes na Faced, após ter deixado o cargo de reitor, ele, além de ensinar, voltou a desenvolver pesquisas sobre o papel, a atuação e o desempenho das universidades contemporâneas; orientou dissertações de mestrado e teses de doutorado; desenvolveu atividades de extensão no ano de 1999, atuando no projeto Universidade Solidária e no Projeto Paraguaçu, dentro do Programa UFBA em Campo e, depois, como disciplina de Atividade com Comunidade (ACC), que tinha como propósito a convivência com as comunidade de Santiago do Iguape e São Francisco do Paraguaçu, visando a construir alternativas de reflexão para a Universidade, bem como enriquecer os modos de vida dessas populações. Estes projetos identificavam-se com seus ideais de criar uma nova universidade, que, sua

visão, interage, ensina e aprende com a comunidade, ou seja, a “comuniversidade”, expressão criada e usada por ele para representar este modelo de “universidade”, sonhado por Serpa, que leva os estudantes a aprender com os movimentos sociais e a também repassar suas experiências, fortalecendo a defesa dos trabalhadores; conforme Serpa, a nova universidade, portanto, tem de fazer-se necessária e estratégica.

HONRARIAS E HOMENAGENS

Em 1995 recebeu o título de Doutor Honoris Causa concedido pela Universidade Moderna de Lisboa/Portugal, e, no mesmo ano, a Medalha Conselheiro Almeida Couto, conferida pelo governador do Estado da Bahia, como reconhecimento da Polícia Militar e do Comando do Corpo de Bombeiros; em 1996, o título de cidadão soteropolitano, conferido pela Câmara Municipal de Salvador; e de cidadão baiano, pela Assembleia Legislativa do Estado, em 2001. A UFBA, em reconhecimento de seus méritos como professor e gestor, concedeu-lhe o título, *post mortem*, de Professor Emérito. Também, em 2004, professores da FACED, bem como alunos e ex-alunos, em homenagem ao professor Felipe Serpa, organizaram textos produzidos por ele e os publicaram, após sua morte, no livro intitulado *Rascunho digital: diálogos com Felipe Serpa*. Os textos foram produzidos no âmbito de disciplinas por ele ministradas, nos debates com seus alunos, como formas de reflexão, e foram divulgados, sobretudo, na publicação eletrônica *Rascunho digital*. Num destes textos, intitulado *Felipe Serpa: clássico de notório saber*, de autoria da Profa. Celi Taffarel (2009), ela ressalta: “Era o conselheiro nos momentos difíceis, o amigo íntimo nos momentos complexos. O equivalente ao papel do Pajé, entre as tribos indígenas, conforme reconheciam alguns estudantes”.

E Taffarel disse mais sobre Serpa: “Felipe Serpa é um clássico porque era óbvio, fazia o óbvio, que transcende seu tempo e enraíza-se no passado e projeta o futuro. O óbvio que muitas e muitas vezes é negado na universidade e que aos arautos do liberalismo tanto incomoda”. (TAFFAREL, 2009)

PUBLICAÇÕES

LIVROS

Ciência e historicidade. Salvador: Ed. do Autor, 1991.

Discursos 1994-1995. Salvador: UFBA, 1995.

A utopia de Edgard Santos. Salvador: EDUFBA, 1998.

Rascunho digital: diálogos com Felipe Serpa. Salvador: EDUFBA, 2004.

Em coautoria:

SERPA, Luiz Felipe Perret; PRETTO, Nelson de Luca. (Org.).

Expressões de sabedoria: educação, vida e saberes. Salvador: EDUFBA, 2002. v. 1.

CAPÍTULOS DE LIVROS

Perspectivas da ciência no próximo milênio. In: DIAS, A.L.M.; EL-HANI, C.N.; SANTANA, J.C.B; FREIRE JÚNIOR, O.(Org.). *Perspectivas em epistemologias e histórias das ciências*. Feira de Santana: UEFS, 1997. p. 25-32.

Ciência moderna, o fundamento unificador em Anísio Teixeira. In: PORTO JUNIOR, Gilson; CUNHA, José Luis (Org.). *Anísio Teixeira e a escola pública*. Pelotas, RS: Ed. da UFPEL, 2000. p. 113-152.

Escola-parque, na visão de Anísio Teixeira. In: SMOLKA, Ana Luisa; MENEZES, Maria Cristina (Org.). *Anísio Teixeira, 1900-2000: provocações em educação*. Campinas, SP: Autores Associados, 2000. v. 1, p. 124-151.

Realidade virtual: novo modo de produção. In: BRANDÃO, Lúcia Maria Batista; LUBISCO, Nídia Maria Lienert (Org.). *Informação e informática*. Salvador: EDUFBA, 2000. p. 181-206

Anísio Teixeira: o missionário moderno. In: MONARCHA (Org.). *Anísio Teixeira: a obra de uma vida*. Porto Alegre: DP&A, 2001. p. 73-88.

TRABALHOS COMPLETOS PUBLICADOS EM ANAIS DE CONGRESSOS

Marx e a contemporaneidade: conhecimento e trabalho. In: ENCONTRO DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO DO NORDESTE, 1999, Salvador. *Anais...* Salvador: Faculdade de Educação, UFBA, 1999. 1 CD-ROM.

Para uma política de ensino superior: a questão das desigualdades regionais. In: ENCONTRO DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO DO NORDESTE, 1999, Salvador. *Anais...* Salvador: Faculdade de Educação, UFBA, 1999. 1 CD-ROM.

Paradigma da virtualidade: uma nova educação. In: ENCONTRO DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO DO NORDESTE, 1999, Salvador. *Anais...* Salvador: Faculdade de Educação, UFBA, 1999. 1 CD-ROM.

Uma proposta para o sistema de universidades públicas federais. In: ENCONTRO DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO DO NORDESTE, 1999, Salvador. *Anais...* Salvador: Faculdade de Educação, UFBA, 1999. 1 CD-ROM.

Em coautoria:

PRETTO, N. L.; SERPA, Luiz Felipe Perret. A educação e a sociedade do conhecimento. In: CONFERÊNCIA INTERNACIONAL DE TECNOLOGIAS DE INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO NA EDUCAÇÃO - CHALLENGES 21, 2., 2001, Braga. *Actas...* Braga: Universidade do Minho, 2001. v. 1. p. 21-41.

SERPA, Luiz Felipe Perret; FREIRE JUNIOR, O.; CARVALHO, M. P. A presença da história no ensino das ciências: um estudo comparativo entre o Brasil e Portugal (1960-1980). In: CONGRESSO LUSO BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA CIÊNCIA E DA TÉCNICA, 1., 2001, Évora. *Actas...* Évora, Portugal: Universidade de Évora, 2001. p. 720-734.

RESUMOS PUBLICADOS EM ANAIS DE CONGRESSOS

Projeto Paraguassu. In: SEMINÁRIO ESTUDANTIL DE EXTENSÃO, 2; SEMINÁRIO DE EXTENSÃO, 5., 2000, Salvador. *Livro de resumos...* Salvador, 2000. v. 1.

Em coautoria:

SERPA, Luiz Felipe Perret.; MARTINS, Maria Cristina Mesquita. Uma experiência em formação de professores. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE ENSINO DE FÍSICA, 15., 2003, Curitiba. *Programa e Resumos...* Curitiba, PR, 2003. p. 126-126.

_____; MEIRA, Mateus G C. Inclusão de núcleo sócio histórico no currículo do licenciado em física. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE ENSINO DE FÍSICA, 15., 2003, Curitiba. *Programa e resumos...* Curitiba, PR, 2003. p. 118

TEXTOS EM JORNAIS DE NOTÍCIAS E REVISTAS

O papel do professor na sociedade da informação. *Correio da Bahia*, Salvador, 26 nov. 2000.

Em coautoria:

SERPA, Luiz Felipe Perret; PRETTO, Nelson de Luca. Universidade Corporation: início do fim. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 28 jun. 2000. p. A3.

OUTROS TIPOS DE PUBLICAÇÃO

Nova ciência ou nova igreja? Ouro Preto: UFOP, 1981.

Ouro Preto: preservação e contemporaneidade. Ouro Preto, MG: UFOP, 1981.

A questão da educação superior: a universidade pública. Salvador: ISP, UFBA, 1999. (Gestão Universitária)

Universidade solidária. [S.l.: s.n.,] 1999.

Geremoabo: um município baiano na região do semi-árido.
Salvador: UFBA/CNPQ, [19--].

Uma perspectiva para a Universidade Federal da Bahia: princípios e programas de gestão. [S.l.: s.n., 19--].

HEONIR ROCHA (1998-2002)

*Aida Varela Varela*¹

Igor Baraúna e Wladimir Mendes de Freitas (colaboradores)

DADOS BIOGRÁFICOS

Escolhido reitor da UFBA para o período 1998-2002, Heonir de Jesus Pereira da Rocha nasceu em Floriano (PI), em 1930, e morreu em Salvador (BA), em 2005.

Graduou-se, em 1954, pela Faculdade de Medicina da UFBA, quando recebeu o Prêmio Manoel Vitorino por ter sido o melhor aluno da turma. Ainda jovem, em 1962, tornou-se professor catedrático (Cadeira de Terapêutica Clínica), quando defendeu tese sobre o tratamento da pielonefrite, uma pesquisa baseada em aspectos etiopatogênicos, experimentais e clínicos, com dados obtidos em suas atividades nas enfermarias e no laboratório experimental. Nesta área, ele já havia feito contribuição original ao trabalhar com um novo método para a produção de pielonefrite em ratos, com o que obteve o seu doutorado em 1958.

Embora especializado em Nefrologia, o seu interesse em Medicina era bem amplo, incluindo principalmente o estudo das doenças regionais, especialmente a esquistossomose, a leishmaniose e a estrogiloidíase. Seu estudo sobre o surgimento de estrogiloidíase grave em portadores de síndrome nefrótica tratados com corticoides, tornou-se uma referência clássica na literatura internacional. Suas contribuições sobre a glomerulopatia

¹ Vice-coordenadora do Programa de Pós- Graduação do ICI/UFBA. Professora Adjunto IV.

esquistossomótica foram decisivas para firmar conceitos sobre a frequência desta condição, suas apresentações clinicopatológicas, evolução e aspectos patogênicos.

Liderou uma importante escola de professores e pesquisadores em Salvador, e estabeleceu intenso intercâmbio com colegas em vários pontos do país e no exterior. Sua capacidade de agregação e colaboração foi decisiva no estabelecimento de programas de cooperação, como o Programa Bahia-Cornell, que trouxe grandes benefícios a todos os envolvidos, através de um intenso e profícuo intercâmbio de médicos, estudantes e pesquisadores entre a Faculdade de Medicina da UFBA e o New York Hospital da Universidade de Cornell, EUA. Sua atuação foi também relevante na implantação de uma Residência Médica no Hospital Universitário Prof. Edgard Santos, uma atividade de tal forma por ele orientada, que veio a dar um grande impulso às atividades desse hospital-escola, influenciando decisivamente no aprimoramento dos médicos, portanto um estímulo para o progresso de várias de suas clínicas.

A contribuição de Heonir Rocha foi também muito significativa no setor da Infectologia, onde fez estudos pioneiros. Usou a antibioticoterapia com rigor científico, adquirido em seus estudos experimentais, tendo firmado conceitos básicos sobre o uso de antibióticos no pré-operatório. Além de ser agraciado com a medalha Emílio Ribas em 1993, foi membro de conselhos consultivos da National Academy of Sciences (EUA), da Fiocruz e do Ministério da Saúde, entre outros órgãos.

Publicou 178 trabalhos científicos em revistas nacionais e estrangeiras, tendo participado de numerosos congressos de Nefrologia, Medicina Tropical, Infectologia e Quimioterapia em várias partes do mundo, sendo sua participação sempre marcada pela clareza de sua exposição e pela originalidade de sua contribuição. Muito admirado pelos seus estudantes, foi presença constante nos quadros de formatura, como paraninfo, patrono ou homenageado.

Como administrador, percorreu com êxito todos os degraus universitários, pois foi chefe de departamento, professor catedrático, professor titular, vice-reitor de Pós-Graduação e reitor da Universidade Federal da Bahia. Ultimamente, vinha atuando como diretor científico do Hospital San Raphael, em Salvador, BA. Durante todas as suas inúmeras atividades apareceu sempre com as características de um planejador progressista, com

larga e inteligente visão, a cortesia de seu trato com todos, sua seriedade de propósitos e integridade de caráter.

Ao saber da morte de Heonir Rocha, vítima de acidente vascular cerebral, disse o então reitor da UFBA, Naomar de Almeida Filho: “Sem sombra de dúvidas, o professor Heonir foi o maior pesquisador de expressão internacional da UFBA. Convivi com ele como aluno, sempre muito calmo, muito sensato e sensível”.

Para o endocrinologista e amigo há 46 anos, o professor Thomaz Cruz, “ele representa o maior expoente médico da Bahia dos últimos 50 anos, não só como excelente professor e pesquisador de renome internacional. Heonir foi o paraninfo de minha turma. Era um clínico de primeira grandeza, como professor formou inúmeras gerações e influenciou muita gente”.

“CUMPRIMOS NOSSO DEVER”

Ao assumir o cargo de reitor, Heonir Rocha definiu como missão da UFBA

[...] a formação de recursos humanos habilitados à realização de ensino qualificado, pesquisa básica e aplicada e a promoção de atividades de extensão, em diferenciadas áreas disciplinares. Estes papéis são por ela exercidos na qualidade de agente de serviço público e socialmente responsável, tanto pela produção, recuperação, organização e disseminação do conhecimento estruturado, quanto por atividades de suporte e de estímulo ao desenvolvimento da região em que se situa.

O cumprimento dessa missão, assim definida, na gestão Heonir Rocha, foi orientada por diretrizes projetadas em três eixos principais: inovação, transformação e participação. A gestão teve, ainda, como orientação, as seguintes diretrizes:

- ampliar o atendimento às demandas da sociedade;
- tornar permanente a participação da UFBA em empreendimentos desenvolvidos na Bahia, sejam eles de iniciativa dos governos federal, estadual e municipal, de setores empresariais ou outras entidades da sociedade civil;

- difundir, mais objetivamente, sua produção intelectual, não só pelos meios sociais e acadêmicos, estabelecendo mecanismos de troca permanente entre a Universidade e os diversos setores da sociedade;
- criar valores acadêmicos e sociais que levem os estudantes a se educar como cidadãos responsáveis e solidários;
- construir e realizar uma política de recursos humanos adequada aos objetivos institucionais;
- racionalizar os meios e reforçar as bases para a produção de conhecimento;
- dar continuidade ao processo de descentralização da gestão;
- resgatar a cultura de planejamento e avaliação institucionais;
- buscar o equilíbrio orçamentário e financeiro como a mais importante condição para o planejamento e o crescimento ordenado;
- avançar sempre, com base nos princípios da ética e da responsabilidade social.

Termino minha gestão como reitor da UFBA com a sensação do dever cumprido. Minha consciência me diz que fiz tudo aquilo que me foi possível realizar em benefício de nossa Universidade, instituição que, nestes últimos quatro anos, ocupou o centro de minha atenção e de minha vida.

Nossa luta foi árdua. Foi difícil trabalhar, procurando atender às necessidades mínimas das diversas áreas de uma universidade que não dispunha de recursos suficientes. Nosso orçamento já se mostrava insatisfatório para atender áreas distintas e, até mesmo, às despesas fixas (água, luz, telefone, segurança, limpeza); a cada ano a situação financeira se tornava mais insuficiente. A esperada ênfase em melhor servir à educação superior não ocorreu, nestes quatro anos, revelando a falta de decisão política do governo frente às necessidades das instituições federais de ensino superior.

A gestão universitária que concluímos na UFBA, em julho de 2002, resultou do trabalho conjunto de uma equipe que planejou suas atividades cuidadosamente, procurando trazer sua contribuição com o realismo e com metas definidas, passíveis de serem buscadas e realizadas. Estas ações resultaram de um esforço do diagnóstico

inicial que nos permitiu a objetividade necessária à sua mobilização e implementação.

Reconhecemos o trabalho das equipes constituídas em cada uma das Pró-Reitorias pela competência, espírito de realização e entusiasmo do respectivo pró-reitor. Também, pela visão ampla e capacidade de realização da Vice-Reitoria, que demonstrou sua competência ao ampliar, coordenar e se integrar a algumas ações inter e multidisciplinares necessárias ao nosso desenvolvimento.

Credito, também, parte das melhorias implantadas durante este período ao esforço despendido pelos diretores das diversas unidades acadêmicas que, pela sua potencialidade e qualidade de trabalho, em clima de liberdade e espírito de realização, trouxeram, alguns deles, sua contribuição efetuando algumas mudanças e pequenas ampliações, incluindo reestruturações. Foram os dirigentes muito importantes na implantação de novos programas de ensino, pesquisa e extensão, sob a orientação dos pró-reitores.

Em conclusão, devemos reconhecer que a força motriz de uma universidade que se renova depende da capacidade de demonstrar união de objetivos e espírito de colaboração, um comportamento que nos fortaleça e nos una, na certeza de que, somente assim, cresceremos de modo sustentável.

Podemos afirmar que as grandes mudanças de infra-estrutura da UFBA acontecidas durante esta gestão resultaram da aplicação de verbas de emendas de bancadas concedidas, suprapartidariamente, e por unanimidade, pelos políticos da bancada federal baiana, e aplicadas nas diversas unidades de ensino (na quase totalidade delas), além de melhorias de laboratórios, de bibliotecas e do sistema de comunicação. Tudo isso foi fruto de aplicação de verbas obtidas destas emendas que, em grande parte, mudaram a fisionomia da UFBA e facilitaram a melhoria da qualificação do seu pessoal. [...]

Acrescente-se o efeito das verbas dos Fundos Setoriais conseguidas competitivamente por grupos de nossa Universidade, destacados pela competência e escolhidos em função da qualidade de seus projetos.

Cumprimos nosso dever para com a sociedade e nossa comunidade universitária. Aprendemos, juntos, a enfrentar crises e dificuldades, e superar obstáculos. nestes últimos quatro anos. E, com Milton Santos, aprendemos que os homens devem manter a cabeça erguida; olhar de cabeça erguida para a frente, jamais para trás; respeitar o outro; ser dignos e apreciar a dignidade.

É com exemplos como o dele que aprendemos a amar a Universidade, procurando entendê-la cada vez mais, na medida em que se integra à sociedade a que pertence passando a ser parte importante de nossa vida e de nossas utopias. (UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA, 2002, p. 9-10)

GRADUAÇÃO

As políticas desenvolvidas pela Pró-Reitoria de Graduação (Prograd) durante o Reitorado de Heonir Rocha, foram voltadas principalmente para a melhoria da qualidade do ensino, merecendo destaque as ações concernentes à mobilização e direcionamento dos processos de (re)construção curricular e de avaliação interna. Paralelamente a isso, buscou-se também o avanço e a reestruturação em outras áreas de atuação da Prograd, como a modernização e o aperfeiçoamento do vestibular; a renovação das práticas de planejamento acadêmico, com a implantação de novo Sistema de Informações Acadêmicas (Siac) e outras medidas; a racionalização do uso dos recursos (materiais e humanos); o grande esforço pela ampliação do quadro docente e técnico-administrativo e a melhoria do atendimento de docentes e estudantes.

A Prograd assumiu a implantação da avaliação interna e o repensar dos currículos como ações centrais e urgentes com potencial para desencadear mudanças decisivas na vida institucional e acadêmica da UFBA. O entendimento sempre foi o de que, além de atender ao novo quadro estabelecido a partir da Lei de Diretrizes e Bases, essas ações são essenciais para a redução de obstáculos e aproveitamento das oportunidades para a melhoria da formação integral dos estudantes.

Compondo a política de avaliação interna, a Prograd, através da Supac (Superintendência Acadêmica), deu partida, em termos experimentais, a um sistema de avaliação dos docentes pelos discentes, pela internet – o Siav –, iniciativa pioneira e de repercussão nacional. Ao lado disso, atuou

em apoio a colegiados e departamentos nas avaliações externas realizadas pelo MEC – *Avaliação das Condições de Oferta e Exame Nacional de Cursos* (provão), através de discussões com estudantes e docentes, bem como de apoio técnico e logístico. Nessas, foi dada ênfase à integração entre avaliação interna, avaliação externa e planejamento institucional.

A implantação e o aperfeiçoamento do Siac, com apoio do Centro de Processamento de Dados (CPD), abriram caminho para a informatização total e descentralizada do processo de planejamento acadêmico e de matrícula, com todos os benefícios decorrentes de um sistema de informações dessa natureza. Isso veio contribuir, de forma decisiva, para a racionalização da oferta de disciplinas, da distribuição das atividades docentes e da alocação de vagas para novos concursos, além de oferecer dados básicos para os processos de avaliação interna e externa.

A integração desse sistema ao Sistema de Informação sobre a Produção de Docente (Sidoc) também desenvolvido pelo CPD com apoio do Centro de Estudos Interdisciplinares para o Setor Público (ISP), oferece importante instrumento para facilitar o planejamento e dar suporte à compilação das informações necessárias aos cursos submetidos às Avaliações das Condições de Ensino, em processo de reconhecimento ou de renovação destes.

O vestibular foi outra atividade que passou por significativas melhorias operacionais e acadêmicas nesses quatro anos de gestão. Os avanços operacionais começaram com o aumento do número de agências dos Correios envolvidas no processo de inscrição dos candidatos, com a introdução do sistema de inscrição em escolas cadastradas, do ensino médio público e privado, e com a inscrição pela internet.

O fornecimento de informação aos candidatos melhorou com a utilização da internet e do serviço *Disque-Vestibular*, além da distribuição do *Guia do candidato* e da publicação, por jornal de grande circulação, das provas de anos anteriores, com respostas comentadas por docentes da Universidade e de cursos do ensino médio e preparatórios para o vestibular.

PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO

O modelo de Universidade adotado pela UFBA requer investimentos significativos em infraestrutura para ensino e pesquisa, muito além dos salários e manutenção física do patrimônio, como também exige planejamento

estratégico de prioridades institucionais. Neste sentido, cinco eixos de ação foram estabelecidos no *Plano quinquenal* da gestão de Heonir Rocha, elaborado em 1998-99, e tem merecido atenção prioritária na UFBA: Capacitação Docente; Iniciação Científica e Fixação de Novos Doutores; Estímulo e Apoio à Migração de Jovens Doutores para a UFBA; Recuperação e Ampliação da Infraestrutura de Pesquisa; e Acesso e Difusão de Informações.

Um Plano Emergencial de Qualificação Docente, implementado em 1996, promoveu um incremento significativo no percentual de doutores e mestres nos quadros da UFBA, que conta (dados de 2005) com 74 % de seu corpo docente com título de mestre ou doutor. Por outro lado, o Programa de Capacitação para o Ensino Superior (Proces) apoia, com bolsas de mestrado e doutorado, pós-graduandos de cursos *stricto sensu*, envolvidos em atividades de ensino de graduação na própria UFBA.

Outra significativa modificação, efetuada no período 1998-2002, diz respeito aos comitês de avaliação e ao processo de seleção de bolsas. O Comitê Local foi ampliado de 18 para 41 docentes, descentralizado de 04 para 14 subcomitês, modificações estas destinadas a alcançar maior diversidade nas áreas do conhecimento dos projetos submetidos à avaliação e maior envolvimento das unidades e dos pesquisadores. O processo de classificação e distribuição das demandas, até 1998, realizado com base na divisão administrativa da UFBA (áreas I, II, III, IV e V) passou a obedecer aos critérios do CNPq e Capes para as várias áreas do conhecimento.

A seleção dos projetos e bolsistas obedeceu estritamente a critérios de mérito, com a concessão de uma segunda bolsa somente após atendidos todos os projetos avaliados como qualificados, passíveis portanto de apoio. Isto levou ao aumento do número de orientadores cujos estudantes foram contemplados com bolsas (de 258, em 1998, para 334, em 2001).

BALANÇO DA GESTÃO

Entre as várias realizações do Reitorado de Heonir Rocha, podem ser destacadas:

- buscou-se produzir, sistematizar, ampliar e melhorar a qualidade do ensino de graduação e pós-graduação, sempre com vistas à excelência;
- utilizou-se a avaliação como método de reformular e planejar as melhorias;

- foram ampliadas as interações internacionais da UFBA;
- procurou-se estimular o saber no pluralismo de suas apresentações, quer seja científico, filosófico, tecnológico, artístico, ético, sempre e sobretudo voltado para o conhecimento do ser humano que o desenvolve, controla e utiliza buscando o senso de justiça e do respeito ao direito dos outros;
- procurou-se desenvolver, em qualquer das ações, valores de respeito ao meio ambiente, quer através do ensino e da pesquisa, quer mediante atividades de interação com a comunidade;
- procurou-se ampliar a sensibilidade social da UFBA, estreitando a relação professor-aluno na nova prática de ações comunitárias que foram institucionalizadas sob a forma das *Ações Curriculares em Comunidade* (ACC);
- cuidou-se de não fazer da tecnologia um uso acrítico.

ENTREVISTA

PROF. OTHON JAMBEIRO – GESTÃO DE HEONIR ROCHA (2009)

Como vice-reitor na gestão de Heonir Rocha, quais foram, a seu ver, os momentos marcantes do trabalho dele de reitor da UFBA?

Vou falar sobre o que julgo essencial na gestão do reitor Heonir Rocha, no sentido do relacionamento da Universidade com a sociedade. Até a gestão de Heonir, havia certo tipo de relação entre a UFBA e o mundo político e econômico da Bahia um tanto quanto preconceituoso. Uma das coisas que Heonir Reitor fez, desde o planejamento da campanha dele, as primeiras discussões sobre o que fazer em relação a esse relacionamento, ele sempre defendeu a ideia de reduzir ao mínimo esse preconceito, ou simplesmente zerá-lo, e estabelecer um novo tipo de relacionamento com o mundo político e econômico, de tal forma que a UFBA pudesse se beneficiar como ocorria em outras universidades de outros Estados. O que os deputados federais e senadores pudessem fazer no Congresso Nacional em termos de orçamento e certas facilidades para a UFBA. E também o apoio ao relacionamento da UFBA com o governo federal e o Ministério da Educação. Isso talvez tenha

sido um dos pontos mais marcantes da gestão de Heonir Rocha no que se refere à administração geral da UFBA.

Uma das primeiras coisas que ele fez foi promover uma reunião com a bancada federal da Bahia, independentemente de qualquer partido, todos os partidos participaram, para expor a situação da Universidade e já apresentando projetos que necessitavam de apoio da bancada baiana no Congresso Nacional. E, de fato, isso foi conseguido. Graças a isso a UFBA foi beneficiada com emendas de orçamento, pela primeira vez.

No que se refere ao mundo econômico, também houve várias tentativas de aproximação, sobretudo via Federação das Indústrias do Estado da Bahia. Chegamos inclusive a fazer a reunião de avaliação da Universidade na sede da Federação das Indústrias. E foram mantidos muitos contatos com a área empresarial, sempre visando a uma relação que beneficiasse as duas partes. De tal forma que a Universidade pudesse repassar conhecimento, tecnologias que pudessem desenvolver para o setor produtivo da sociedade; e, por outro lado, que o setor produtivo pudesse trazer para a Universidade algum tipo de colaboração, não só em termos de recursos financeiros, mas também em termos de financiamento de atividades, patrocínios etc.

Uma outra grande característica da gestão de Heonir Rocha foi o tratamento ético das questões de toda a natureza que estão na Universidade. Havia uma preocupação muito grande quanto a isso, não só dele, mas de todos, no sentido de tratar das questões da Universidade sempre dentro de princípios éticos; jamais, por qualquer razão, ferir a ética. Esta foi também uma característica que fez parte do discurso da gestão o tempo inteiro.

Uma outra grande característica foi o tratamento igualitário a todas as pessoas da Universidade, profissionais, funcionários, estudantes e professores, independentemente de pertencerem a qualquer grupo, ou facção, ou partido político, não importava. Isso jamais foi levado em conta. Mesmo aqueles grupos que apoiaram outras candidaturas tiveram tratamento absolutamente igualitário aos demais grupos. Uma outra foi a honestidade absoluta com os recursos públicos, tanto que não houve nenhum problema de aprovação de contas nesses quatro anos em que Heonir foi reitor. Houve irregularidades por imperícia de funcionários, alguma coisa desse tipo, mas tudo o que houve foi regularizado posteriormente, e nenhum caso foi de desonestidade, mas de simples erros em realizar as coisas. Isto é, tudo foi feito de maneira correta,

mas as vezes por caminhos que não estavam previstos nas normas. Isso tudo foi perfeitamente aceito pelo Tribunal de Contas da União.

Buscou-se aplicar os recursos onde eles rendessem benefícios para a UFBA. Uma forma de desperdício de dinheiro é aplicá-lo onde ele não vai reverter em benefício nem para a pesquisa, nem para o ensino, nem para a extensão.

Quais foram as principais dificuldades enfrentadas na gestão?

As principais dificuldades foram as de recursos financeiros. Em determinados momentos foram conseguidos recursos para aplicar em reforma de prédios, o que foi obtido junto à bancada de parlamentares da Bahia, e depois com a Comissão de Educação para liberar as verbas que haviam sido aprovadas. Esse dinheiro, aprovado nessas emendas, destinou-se exclusivamente à execução de alguma coisa, e não pôde ser usado para a manutenção da Universidade. Esse talvez tenha sido, do ponto de vista financeiro, o principal problema. Então havia uma verba muito pequena para o dia a dia da Universidade, para atender a despesas de vigilância, limpeza, papel, giz etc. Essas coisas de manutenção sempre foram muito difíceis.

Do ponto de vista administrativo, uma das grandes dificuldades do Reitorado foi o número de funcionários da Universidade, que era pequeno. Havia uma grande defasagem entre o número de funcionários que a UFBA precisava e, evidentemente, a qualificação. Mas é o que era permitido ter porque só é possível contratar através de concursos. E do ponto de vista da atividade em si, da atividade de extensão, a autorização para concursos é muito reduzida. A gestão de Heonir Rocha trabalhou com uma defasagem quase que permanente, faltando entre quatrocentos e quinhentos professores na Universidade, que eram cobertos por professores substitutos. Então, essa era uma questão dura para se negociar com o MEC. Durante toda a gestão, o que se pôde conseguir foi muito pouco diante da necessidade que se tinha.

Aliás, uma outra grande realização da gestão de Heonir Rocha foi a realização de concursos para professor titular. Acho que na época em que ele assumiu havia apenas 14 professores titulares na Universidade, em 95 departamentos. Quando ele deixou a Reitoria, todo departamento tinha praticamente um professor titular, salvo aqueles que não quiseram por alguma razão, mas todos os departamentos que queriam ter professor titular, tiveram. A UFBA passou de 14 para 120, ou 130, professores titulares. Realmente, um

marco extraordinário. Acho que foi a única universidade federal brasileira que conseguiu isso.

E sobre a produção científica da UFBA no Reitorado de Heonir Rocha?

Heonir Rocha era um pesquisador de renome internacional. O vice-reitor, que no caso era eu, também um pesquisador. Dos pró-reitores, só um não era pesquisador. Então, o centro da gestão era majoritariamente formado por pesquisadores, por professores que eram do sistema de pesquisadores do país, isto é, pesquisadores com bolsas registradas no CNPq. Então, foi uma gestão de pesquisadores. A relação da gestão com a investigação científica foi muito estreita porque era, não apenas, uma relação institucional, do ponto de vista de que um dos aspectos principais na formulação da gestão era melhorar, expandir a investigação científica, como uma atividade individual de maioria absoluta dos que trabalhavam no centro da administração da UFBA. Nenhum deles deixou a investigação científica. Todos continuamos sendo pesquisadores, trabalhando como bolsistas e publicando trabalhos, exercendo, portanto, a atividade – inclusive ele, Heonir Rocha, orientava alunos doutorandos de Medicina e coordenava o grupo de pesquisa dele na Faculdade de Medicina. Ele saía da Reitoria, ia lá, reunia-se com seus orientandos e seu grupo de pesquisa, e voltava para a Reitoria. Ele só não conseguia dar aulas por causa da falta de horários.

NAOMAR DE ALMEIDA FILHO (2002-2010)

*Carmen Fontes Teixeira*¹

Eu vejo surgir teus poetas de campos e espaços [...]

Caetano Veloso, *Sampa*.

INTRODUÇÃO

Traçar, em poucas páginas, a trajetória acadêmica do Prof. Naomar Monteiro de Almeida Filho, buscando descrever mais de trinta anos de atividade profissional como docente, pesquisador e gestor de projetos, programas e unidades universitárias, é um grande desafio. Ainda mais pela proximidade, no tempo e no espaço, dos fatos que se pretende narrar, buscando o que os articula em linhas de pensamento e ação e em redes de relações profissionais e políticas que o conduziram à Reitoria da UFBA e sustentaram sua permanência por oito anos como reitor.

Durante o período em que me debrucei sobre os documentos que se constituíram em fontes de informação acerca da vida profissional de Naomar, recorrendo à análise de seu currículo, aos registros de sua produção

¹ Doutora em Saúde Pública. Professora do Instituto de Humanidades, Artes e Ciências Professor Milton Santos. Docente do Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva do Instituto de Saúde Coletiva da UFBA.

científica e aos relatórios de sua atuação político-gerencial, especialmente os relatórios da gestão da UFBA, fui aos poucos percebendo a existência de um fio condutor que se teceu ao longo de toda a sua vida acadêmica. Peguei uma das pontas desse fio, e tratei de segui-lo, buscando a inteligibilidade das escolhas que Naomar fez em vários momentos de sua vida profissional, tentando superar os obstáculos e aproveitando as oportunidades que se apresentaram, em função das mudanças no contexto institucional e político mais amplo.

E que fio condutor é esse? Qual é o tema recorrente, o obscuro objeto que tem suscitado a curiosidade por saber e o desejo de poder de Naomar? Arrisco-me a dizer que esse fio tem sido seu interesse pela ciência, revelado bastante cedo através do fascínio pelo conhecimento científico, mas, sobretudo, pelos modos de produção desse conhecimento, o que o levou a dedicar grande parte de seu esforço intelectual ao estudo e à prática da metodologia da pesquisa, à epistemologia e à história e filosofia da ciência.

Não por acaso, seu primeiro trabalho acadêmico, quando ainda estudante de Medicina, publicado na extinta revista *Universitas*, editada pela UFBA, resultou de um ensaio sobre *O discurso do método*, de René Descartes, tema que ele retoma trinta e cinco anos depois daquela publicação, quando deixa a Reitoria e volta às salas de aula dos cursos de graduação em Saúde, agora no Bacharelado Interdisciplinar, no Instituto de Humanidades, Artes e Ciências, problematizando as concepções sobre ciência(s) presentes nos textos de Descartes, Pascal, Hegel, Marx/Engels, Popper, Kuhn, Bourdieu, Foucault e Canguilhem.

Partindo dessa perspectiva, procurei seguir esse fio condutor, buscando descrever os principais acontecimentos de sua trajetória acadêmica levando em conta o rumo que ele imprimiu à sua atividade como pesquisador do campo da Saúde, cada vez mais interessado em questões de caráter metodológico e conceitual, tratando de situar em contextos determinados suas escolhas de temas e linhas de pesquisa, resultados alcançados e espaços institucionais onde foram realizadas.

À proporção que tratava de recuperar essa trajetória, percebi que foi se configurando uma hipótese bastante interessante como resposta a uma questão que me coloquei todo o tempo: o que conduziu Naomar à Reitoria da UFBA? Afinal se trata de reconstruir a trajetória de um homem público, evidenciando como se construiu sua vontade, seu interesse em assumir um desafio dessa magnitude. Para além do motivo político claramente expli-

tado em entrevistas e documentos, qual seja o convite que lhe foi feito por um grupo de docentes e pesquisadores de várias unidades, comprometidos com propostas de mudança na gestão e organização da instituição que conduzissem à ampliação do acesso, à melhoria da qualidade de ensino, ao desenvolvimento da pesquisa e da extensão, e a melhoria das condições de trabalho na Universidade, o que, especificamente, na trajetória de Naomar contribuiu para que ele aceitasse o convite, submetendo-se à consulta e ao processo eleitoral?

Creio que a resposta a essa questão pode ser encontrada, ou pelo menos, vislumbrada, na descrição de sua vida acadêmica, que pode ser lida como a trajetória de um adolescente curioso que se tornou um cientista reconhecido internacionalmente, e que, em dado momento de seu amadurecimento intelectual e político, considerou pertinente assumir a tarefa de dirigir a instituição universitária onde se formou e onde trabalhou por quase toda a vida. O sentido dessa opção fica claro, sobretudo, na análise dos projetos estratégicos que foram formulados e implantados durante sua gestão, alguns dos quais construídos ao longo dos primeiros quatro anos (2002-2005), ganhando concretude no período subsequente (2006-2010).

Neste sentido, este texto contém uma breve síntese da trajetória acadêmica do Prof. Naomar de Almeida Filho, buscando realizar um contraponto entre a singularidade de suas escolhas profissionais e as características do contexto no qual estas se tornaram possíveis e foram assumidas como objetivos em seu desenvolvimento pessoal e desafios nos espaços institucionais em que ele trabalhou.

Desse modo, traz inicialmente a descrição dos primeiros anos de sua formação acadêmica, buscando identificar o surgimento e a formação de seu espírito científico. Em seguida, sistematiza, recorrendo a textos dele próprio, o essencial de sua produção científica e contribuição ao campo da Saúde Coletiva brasileira e internacional ao longo de vinte anos de atividade (1982-2002). Finalmente, apresenta as principais inovações e projetos construídos nos seus oito anos à frente da equipe gestora da UFBA, destacando o significado dessas inovações para o desencadeamento de um processo, ainda inacabado, de reforma gerencial e, sobretudo, acadêmica na Universidade Federal da Bahia.

CONSTRUINDO UM OLHAR CRÍTICO: OS ANOS DE FORMAÇÃO

Nascido em Buerarema, município rural do sul da Bahia, em 1952, Naomar transferiu-se para Salvador na adolescência, estudando em colégios públicos da capital, até ingressar na Faculdade de Medicina da Universidade Federal da Bahia onde se graduou em 1975. No curso médico foi aluno de vários professores que estimularam sua vocação para a pesquisa na área de Saúde Mental e também apontaram caminhos que o levaram a ampliar leituras nas ciências sociais, particularmente a Antropologia, sem esquecer seu interesse precoce pelas letras e artes onde se arriscava escrevendo contos.

Ele próprio cita Álvaro Rubim de Pinho, Vivaldo da Costa Lima, Lindembergue Cardoso, Celina Scheinowitz, José Calazans, Harley Padilha, Adilson Sampaio e Luiz Umberto Pinheiro como professores que o inspiraram no período dos estudos universitários, acrescentando a esta lista os professores do Departamento de Medicina Preventiva, criado com a Reforma Universitária de 1968, onde começou sua formação em Epidemiologia com Sebastião Loureiro e Guilherme Rodrigues da Silva. (ALMEIDA FILHO, 2000)

Cabe destacar que a criação do Departamento de Medicina Preventiva (DMP) da Faculdade de Medicina fez parte de um amplo movimento de reforma no ensino médico nos anos 1960 e 70, fundamentado em conceitos básicos e estratégicos que problematizavam o ensino e a prática médica tradicional, fundamentando a introdução de inovações nos planos de estudos, com ênfase no ensino da Epidemiologia, da Administração de Saúde e das Ciências Sociais.

Embora questionado duramente pelos docentes de várias universidades brasileiras, que apontaram o caráter ideológico do “movimento preventivista” (AROUCA, 1975) e sua relativa inadequação ao contexto latino-americano e brasileiro, em particular, é inegável que os DMPs se tornaram espaços institucionais de elaboração e difusão do pensamento crítico que hoje é reconhecido como fundamento da Saúde Coletiva contemporânea. (PAIM; ALMEIDA FILHO, 2000)

A Faculdade de Medicina da UFBA, particularmente, o DMP responsabilizou-se pela implantação do mestrado em Saúde Comunitária, em 1973, com apoio da Fundação Rockfeller, curso que veio a se tornar o embrião do Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva, *locus* institucional de

germinação das ideias e propostas que conduziram à criação do Instituto de Saúde Coletiva, em 1994-95.

Isso se deu por causa da iniciativa de um pequeno conjunto de professores e alunos que, uma vez encerrado o convênio inicial com a Fundação Rockfeller, decidiram redirecionar o projeto político-pedagógico do Mestrado de Saúde Comunitária, em 1978, aproximando o debate teórico-conceitual e o desenvolvimento das linhas de pesquisa, da reflexão crítica que começava a se esboçar no contexto nacional acerca das relações entre saúde e sociedade (DONNANGELLO, 1976) e se desdobravam, no plano político, na organização do movimento pela Reforma Sanitária Brasileira, parte das lutas pela democratização do Estado e da sociedade, movimento coordenado, naquela época, pelo Centro Brasileiro de Estudos de Saúde (Cebes), criado em 1976. (PAIM; TEIXEIRA, 2008)

Naomar ingressou no mestrado em Saúde Comunitária, curso que concluiu em 1977, sob orientação de Jairnilson Paim, vinculando-se à linha de pesquisa sobre morbidade psiquiátrica infantil, opção coerente com os estágios e atividades complementares que havia desenvolvido durante o curso médico. Segundo sua própria avaliação, não obstante os obstáculos encontrados para o desenvolvimento de uma carreira convencional na área clínica, por muito tempo ele manteve grande interesse pela clínica psiquiátrica de crianças e adolescentes, tendo cumprido estágio profissional no Serviço de Psiquiatria Infantil do Hospital Professor Edgard Santos, supervisionado por Luiz Fernando Pinto, durante todo o tempo de seu mestrado. Por esse motivo, focalizou a Epidemiologia Psiquiátrica Infantil como tema de dissertação e principal investimento de pesquisa na primeira fase de sua carreira acadêmica (1976-80).

Dada a perspectiva de continuar sua formação pós-graduada, competindo por uma bolsa de doutorado da Fundação Rockfeller, contactou centros universitários norte-americanos que, por referências na literatura, estavam engajados no desenvolvimento de abordagens sociais da Epidemiologia. A Universidade da Carolina do Norte acolheu-o como aluno do programa de doutorado do Departamento de Epidemiologia (1978-81), indicando Berton Kaplan, um dos criadores da teoria do suporte social em saúde, como orientador porque John Cassel, fundador e líder da equipe de pesquisadores na área, falecera naquele ano.

Após a conclusão do doutorado, retornou a Salvador em 1981, integrando-se como professor colaborador no Departamento de Medicina

Preventiva, com atividades de pesquisa, coordenando o Programa de Estudos Epidemiológicos e Sociais (PEES) e atividades de ensino de graduação e pós-graduação. Nesse ínterim, o DMP havia consolidado o processo de reorientação do programa de mestrado em Saúde Comunitária e estava implantando a residência em Medicina Social, feito que confirmava a vocação do grupo de docentes e pesquisadores do DMP em engajar-se no movimento pela Reforma Sanitária Brasileira, já, nesse momento, portador de propostas concretas de reorganização do sistema público de saúde, com base na defesa do direito universal à saúde e na responsabilidade do Estado de garantir a constituição de um sistema que viria a se tornar, posteriormente, o Sistema Único de Saúde (SUS).

Naomar já havia se envolvido com essa dimensão político-institucional da Saúde Público-Coletiva, antes mesmo do curso de doutorado, em um breve período, em 1978, quando trabalhou na Secretaria Estadual de Saúde na gestão de Ubaldo Dantas/José Alberto Hermógenes, durante o governo de Roberto Santos (1975-79). Nessa ocasião, havia atuado em um projeto denominado Programa de Implantação do Sistema Nacional de Saúde no Estado da Bahia (Piseb), iniciativa derivada da tentativa de operacionalização das diretrizes colocadas na Lei nº 6.229, de 1975, que tomava como espaço privilegiado o território da 9ª Diretoria Regional de Saúde, com sede em Itapetinga.

O importante a destacar dessa experiência é a aproximação que ele pôde desenvolver entre o desenho de estudos epidemiológicos “clássicos” e um inquérito realizado em unidades de saúde dos municípios da região, que levavam em conta não apenas os diagnósticos clínicos realizados pelos médicos, mas também a percepção dos usuários dos serviços acerca de seus sinais e sintomas, suas queixas, seu mal-estar, conjugando, assim, uma perspectiva epidemiológica com a antropológica, o que viria a se tornar mais elaborado, anos depois, com a proposição de uma “etnoepidemiologia”.

Pode-se perceber que, já nos primeiros anos de sua formação científica, Naomar teve oportunidade de se vincular a professores e pesquisadores que o inclinaram e desafiaram a desenvolver uma abordagem interdisciplinar aos problemas de saúde, bem como o estimularam à busca de aplicação dos conhecimentos produzidos em processos de mudança de práticas institucionais. Nesse aspecto, os anos de intensa produção intelectual que descreveremos a seguir foram pautados pelo diálogo criativo e construtivo com um conjunto de interlocutores no campo da Saúde Coletiva, rede de suporte às

formulações avançadas na área de Epidemiologia Social e de proposições políticas inovadoras no que diz respeito à reorientação de práticas de saúde.

TRINTA ANOS DE INTENSA PRODUÇÃO INTELECTUAL NO CAMPO DA SAÚDE

Atualmente professor titular de Epidemiologia do Instituto de Saúde Coletiva da UFBA, Naomar acumula uma experiência de 32 anos de ensino no nível de pós-graduação, *sensu lato* e *sensu stricto* (com curtos intervalos, em 1989, 1991 e 1994), notadamente no mestrado de Saúde Comunitária e posteriormente no Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva, que inclui mestrado profissional, mestrado acadêmico e doutorado em Saúde Pública. Nesse nível de formação, Naomar foi responsável pela renovação do ensino de Epistemologia e Metodologia da Pesquisa em Saúde Coletiva, espaço institucional em que pôde desenvolver uma reflexão crítica sobre as bases epistemológicas e as diversas abordagens e métodos de investigação nesse campo, tema de diversos trabalhos publicados ao longo dos últimos 20 anos.

Sua experiência de ensino de graduação é menos diversificada, mas ainda assim bastante larga. Ensinou a disciplina Epidemiologia por 19 anos, entre 1982 e 2001, inicialmente para alunos de Medicina e depois para alunos de Nutrição, Farmácia, Enfermagem e Engenharia Sanitária. Sem reduzir o valor da atuação em cursos regulares de graduação, orgulha-se de suas atividades de orientação de bolsistas de Iniciação Científica que desenvolveu por mais de 20 anos. Nesse período, supervisionou 23 bolsistas oriundos de distintos cursos de graduação, sendo que 15 deles avançaram na formação atingindo o nível de mestrado, enquanto que 12 chegaram ao nível de doutorado.

Além disso, tem sido convidado como professor visitante ou associado em diversas universidades da região das Américas², ministrando cursos nas áreas de psiquiatria social, saúde coletiva, antropologia médica e metodologia epidemiológica. Cabe ressaltar sua atuação nos congressos e seminários

2 University of North Carolina at Chapel Hill (1989-presente), Case Western University (1990), University of California at Berkeley (1991), Université de Montréal (1994-1995), Harvard University (2001-2002), e latino-americanas, como a Universidad Nuevo León, Nicarágua (1988), Universidad de la República de Uruguay (1988), Universidad Nacional de Lanús, Argentina (1998-presente) e a Universidad de Guadalajara (2005).

das áreas temáticas Psiquiatria Social e Saúde Coletiva, onde ministrou 15 cursos de extensão, e Epidemiologia, com 14 cursos.

Como pesquisador, Naomar atingiu o patamar de Bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq, nível I-A, com seis renovações desde 1986. Coordenou, desde 1976, 26 projetos de investigação, em sua maioria na área temática da Saúde Mental³. Além disso, tem atuado como pesquisador associado em outras instituições acadêmicas, como o Hospital Marmottan de Paris (1985), o Douglas Hospital Research Center da McGill University, Canadá (1992-94), o Departamento de Medicina Social da Harvard University, EUA (1993), e o Instituto di Etnografia e Antropologia Medica da Universidade de Perugia, Itália (1994).

Analisando sua produção acadêmica pode-se identificar o desenvolvimento de duas vertentes articuladas, a primeira que parte da ênfase inicialmente concedida à problemática da saúde mental, abordada pelo ângulo da Epidemiologia Social, a qual foi dando lugar, cada vez mais, à reflexão acerca das Bases Teóricas da Saúde Coletiva. Em ambas as vertentes, sua contribuição é relevante e inovadora, podendo-se considerá-lo um expoente entre os pesquisadores que impulsionaram o processo de transição paradigmática que vem ocorrendo no campo da Saúde Coletiva.

Sua produção científica em Epidemiologia Social pode ser considerada em três linhas/fases de pesquisa: a) Política de Saúde Mental; b) Epidemiologia Psiquiátrica Infantil; c) Epidemiologia Social em Saúde Mental. Chama a atenção o fato de que o interesse pela investigação em cada uma dessas linhas esteve vinculado à inserção de Naomar em práticas institucionais na área de psiquiatria infantil em comunidades e em processos de mobilização social em torno de mudanças na forma de intervenção estatal na área de saúde mental e da transformação das práticas de atenção nesta área.

Em função de atividades associativas, participando da reorganização da Associação Psiquiátrica da Bahia e do embrião do movimento de Renovação Médica, no início de sua carreira, Naomar interessou-se pelas questões sociais e políticas da área de saúde mental, ao mesmo tempo em que, por causa da decisão de realizar sua investigação de mestrado na linha da epidemiologia

3 Várias instituições patrocinaram esses estudos, com destaque para o Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), que financiou 13 projetos. Outros financiadores foram: Fundação Rockefeller, Finep, Organização Pan-americana da Saúde, International Development Research Center (IDRC) do Canadá, Centro Nacional de Epidemiologia da Fundação Nacional de Saúde, The Wellcome Trust. A produção científica resultante desses projetos foi divulgada em 195 eventos científicos e em 37 diferentes periódicos científicos.

psiquiátrica infantil, interessou-se em desenvolver técnicas e instrumentos de pesquisa, face à carência metodológica nessa área àquela época, já que poucas investigações epidemiológicas sobre doenças mentais na infância e adolescência haviam sido realizadas em todo o mundo.

Dando continuidade a essa preocupação, sua produção posterior na área temática Epidemiologia Social inclui estudos pioneiros sobre exclusão social, raça, gênero e depressões/ansiedade no Brasil, além de estudos sobre o impacto de determinantes macrossociais (migração, urbanização, pauperização) sobre a saúde mental e doenças cardiovasculares, constituindo-se, assim, em um pioneiro na introdução da epidemiologia nas pesquisas realizadas na área de psiquiatria no país. Em síntese, da pesquisa nesta área destacam-se os seguintes registros de contribuição:

- Desenvolvimento de técnica modular de identificação de casos psiquiátricos infantis para estudos epidemiológicos, desenhando um instrumento de screening que veio a se chamar Questionário de Morbidade Psiquiátrica Infantil (QMPI), com base na classificação triaxial de transtornos mentais em crianças de Rutter.
- Estudos sobre morbididade de transtornos mentais na infância, realizado com amostra de associação positiva entre saúde mental dos pais e saúde mental das crianças, avaliando relações entre fatores socioeconômicos, ambiente familiar precoce e saúde mental infantil.
- Primeiro estudo epidemiológico de terceira geração conduzido no Hemisfério Sul, com uso de estratégias estruturadas de avaliação diagnóstica em desenhos de corte transversal (em colaboração com Vilma Santana), refutando a hipótese Inkeles & Smith de associação negativa entre modernização e saúde mental.
- Criação e validação da Escala para Detecção de Alcoolismo e Sintomatologia Associada (EDASA), bem como de metodologia para condução de estudos epidemiológicos sobre o consumo de drogas ilícitas em escolares.
- Primeiro estudo tipo caso-controle em psiquiatria realizado no Brasil em 1981 (também pioneiro na América Latina), no caso sobre migração como fator de risco para transtornos depressivos em mulheres.
- Concepção e coordenação do Brazilian Multicentric Study of Psychiatric Morbidity, concluído em três áreas metropolitanas: Brasília, São Paulo e Porto Alegre (amostra: 6.470 sujeitos), que produziu estimati-

vas globais de prevalência no tempo de vida até hoje utilizadas como parâmetro para planejamento em Saúde Mental no Brasil.

- Concepção e coordenação do Estudo de Morbidade de Doenças Crônicas e Degenerativas, precursor do estudo ELSA; publicações de Almeida Filho e colaboradores (2004, 2005, 2007) introduzem, pioneiramente no Brasil, análises de interação etnicidade/raça, gênero e classe social sobre saúde mental.

A segunda vertente de reflexão e desenvolvimento de estudos e pesquisas de Naomar situa-se, como apontamos anteriormente, em uma perspectiva epistemo metodológica, podendo-se classificá-la em três linhas de pesquisa complementares: a) Epistemologia da Epidemiologia; b) Determinantes Sociais da Saúde; c) Modelos Complexos de Saúde-Doença-Cuidado.

Pela importância que assume essa vertente no direcionamento de seu interesse pela possibilidade de atuação mais ampla, extrapolando os limites do campo da Saúde Coletiva e avançando para uma ação político-institucional que contempla a reestruturação do ensino e da pesquisa universitária, sob a égide da inter e transdisciplinaridade, vale a pena detalhar sua trajetória nessa área, recorrendo ao Memorial elaborado para concurso de professor titular e transformado no livro *A ciência da saúde*, publicado em 2000.

EPISTEMOLOGIA DA EPIDEMIOLOGIA

Em 1983, a partir de uma consultoria junto ao Programa de Epidemiologia do CNPq, Naomar escreveu um texto sobre as bases históricas e metodológicas da epidemiologia, embrião de uma série de ensaios escritos entre 1984 e 1988, revisados e reunidos em um pequeno volume intitulado *Epidemiologia sem números*, nos quais aborda o problema da causalidade, com forte influência da filosofia popperiana da ciência, e o tema da metodologia epidemiológica, principalmente no que se refere à estrutura dos desenhos de investigação e às perspectivas de integração metodológica entre a epidemiologia e as ciências sociais.

Em 1992, durante uma consultoria para a Organização Pan-Americana da Saúde (Opas), a convite de Pedro Luiz Castellanos⁴, desenvolveu uma

4 Filósofo da ciência argentino, autor de vários livros utilizados nos cursos de Epistemologia e Metodologia da Pesquisa em Saúde desenvolvidos no Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva no ISC-UFBA, a partir dos anos 1990, sob a coordenação de Naomar de Almeida Filho. Ver Samaja, J. (1994).

classificação integradora dos diferentes desenhos de investigação epidemiológica, propondo uma tipologia dos desenhos de pesquisa que incorpora e simplifica as contribuições dos principais autores que abordaram essa questão. Daí resultou um texto que serviu posteriormente de base a um capítulo do manual de epidemiologia organizado por Zélia Rouquayrol. (ROUQUAYROL; ALMEIDA FILHO, 2003)

No livro *Epidemiologia sem números* (1989), antecipava uma preocupação com o problema formal do objeto de conhecimento da epidemiologia, persuadido, segundo sua própria avaliação, de que, demarcando-o com rigor e precisão, poderia resolver a questão subjacente da cientificidade da disciplina. A formulação deste problema constitui a segunda etapa de seu percurso na direção de uma “epistemologia” da epidemiologia. Nessa perspectiva decide iniciar um esforço mais sistemático de revisão de textos históricos da disciplina, no inverno de 1989, quando cumpria um programa de pós-doutorado na Universidade da Carolina do Norte.

Em 1991, retorna aos Estados Unidos como professor visitante da Universidade da Califórnia em Berkeley, convidado pelo Departamento de Antropologia para ministrar cursos sobre a interface entre a Antropologia e a Epidemiologia. Aproveita a oportunidade e a atmosfera crítica berkeleyana para finalizar os originais de *A clínica e a epidemiologia*, que seria publicado um ano depois, com lançamento no Congresso de Epidemiologia de Belo Horizonte.

Nessa sequência de ensaios, aborda o problema do objeto da epidemiologia como parte da questão maior da cientificidade de um dado campo do conhecimento, a partir de uma tripla perspectiva: a) uma aproximação “convencionalista”, através do exame dos discursos estabelecidos naquele campo; b) uma aproximação “estruturalista”, avaliando-se propostas formais de estruturação de objeto e método; c) uma abordagem “praxiológica”, via estudo das práticas teóricas concretas daquele campo.

DETERMINANTES SOCIAIS DA SAÚDE

No contexto de resistência frente à proposta da “epidemiologia clínica”, no final da década de 1980, Naomar introduziu uma discussão acerca da natureza e papel dos paradigmas na epidemiologia, tema na época relativamente secundarizado pelos aportes teóricos produzidos pelos epidemiologistas. Na mesma época, figuras ilustres da Saúde Coletiva latino-americana como Pedro Luiz Castellanos, Juan Samaja e Jaime Breilh também exploravam estas vias de renovação da epidemiologia no continente. Por ocasião de um workshop sobre análise da situação de saúde, promovida pela Opas, em Salvador (1993), Naomar e Pedro Luiz elaboraram um *Manifesto epidemiológico*, denunciando a crise epistemológica da epidemiologia e preconizando novas aberturas paradigmáticas para o campo.⁵

Ainda em 1993, instado a prosseguir no caminho aberto pelas inquietações manifestas em *A clínica e a epidemiologia*, escreve um pequeno ensaio onde resume seu esforço de apropriação dos debates epistemológicos contemporâneos. Nesse texto, sintetiza uma abordagem realista da ciência, inspirada em Rorty, Bhaskar e Juan Samaja, sustentada em três planos: a) uma ontologia; b) uma epistemologia; submetidas a uma c) sociologia histórica do conhecimento. Este posicionamento de inspiração intuitivamente pragmática serviu de base a um exercício de crítica epistemológica à Epidemiologia, objeto de uma intervenção em um colóquio sobre Filosofia e História das Ciências, realizado em Salvador, em 1996, posteriormente publicado. (ALMEIDA FILHO, 1997a)

Em meados dos anos 1990, inicia uma aproximação com a obra de Boaventura Santos (1989; 1995), colhendo subsídios para um ensaio de desconstrução dos conceitos de risco e de causa, analisando criticamente polaridades-disjunções estruturantes da ciência epidemiológica em termos lógicos e epistemológicos. Como resultado, “descobre” uma ambiguidade característica do uso epidemiológico do risco: um preditor temporal e es-

5 Nesse documento, os signatários avaliavam que, até então, nenhuma das chamadas “epidemiologias sociais” conseguira tornar-se hegemônica no panorama da epidemiologia moderna. Para enfrentar tal dificuldade de lutar com a dimensão social, haviam sido propostas saídas, fundadas sobre a negação do social, com o retorno da epidemiologia a processos exclusivamente técnicos e de recuperação metodológica da disciplina, que passariam por uma ampliação interna, desembocando na constituição de uma “epidemiologia clínica”. Em outra vertente, as propostas de tratamento teórico e de recuperação conceitual da disciplina, que orientariam uma ampliação para fora, para o social, fundamentaram uma “epidemiologia crítica”, que tem na América Latina suas principais matrizes teóricas.

pacial ou, mais rigorosamente, um preditor e simultaneamente pseudopreditor. Intrigado, segundo ele, com a lógica da escolha do significativo risco para representar o conceito base da Epidemiologia, levanta o problema das matrizes de significados na formação da linguagem científica. (ALMEIDA FILHO, 2000)

Convergindo para uma conclusão dessa análise, redefine o conceito epidemiológico de risco articulado a uma concepção de ambiente própria da Epidemiologia, um ambiente fictício, uma espécie de universo paralelo, formado por sucedâneos de populações humanas. Arrisca-se mais ainda ao propor que o homem pós-moderno teria o conceito de risco como elemento fundante na sua fabricação enquanto figura mítica, na medida em que será cada vez mais viável reconhecê-lo não pelo que ele tem de humano, subjetivo, pelo que tem de singular, pessoal, exclusivamente seu, mas pelo que compartilha com todos. E, conclui, em termos de saúde, o que se compartilha com os outros é o risco, conceito cunhado e desenvolvido sob medida para falar de uma patologia dos *cyborgs*. (ALMEIDA FILHO, 1997a)

A partir do Congresso de Epidemiologia realizado em Salvador (1995), onde as intervenções sobre causalidade e teoria do caos sobressaíram como temáticas de interesse epidemiológico, escreve um ensaio, no qual analisa a contradição primária entre indeterminação e determinação ou, em outros termos, entre caos e causa, que parecia ter animado a “epistemologia implícita” dos epidemiólogos, incluindo esse novo texto como apêndice na nova edição de *A clínica e a epidemiologia*. (ALMEIDA FILHO, 1997a)

No final da década de 1990, em parceria com Jairnilson Paim, Naomar inicia uma revisão crítica dos usos “para-kuhnianos” do conceito de paradigma na saúde. Como consequência desse mergulho crítico na teoria dos paradigmas, critica a pertinência de uma “anúnciação” da emergência dos novos paradigmas. Novamente com Jairnilson Paim, busca ampliar o escopo da definição de ‘paradigma’, numa tentativa de instrumentalizar esse conceito na análise histórico-social da Saúde Coletiva como campo científico e âmbito de práticas. (PAIM; ALMEIDA FILHO, 2000)

Para dar conta de problemas filosóficos, lacunas teóricas e impasses identificados nessas etapas exploratórias, conclui e publica, no ano 2000, duas obras – *A ciência da saúde* e *La ciencia tímida: ensayos hacia la deconstrucción de la epidemiologia* – onde define quatro termos-chave como base para uma epistemologia da epidemiologia: práxis, pluralidade metodológica, complexidade, transdisciplinaridade. Segundo o próprio autor:

O conceito de práxis conforma e possibilita uma epidemiologia do modo de vida: trata-se de problematizar a incorporação de significado e sentido ao risco, seus fatores e seus efeitos. Isto implica abrir a Epidemiologia ao estudo não só das situações de saúde mas também das representações da saúde e suas determinações, no mundo da vida, na cotidianidade, nos modos de vida, através do conceito particular de “práticas de saúde”. As formas de produção da vida social, expressão concreta do modo de vida, também operam uma dinâmica complexa articulada a sistemas de signos, significados e práticas relacionados aos fatos sociais da vida, saúde, sofrimento e morte, ou seja, as práticas da vida cotidiana de que fala Mario Testa⁶, A análise da relação modo de vida & saúde passa necessariamente por uma semiologia e uma pragmática dos processos saúde-enfermidade-cuidado, tomando-os como efeitos de um duplo processo de construção social, tanto como produto de atos concretos de exposição-proteção a fatores e configurações de risco, efeito de estilos de vida, quanto como processos de reconhecimento e designação de anormalidade e presença de patologia, etapas prévias às respostas sociais frente aos problemas de saúde. (ALMEIDA FILHO, 2000)

Com a finalidade de viabilizar essa construção teórica, Naomar postulou a construção de um novo ramo da ciência epidemiológica: a etnoepidemiologia, considerando que a natureza desigual e multifacetada do objeto epidemiológico justificaria o emprego de um “pluralismo metodológico”, que possibilite a combinação de diferentes estratégias de investigação e técnicas de pesquisa. Tal proposta, embrionária na primeira fase de maturação teórica do autor, ainda na década de 1980, apontava para a necessidade de a investigação epidemiológica ser realizada cada vez mais por equipes transdisciplinares.

MODELOS COMPLEXOS DE SAÚDE-DOENÇA-CUIDADO

Retomando o projeto de uma revisão extensiva das tentativas de construção do novo paradigma no campo da Saúde Coletiva, nas obras citadas, Naomar introduz a questão da complexidade em saúde, sugerindo que um novo paradigma científico encontra-se em pleno desenvolvimento, demandando categorias

6 Médico sanitário e pensador argentino, introdutor e depois crítico do planejamento estratégico em saúde. Autor, entre outros textos, dos livros *Pensar em saúde* (TESTA, 1991) e *Saber em saúde* (TESTA, 1997), bastante utilizados em cursos de pós-graduação no Brasil como referência ao debate crítico acerca das políticas e práticas de saúde nas sociedades contemporâneas, especialmente levando em conta a especificidade das sociedades latino-americanas.

epistemológicas próprias (como a categoria da complexidade⁷), novos modelos teóricos (como a “teoria do caos”) e novas formas lógicas de análise (como, por exemplo, a geometria fractal e os modelos matemáticos não lineares).

Seus escritos de reflexão crítica sobre os fundamentos históricos e epistemológicos da epidemiologia permitiram avançar na construção de modelos de complexidade para a pesquisa sobre desigualdades sociais em saúde.

Nesta vertente, especificamente, destacam-se os seguintes registros:

- Concepção de modelo classificatório dos desenhos de pesquisa do campo epidemiológico integrados a estratégias de produção de dados da área de saúde, em eixos taxonômicos complementares: posicionamento do investigador e dimensão temporal do estudo, inovando o esquema de Kleinbaum, Kupper & Morgenstern.
- Aplicação da teoria dos protótipos na investigação em saúde mental do ponto de vista da epidemiologia e da antropologia médica, resultando em novo método de análise para estudos de comorbidade entre depressão, ansiedade e alcoolismo.
- Elaboração da teoria do “modo de vida e saúde”, abordagem dos aspectos semiológicos e praxiológicos da saúde através do estudo de “sistema de signos, significados e práticas de Saúde” (linha de pesquisa em colaboração com Gilles Bibeau, Université de Montréal, e Ellen Corin, Douglas Research Center, McGill University).
- Proposição e desenvolvimento do conceito de ‘Etnoepidemiologia’ para nomear a abordagem epidemiológica necessária para estudar a produção social dos riscos na cotidianidade, incluindo aspectos simbólicos.
- Em termos epistemológicos senso estrito, formulação própria do problema geral da transdisciplinaridade no campo da Saúde Coletiva, fundamentando-a numa perspectiva pragmatista da construção de discursos intercientíficos.
- Análise conceitual das teorias de desigualdades em saúde, estabelecendo terminologia mais precisa para construir matriz semântica comum, essencial para avanço da pesquisa sobre o tema das desigualdades em saúde a partir de modelos complexos de Saúde-Doença-Cuidado multiplanos, multiníveis, interativos (linha de pesquisa

7 A essa altura Naomar começa a se aproximar do pensamento de Edgar Morin (1984, 2003) autor que retomaria, mais tarde, quando reitor, especificamente por conta da revisão do debate coordenado por Morin em torno da reforma do ensino na França (2001, 2002, 2005).

em colaboração com Ichiro Kawachi, Center for Health and Society, e Nancy Krieger, Center for Population Studies, ambos da Harvard School of Public Health).

Cabe destacar que, a partir de 1994, Naomar começou a explorar a questão da transdisciplinaridade na ciência, na oportunidade de uma intervenção na I Conferência Pan-Americana de Educação em Saúde Pública. Dois anos depois, apresenta suas reflexões relacionadas ao tema numa mesa redonda sobre *Bases Filosóficas da Medicina*, no Congresso da Abem (Associação Brasileira de Educação Médica), realizado em Salvador, em outubro de 1996. Posteriormente redigiu um texto com o essencial da argumentação, publicando-o na recém-lançada revista da Associação Brasileira de Pós-Graduação em Saúde Coletiva (Abrasco), *Ciência e Saúde Coletiva*. (ALMEIDA FILHO, 1997b)

Conforme o próprio autor, suas proposições avançam uma definição da transdisciplinaridade com base na possibilidade de comunicação não entre campos disciplinares, mas entre agentes em cada campo, através da circulação não dos discursos (pela via da tradução), mas pelo trânsito dos sujeitos dos discursos. Frente a um dado objeto complexo, cada um dos campos disciplinares que a ele se relacionam tem acesso somente a uma faceta particular deste objeto.

Os agentes da prática científica que tiverem acesso a uma formação transdisciplinar, segundo ele, serão capazes de transitar entre pelo menos dois campos disciplinares enquanto os especialistas permanecem restritos aos seus respectivos campos. Esses novos sujeitos do conhecimento, portanto, serão

[...] mutantes metodológicos prontos para o trânsito interdisciplinar, transversais, '*operadores transdisciplinares da ciência*', capazes de trans-passar fronteiras, à vontade nos diferentes campos de trans-formação, agentes transformadores e transformantes, inseridos nos distintos campos científicos que estruturam o campo de práticas da Saúde Coletiva. (ALMEIDA FILHO, 2000)

Como se pode perceber, o desdobramento teórico-metodológico de seu pensamento no campo da saúde, aponta para a possibilidade de transformações no processo de formação dos sujeitos das práticas de produção de conhecimento e de intervenção sobre os complexos problemas de saúde tal como se apresentam na contemporaneidade. Aí encontramos a base epistemológica e os fundamentos teóricos das proposições políticas que,

posteriormente, Naomar de Almeida Filho vem a fazer, enquanto dirigente da UFBA e condutor do processo de reforma da arquitetura acadêmica desta Universidade.

AÇÃO POLÍTICO-INSTITUCIONAL NA UNIVERSIDADE

Naomar inicia sua experiência como gestor quando foi eleito coordenador do Programa de Pós-Graduação em Saúde Comunitária da UFBA em 1984-1990. Durante este período conduziu um processo interno de revisão curricular do mestrado em Saúde Comunitária e iniciou, juntamente com Sebastião Loureiro e Maurício Barreto, o debate em torno da possibilidade de implantação do doutorado em Saúde Pública, que veio a acontecer no início da década de 1990.

Eleito chefe do Departamento de Medicina Preventiva da Faculdade de Medicina (1991-1993), iniciou o debate interno acerca da possibilidade de desenvolvimento institucional do DMP com vistas a mais autonomia em relação à Faculdade de Medicina da UFBA. Neste sentido, apoiou o trabalho da comissão que elaborou o projeto inicial para a implantação do Instituto de Saúde Coletiva e coordenou as discussões em torno das estratégias a serem desenvolvidas no âmbito da Famed e nas instâncias da Administração Superior da UFBA para viabilizar esta proposta. (UFBA. ISC, 1994)

O processo de implantação do ISC, ocorrido na gestão do reitor Luiz Felipe Serpa, em 1994-95, contemplou a transferência de um conjunto de docentes do DMP/Famed para a nova unidade universitária, a qual ficou responsável pela maior parte das atividades de ensino, pesquisa e extensão anteriormente desenvolvidas no DMP, inclusive o Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva (PPGSC), a essa altura já composto pelos cursos de mestrado e doutorado. (UFBA.ISC, 2004)

Naomar foi eleito o primeiro diretor do ISC, inicialmente em caráter *pro tempore*, em virtude da tramitação do processo de mudança do Regimento da UFBA (para incluir a nova unidade) no âmbito do Conselho Federal de Educação, sendo referendado no cargo pelo conjunto dos docentes, funcionários e estudantes ligados ao PPGSC, logo após a aprovação do parecer final do Conselho, que funda, efetivamente, a criação do instituto.

Nos seis anos, de 1995 a 2001, em que permaneceu na Diretoria do ISC, implementou o projeto coletivo elaborado pelo grupo fundador, o qual

tem sido aperfeiçoado continuamente através de seminários anuais cujas propostas são incorporadas, periodicamente, em Planos Diretores que sistematizam os objetivos estratégicos e áreas de ação prioritária dos docentes e pesquisadores do ISC, traduzindo-os em programas e projetos de ensino, pesquisa e cooperação técnica interinstitucional. (TEIXEIRA, C., 2006)

O estilo de gestão que Naomar imprimiu ao ISC, em seus primeiros anos de existência, tornou-se uma marca registrada, melhor dizendo, uma cultura organizacional que alia o compromisso com a excelência acadêmica à busca de sustentabilidade econômico-financeira e legitimação política diante dos atores, movimentos e forças sociais empenhados no processo de construção do campo da Saúde Coletiva e de transformação dos sistemas e práticas de saúde na direção apontada pelo processo de Reforma Sanitária.

De fato, sua gestão assentou as bases desse *modus operandi* do ISC, cabendo salientar a articulação de um conjunto de apoios institucionais que se materializaram em projetos de cooperação técnica entre o ISC e instituições públicas de saúde, a exemplo da Secretaria Estadual de Saúde da Bahia, durante a gestão de José Maria de Magalhães Neto e, posteriormente, do Ministério da Saúde, ainda na gestão de José Serra.

Com isso, foi possível concretizar investimentos na melhoria da infraestrutura do instituto, ao tempo em que se avançava com a ampliação do corpo técnico de alta qualificação, constituído, em grande parte, por egressos do PPGSC que se envolveram na realização dos programas e projetos de pesquisa, nos diversos grupos e linhas que foram se consolidando no ISC, bem como em projetos de formação e capacitação de pessoal, assessorias e consultorias a órgãos públicos de saúde em nível nacional e internacional.

A partir daí avançou-se significativamente na ampliação e consolidação do Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva, o qual, na gestão de Naomar, passou a incluir a modalidade de mestrado profissionalizante em Saúde Coletiva, cuja concepção supera o recorte disciplinar das áreas de concentração do mestrado e doutorado acadêmicos, ao propor uma arquitetura curricular de base temática, que toma como eixo os âmbitos da prática em Saúde Coletiva. (DOURADO et al., 2005)

O salto de qualidade verificado no âmbito deste Programa, de fato um esforço coletivo dos docentes e alunos envolvidos, vem sendo reconhecido nas sucessivas avaliações da Capes, que considera o ISC-UFBA um dos principais centros de pesquisa e pós-graduação em Saúde Pública no Brasil, não só pela alta produtividade e qualidade de sua produção científica, senão que

também pelo impacto que esta produção, disseminada através dos cursos, oficinas, seminários, consultorias, assessorias, vem tendo no aperfeiçoamento da gestão, organização, avaliação e reorganização de práticas de saúde coletiva no âmbito do SUS.

Ao concluir essa etapa, Naomar, agora já testado e legitimado como gestor no espaço universitário, reconhecido, inclusive, pelos pares com quem dialogava, enquanto diretor do ISC, nos órgãos da Administração Superior da UFBA na gestão do reitor Heonir Rocha, dirigiu-se à Harvard School of Public Health, convidado para ministrar aulas como professor visitante.

Enquanto isso, na UFBA, começava-se a organizar mais um processo de consulta à comunidade universitária para a escolha do próximo reitor, sendo o nome de Naomar cogitado. Um grupo de professores encaminhou o convite para que ele viesse apresentar-se como candidato à Reitoria, sendo o vencedor da consulta à comunidade acadêmica, realizada no mês de maio de 2002, eleição referendada pelo ministro da Educação, Paulo Renato Souza. Assim, Naomar tomou posse em agosto de 2002, sendo vice-reitor o professor Francisco José Gomes de Mesquita.

O resultado positivo da gestão de Naomar pode ser aferido pelo fato de ter sido reeleito para um segundo mandato, mantendo a maior parte da equipe que participou da gestão iniciada em 2002.

O REITORADO

Sua gestão na Reitoria estendeu-se por oito anos (2002-2010), período no qual a UFBA dobrou a oferta de vagas na graduação, triplicou matrículas nos programas de pós-graduação e iniciou a implementação de um conjunto de projetos que apontam para a transformação da arquitetura acadêmica da instituição e sua abertura para as necessidades sociais e políticas que se configuram nesse início do século XXI.

Destes, cabe destacar, inicialmente, o Programa de Ações Afirmativas, tradução do compromisso assumido desde a primeira campanha, em 2002, com a modificação dos critérios de ingressos dos alunos no curso superior. Este programa contemplou o estabelecimento de cotas, em todos os cursos, destinadas a candidatos que fossem egressos de escolas públicas e

simultaneamente pertençam a “minorias”⁸ étnicas (negros e índios). (ALMEIDA FILHO et al., 2005) Atualmente o Programa de Ações Afirmativas da UFBA é reconhecido como um dos mais bem elaborados do país, não só pela combinação de critérios de ingressos, senão por contemplar ações que incluem a preparação, o ingresso, a permanência e a graduação dos cotistas, cujo desempenho, ademais, vem sendo monitorado sistematicamente, com resultados extremamente positivos.⁹

Em seguida, é necessário ressaltar os esforços empreendidos pela equipe por ele conduzida com relação à elaboração e implantação do Reuni¹⁰ na UFBA, objeto, inicialmente, de intenso debate crítico e rejeição por parte de alguns segmentos do corpo docente e amplos segmentos do movimento estudantil. A discussão em torno desse projeto ocupou grande parte do tempo político da segunda gestão, resultando em um amplo compromisso institucional com a implantação de 28 novos cursos de graduação, abertura de 21 novas turmas de cursos existentes, abertura de 16 turmas de Licenciaturas especiais, implantação de 7 cursos de Educação Superior Tecnológica e implantação de 4 Bacharelados Interdisciplinares. (UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA, 2011)

No que diz respeito à criação dos Bacharelados Interdisciplinares, vale a pena destacar a coerência e articulação dessa proposta com a reflexão crítica que Naomar já vinha desenvolvendo há quase uma década acerca da interdisciplinaridade e transdisciplinaridade no âmbito da produção científica contemporânea, apontando seus possíveis desdobramentos no espaço da formação de novos sujeitos “operadores da transdisciplinaridade” no campo científico e nas práticas sociais de saúde.

Essa linha de reflexão foi aprofundada no contexto da experiência como reitor, na medida em que ele ampliou seus estudos de modo a incorporar a contribuição de Boaventura Santos (1997, 2005), acerca da reforma da uni-

8 Cabe registrar que afro-descendentes e índio-descendentes estão longe de ser “minorias” em um Estado como a Bahia, especialmente em Salvador, onde cerca de 80% da população são de afro-descendentes.

9 A análise do desempenho dos cotistas revela que estes, em sua grande maioria, apresentam rendimento acadêmico igual ou superior à média dos alunos que ingressaram pela forma tradicional. Ver *Relatório de gestão*, 2010. Salvador, 2011 (no prelo).

10 O Reuni (Programa de Apoio a Planos de Expansão e Reestruturação das Universidades Federais), foi lançado pelo MEC em abril de 2007 (Decreto Presidencial nº 6.096/07). Contempla o aumento significativo de recursos financeiros a serem empregados na construção e reforma de instalações físicas das universidades e apoio à reestruturação pedagógica do sistema federal de educação superior concebido para duplicar a oferta de vagas no ensino público.

versidade, convidando-o inclusive a proferir uma das aulas inaugurais do ano letivo na UFBA nesse período. Na mesma linha, passou a dialogar com as ideias pioneiras de Anísio Teixeira (1989), com relação ao desenvolvimento do ensino superior no país, autor que passou a ser uma das maiores fontes de inspiração durante o Reitorado.

Estas reflexões ganharam concretude com o desencadeamento do trabalho da equipe de docentes que se envolveu, sob sua coordenação, na elaboração do projeto pedagógico dos Bacharelados Interdisciplinares, aprovado pelo Conselho Universitário, em junho de 2008. O conjunto de estudos e debates realizados tornou claro o significado dessa inovação pedagógica no âmbito acadêmico, enfatizando a pertinência de se buscar implantar projetos pedagógicos que promovam relações entre as ciências, as humanidades e as artes, compreendidas enquanto formas não excludentes de conhecimento e de ação no mundo da vida.

Ao mesmo tempo, à proporção que se avançava com a elaboração da proposta, foi se consolidando a percepção acerca de seu significado estratégico, não só por potencializar tendências inovadoras que já vêm sendo desenvolvidas em várias unidades e núcleos de ensino e pesquisa da UFBA, nas diversas áreas, mas também por projetarem politicamente o ensino de graduação – particularmente, os Bacharelados Interdisciplinares no cenário das reformas do ensino universitário que vêm sendo implementadas nas universidades europeias¹¹, facilitando, portanto, a realização de programas de intercâmbio dos alunos.

Para sediar estes cursos, o Conselho Universitário (Consuni) aprovou, ainda em 2008, a criação do Instituto de Humanidades, Artes e Ciências Professor Milton Santos¹², concebido para acolher os alunos dos Bacharelados Interdisciplinares e desenvolver programas de pesquisa e pós-graduação, bem como projetos de extensão que contribuam para o fortalecimento das abordagens inter e transdisciplinar na UFBA.

11 De fato, com esta nova modalidade de graduação em regime de ciclos busca-se tornar o ensino superior na universidade brasileira compatível com os modelos do *college* nos EUA e do *bachelor* de Bolonha na União Europeia. Ver *Relatório de gestão*, 2010. Salvador, 2011 (no prelo).

12 A homenagem ao Prof. Milton Santos, sem dúvida, resultou do reconhecimento da importância de seu pensamento acerca do mundo contemporâneo, como mais uma das fontes de inspiração no processo de elaboração das propostas inovadoras no âmbito da UFBA. Neste sentido, o curso de Estudos da Contemporaneidade, componente curricular que faz parte do projeto pedagógico dos Bacharelados Interdisciplinares, inclui em seu programa textos de Milton Santos (2003) ao lado de outros autores que refletiram e refletem sobre a modernidade, pós-modernidade e contemporaneidade no mundo e no Brasil.

A implantação do IHAC foi iniciada em setembro de 2008, com a nomeação do diretor *pro tempore*, Prof. Albino Canelas Rubim, e a indicação dos coordenadores dos Bacharelados Interdisciplinares. Atualmente sob a direção do Prof. Sergio Farias, o novo instituto já conta com um conjunto de mais de 50 docentes e quase dois mil alunos, que ingressaram na UFBA através da pontuação obtida no Exame Nacional do Ensino Médio (Enem).

Além do Programa de Ações Afirmativas e do Projeto Reuni-UFBA, que, sem dúvida, passarão à história como a marca que Naomar deixou no período que dirigiu a instituição, cabe mencionar duas iniciativas desenvolvidas ao longo de sua gestão que refletem sua concepção de universidade, explicitada sob a forma de uma crônica, incluída no livro que publicou em 2007, compilando as reflexões elaboradas a partir de sua inserção na Reitoria. (ALMEIDA FILHO, 2007) Segundo Naomar, trata-se de entender a universidade como uma instituição cuja “alma”¹³ (o espírito universitário) implica um sentimento de “ser uno com os outros”, daí a necessidade de se buscar ultrapassar os muros e conectar-se com o que acontece no mundo.

Nesse caso, a tradução desse sentimento veio a se dar, durante sua gestão como reitor, no esforço de produzir dois movimentos que se completam e articulam: a interiorização da UFBA, com a criação e fortalecimentos de campi avançados em cidades do interior da Bahia, acompanhando a reconfiguração dos territórios econômicos, mas também respondendo aos anseios da população que busca incluir seus filhos na aventura da modernização, quem sabe, ecos do desenvolvimentismo que Naomar vivenciou, quando menino, em sua pequena cidade do sul do Estado.

Por outro lado, a busca de internacionalização da UFBA, apontando a necessidade de se ultrapassar a província, considera que, em um mundo globalizado, não é possível mais se pensar que apenas a elite pode se dar ao luxo de viver o mundo como sua aldeia. Por que não conectar a UFBA com as melhores universidades do Brasil e do mundo, criando pontes para que os alunos e docentes possam compartilhar do espírito verdadeiramente universitário?

Finalmente, não poderia concluir a descrição da passagem de Naomar pela Reitoria da UFBA sem registrar um episódio que ele mesmo se encarregou de frisar, quando da apresentação do relatório de sua gestão, em agosto de 2010, no Salão Nobre da Reitoria, para uma plateia atenta e respeitosa.

13 Termo criado por Mario Testa (2002) em sua reflexão acerca das instituições “hipercomplexas”. Preferi utilizá-lo, ao invés de “espírito universitário”, referido na crônica de Naomar

Trata-se do trabalho de recuperação do acervo da Biblioteca da Faculdade de Medicina do Terreiro de Jesus, iniciativa desenvolvida ainda na primeira gestão, com apoio do então pró-reitor de Extensão, Prof. Antonio Nery Filho.

Como se sabe, a Faculdade de Medicina da Bahia foi fundada em 1808, por D. João VI, em sua passagem por Salvador, indo para o Rio de Janeiro, onde estabeleceu a corte portuguesa que fugia das tropas de Napoleão. Quando Edgard Santos iniciou o processo de organização da atual Universidade Federal da Bahia, reuniu as antigas faculdades e escolas de ensino superior existentes em Salvador, partindo, evidentemente, da antiga Faculdade de Medicina, espaço de produção científica e de debate político no Brasil durante o Império e a República Velha.

Recuperar a tradição, a memória da Faculdade de Medicina, os livros de seu acervo, parcialmente destruído por um incêndio no início do século XX e entregues à ação implacável das traças, revela o amor ao saber, o culto a esses objetos, os livros, que guardam a memória dos tempos idos e os sonhos do porvir, nos fazendo pensar que talvez Jorge Luis Borges tenha razão quando diz que “o paraíso sempre me pareceu uma espécie de biblioteca”.

AINDA É CEDO PARA CONCLUIR

Por último, gostaria de destacar que esta breve biografia acadêmica é necessariamente inacabada, porquanto a carreira de Naomar de Almeida Filho ainda não está concluída, pelo contrário, já que ele se encontra na plenitude de sua capacidade intelectual e da potencialidade da ação política.

Especificamente com relação ao desenvolvimento de suas ideias e dos projetos inovadores que ele, enquanto “líder-jardineiro” (SENGE, 1997, 2000, URIBE RIVERA, 2003a, 2003b) semeou na UFBA, há muito por fazer para consolidar os avanços, obter resultados e abrir novas frentes de trabalho. Uma coisa, porém, me parece certa: Naomar continuará trabalhando com o entusiasmo (quase) juvenil que revela quando conversa com seus alunos, mirando o futuro e firmemente ancorado no tempo presente.

APÊNDICE A – PRODUÇÃO CIENTÍFICA

Em termos quantitativos, a produção científica de Naomar de Almeida Filho totaliza 276 publicações, incluindo 61 capítulos em coletâneas (13 no exterior) e 158 artigos (41 em revistas estrangeiras), além de 20 livros (5 publicados no exterior), cuja tiragem somada ultrapassa 30 mil exemplares. Além disso, proferiu 215 conferências e palestras em diversas instituições no Brasil e em 12 países (EUA, Canadá, Argentina, Peru, Chile, França, Suíça, Uruguai, Venezuela, Nicarágua, Espanha e Itália), divulgando suas contribuições teórico-metodológicas aos estudos sobre Epidemiologia, Saúde Coletiva e Universidade. Listamos a seguir algumas de suas principais publicações, sob a forma de livros e artigos por área temática, bem como a extraordinária relação de prêmios e títulos que ele conquistou ao longo dos 30 anos de carreira acadêmica.

- **Política de Saúde Mental e Assistência Psiquiátrica:** A produção científica nesta linha compreende 21 trabalhos, em sua maior parte publicados entre 1976 e 1987, principalmente em veículos nacionais, exceção feita à introdução à obra de Basaglia e ao capítulo incorporado à coletânea *Primary health care and psychiatric epidemiology*, organizada por Brian Cooper e Robin Eastwood.
- **Psiquiatria Infantil:** Esta linha de pesquisa, iniciada em 1976, resultou em 20 trabalhos, alguns publicados em periódicos de circulação internacional, como *Social Psychiatry* (Springer Verlag, Londres-Berlin), *Population & Environment* (Kluwer, New York-Londres), *Acta Psiquiátrica y Psicológica de America Latina* (RedACTA, Buenos Aires) e *Revista de Psicología Contemporánea* (APMEX, Cidade do México) culminando com a publicação de uma coletânea intitulada *Epidemiologia das desordens mentais na infância no Brasil*, 1985.
- **Epidemiologia Social em Saúde Mental:** A produção científica referente a esta linha de pesquisa foi amplamente divulgada em periódicos nacionais da área psiquiátrica, como *Jornal Brasileiro de Psiquiatria, Neurobiologia* e *Revista ABP-APAL* e em periódicos indexados da área da Saúde Coletiva, como *Revista de Saúde Pública* e *Cadernos de Saúde Pública*. Além disso, alcançou revistas científicas de circulação internacional, como *Culture, Medicine and Psychiatry* (Harvard Medical School), *Psychological Medicine* (Insti-

tute of Psychiatry, Londres) *Latin American Research Review* (LASA, Washington), *Acta Psychiatrica Scandinavica* (Copenhagen), *Social Psychiatry, Psychiatric Epidemiology* (Springer Verlag, Berlim), *The International Journal of the Addictions*, *Curare – Journal for Ethnomedicine* e o *British Journal of Psychiatry*. Além de artigos originais em periódicos, merece destaque o verbete sobre *Epidemiologia Psiquiátrica*, em coautoria com Glorisa Canino, publicado na Enciclopedia Ibero-Americana de Psiquiatria, editada por Guillermo Vidal, Renato Alarcón e Fernando Solas.

- **Bases Teóricas da Epidemiologia/Saúde Coletiva:** *Epidemiologia & saúde* (com Zélia Rouquayrol Rio: Guanabara-Koogan, 6. ed. 2003); *Introdução à epidemiologia* (com Zélia Rouquayrol, Rio de Janeiro: Guanabara-Koogan, 4. ed. 2006); *Epidemiologia sem números* (em português, Rio de Janeiro: Campus, 1989; tradução em espanhol, Buenos Aires: Paltex/Opas, 1992); *A clínica e a epidemiologia* (Rio de Janeiro: Abrasco/ APCE, 2. ed. 1997); *A ciência da saúde* (São Paulo: Hucitec, 2000); *La ciencia tímida: ensayos hacia la deconstrucción de la epidemiología* (Buenos Aires: Editorial Lugar, 2000).
- **Estudos sobre a universidade e sua relação com a sociedade:** *Universidade nova: textos críticos e esperançosos* (Brasília: Ed. da UnB; Salvador: EDUFBA, 2007) e, em coautoria com Boaventura Sousa Santos, *A universidade no século XXI: para uma universidade nova* (Coimbra: Almedina, 2008).

APÊNDICE B – PRÊMIOS E TÍTULOS

2009 – Medalha de Mérito Oswaldo Cruz, na categoria Ouro, Ministério da Saúde. 2008 – Sócio Honorário da Sociedade de Medicina e Cirurgia do Rio de Janeiro. 2007 – Ordem de Rio Branco – Grande Oficial. Ministério das Relações Exteriores, Brasília. 2007 – Medalha do Mérito Tamandaré. Conselho da Ordem do Mérito Naval, Marinha do Brasil, Brasília. 2005 – Cátedra Juan Cesar Garcia, Universidad de Guadalajara, México (Primeiro Titular). 2003 – Doctor of Science Honoris Causa, McGill University. 2002 – Medalha Eugênio Teixeira Leal, Museu Eugênio Teixeira Leal. 1999 – Prêmio Roche de Pesquisa sobre Depressão, Associação Brasileira de Psiquiatria. 1991 – Certificate of Appreciation, International Society on Hypertension in Blacks. 1987 – Prêmio Prof.

Adriano Pondé, II Congresso Médico-Social da Bahia, Associação Bahiana de Medicina. 1986 – Prêmio Pesquisador do Ano, UFBA-Universidade Federal da Bahia / Fapex-Fundo de Apoio à Pesquisa e Extensão. 1985 – International Prize on Social Psychiatry, Universidad de Saragoza / Caja de Ahorros de la Imaculada. Saragoza, Espanha. 1983 – Prêmio Magalhães Neto de Medicina Preventiva e Saúde Pública, Academia de Medicina da Bahia. 1983 – Prêmio Associação Brasileira de Psiquiatria, Associação Brasileira de Psiquiatria. 1981 – Premio Acta de Psiquiatria Social, Fondo Para la Salud Mental, Buenos Aires. 1980 – Prêmio Associação Brasileira de Psiquiatria, Associação Brasileira de Psiquiatria. 1979 – Prêmio Ulisses Pernambucano, Sociedade Brasileira de Neurologia, Psiquiatria e Higiene Mental. 1976 – Prêmio Literário Nestor Duarte, Menção Honrosa para o gênero romance, Fundação Cultural do Estado da Bahia. 1975 – Concurso de Dramaturgia Grupo Opinião, Primeiro Lugar para o gênero Dramaturgia Infantil, ICBA / Salvador-Bahia. 1974 – Concurso Literário Universidade Federal da Bahia, Primeiro Lugar para o gênero Conto, Universidade Federal da Bahia.

APÊNDICE C – CARGOS E FUNÇÕES

Presidente da Associação Psiquiátrica da Bahia (1980-1981). Secretário de Assuntos Científicos da Associação Bahiana de Medicina (1982-1983). Membro do Conselho Regional de Medicina da Bahia (1983-1988). Presidente da Comissão de Epidemiologia da Abrasco (1990-1992) e vice-presidente da Associação Ibero Americana de Epidemiologia (1992-1995). Consultor de organismos nacionais e internacionais (Ministério da Saúde, Ministério da Justiça, Capes, Opas, OMS, Banco Mundial, entre outros); membro e depois coordenador do Comitê Assessor de Saúde Coletiva do CNPq (1989-1993); membro do Comitê de Avaliação da Capes (1984-1988; 1996-2000); membro e Chairman do Comitê Científico Assessor da Organização Panamericana da Saúde (1994-1997); membro do GT/OMS sobre Indicadores de Saúde e consultor do Advisory Scientific Committee da Organização Mundial da Saúde (1998-2000). Membro do Conselho Estadual de Cultura da Bahia (2003-2007), do Conselho Estadual de Ciência e Tecnologia da Bahia (2007-presente) e do Conselho de Desenvolvimento Econômico e Social da Presidência da República (2007-presente), onde integra o Comitê Gestor do Observatório da Equidade.

2

Títulos honoríficos concedidos pela UFBA

Lídia Maria Brandão Toutain

Este item mapeia os títulos honoríficos¹ concedidos pelos Reitores da UFBA. Classificou-se pelo título e por ordem cronológica, que possibilita ao pesquisador uma visão geral dos títulos concedidos, por categorias e pelo Reitorado.

Os títulos são concedidos de acordo com a Resolução nº 02/98 (ANEXO A) e a Resolução nº 01/03 (ANEXO B).

“PROFESSOR HONORÁRIO”

REITORADO EDGARD SANTOS

Ano 1946

Nº DE ORDEM	HOMENAGEADO	ÓRGÃO PROPONENTE	AUTOR DA PROPOSTA	Nº DO PROCESSO	DATA DA APROVAÇÃO	DATA DA ENTREGA
01	Ernesto de Souza Campos	FFCH	Congregação	S/N	29.06.1946	02.07.1946
02	Pedro Calmon M. de Bittencourt	FFCH	Congregação	S/N	29.06.1946	02.07.1946

Ano 1950

Nº DE ORDEM	HOMENAGEADO	ÓRGÃO PROPONENTE	AUTOR DA PROPOSTA	Nº DO PROCESSO	DATA DA APROVAÇÃO	DATA DA ENTREGA
01	Bernardo Alberto Housay	MÉD	Congregação	S/N	05.07.1950	-

Ano 1951

Nº DE ORDEM	HOMENAGEADO	ÓRGÃO PROPONENTE	AUTOR DA PROPOSTA	Nº DO PROCESSO	DATA DA APROVAÇÃO	DATA DA ENTREGA
01	Horácio Lafer	ECO	Congregação	S/N	16.08.1951	Anot. Receb.

1 Fonte - Secretaria dos Órgãos Colegiados da UFBA.

Ano 1953

Nº DE ORDEM	HOMENAGEADO	ÓRGÃO PROPONENTE	AUTOR DA PROPOSTA	Nº DO PROCESSO	DATA DA APROVAÇÃO	DATA DA ENTREGA
01	Abel de Oliveira	FAR	Congregação	318/53	11.12.1953	-
02	Oscar Niemeyer Soares Filho	EBA	Congregação	S/N	11.12.1953	-

Ano 1954

Nº DE ORDEM	HOMENAGEADO	ÓRGÃO PROPONENTE	AUTOR DA PROPOSTA	Nº DO PROCESSO	DATA DA APROVAÇÃO	DATA DA ENTREGA
01	Hernani Cidade	FFCH	Congregação	S/N	30.08.1954	Anot. Receb.

Ano 1957

Nº DE ORDEM	HOMENAGEADO	ÓRGÃO PROPONENTE	AUTOR DA PROPOSTA	Nº DO PROCESSO	DATA DA APROVAÇÃO	DATA DA ENTREGA
01	Antônio Augusto B. Leite Faria	ECO	Congregação	S/N	04.04.1957	02.05.1957

Ano 1958

Nº DE ORDEM	HOMENAGEADO	ÓRGÃO PROPONENTE	AUTOR DA PROPOSTA	Nº DO PROCESSO	DATA DA APROVAÇÃO	DATA DA ENTREGA
01	Arpad Istvan Osapo	MED	Congregação	S/N	14.04.1958	Anot. Receb
02	Edgard Rego Santos	ODO	Congregação	S/N	08.09.1958	-
03	Manoel Ferrajota Santos	FFCH	Congregação	S/N	10.12.1958	21.12.1958

Ano 1960

Nº DE ORDEM	HOMENAGEADO	ÓRGÃO PROPONENTE	AUTOR DA PROPOSTA	Nº DO PROCESSO	DATA DA APROVAÇÃO	DATA DA ENTREGA
01	Harry M. Miller Jr.	MED	Congregação	S/N	03.03.1960	-
02	João Mangabeira	DIR	Congregação	S/N	12.05.1960	Anot. Receb.

Ano 1961

Nº DE ORDEM	HOMENAGEADO	ÓRGÃO PROPONENTE	AUTOR DA PROPOSTA	Nº DO PROCESSO	DATA DA APROVAÇÃO	DATA DA ENTREGA
01	Camilo Torrend	FFCH	Congregação	S/N	21.04.1961	-

REITORADO ALBÉRICO FRAGA

Ano 1962

Nº DE ORDEM	HOMENAGEADO	ÓRGÃO PROPONENTE	AUTOR DA PROPOSTA	Nº DO PROCESSO	DATA DA APROVAÇÃO	DATA DA ENTREGA
01	Albérico Pereira Fraga	FAR	Congregação	S/N	11.06.1962	Anot. Receb.

REITORADO MIGUEL CALMON

Ano 1964

Nº DE ORDEM	HOMENAGEADO	ÓRGÃO PROPONENTE	AUTOR DA PROPOSTA	Nº DO PROCESSO	DATA DA APROVAÇÃO	DATA DA ENTREGA
01	Quintino Mingéia	FAR	Congregação	S/N	27.08.1964	1965

Ano 1965

Nº DE ORDEM	HOMENAGEADO	ÓRGÃO PROPONENTE	AUTOR DA PROPOSTA	Nº DO PROCESSO	DATA DA APROVAÇÃO	DATA DA ENTREGA
01	Carlos Chagas Filho	MED	Congregação	S/N	09.09.1965	-

Ano 1966

Nº DE ORDEM	HOMENAGEADO	ÓRGÃO PROPONENTE	AUTOR DA PROPOSTA	Nº DO PROCESSO	DATA DA APROVAÇÃO	DATA DA ENTREGA
01	Alfred L. Seelye	ADM	Congregação	S/N	02.06.1966	-
02	Edward Watson Hook	MED	Congregação	S/N	05.04.1966	-
03	Hendric Zwarengteyn	ADM	Congregação	S/N	12.08.1966	-
04	Maria Aparecida Pourchet Campos	FAR	Congregação	S/N	25.04.1966	16.06.66

REITORADO ROBERTO SANTOS

Ano 1968

Nº DE ORDEM	HOMENAGEADO	ÓRGÃO PROPONENTE	AUTOR DA PROPOSTA	Nº DO PROCESSO	DATA DA APROVAÇÃO	DATA DA ENTREGA
01	Lafayette de Azevedo Pondé	ADM	Congregação	S/N	13.02.1968	Anot. Receb.
02	Pedro Calmon M. de Bittencourt*	FFCH	Congregação	S/N	15.05.1968	Anot. Receb.

*Anotado o recebimento de 02 (dois) títulos

Ano 1970

Nº DE ORDEM	HOMENAGEADO	ÓRGÃO PROPONENTE	AUTOR DA PROPOSTA	Nº DO PROCESSO	DATA DA APROVAÇÃO	DATA DA ENTREGA
01	Paul Tessier	LET	Congregação	S/N	24.03.1970	-

REITORADO LAFAYETTE PONDÉ**Ano 1973**

Nº DE ORDEM	HOMENAGEADO	ÓRGÃO PROPONENTE	AUTOR DA PROPOSTA	Nº DO PROCESSO	DATA DA APROVAÇÃO	DATA DA ENTREGA
01	Mario Gibson Barbosa	FFCH	Congregação	15071/73	12.09.1973	-

Ano 1974

Nº DE ORDEM	HOMENAGEADO	ÓRGÃO PROPONENTE	AUTOR DA PROPOSTA	Nº DO PROCESSO	DATA DA APROVAÇÃO	DATA DA ENTREGA
01	Paulo Sanaya	BIO	Congregação	S/N	13.08.1974	-

REITORADO ROGÉRIO VARGENS**Ano 1989**

Nº DE ORDEM	HOMENAGEADO	ÓRGÃO PROPONENTE	AUTOR DA PROPOSTA	Nº DO PROCESSO	DATA DA APROVAÇÃO	DATA DA ENTREGA
01	Donald Kaye	MED	Congregação	063529/89-52	27.02.1989	03.1990
02	Thomas C. Jones	MED	Congregação	012089/88-01	27.02.1989	14.05.1990
03	Warren Johnson Douglas Jr.	MED	Congregação	012089/88-01	27.02.1989	14.05.1990

Ano 1990

Nº DE ORDEM	HOMENAGEADO	ÓRGÃO PROPONENTE	AUTOR DA PROPOSTA	Nº DO PROCESSO	DATA DA APROVAÇÃO	DATA DA ENTREGA
01	Carlos da Silva Lacaz	MED	Congregação	S/N	21.03.1990	26.07.1991

REITORADO FELIPPE SERPA**Ano 1997**

Nº DE ORDEM	HOMENAGEADO	ÓRGÃO PROPONENTE	AUTOR DA PROPOSTA	Nº DO PROCESSO	DATA DA APROVAÇÃO	DATA DA ENTREGA
01	Luiz Aguiar Pinto	ECO	-	040223/96-00	13.06.1997	04.09.1997
02	Otto Richard Gottlieb	QUI	-	038755/96-89	09.04.1997	21.10.1997

REITORADO NAOMAR DE ALMEIDA FILHO

Ano 2002

Nº DE ORDEM	HOMENAGEADO	ÓRGÃO PROPONENTE	AUTOR DA PROPOSTA	Nº DO PROCESSO	DATA DA APROVAÇÃO	DATA DA ENTREGA
01	Jurgen Dieckert	EDC	-	023535/02-99	14.11.2002	17.03.2003

Ano 2003

Nº DE ORDEM	HOMENAGEADO	ÓRGÃO PROPONENTE	AUTOR DA PROPOSTA	Nº DO PROCESSO	DATA DA APROVAÇÃO	DATA DA ENTREGA
01	Elon Lages Lima	MAT	-	030376/02-05	29.01.2003	27.03.2003

Ano 2010

Nº DE ORDEM	HOMENAGEADO	ÓRGÃO PROPONENTE	AUTOR DA PROPOSTA	Nº DO PROCESSO	DATA DA APROVAÇÃO	DATA DA ENTREGA
01	Malaquias Batista Filho	NUT	-	003987/09-94	14.07.2010	-

TÍTULO DE “DOUTOR HONORIS CAUSA”

REITORADO EDGARD SANTOS

Ano 1948

Nº DE ORDEM	HOMENAGEADO	ÓRGÃO PROPONENTE	AUTOR DA PROPOSTA	Nº DO PROCESSO	DATA DA APROVAÇÃO	DATA DE ENTREGA
01	Eurico Gaspar Dutra	Conselho Universitário	Edgard Santos	S/N	11.11.1948	21.11.1948

Ano 1950

Nº DE ORDEM	HOMENAGEADO	ÓRGÃO PROPONENTE	AUTOR DA PROPOSTA	Nº DO PROCESSO	DATA DA APROVAÇÃO	DATA DE ENTREGA
01	Bela Székely	Conselho Universitário	Edgard Santos	S/N	09.09.1950	Anot. Receb.

Ano 1951

Nº DE ORDEM	HOMENAGEADO	ÓRGÃO PROPONENTE	AUTOR DA PROPOSTA	Nº DO PROCESSO	DATA DA APROVAÇÃO	DATA DE ENTREGA
01	Maximiliano José de M. Correia	Conselho Universitário	Edgard Santos	S/N	28.09.1951	-

Ano 1955

Nº DE ORDEM	HOMENAGEADO	ÓRGÃO PROPONENTE	AUTOR DA PROPOSTA	Nº DO PROCESSO	DATA DA APROVAÇÃO	DATA DE ENTREGA
01	Benjamin Grahans Horming	Conselho Universitário	Edgard Santos	S/N	07.11.1955	-
02	Hugh Luckey	MED	Congregação	S/N	26.08.1955	1961

Ano 1956

Nº DE ORDEM	HOMENAGEADO	ÓRGÃO PROPONENTE	AUTOR DA PROPOSTA	Nº DO PROCESSO	DATA DA APROVAÇÃO	DATA DE ENTREGA
01	Tomas Sonner Y. Ferrer	FFCH	Congregação	S/N	28.03.1956	-

Ano 1958

Nº DE ORDEM	HOMENAGEADO	ÓRGÃO PROPONENTE	AUTOR DA PROPOSTA	Nº DO PROCESSO	DATA DA APROVAÇÃO	DATA DE ENTREGA
01	Clóvis Salgado	Conselho Universitário	Edgard Santos	S/N	20.06.1958	14.11.1958
02	Deolindo Couto	Conselho Universitário	Edgard Santos	S/N	26.04.1958	-
03	Victor Hugo de Lemos	Conselho Universitário	Edgard Santos	S/N	26.04.1958	-

13	Leivis Haucke	Conselho Universitário	Edgard Santos	S/N	07.08.1959	-
14	Luther Evans	Conselho Universitário	Edgard Santos	S/N	07.08.1959	17.09.1959
15	Marcel Bataillon	Conselho Universitário	Edgard Santos	S/N	07.08.1959	17.09.1959
16	Marcelo J. das Neves A. Caetano	Conselho Universitário	Edgard Santos	S/N	07.08.1959	17.09.1959
17	Reynaldo dos Santos	EBA	Congregação	S/N	07.08.1959	17.09.1959
18	Thomas Clarck Pollock	Conselho Universitário	Edgard Santos	S/N	17.07.1959	21.07.1959

Ano 1959

Nº DE ORDEM	HOMENAGEADO	ÓRGÃO PROPONENTE	AUTOR DA PROPOSTA	Nº DO PROCESSO	DATA DA APROVAÇÃO	DATA DE ENTREGA
01	Álvaro J. da Costa Pimpão	Conselho Universitário	Edgard Santos	S/N	07.08.1959	17.09.1959
02	Anísio Spínola Teixeira	Conselho Universitário	Edgard Santos	S/N	07.08.1959	17.09.1959
03	Antônio Martins Filho	Conselho Universitário	Edgard Santos	S/N	07.08.1959	18.06.1985
04	Augusto Vaz Serra	Conselho Universitário	Edgard Santos	S/N	07.08.1959	17.09.1959
05	Carlton Sprague Smith	Conselho Universitário	Edgard Santos	S/N	07.08.1959	17.09.1959
06	Charles Ralf Boxer	Conselho Universitário	Edgard Santos	S/N	07.08.1959	17.09.1959
07	Damaso Alonso	Conselho Universitário	Edgard Santos	S/N	07.08.1959	17.09.1959
08	Ernesto Guerra de Cal	Conselho Universitário	Edgard Santos	S/N	07.08.1959	17.09.1959
09	Francis Millet Rogers	Conselho Universitário	Edgard Santos	S/N	07.08.1959	17.09.1959
10	Harvie Branscombe	Conselho Universitário	Edgard Santos	S/N	07.08.1959	17.09.1959
11	Jorge da Silva Horta	Conselho Universitário	Edgard Santos	S/N	07.08.1959	17.09.1959
12	José de Azeredo Perdigão	Conselho Universitário	Edgard Santos	S/N	07.08.1959	1966

Ano 1960

Nº DE ORDEM	HOMENAGEADO	ÓRGÃO PROPONENTE	AUTOR DA PROPOSTA	Nº DO PROCESSO	DATA DA APROVAÇÃO	DATA DE ENTREGA
01	Juscelino Kubitschek de Oliveira	Conselho Universitário	Edgard Santos	S/N	28.01.1960	09.07.1960

REITORADO ALBÉRICO FRAGA

Ano 1962

Nº DE ORDEM	HOMENAGEADO	ÓRGÃO PROPONENTE	AUTOR DA PROPOSTA	Nº DO PROCESSO	DATA DA APROVAÇÃO	DATA DE ENTREGA
01	Charles Walter Wagley	Conselho Universitário	Albérico Fraga	S/N	27.06.1962	-
02	Lester B. Pearson	Conselho Universitário	Albérico Fraga	S/N	30.07.1962	1962
03	Rodrigo Melo F. de Andrade	ARQ	Congregação	S/N	11.06.1962	-

Ano 1963

Nº DE ORDEM	HOMENAGEADO	ÓRGÃO PROPONENTE	AUTOR DA PROPOSTA	Nº DO PROCESSO	DATA DA APROVAÇÃO	DATA DE ENTREGA
01	Lúcio Costa	Conselho Universitário	Albérico Fraga	S/N	20.12.1963	-
02	Moyisés Bensabat Amzalak	Conselho Universitário	Albérico Fraga	S/N	23.08.1963	1963

Ano 1964

Nº DE ORDEM	HOMENAGEADO	ÓRGÃO PROPONENTE	AUTOR DA PROPOSTA	Nº DO PPROCESSO	DATA DA APROVAÇÃO	DATA DE ENTREGA
01	Hans Joackim Koellereuter	Conselho Universitário	Albérico Fraga	S/N	06.05.1964	-

REITORADO MIGUEL CALMON

Ano 1964

Nº DE ORDEM	HOMENAGEADO	ÓRGÃO PROPONENTE	AUTOR DA PROPOSTA	Nº DO PPROCESSO	DATA DA APROVAÇÃO	DATA DE ENTREGA
01	Herny Reining Húnior	Conselho Universitário	Miguel Calmon	S/N	30.11.1964	1965
02	Humberto de Alencar Castelo Branco	Conselho Universitário	Miguel Calmon	S/N	10.07.1964	07.08.1964
03	João de Deus B. Ramos	Conselho Universitário	Miguel Calmon	S/N	30.11.1964	02.12.1964
04	Leopoldo Sedar Senghor	Conselho Universitário	Miguel Calmon	S/N	02.09.1964	1964

Ano 1965

Nº DE ORDEM	HOMENAGEADO	ÓRGÃO PROPONENTE	AUTOR DA PROPOSTA	Nº DO PROCESSO	DATA DA APROVAÇÃO	DATA DE ENTREGA
01	John F. Rood	ADM	Congregação	3659/65	27.07.1965	30.07.1965

Ano 1966

Nº DE ORDEM	HOMENAGEADO	ÓRGÃO PROPONENTE	AUTOR DA PROPOSTA	Nº DO PROCESSO	DATA DA APROVAÇÃO	DATA DE ENTREGA
01	Arnold Toynbee	Conselho Universitário	Miguel Calmon	S/N	26.08.1966	02.09.1966

Ano 1967

Nº DE ORDEM	HOMENAGEADO	ÓRGÃO PROPONENTE	AUTOR DA PROPOSTA	Nº DO PROCESSO	DATA DA APROVAÇÃO	DATA DE ENTREGA
01	Felippe Herrera	Conselho Universitário	Miguel Calmon	S/N	13.02.1967	-

REITORADO ROBERTO SANTOS**Ano 1968**

Nº DE ORDEM	HOMENAGEADO	ÓRGÃO PROPONENTE	AUTOR DA PROPOSTA	Nº DO PROCESSO	DATA DA APROVAÇÃO	DATA DE ENTREGA
01	Adriano José Moreira	Conselho Universitário	Roberto Santos	S/N	24.05.1968	Anot. Receb
02	Clemente da Silva Nigra	EBA	Congregação	S/N	20.09.1968	25.09.1968
03	Eduardo Frei Montalva	Conselho Universitário	Roberto Santos	S/N	27.08.1968	09.09.1968
04	José Manuel de M. Pessoa Fragoso	Conselho Universitário	Roberto Santos	S/N	20.09.1968	-
05	René Maheu	MED	Congregação	S/N	30.12.1968	Anot. Receb

Ano 1969

Nº DE ORDEM	HOMENAGEADO	ÓRGÃO PROPONENTE	AUTOR DA PROPOSTA	Nº DO PROCESSO	DATA DA APROVAÇÃO	DATA DE ENTREGA
01	Arthur da Costa E Silva	Conselho Universitário	Roberto Santos	S/N	13.08.1969	-
02	Manuel Rocha	Conselho Universitário	Roberto Santos	S/N	13.08.1969	18.05.1970
03	Roberto Chester Smith	Conselho Universitário	Roberto Santos	S/N	23.07.1969	-

Ano 1971

Nº DE ORDEM	HOMENAGEADO	ÓRGÃO PROPONENTE	AUTOR DA PROPOSTA	Nº DO PROCESSO	DATA DA APROVAÇÃO	DATA DE ENTREGA
01	Emílio Garrastazu Médici	Conselho Universitário	Roberto Santos	S/N	18.05.1971	-
02	Jarbas Passarinho	Conselho Universitário	Roberto Santos	S/N	11.02.1971	-

REITORADO LAFAYETTE PONDÉ

Ano 1971

Nº DE ORDEM	HOMENAGEADO	ÓRGÃO PROPONENTE	AUTOR DA PROPOSTA	Nº DO PROCESSO	DATA DA APROVAÇÃO	DATA DE ENTREGA
01	Paulo Lauder	Conselho Universitário	Lafayette Pondé	S/N	30.12.1971	-

Ano 1972

Nº DE ORDEM	HOMENAGEADO	ÓRGÃO PROPONENTE	AUTOR DA PROPOSTA	Nº DO PROCESSO	DATA DA APROVAÇÃO	DATA DE ENTREGA
01	Emiliano Augusto C. de Melo	FFCH	Congregação	S/N	18.09.1972	-

Ano 1973

Nº DE ORDEM	HOMENAGEADO	ÓRGÃO PROPONENTE	AUTOR DA PROPOSTA	Nº DO PROCESSO	DATA DA APROVAÇÃO	DATA DE ENTREGA
01	José Hermano Saraiva	Conselho Universitário	Lafayette Pondé	S/N	06.12.1973	-
02	Luisa Guillard R. Sanseverina	DIR	Congregação	S/N	13.07.1973	-

REITORADO AUGUSTO MASCARENHAS

Ano 1979

Nº DE ORDEM	HOMENAGEADO	ÓRGÃO PROPONENTE	AUTOR DA PROPOSTA	Nº DO PROCESSO	DATA DA APROVAÇÃO	DATA DE ENTREGA
01	Pierre Gonnard	ICS	Congregação	32579/78	17.05.1979	Anot. Receb.

REITORADO LUIZ FERNANDO DE MACÊDO COSTA

Ano 1980

Nº DE ORDEM	HOMENAGEADO	ÓRGÃO PROPONENTE	AUTOR DA PROPOSTA	Nº DO PROCESSO	DATA DA APROVAÇÃO	DATA DE ENTREGA
01	Jorge Amado	LET	Congregação	127514/79	23.03.1980	31.07.1980

Ano 1981

Nº DE ORDEM	HOMENAGEADO	ÓRGÃO PROPONENTE	AUTOR DA PROPOSTA	Nº DO PROCESSO	DATA DA APROVAÇÃO	DATA DE ENTREGA
01	Afrânio Coutinho	LET	Congregação	484/81	09.02.1981	26.03.1981

Ano 1982

Nº DE ORDEM	HOMENAGEADO	ÓRGÃO PROPONENTE	AUTOR DA PROPOSTA	Nº DO PROCESSO	DATA DA APROVAÇÃO	DATA DE ENTREGA
01	Adonias Aguiar Filho	LET	Congregação	020/82	25.02.1982	20.04.1983
02	Eduardo Mattos Portela	LET	Congregação	020/82	25.02.1982	13.10.1983
03	Hector J. P. Bernabó - Caribé	EBA	Congregação	0366/82	25.02.1982	27.07.1982
04	Paulo de Tarso Alvim	BIO	Congregação	S/N	27.12.1982	14.10.1985
05	Rubem Valentim	EBA	Congregação	858/82	22.06.1982	20.09.1983

REITORADO GERMANO TABACOF**Ano 1984**

Nº DE ORDEM	HOMENAGEADO	ÓRGÃO PROPONENTE	AUTOR DA PROPOSTA	Nº DO PROCESSO	DATA DA APROVAÇÃO	DATA DE ENTREGA
01	Dorival Caymi	Conselho Universitário	Germano Tabacof	391122/84-81	20.11.1984	07.12.1984
02	João de Matos Antunes Varela	DIR	Congregação	S/N	21.08.1984	10.09.1984

Ano 1985

Nº DE ORDEM	HOMENAGEADO	ÓRGÃO PROPONENTE	AUTOR DA PROPOSTA	Nº DO PROCESSO	DATA DA APROVAÇÃO	DATA DE ENTREGA
01	Avelar Brandão Vilela	Conselho Universitário	Germano Tabacof	042791/81-01	23.10.1985	26.11.1985
02	Edgard de Cerqueira Falcão	FFCH	Congregação	S/N	14.08.1985	-
03	Mário de Magalhães Chaves	Conselho Universitário	Germano Tabacof	041326/85-18	27.02.1985	21.05.1985
04	Stuart Barry Schwartz	FFCH	Congregação	010106/85-05	16.04.1985	06.08.1987
05	Tancredo de Almeida Neves	Conselho Universitário	Germano Tabacof	041250/85-58	11.02.1985	27.11.1987

Ano 1986

Nº DE ORDEM	HOMENAGEADO	ÓRGÃO PROPONENTE	AUTOR DA PROPOSTA	Nº DO PROCESSO	DATA DA APROVAÇÃO	DATA DE ENTREGA
01	Albert Bruce Sabin	Conselho Universitário	Eliane Elisa Azevedo	0923/86	20.08.1986	-
02	Donald Pearson	FFCH	Congregação	010195/86-16	12.11.1986	-
03	Frederic Mauro	FFCH	Congregação	010388/85-51	08.05.1986	-
04	Milton de Almeida Santos	GEO	Congregação	254/86	12.09.1986	-

Ano 1987

Nº DE ORDEM	HOMENAGEADO	ÓRGÃO PROPONENTE	AUTOR DA PROPOSTA	Nº DO PROCESSO	DATA DA APROVAÇÃO	DATA DE ENTREGA
01	Haidêe Guanais Dourado	Conselho Universitário	Germano Tabacof	014020/87-97	20.05.1987	-

REITORADO ROGÉRIO VARGENS**Ano 1989**

Nº DE ORDEM	HOMENAGEADO	ÓRGÃO PROPONENTE	AUTOR DA PROPOSTA	Nº DO PROCESSO	DATA DA APROVAÇÃO	DATA DE ENTREGA
01	Oscar Niemeyer Soares Filho	ARQ	Congregação	048532/88-20	27.02.1989	-

Ano 1990

Nº DE ORDEM	HOMENAGEADO	ÓRGÃO PROPONENTE	AUTOR DA PROPOSTA	Nº DO PROCESSO	DATA DA APROVAÇÃO	DATA DE ENTREGA
01	Timóteo Amoroso Anastácio	EBA	Congregação	047475/89-14	21.03.1990	-

Ano 1991

Nº DE ORDEM	HOMENAGEADO	ÓRGÃO PROPONENTE	AUTOR DA PROPOSTA	Nº DO PROCESSO	DATA DA APROVAÇÃO	DATA DE ENTREGA
01	Jean Tricart	GEO	Congregação	053436/91-60	30.04.1991	-

REITORADO ELIANE ELISA DE S. AZEVÊDO

Ano 1992

Nº DE ORDEM	HOMENAGEADO	ÓRGÃO PROPONENTE	AUTOR DA PROPOSTA	Nº DO PROCESSO	DATA DA APROVAÇÃO	DATA DE ENTREGA
01	Alfredo Freitas Dias Gomes	LET	Congregação	061244/92-37	27.10.1992	-
02	Jacob Gorender	CEPGP	Amilcar Baiardi	070267/90-61	27.10.1992	-
03	Rômulo Almeida	AGRO	Orlando Passos	002895/92-12	19.11.1992	-

REITORADO LUIZ FELIPPE SERPA

Ano 1994

Nº DE ORDEM	HOMENAGEADO	ÓRGÃO PROPONENTE	AUTOR DA PROPOSTA	Nº DO PROCESSO	DATA DA APROVAÇÃO	DATA DE ENTREGA
01	Fernando Luiz Lobo Barbosa	ENG	Congregação	023057/92	18.01.1994	-
02	Glauber Pedro Andrade Rocha	Luiz Felipe Perret Serpa	Congregação	058563/08-94	08.08.1994	26.09.1994

Ano 1995

Nº DE ORDEM	HOMENAGEADO	ÓRGÃO PROPONENTE	AUTOR DA PROPOSTA	Nº DO PROCESSO	DATA DA APROVAÇÃO	DATA DE ENTREGA
01	Emília Ferreiro	Assembléia Legislativa	Dalva Maria de A. Martins	058609/94-08	22.03.1995	-
02	Manuel Fraga Iribarne	LET	Congregação	031529/95-40	22.03.1995	29.03.1995
03	Kátia Maria de Queiroz Mattoso	FFCH	Congregação	064027/95-88	30.08.1995	18.09.1995
04	Jacques Ives Costeau	BIO	Congregação	006525/95-98	30.08.1995	-

Ano 1996

Nº DE ORDEM	HOMENAGEADO	ÓRGÃO PROPONENTE	AUTOR DA PROPOSTA	Nº DO PROCESSO	DATA DA APROVAÇÃO	DATA DE ENTREGA
01	Caetano Emmanoel T. V. Veloso	Gab. Reitor	Luiz Felipe Perret Serpa	039676/96-40	11.09.1996	19.02.1998
02	George Agostinho da Silva	FFCH	Congregação	023882/95-01	17.04.1996	18.04.1996
03	Herberto Sales	LET	Congregação	026216/96-05	22.07.1996	10.10.1996
04	Manoel dos Reis Machado	EDC	Hélio José B. Campos	020296/95-32	12.03.1996	12.06.1996
05	Mário Testa	ISC	Congregação	039501/96-04	19.09.1996	16.12.1996

REITORADO HEONIR ROCHA

Ano 1999

Nº DE ORDEM	HOMENAGEADO	ÓRGÃO PROPONENTE	AUTOR DA PROPOSTA	Nº DO PROCESSO	DATA DA APROVAÇÃO	DATA DE ENTREGA
01	Carlos Alberto Dias	GEO	-	020578/96-75	19.03.1999	06.08.1999
02	Deoscóredes M. dos Santos	FFCH	-	067593/98-94	19.08.1999	14.12.1999
03	Hans Merkt	MEV	-	059035/99-90	17.12.1999	31.08.2000

Ano 2000

Nº DE ORDEM	HOMENAGEADO	ÓRGÃO PROPONENTE	AUTOR DA PROPOSTA	Nº DO PROCESSO	DATA DA APROVAÇÃO	DATA DE ENTREGA
01	Abdias do Nascimento	FCH	-	047610/99-30	22.03.2000	06.07.2000

Ano 2002

Nº DE ORDEM	HOMENAGEADO	ÓRGÃO PROPONENTE	AUTOR DA PROPOSTA	Nº DO PROCESSO	DATA DA APROVAÇÃO	DATA DE ENTREGA
01	Divaldo Pereira Franco	EDC	-	008133/00-48	04.01.2002	08.05.2002

REITORADO NAOMAR DE ALMEIDA FILHO

Ano 2002

Nº DE ORDEM	HOMENAGEADO	ÓRGÃO PROPONENTE	AUTOR DA PROPOSTA	Nº DO PROCESSO	DATA DA APROVAÇÃO	DATA DE ENTREGA
01	Luís Inácio Lula da Silva	FFCH	-	028091/02-14	30.10.2002	-

Ano 2003

Nº DE ORDEM	HOMENAGEADO	ÓRGÃO PROPONENTE	AUTOR DA PROPOSTA	Nº DO PROCESSO	DATA DA APROVAÇÃO	DATA DE ENTREGA
01	João Filgueiras Lima	ARQ	-	025358/02-76	29.01.2003	18.03.2003
02	José Ephim Mindlin	ICI	-	007052/03-55	08.10.2003	04.12.2003
03	José Eduardo dos Santos	COM	-	011061/03-50	08.10.2003	02.05.2005

Ano 2004

Nº DE ORDEM	HOMENAGEADO	ÓRGÃO PROPONENTE	AUTOR DA PROPOSTA	Nº DO PROCESSO	DATA DA APROVAÇÃO	DATA DE ENTREGA
01	Gilberto Passos Gil Moreira	COM	-	016156/03-41	04.11.2004	26.08.2005
02	Luiz Felipe Perret Serpa	FIS	-	027082/03-79	22.12.2004	03.05.2005
03	Maria Osmarina Silva de Lima	BIO	-	002343/04-00	04.11.2004	10.08.2009
04	Radovan Borojevic	ICS	-	018121/04-19	22.12.2004	16.11.2005

Ano 2005

Nº DE ORDEM	HOMENAGEADO	ÓRGÃO PROPONENTE	AUTOR DA PROPOSTA	Nº DO PROCESSO	DATA DA APROVAÇÃO	DATA DE ENTREGA
01	Hakaru Ueno	MEV	-	011990/04-40	09.03.2005	20.04.2005
02	Maria Stella de Azevedo Santos	LET	-	009628/05-81	28.04.2005	02.05.2005

Ano 2006

Nº DE ORDEM	HOMENAGEADO	ÓRGÃO PROPONENTE	AUTOR DA PROPOSTA	Nº DO PROCESSO	DATA DA APROVAÇÃO	DATA DE ENTREGA
01	François Laplantine	FFCH	-	022102/05-69	30.05.2006	-
02	Nelson Pereira dos Santos	FACOM	-	033621/05-06	13.03.2006	02.04.2006

Ano 2008

Nº DE ORDEM	HOMENAGEADO	ÓRGÃO PROPONENTE	AUTOR DA PROPOSTA	Nº DO PROCESSO	DATA DA APROVAÇÃO	DATA DE ENTREGA
01	Emílio Marcos Rodriguê	CEB/LET	-	024993/06-31	25.02.2008	27.05.2010
02	Juracy de Freitas Mascarenhas	GEO	-	021525/07-79	29.02.2008	09.07.2008
03	Mestre João Pequeno de Psatinha	EDC	-	042531/05-06	29.02.2008	23.04.2008
04	Muniz Sodré de Araújo Cabral	COM	-	033624/05-96	19.03.2008	22.06.2008
05	William Saad Hossne	MED	-	008102/06-18	19.03.2008	30.03.2009
06	Zélia Gattai Amado	LET	-	023002/06-31	25.02.2008	-

Ano 2009

Nº DE ORDEM	HOMENAGEADO	ÓRGÃO PROPONENTE	AUTOR DA PROPOSTA	Nº DO PROCESSO	DATA DA APROVAÇÃO	DATA DE ENTREGA
01	Luiz Alberto Moniz Bandeira	FFCH	-	029233/07-01	09.07.2009	16.09.2009

Ano 2010

Nº DE ORDEM	HOMENAGEADO	ÓRGÃO PROPONENTE	AUTOR DA PROPOSTA	Nº DO PROCESSO	DATA DA APROVAÇÃO	DATA DE ENTREGA
01	Danielle Mitterand	FFCH	-	050133/08-43	27.05.2010	-
02	Henryane M. P. Chaponay-Morance	FFCH	-	050127/08-41	14.07.2010	-

TÍTULO DE “PROFESSOR EMÉRITO”

REITORADO EDGARD SANTOS

Ano 1957

Nº DE ORDEM	HOMENAGEADO	ÓRGÃO PROPONENTE	AUTOR DA PROPOSTA	Nº DO PROCESSO	DATA DA APROVAÇÃO	DATA DE ENTREGA
01	Elysis de C. Lisboa*	FFCH	Congregação	S/N	19.10.1957	-

*02 (Dois) Títulos aprovados

Ano 1960

Nº DE ORDEM	HOMENAGEADO	ÓRGÃO PROPONENTE	AUTOR DA PROPOSTA	Nº DO PROCESSO	DATA DA APROVAÇÃO	DATA DE ENTREGA
01	Priciliano Silva	EBA	Congregação	S/N	26.08.1960	Anot. Receb.

REITORADO ALBÉRICO FRAGA

Ano 1961

Nº DE ORDEM	HOMENAGEADO	ÓRGÃO PROPONENTE	AUTOR DA PROPOSTA	Nº DO PROCESSO	DATA DA APROVAÇÃO	DATA DE ENTREGA
01	Isaiás Alves de Almeida	FFCH	Congregação	S/N	06.10.1961	1962

Ano 1962

Nº DE ORDEM	HOMENAGEADO	ÓRGÃO PROPONENTE	AUTOR DA PROPOSTA	Nº DO PROCESSO	DATA DA APROVAÇÃO	DATA DE ENTREGA
01	Aurélio Menezes	ENG	Congregação	S/N	01.10.1962	-
02	Paulo M. Pedreira de Cerqueira	ENG	Congregação	S/N	01.10.1962	Anot. Receb
03	Tito Vespasiano A. César Pires	ENG	Congregação	S/N	01.10.1962	-

Ano 1963

Nº DE ORDEM	HOMENAGEADO	ÓRGÃO PROPONENTE	AUTOR DA PROPOSTA	Nº DO PROCESSO	DATA DA APROVAÇÃO	DATA DE ENTREGA
01	Álvaro Augusto da Silva	ECO	Congregação	S/N	12.06.1963	Anot Receb.
02	Eduardo Lins Ferreira de Araújo	MED	Congregação	S/N	23.08.1963	12.1963
03	Fernando José de São Paulo	MED	Congregação	S/N	20.12.1963	1963
04	Jayme Cunha da Gama E Abreu	ENG	Congregação	S/N	23.04.1963	02.05.1963

REITORADO DE MIGUEL CALMON

Ano 1964

Nº DE ORDEM	HOMENAGEADO	ÓRGÃO PROPONENTE	AUTOR DA PROPOSTA	Nº DO PROCESSO	DATA DA APROVAÇÃO	DATA DE ENTREGA
01	Archimedes Pereira Guimarães	ENG	Congregação	S/N	09.11.1964	03.06.1982
02	Augusto Alexandre Machado	ECO	Congregação	S/N	06.08.1964	07.10.1964
03	Edgard Paulo da Mata	ECO	Congregação	S/N	06.10.1964	-
04	Raymundo Chaves de Aguiar	EBA	Congregação	S/N	06.08.1964	16.10.1979

Ano 1965

Nº DE ORDEM	HOMENAGEADO	ÓRGÃO PROPONENTE	AUTOR DA PROPOSTA	Nº DO PROCESSO	DATA DA APROVAÇÃO	DATA DE ENTREGA
01	Elysio de Carvalho Lisbôa*	ENG	Congregação	S/N	02.12.1965	-
02	Nestor Duarte Guimarães	DIR	Congregação	S/N	02.12.1965	29.03.1968

Ano 1966

Nº DE ORDEM	PROPOSTO	ÓRGÃO PROPONENTE	AUTOR DA PROPOSTA	Nº DO PROCESSO	DATA DA APROVAÇÃO	DATA DE ENTREGA
01	Antonino de Oliveira Dias	FFCH	Congregação	S/N	01.03.1966	11.04.1985
02	Augusto Lopes Pontes	ODO	Congregação	S/N	01.03.1966	25.10.1966
03	Dole Anderson	ADM	Congregação	S/N	02.06.1966	-
04	Frederico Granachamg Edelweiss	FFCH	Congregação	S/N	01.03.1966	-
05	Ismael de Barros	EBA	Congregação	S/N	02.12.1966	12.04.1967

Ano 1967

Nº DE ORDEM	HOMENAGEADO	ÓRGÃO PROPONENTE	AUTOR DA PROPOSTA	Nº DO PROCESSO	DATA DA APROVAÇÃO	DATA DE ENTREGA
01	Adolfho Diniz Gonçalves	FAR	Congregação	S/N	13.04.1967	-

REITORADO ROBERTO SANTOS**Ano 1967**

Nº DE ORDEM	HOMENAGEADO	ÓRGÃO PROPONENTE	AUTOR DA PROPOSTA	Nº DO PROCESSO	DATA DA APROVAÇÃO	DATA DE ENTREGA
01	Albano da França Rocha	ENG	Congregação	8397/67	19.10.1967	03.06.1982

Ano 1968

Nº DE ORDEM	HOMENAGEADO	ÓRGÃO PROPONENTE	AUTOR DA PROPOSTA	Nº DO PROCESSO	DATA DA APROVAÇÃO	DATA DE ENTREGA
01	Francisco Peixoto de Magalhães Neto	FFCH	Congregação	19715/67	13.02.1968	Anot. Receb.
02	José Silveira	MED	Congregação	S/N	13.12.1968	Anot Receb

REITORADO LAFAYETTE PONDÉ**Ano 1972**

Nº DE ORDEM	HOMENAGEADO	ÓRGÃO PROPONENTE	AUTOR DA PROPOSTA	Nº DO PROCESSO	DATA DA APROVAÇÃO	DATA DE ENTREGA
01	Estácio Luiz Valente de Lima	DIR	Congregação	13046/72	06.12.1972	Anot. Receb

Ano 1973

Nº DE ORDEM	HOMENAGEADO	ÓRGÃO PROPONENTE	AUTOR DA PROPOSTA	Nº DO PROCESSO	DATA DA APROVAÇÃO	DATA DE ENTREGA
01	Adriano de Azevedo Pondé	MED	Congregação	S/N	25.10.1973	20.12.1973
02	Hosannah de Oliveira	MED	Congregação	S/N	25.10.1973	20.12.1973
03	José Tobias Neto	EDC	Congregação	S/N	13.07.1973	20.12.1973
04	Manuel Pinto de Aguiar	ECO	Congregação	S/N	25.10.1973	20.12.1973
05	Pedro Muniz Tavares Filho	ENG	Congregação	S/N	04.04.1973	20.12.1973

Ano 1974

Nº DE ORDEM	HOMENAGEADO	ÓRGÃO PROPONENTE	AUTOR DA PROPOSTA	Nº DO PROCESSO	DATA DA APROVAÇÃO	DATA DE ENTREGA
01	Albérico Pereira Fraga	DIR	Congregação	S/N	12.09.1974	Anot. Receb

Ano 1975

Nº DE ORDEM	HOMENAGEADO	ÓRGÃO PROPONENTE	AUTOR DA PROPOSTA	Nº DO PROCESSO	DATA DA APROVAÇÃO	DATA DE ENTREGA
01	Oscar Caetano da Silva	EBA	Congregação	022351/74	12.05.1975	17.12.1972

REITORADO AUGUSTO MASCARENHAS

Ano 1978

Nº DE ORDEM	HOMENAGEADO	ÓRGÃO PROPONENTE	AUTOR DA PROPOSTA	Nº DO PROCESSO	DATA DA APROVAÇÃO	DATA DE ENTREGA
01	Adalácio Nogueira	DIR	Congregação	33233/76	23.05.1978	Anot. Receb.
02	Aderbal da Cunha Gonçalves	DIR	Congregação	25828/78	21.12.1978	17.12.1979
03	Aliomar d Andrade Baleeiro	DIR	Congregação	33233/76	23.05.1978	-
04	Carlos Geraldo de Oliveira	ICS	Congregação	021046/77	23.05.1978	15.10.1981
05	Raphel de Menezes Silva	ICS	Congregação	500/78	06.03.1978	12.05.1986

Ano 1979

Nº DE ORDEM	HOMENAGEADO	ÓRGÃO PROPONENTE	AUTOR DA PROPOSTA	Nº DO PROCESSO	DATA DA APROVAÇÃO	DATA DE ENTREGA
01	Rodrigo Bulcão de Argolo Ferrão	MED	Congregação	14742/79	17.09.1979	16.02.1984

REITORADO LUIZ FERNANDO DE MACÊDO COSTA

Ano 1980

Nº DE ORDEM	HOMENAGEADO	ÓRGÃO PROPONENTE	AUTOR DA PROPOSTA	Nº DO PROCESSO	DATA DA APROVAÇÃO	DATA DE ENTREGA
01	Edgard Pires da Veiga	ICS	Congregação	101331/80	23.03.1980	15.10.1981
02	Galeno Egydio J. de Magalhães	FAR	Congregação	100929/80	27.02.1980	08.08.1980
03	Heitor da Costa Pinto Marback	MED	Congregação	107325/80	22.10.1980	06.12.1984
04	Helio Gomes Simões	LET	Congregação	104593/80	30.06.1980	09.06.1981
05	Maria Margarida Tobias E Silva	FAR	Congregação	100929/80	27.02.1980	06.08.1980

Ano 1981

Nº DE ORDEM	HOMENAGEADO	ÓRGÃO PROPONENTE	AUTOR DA PROPOSTA	Nº DO PROCESSO	DATA DA APROVAÇÃO	DATA DE ENTREGA
01	João José de Almeida Seabra	MED	Congregação	01925/81	11.12.1981	30.12.1982
02	Thales Olympio de Azevedo	FFCH	Congregação	01581/81	18.09.1981	26.03.1982

Ano 1982

Nº DE ORDEM	HOMENAGEADO	ÓRGÃO PROPONENTE	AUTOR DA PROPOSTA	Nº DO PROCESSO	DATA DA APROVAÇÃO	DATA DE ENTREGA
01	Carlos Espinheira de Sá	QUI	Congregação	S/N	26.04.1982	09.09.1982
02	Luis Viana Filho	FFCH	Congregação	01512/82	03.08.1982	04.11.1982

Ano 1983

Nº DE ORDEM	HOMENAGEADO	ÓRGÃO PROPONENTE	AUTOR DA PROPOSTA	Nº DO PROCESSO	DATA DA APROVAÇÃO	DATA DE ENTREGA
01	Aliomar de Andrade Baleeiro	DIR	Congregação	21228/83	30.09.1983	-
02	August Adolf Buch	EBA	Congregação	655/83	19.05.1983	22.06.1983
03	Dario Ribeiro Cunha	ECO	Congregação	Of. 106/83	19.08.1983	15.09.1983
04	João José Rescala	EBA	Congregação	00099/83	19.08.1983	19.09.1983
05	Jorge Augusto Novis	ICS	Congregação	028927/83	26.09.1983	17.10.1983
06	Orlando Gomes dos Santos	DIR	Congregação	021227/83	30.09.1983	25.10.1983
07	Trípulo Francisco Gaudenzi	ICS	Congregação	028953/83	21.10.1983	13.12.1984

REITORADO GERMANO TABACOF**Ano 1984**

Nº DE ORDEM	HOMENAGEADO	ÓRGÃO PROPONENTE	AUTOR DA PROPOSTA	Nº DO PROCESSO	DATA DA APROVAÇÃO	DATA DE ENTREGA
01	Godofredo R. de Figueiredo Filho	FFCH	Congregação	050/84	27.09.1984	-
02	Zilton de Araújo Andrade	MED	Congregação	039081/84	20.11.1984	21.03.1985

Ano 1985

Nº DE ORDEM	HOMENAGEADO	ÓRGÃO PROPONENTE	AUTOR DA PROPOSTA	Nº DO PROCESSO	DATA DA APROVAÇÃO	DATA DE ENTREGA
01	Carlos Eduardo da Rocha	EBA	Congregação	041041/85-78	10.02.1985	04.07.1985
02	Emídio Magalhães Lima	EBA	Congregação	041041/85-78	01.02.1985	18.04.1985
03	Jorge Calmon M. de Bittencourt	FFCH	Congregação	010248/85-91	14.08.1985	10.12.1985
04	José Calazans Bradão da Silva	FFCH	Congregação	010108/85-22	16.04.1985	-
05	Omar Catunda	FIS	Congregação	030228/84-56	11.02.1985	11.04.1985

Ano 1986

Nº DE ORDEM	HOMENAGEADO	ÓRGÃO PROPONENTE	AUTOR DA PROPOSTA	Nº DO PROCESSO	DATA DA APROVAÇÃO	DATA DE ENTREGA
01	Nelson de Souza Sampaio	DIR	Congregação	013015/86-31	08.05.1986	10.04.1986
02	Romano Galeffi	EBA	Congregação	047963/86-15	12.09.1986	11.05.1995

Ano 1987

Nº DE ORDEM	HOMENAGEADO	ÓRGÃO PROPONENTE	AUTOR DA PROPOSTA	Nº DO PROCESSO	DATA DA APROVAÇÃO	DATA DE ENTREGA
01	Fernando Freire de Carvalho Luz	MED	Congregação	048413/86	21.05.1987	17.08.1987

Ano 1988

Nº DE ORDEM	HOMENAGEADO	ÓRGÃO PROPONENTE	AUTOR DA PROPOSTA	Nº DO PROCESSO	DATA DA APROVAÇÃO	DATA DE ENTREGA
01	Carlos Furtado de Simas	ENG	Congregação	047536/87-45	19.01.1988	-
02	Luiz Fernando S. de Macedo Costa	ICS	Congregação	Of. 01/88	19.01.1988	-

Ano 1989

Nº DE ORDEM	HOMENAGEADO	ÓRGÃO PROPONENTE	AUTOR DA PROPOSTA	Nº DO PROCESSO	DATA DA APROVAÇÃO	DATA DE ENTREGA
01	Oldegar Franco Vieira	ADM	Congregação	062607/88-12	27.02.1989	-

Ano 1990

Nº DE ORDEM	HOMENAGEADO	ÓRGÃO PROPONENTE	AUTOR DA PROPOSTA	Nº DO PROCESSO	DATA DA APROVAÇÃO	DATA DE ENTREGA
01	Magno dos Santos P. Valente	ENG	Congregação	047535/87-82	16.07.1990	-

REITORADO ROGÉRIO VARGENS**Ano 1991**

Nº DE ORDEM	HOMENAGEADO	ÓRGÃO PROPONENTE	AUTOR DA PROPOSTA	Nº DO PROCESSO	DATA DA APROVAÇÃO	DATA DE ENTREGA
01	Alceu Roberto Hiltner	ENG	Congregação	018325/91-72	26.11.91	09.09.1994
02	Hernani Sávio Sobral	ENG	Congregação	018321/91-11	26.11.1991	30.09.1994
03	Joaquim Batista Neves	FFCH	Congregação	019605/91-54	26.11.1991	-
04	Penildon Silva	ICS	Congregação	070907/91-32	26.11.1991	-

REITORADO ELIANE ELISA DE S. AZEVÊDO**Ano 1992**

Nº DE ORDEM	HOMENAGEADO	ÓRGÃO PROPONENTE	AUTOR DA PROPOSTA	Nº DO PROCESSO	DATA DA APROVAÇÃO	DATA DE ENTREGA
01	Aloísio da Rosa Prata	MED	Congregação	032652/91-19	24.03.1992	-
02	Jairo Simões	ECO	Congregação	019577/92-81	08.10.1992	-
03	João Fernandes Cunha	ECO	Congregação	019536/92-02	08.10.1992	-
04	José Maria de Magalhães Neto	MED	Congregação	041605/92-00	31.08.1992	-
05	Luís Henrique Dias Tavares	FFCH	Waldir Oliveira	025315/92-10	24.03.1992	-

Ano 1993

Nº DE ORDEM	HOMENAGEADO	ÓRGÃO PROPONENTE	AUTOR DA PROPOSTA	Nº DO PROCESSO	DATA DA APROVAÇÃO	DATA DE ENTREGA
01	Álvaro Rubim de Pinho	MED	Congregação	041748/92-68	24.03.1993	-
02	Giuseppe Mazzoni	ODO	Congregação	047004/92-93	24.03.1993	-

REITORADO LUIZ FELIPPE SERPA (PRO TEMPORE)**Ano 1993**

Nº DE ORDEM	HOMENAGEADO	ÓRGÃO PROPONENTE	AUTOR DA PROPOSTA	Nº DO PROCESSO	DATA DA APROVAÇÃO	DATA DE ENTREGA
01	Judith Grossmann	LET	Congregação	034070/93-17	22.11.1993	20.04.1994
02	Lolita C. de Campos Dantas	MAT	Congregação	035717/93-30	22.11.1993	21.09.1994

Ano 1994

Nº DE ORDEM	HOMENAGEADO	ÓRGÃO PROPONENTE	AUTOR DA PROPOSTA	Nº DO PROCESSO	DATA DA APROVAÇÃO	DATA DE ENTREGA
01	Hildérico Pinheiro de Oliveira	Escola Politécnica	Congregação	028378/94-08	26.12.1994	24.05.1995
02	Cora de Moura Pedreira	-	-	S/N	26.12.1994	14.03.1995

Ano 1995

Nº DE ORDEM	HOMENAGEADO	ÓRGÃO PROPONENTE	AUTOR DA PROPOSTA	Nº DO PROCESSO	DATA DA APROVAÇÃO	DATA DE ENTREGA
01	Antônio Carlos Q. Mascarenhas	Escola Politécnica	Congregação	028486/94-80	22.03.1995	11.07.1995
02	Antônio Luiz Machado Neto	DIR	Marília Muricy	017558/95-09	30.08.1995	22.11.1995
03	Arlete Cerqueira Lima	MAT	Miriam F. Mascarenhas	032933/95-31	30.08.1995	14.11.1995
04	Cláudio de Andrade Veiga	LET	Congregação	031602/95-39	30.08.1995	09.05.1996
05	Francisco P. Lima Júnior	FFCH	Ubirajara D. Rebouças	023757/95-10	06.12.1995	19.12.1996
06	Geraldo de Sá M. da Silveira	MED	Congregação	035207/95-16	22.03.1995	26.04.1995
07	Martha Maria de Souza Dantas	EDC	Hermes T. De Melo	025828/94-56	22.03.1995	13.07.1995
08	Nelson de Souza Sampaio	DIR	Congregação	017561/95-13	30.08.1995	10.04.1996
09	Raul Affonso Nogueira Chaves	DIR	Maria Auxiliadora A. Minahim	017541/95-06	30.08.1995	08.05.1996
10	Ruy Simões	FFCH	Ubirajara D. Rebouças	023738/95-75	06.12.1995	23.05.1996

Ano 1996

Nº DE ORDEM	HOMENAGEADO	ÓRGÃO PROPONENTE	AUTOR DA PROPOSTA	Nº DO PROCESSO	DATA DA APROVAÇÃO	DATA DE ENTREGA
01	Diógenes de Almeida Rebouças	ARQ	Congregação	005325/95-63	12.03.1996	18.06.1996
02	Ernest Widmer	MUS	-	031700/96-39	22.07.1996	25.10.1996
03	Germano Tabacof	ODO	Congregação	039201/96-62	12.03.1996	08.08.1996
04	Josaphat Ramos Marinho	DIR	-	017785/95-70	16.05.1996	14.10.1996
05	José Joaquim C. de Passos	DIR	-	017661/95-68	22.07.1996	30.09.1996
06	José Martins Catharino	DIR	-	017660/95-03	16.05.1996	30.09.1996
07	Juarez T. M. Martins Paraíso	EBA	Congregação	047444/95-39	12.03.1996	31.10.1996
08	Lindembergue Rocha Cardoso	MUS	-	031746/96-30	22.07.1996	23.05.1997

09	Luiz Angélico da Costa	LET	-	031872/95-03	12.03.1996	12.09.1996
10	Manuel Vicente R. Veigas Jr.	MUS	-	031690/96-87	22.07.1996	23.10.1996
11	Maria Luígia M. Galeffi	LET	-	026382/96-76	19.09.1996	16.12.1996
12	Nilton Vasco da Gama	LET	Congregação	031706/95-34	12.03.1996	19.08.1996
13	Pierre Klose	MUS	-	031701/96-00	22.07.1996	22.07.1996
14	Vasco Azevedo Neto	Escola Politécnica	Congregação	022304/95-30	12.03.1996	08.01.1997
15	Waldir Freitas Oliveira	FFCH	-	019328/96-00	16.05.1996	18.11.1996

Ano 1997

Nº DE ORDEM	HOMENAGEADO	ÓRGÃO PROPONENTE	AUTOR DA PROPOSTA	Nº DO PROCESSO	DATA DA APROVAÇÃO	DATA DE ENTREGA
01	Eliane Elisa de S. Azevedo	BIO	-	005393/96-02	09.04.1997	22.07.2002
02	Esther Bittencourt Cardoso	MUS	-	031905/96-41	19.02.1997	04.06.1997
03	João Eurico Matta	ADM	-	001001/97-81	09.04.1997	10.06.1997
04	Maria Ivete Ribeiro de Oliveira	ENF	-	017214/96-80	13.06.1997	14.05.1998
05	Walter Velloso Gordilho	AQR	-	004433/96-49	09.04.1997	10.07.1997

REITORADO HEONIR ROCHA

Ano 1998

Nº DE ORDEM	HOMENAGEADO	ÓRGÃO PROPONENTE	AUTOR DA PROPOSTA	Nº DO PROCESSO	DATA DA APROVAÇÃO	DATA DE ENTREGA
01	Dilza Maria Andrade Atta	EDC	-	013303/97-48	16.12.1998	24.11.1999
02	João Gonçalves de Carvalho	ODO	-	029368/97-32	10.09.1998	15.08.2000
03	Militino Rodrigues Martines	FCC	-	034416/97-22	16.12.1998	15.09.1999
04	Raymond Van Der Haegen	LET	-	023663/97-30	10.09.1998	03.11.1998
05	Stella Maria Fernandes P. Barros	ENF	-	014034/97-22	16.12.1998	15.09.1999

Ano 1999

Nº DE ORDEM	HOMENAGEADO	ÓRGÃO PROPONENTE	AUTOR DA PROPOSTA	Nº DO PROCESSO	DATA DA APROVAÇÃO	DATA DE ENTREGA
01	Adilson Peixoto Sampaio	MED	-	026340/97-07	19.03.1999	28.05.1999
02	Dalmo Gildo Guimarães Pontual	GEO	-	018042/97-43	19.03.1999	28.05.1999
03	Dyrce Franco de Araújo	ICS	-	053733/99-64	17.12.1999	05.04.2000
04	Jayne Bandeira Santos	ICS	-	053734/99-27	17.12.1999	16.05.2000
05	Jorge dos Santos Pereira	ADM	-	031050/99-38	19.08.1999	20.10.2000
06	Leda Jesuíno dos Santos	EDC	-	013359/97-00	20.05.1999	17.11.1999
07	Nilmar Vicente Pereira da Rocha	QUI	-	033264/97-40	20.05.1999	24.08.1999
08	Rodolfo dos Santos Teixeira	MED	-	026335/97-77	19.03.1999	18.06.2000
09	Vivaldo Costa Lima	FFCH	-	067527/98-60	20.05.1999	22.09.1999

Ano 2000

Nº DE ORDEM	HOMENAGEADO	ÓRGÃO PROPONENTE	AUTOR DA PROPOSTA	Nº DO PROCESSO	DATA DA APROVAÇÃO	DATA DE ENTREGA
01	Alcyr Naidiro Fraga Ferraro	EDC	-	013217/97-08	17.10.2000	17.11.2000
02	Álvaro Leal Moreno	ENG	-	014948/97-99	17.10.2000	15.12.2000
03	Jutorib de Oliveira Lima	ICS	-	053735/99-00	22.03.2000	13.06.2000
04	Maria Helena Ochi Flexor	EBA	-	011279/00-61	15.12.2000	19.04.2001
05	Pasqualino Romano Magnavita	ARQ	-	008446/00-23	15.12.2000	05.06.2001
06	Silvyo Santos Faria	DIR	-	042609/99-73	17.10.2000	14.12.2000

Ano 2002

Nº DE ORDEM	HOMENAGEADO	ÓRGÃO PROPONENTE	AUTOR DA PROPOSTA	Nº DO PROCESSO	DATA DA APROVAÇÃO	DATA DE ENTREGA
01	Antônio Celso Spínola Costa	QUI	-	004277/01-05	10.07.2002	05.12.2002

REITORADO NAOMAR DE ALMEIDA FILHO

Ano 2002

Nº DE ORDEM	HOMENAGEADO	ÓRGÃO PROPONENTE	AUTOR DA PROPOSTA	Nº DO PROCESSO	DATA DA APROVAÇÃO	DATA DE ENTREGA
01	Pierre Verger	FFCH	-	028092/02-87	30.10.2002	04.11.02

Ano 2003

Nº DE ORDEM	HOMENAGEADO	ÓRGÃO PROPONENTE	AUTOR DA PROPOSTA	Nº DO PROCESSO	DATA DA APROVAÇÃO	DATA DE ENTREGA
01	Guido Antônio Sampaio de Araújo	COM	-	007923/03-68	15.08.2003	15.09.2003
02	Heonir Rocha	MED	-	023642/02-07	29.01.2003	-
03	Nelson de Carvalho Assis Barros	MED	-	025555/02-77	25.02.2003	-

Ano 2004

Nº DE ORDEM	HOMENAGEADO	ÓRGÃO PROPONENTE	AUTOR DA PROPOSTA	Nº DO PROCESSO	DATA DA APROVAÇÃO	DATA DE ENTREGA
01	Antônio Carlos Reis Laranjeiras	ENG	-	018323/03-52	04.11.2004	14.03.2005

Ano 2005

Nº DE ORDEM	HOMENAGEADO	ÓRGÃO PROPONENTE	AUTOR DA PROPOSTA	Nº DO PROCESSO	DATA DA APROVAÇÃO	DATA DE ENTREGA
01	Guilherme Requião Radel	ENG	-	013495/03-21	28.04.2005	03.10.2005
02	Sebastião Antônio Loureiro de Souza e Silva	ISC	-	021281/05-44	26.09.05	15.12.2005

Ano 2006

Nº DE ORDEM	HOMENAGEADO	ÓRGÃO PROPONENTE	AUTOR DA PROPOSTA	Nº DO PROCESSO	DATA DA APROVAÇÃO	DATA DE ENTREGA
01	Adhemar Raymundo da Silva	DIR	-	024603/04-44	30.05.2006	22.10.2006
02	Edivaldo Machado Boaventura	EDC	-	002431/05-48	09.02.2005	15.05.2006
03	Gilberto Rebouças	MED	-	019850/03-43	16.08.2006	22.10.2006
04	Godofredo Rebello de Figueira Filho	CEB	-	003430/04-30	09.02.2006	-
05	Luís de Pinto Pedreira	DIR	-	029065/05-43	30.05.2006	05.10.2006

06	Orlando Figueira Sales	MED	-	024927/04-46	09.02.2006	26.05.2006
07	Pedro Manso Cabral	DIR	-	024604/04-15	30.05.2006	-
08	Washington Luiz de Andrade	DIR	-	024596/04-81	09.02.2006	23.03.2006

Ano 2008

Nº DE ORDEM	HOMENAGEADO	ÓRGÃO PROPONENTE	AUTOR DA PROPOSTA	Nº DO PROCESSO	DATA DA APROVAÇÃO	DATA DE ENTREGA
01	Armênio Costa Guimarães	MED	-	018295/06-61	25.02.2008	18.09.2008
02	Fernando da Rocha Peres	FFCH	-	045844/06-71	25.02.2008	19.11.2008
03	Maria Thereza de Medeiros Pacheco	MED	-	047112/06-33	19.03.2008	15.12.2008
04	Roberto Figueira Santos	MED	-	018293/06-36	25.02.2008	02.12.2008
05	Yeda de Andrade Ferreira	GEO	-	000873/07-67	25.02.2008	19.08.2008

Ano 2009

Nº DE ORDEM	HOMENAGEADO	ÓRGÃO PROPONENTE	AUTOR DA PROPOSTA	Nº DO PROCESSO	DATA DA APROVAÇÃO	DATA DE ENTREGA
01	Almério De Souza Machado	MED	-	047111/06-71	09.07.2009	14.12.2009
02	Edvaldo Pereira de Brito	DIR	-	010238/09-87	28.08.2009	24.05.2010
03	Suzana Alice Marcelino Cardoso	LET	-	038673/07-41	09.07.2009	10.11.2009

Ano 2010

Nº DE ORDEM	HOMENAGEADO	ÓRGÃO PROPONENTE	AUTOR DA PROPOSTA	Nº DO PROCESSO	DATA DA APROVAÇÃO	DATA DE ENTREGA
01	Américo Simas Filho	ARQ	-	039929/09-90	14.07.2010	-
02	Mário Mendonça de Oliveira	ENG	-	029271/08-27	14.07.2010	-

MEDALHA UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA**REITORADO EDGARD SANTOS****Ano 1958**

Nº DE ORDEM	HOMENAGEADO	ÓRGÃO PROPONENTE	AUTOR DA PROPOSTA	Nº DO PROCESSO	DATA DA APROVAÇÃO	DATA DE ENTREGA
01	David Banhard	Conselho Universitário	Edgard Santos	S/N	20.06.1958	-
02	Eduardo Spínola	Conselho Universitário	Edgard Santos	S/N	19.11.1958	-
03	Isaiás Alves de Almeida	Conselho Universitário	Edgard Santos	S/N	20.08.1958	Anot. Receb.
04	João Pereira Bastos	Conselho Universitário	Edgard Santos	S/N	20.06.1958	-

REITORADO ALBÉRICO FRAGA**Ano 1963**

Nº DE ORDEM	HOMENAGEADO	ÓRGÃO PROPONENTE	AUTOR DA PROPOSTA	Nº DO PROCESSO	DATA DA APROVAÇÃO	DATA DE ENTREGA
01	Presciliano Silva	Conselho Universitário	Albérico Fraga	S/N	14.05.1963	Anot. Receb.

REITORADO ROBERTO SANTOS**Ano 1969**

Nº DE ORDEM	HOMENAGEADO	ÓRGÃO PROPONENTE	AUTOR DA PROPOSTA	Nº DO PROCESSO	DATA DA APROVAÇÃO	DATA DE ENTREGA
01	Orlando Gomes dos Santos	Conselho Universitário	Roberto Santos	S/N	24.02.1969	-

Ano 1971

Nº DE ORDEM	HOMENAGEADO	ÓRGÃO PROPONENTE	AUTOR DA PROPOSTA	Nº DO PROCESSO	DATA DA APROVAÇÃO	DATA DE ENTREGA
01	Adriano de Azevedo Ponde	Conselho Universitário	Roberto Santos	S/N	11.02.1971	-
02	Hosannah de Oliveira	Conselho Universitário	Roberto Santos	S/N	01.07.71	-
03	João José Rescala	EBA	Congregação	S/N	11.02.1971	-

REITORADO AUGUSTO MASCARENHAS

Ano 1977

Nº DE ORDEM	HOMENAGEADO	ÓRGÃO PROPONENTE	AUTOR DA PROPOSTA	Nº DO PROCESSO	DATA DA APROVAÇÃO	DATA DE ENTREGA
01	Diocleciano Campos	Conselho Universitário	Augusto Mascarenhas	S/N	07.03.1977	-
02	Hugh Luckey	Conselho Universitário	Augusto Mascarenhas	S/N	07.03.1977	-
03	Lourival Baptista	Conselho Universitário	Augusto Mascarenhas	S/N	07.03.1977	31.10.1979
04	Roberto Figueira Santos	Conselho Universitário	Augusto Mascarenhas	S/N	07.03.1977	31.10.1979
05	Rui Santos	Conselho Universitário	Augusto Mascarenhas	S/N	07.03.1977	31.10.1979
06	Virgil Cale Scott	Conselho Universitário	Augusto Mascarenhas	S/N	16.08.1977	31.10.1979

REITORADO LUIZ FERNANDO DE MACÊDO COSTA

Ano 1982

Nº DE ORDEM	HOMENAGEADO	ÓRGÃO PROPONENTE	AUTOR DA PROPOSTA	Nº DO PROCESSO	DATA DA APROVAÇÃO	DATA DE ENTREGA
01	Luiz Viana Filho	Conselho Universitário	Luis Fernando Macedo Costa	S/N	03.08.1982	04.11.1982

*A Medalha da Universidade Federal da Bahia, foi criada de acordo com o Decreto 43.804 de 23.05.1958.

TÍTULO BENEMÉRITO DA UFBA**REITORADO NAOMAR DE ALMEIDA FILHO****Ano 2005**

Nº DE ORDEM	HOMENAGEADO	ÓRGÃO PROPONENTE	AUTOR DA PROPOSTA	Nº DO PROCESSO	DATA DA APROVAÇÃO	DATA DE ENTREGA
01	Jica – Agência Brasileira De Cooperação	MEV	-	011991/04-11	09.03.2005	20.04.2005

MEDALHA REITOR EDGARD SANTOS

REITORADO NAOMAR DE ALMEIDA FILHO

Ano 2006

Nº DE ORDEM	HOMENAGEADO	ÓRGÃO PROPONENTE	AUTOR DA PROPOSTA	Nº DO PROCESSO	DATA DA APROVAÇÃO	DATA DE ENTREGA
01	Adílson Sampaio	MED	-	23066.016946/06-05	26.06.2006	02.07.2006
02	Aloísio Prata	MED	-	23066.016946/06-05	26.06.2006	02.07.2006
03	Altamira Soledade	Comissão de Ex-Reitores	-	23066.016946/06-05	26.06.2006	02.07.2006
04	Clara Wolfovitch	ENF	-	23066.016946/06-05	26.06.2006	02.07.2006
05	Edvaldo Pereira Brito	DIR	-	23066.016946/06-05	26.06.2006	02.07.2006
06	Edwald Hackler	TEA	-	23066.016946/06-05	26.06.2006	02.07.2006
07	Esmeralda Maria de Aragão	ICI	-	23066.016946/06-05	26.06.2006	02.07.2006
08	FAPESB	GEO	-	23066.016946/06-05	26.06.2006	02.07.2006
09	Lafayette Pondé	Comissão de Ex-Reitores	-	23066.016946/06-05	26.06.2006	02.07.2006
10	Leda Jesuíno dos Santos	Comissão de Ex-Reitores	-	23066.016946/06-05	26.06.2006	02.07.2006
11	Lia Robatto	TEA	-	23066.016946/06-05	26.06.2006	02.07.2006
12	Luiz Angélico da Costa	LET	-	23066.016946/06-05	26.06.2006	02.07.2006
13	Maria Hélia de Almeida	ENF	-	23066.016946/06-05	26.06.2006	02.07.2006
14	Nilda Spencer	TEA	-	23066.016946/06-05	26.06.2006	02.07.2006
15	ODEBRECHT	CEB	-	23066.016946/06-05	26.06.2006	02.07.2006
16	PETROBRAS	GEO	-	23066.016946/06-05	26.06.2006	02.07.2006
17	Rodolfo Teixeira	MED	-	23066.016946/06-05	26.06.2006	02.07.2006
18	Terezinha Vieira	ENF	-	23066.016946/06-05	26.06.2006	02.07.2006
19	Yeda Andrade Ferreira	GEO	-	23066.016946/06-05	26.06.2006	02.07.2006
20	Zilton Andrade	MED	-	23066.016946/06-05	26.06.2006	02.07.2006

Ano 2010

Nº DE ORDEM	HOMENAGEADO	ÓRGÃO PROPONENTE	AUTOR DA PROPOSTA	Nº DO PROCESSO	DATA DA APROVAÇÃO	DATA DE ENTREGA
01	AECID	Conselho Universitário	-	S/N	-	08.01.2010
02	Angeolina Rossi Ferreira	Conselho Universitário	-	S/N	-	08.01.2010
03	Antônio Celso Spínola Costa	Conselho Universitário	-	S/N	-	08.01.2010
04	APUB	Conselho Universitário	-	S/N	-	08.01.2010
05	Armindo Jorge de Carvalho Bião	Conselho Universitário	-	S/N	-	08.01.2010
06	ASSUFBA	Conselho Universitário	-	S/N	-	08.01.2010
07	Cleise Furtado Mendes	Conselho Universitário	-	S/N	-	08.01.2010
08	DCE	Conselho Universitário	-	S/N	-	08.01.2010
09	Eliane Elisa de Souza E Azevedo	Conselho Universitário	-	S/N	-	08.01.2010
10	Iracy Silva Costa	Conselho Universitário	-	S/N	-	08.01.2010
11	João Eurico Matta	Conselho Universitário	-	S/N	-	08.01.2010
12	Maria José Rabello de Freitas	Conselho Universitário	-	S/N	-	08.01.2010
13	Niêde Guidon	Conselho Universitário	-	S/N	-	08.01.2010
14	Nilton Vasco da Gama	Conselho Universitário	-	S/N	-	08.01.2010
15	Orlando Figueira Sales	Conselho Universitário	-	S/N	-	08.01.2010
16	Penildon Silva	Conselho Universitário	-	S/N	-	08.01.2010
17	Regina Maria de Silva A. Costa Pondé	Conselho Universitário	-	S/N	-	08.01.2010
18	Stella Maria Santos de Sena	Conselho Universitário	-	S/N	-	08.01.2010
19	Vivaldo da Costa Lima	Conselho Universitário	-	S/N	-	08.01.2010
20	Zilma Gomes Parente de Barros	Conselho Universitário	-	S/N	-	08.01.2010

TÍTULO “HONORÁRIO”**REITORADO LUIZ FELIPPE SERPA****Ano 1995**

Nº DE ORDEM	HOMENAGEADO	ÓRGÃO PROPONENTE	AUTOR DA PROPOSTA	Nº DO PROCESSO	DATA DA APROVAÇÃO	DATA DE ENTREGA
01	Kenneth Shepherd	Escola de Agronomia	Congregação	002910/94-76	31.08.1995	-

Fonte: Universidade Federal da Bahia. Secretaria dos Órgãos Colegiados.

3

Marcos regulatórios

Presidência da República
Casa Civil
Subchefia para Assuntos Jurídicos
DECRETO-LEI Nº 9.155, DE 8 DE ABRIL DE 1946

Cria a Universidade da Bahia e dá outras providências

O PRESIDENTE DA REPÚBLICA, usando da atribuição que lhe confere o artigo 180 da Constituição,

DECRETA:

CAPÍTULO I
DA UNIVERSIDADE DA BAHIA

Art. 1º É criada a Universidade da Bahia, instituição de ensino superior, como pessoa jurídica, dotada de autonomia administrativa, financeira didática e disciplinar, nos termos da legislação federal sobre o ensino superior e do seu Estatuto.

Art. 2º A Universidade da Bahia compor-se-á inicialmente dos seguintes estabelecimentos de ensino superior, que funcionam na Capital do Estado:

Faculdade de Medicina da Bahia Escolas Anexas de

Odontologia e de Farmácia,

Faculdade de Direito da Bahia,

Escola Politécnica da Bahia,

Faculdade de Filosofia da Bahia.

Faculdade de Ciências Econômicas.

Parágrafo único. Tornar-se-á efetiva a incorporação à Universidade da Faculdades e Escolas não mantidas pelo Governo Federal e mencionada neste artigo, após a devida aprovação pelas congregações respectivas.

Art. 3º Poderá, a Universidade da Bahia incorporar, nos termos desta, lei, outras escolas de ensino superior já, reconhecidas pelo Governo Federal e institutos técnico-científicos, ou de cultura extensiva e estabelecer acordos com entidades e organizações, oficiais ou privadas.

Parágrafo único. A incorporação de que trata êste artigo dependerá de prévia autorização do Governo Federal, sempre que acarretar novos encargos para o orçamento da União.

CAPÍTULO II DO PATRIMÔNIO E SUA UTILIZAÇÃO

Art. 4º O patrimônio da Universidade será, formado:

a) pelos bens móveis e imóveis, ora pertencentes ao Domínio da União, utilizados pela Faculdade de Medicina da Bahia e Escola Politécnica da Bahia, ou outros institutos federal que venham a ser incorporados à Universidade, os quais lhe serão transferidos, em consequência da execução dêste Decreto-lei;

b) pelos bens e direitos que por ela forem adquiridos;

c) pelos legados e doações regularmente aceitos;

d) pelos saldos das rendas e receitas próprias, ou de recursos orçamentários, quando transferidos para a conta patrimonial.

Art. 5º As Unidades Universitárias não forem mantidas pelo Governo Federal continuarão na posse do respectivo patrimônio e usufruirão as rendas e receitas próprias, respeitadas normas fixadas pelo Estatuto da Universidade, o ato de incorporação e as disposições dos regimentos internos de cada uma.

Parágrafo único. A disposição dêste artigo aplica-se ao patrimônio e rendas peculiares a quaisquer Unidade Universitárias.

Art. 6º A aquisição de bens patrimoniais, por parte da Universidade, independe da aprovação do Governo Federal; mas, a alienação dêsses bens, quando pertencentes a Unidades que forem por êle mantidas, somente poderá ser efetivada após homologação do Presidente da República. ouvido o Ministro da Educação e Saúde.

Art. 7º A Universidade poderá receber doações, com ou sem encargo, inclusive para a constituição de fundos especiais, ampliação de instalações ou custeio de serviços determinados, em qualquer das suas Unidades.

Art. 8º Os bens e direitos pertencentes à Universidade somente poderão ser utilizados para a realização de objetivos próprios a sua finalidade na

forma da lei e de seu estatuto, permitida, porém a inversão de uns e de outros para a obtenção de rendas destinadas ao mesmo fim.

CAPÍTULO III DOS ÓRGÃOS DA ADMINISTRAÇÃO

Art. 9º A administração da Universidade da Bahia será exercida pelos seguintes órgãos:

- a) Assembléia Universitária;
- b) Conselho de Curadores;
- c) Conselho Universitário;
- d) Reitoria.

Art. 10. A Assembléia Universitária será composta por todos os professores catedráticos e docentes livres e por representantes dos institutos técnicos científicos, do pessoal administrativo e do corpo discente, na forma estabelecida no Estatuto.

Art. 11. A Assembléia Universitária se reunirá ordinariamente duas vezes por ano e extraordinariamente quando convocada pelo Reitor, para assunto de alta relevância que interesse á vida conjunta das Unidades Universitárias.

Art. 12. Competirá à Assembléia Universitária:

- a) tomar conhecimento do plano anual de trabalhos da Universidade;
- b) tomar conhecimento dos relatórios das atividades e realizações ao ano anterior;
- c) assistir à entrega de diplomas honoríficos de Doutor e de Professor;
- d) eleger o seu representante no Conselho de Curadores.

Art. 13. Constituem o Conselho de Curadores:

- a) o Reitor da Universidade, como Presidente;
- b) um representante do Conselho Universitário, eleito trienalmente;
- c) um representante da Assembléia Universitária eleito na forma do estatuto;

d) um representante da Associação de Antigos Alunos da Universidade, eleito trienalmente;

e) um representante das pessoas físicas ou jurídicas, que tenham feito doações à Universidade, eleito trienalmente;

f) um representante do Ministro da Educação e Saúde.

Art. 14. São atribuições do Conselho de Curadores:

a) aprovar o orçamento da Universidade;

b) autorizar as despesas extraordinárias, não previstas no orçamento;

c) aprovar a prestação de contas de cada exercício, feita ao Reitor pelos Diretores dos Institutos Universitário, na forma do estatuto;

d) examinar e aprovar a prestação final de contas anualmente apresentada pelo Reitor, a fim de ser enviada, com relatório circunstanciado, ao Ministro da Educação e Saúde;

e) resolver sobre aceitação de legados e doações, e deliberar sobre a administração do patrimônio da Universidade:

f) aprovar os regulamentos dos serviços universitários;

g) autorizar acordos entre as Universitárias e Sociedades Industriais, Comerciais ou particulares, para a realização de trabalhos ou pesquisas;

h) aprovar a tabela do pessoal extraordinário e as normas propostas para a sua admissão;

i) autorizar a criação de prêmios pecuniários propostos pelo Conselho Universitário;

j) autorizar a abertura de créditos especiais ou suplementares.

Art. 15. Constituem o Conselho Universitário:

a) O Reitor da Universidade, como presidente;

b) os Diretores dos Estabelecimentos do Ensino Superior Universitários;

c) um representante de cada uma das congregações;

d) um representante de cada um dos corpos docentes das Escolas anexas de Farmácia e de Odontologia, nos termos dos respectivos regimentos;

e) os diretores dos institutos técnico-científicos, incorporados à Universidade.

f) um representante dos docentes livres, eleito trienalmente pelos representantes dos docentes livres junto às Congregações, em sessão convocada e presidida pelo Reitor;

g) o Presidente do Diretório Central dos Estudantes;

Art. 16. Ao Conselho Universitário compete;

a) exercer, como órgão deliberativo, a jurisdição superior da Universidade,

b) aprovar os regimentos internos, organizados para cada uma das unidades universitárias;

c) aprovar as propostas dos orçamentos anuais das Unidades Universitárias, mantidas ou subvencionadas pela União ou pela Universidade, e remetidas as propostas ao Reitor pelos respectivos diretores;

d) aprovar o orçamento da reitoria e suas dependências;

e) submeter ao Conselho de Curadores, para efeito de despesa, o contrato de professores;

f) autorizar as alterações de lotação dos funcionários administrativos da reitoria e das Unidades Universitárias mantidas pela União, e propostas pelo Reitor;

g) resolver sobre os mandatos universitários e os cursos e conferência da extensão;

h) deliberar sobre assuntos didáticos de ordem geral e aprovar iniciativas ou modificações no regime do ensino e pesquisas, não determinadas em regulamento, propostas por qualquer das unidades universitárias, respeitados os limites em que se exercita a autonomia universitária;

i) decidir sobre a concessão dos títulos honoríficos da Universidade;

j) propor ao conselho de curador a criação e concessão de prêmios

pecuniários e outros destinados ao estímulo e recompensa de atividades universitárias;

k) deliberar, em grau de recurso sôbre a aplicação de penalidades;

l) deliberar sôbre providências destinadas a prevenir ou corrigir atos de indisciplina coletiva, inclusive sôbre fechamento de cursos e mesmo qualquer das unidades universitárias;

m) eleger o seu representante no Conselho de Curadores;

n) deliberar sôbre questões omissão do Estatuto e dos regimentos internos.

Art. 17. A reitoria, representada pessoa do Reitor, é o órgão executivo central que coordena, fiscaliza e superintende tôdas as atividades universitárias.

§ 1º O Reitor será nomeado pelo Presidente da República, dentre professôres catedráticos efetivos, eleitos em lista tríplice, e por votação uninominal, pelo Conselho Universitário.

§ 2º A nomeação do Reitor se fará pelo prazo de três anos podendo reconduzido na forma do parágrafo anterior.

§ 3º Quando a escolha do Reitor recair num dos diretores das Unidades Universitárias, êste passará o exercício da diretoria ao seu substituto eventual, enquanto durar o impedimento.

Art. 18. São atribuições do Reitor dentre outras que o Estatuto estabelecer:

a) organizar, ouvidos os diretores das unidades universitárias, os planos de trabalho anual e submetê-los ao Conselho Universitárias;

b) organizar, ouvido o Conselho Universitário, os projetos de orçamento anual e submetê-los ao Conselho de Curadores:

c) homologar as propostas de orçamento anual da Unidade Universitárias, ressalvados os dispositivos da letra c do art. 16;

d) administrar as finanças da Universidade, nos têrmos desta lei;

e) admitir, transferir e dispensar o pessoal extraordinário, isto é, empregados admitidos pelos recursos próprios da Universidade;

f) remover de acôrdo com a conveniência do serviço, o pessoal administrativo de uma para outra das unidades federais que integram a Univercidade;

g) exercer o poder disciplinador;

h) organizar os serviços didáticos e administrativos da Unidade Universitárias que tendo sido incorporadas a Universidade necessitem dêsse reafastamento.

Parágrafo único. O Reitor apresentará ao Conselho de Curadores. Anualmente; ou quando solicitado, completo relatório da situação orçamentária e das atividade auniversitárias.

CAPÍTULO IV DOS RECURSOS FINANCEIROS

Art. 19. Os recursos para a manutenção e desenvolvimento dos serviços da universidade, conservação, renovado, e ampliação de suas instalações, serão provenientes:

a) dotações orçamentárias que lhe forem atribuídas pela União, na forma do artigo 23;

b) rendas patrimoniais e receita das unidades universitárias;

c) dotações, a título de subvenção, que lhe atribuírem os poderes públicos;

d) doações que a êsse título recebe de pessoal físicas ou jurídicas;

e) rendas de aplicações de bens patrimoniais;

f) retribuição das atividades remuneradas dos laboratórios e quaisquer outros serviços;

g) taxas e emolumentos escolares;

h) receita eventual.

CAPÍTULO V DO REGIME FINANCEIRO

Art. 20. O regime financeiro da Universidade obedecerá aos seguintes preceitos :

- a) o exercício financeiro coincidirá, com o ano civil;
- b) o orçamento, embora unitário, discriminará a receita e despesa das diversas unidades universitárias, tendo em vista o que dispõe o artigo 5º, as normas estatutárias a respeito, e a situação financeira peculiar a cada uma delas;
- c) a proposta orçamentária será, justificada com a indicação dos planos de trabalho correspondentes;
- d) os saldos de cada exercício serão lançados no fundo patrimonial ou em fundos especiais, na conformidade do que estabelecer o Estatuto;
- e) durante o exercício financeiro poderão ser abertos créditos adicionais, desde que as necessidades de serviço o exijam e haja recursos disponíveis.

Art. 21. Para a realização de planos cuja execução possa exceder a um exercício, as despesas previstas serão aprovadas globalmente, consignando-se nos orçamentos seguintes as respectivas dotações.

Art. 22. A prestação anual de contas será feita até 31 de Março e conterà, além de outros, os seguintes elementos:

- a) balanço patrimonial;
- b) balanço financeiro;
- c) quadro comparativo entre a receita estimada e a receita realizada;
- d) quadro comparativo entre a despesa fixada e a despesa realizada.

Art. 23. A lei que fixar anualmente a despesa da União consignará, na parte referente ao Ministério da Educação e Saúde, a subvenção necessária ao custeio dos programas de trabalho das unidades universitárias, mantidas pelo Governo Federal na Universidade da Bahia.

§ 1º A subvenção discriminar-se-á pelas rubricas Pessoal, Material, Serviços e Encargos e Obras e Equipamentos.

§ 2º A rubrica – Pessoal – compreenderá as despesas a que se refere o art. 24.

§ 3º Os créditos orçamentários e adicionais destinados ao pagamento de subvenção à Universidade da Bahia, serão automaticamente registrados pelo Tribunal de Contas e distribuídos à Tesouraria do Departamento de Administração do Ministério da Educação e Saúde, que providenciará, para que sejam postos no Banco do Brasil, à disposição da Reitoria da Universidade.

Art. 24 Os atuais cargos e funções gratificadas nos estabelecimentos federais de ensino que integram a Universidade da Bahia, serão destacados dos atuais quadros do Ministério da Educação e Saúde, para constituir o Quadro da Universidade da Bahia.

§ 1º Serão conservadas as tabelas numéricas de extranumerários mensalistas e diaristas dos estabelecimentos federais de ensino a que se refere este artigo.

§ 2º A despesa com o pagamento dos funcionários e extranumerários da Universidade da Bahia, inclusive a relativa à diferença de vencimentos, assegurada por lei, gratificações adicional e de magistério, salário-família, substituições e outras vantagens e indenizações previstas em lei, será atendida pela subvenção a que se refere o art. 23.

Art. 25. O Estatuto da Universidade da Bahia, que será, aprovado por lei federal, disporá sobre a organização e orientação geral dos trabalhos didáticos, admissão de professores e alunos, seus direitos e deveres, e regime disciplinar, atendidos os seguintes pontos:

a) a Universidade praticará sob sua exclusiva responsabilidade todos os atos peculiares ao seu funcionamento;

b) o regime didático obedecerá aos padrões mínimos fixados na lei federal, salvo quanto à seriação;

c) as condições gerais de nomeação licenciamento, demissão, admissão, dispensa e aposentação dos servidores públicos, lotados nas Unidades Universitárias inantidas pela União são as estabelecidas na legislação federal;

d) a Universidade não poderá dispensar, em qualquer caso, o concurso de títulos e de provas para a nomeação de professores;

e) o exercício da docência-livre não constitui acumulação vedada por lei;

f) a Reitoria será o órgão central da Universidade;

g) a direção de cada um dos estabelecimentos da Universidade será exercida por um diretor, empossado pelo Reitor, e que seja professor catedrático efetivo, indicado pela respectiva congregação, segundo as disposições dos seus regimentos internos e respeitadas as exigências da letra c deste artigo;

h) as Faculdades e Escolas se organizadas em departamentos, constituído o professorado em quadros de uma carreira de acesso gradual e sucessivo;

i) os departamentos serão dirigidos por um chefe escolhido dentro os respectivos catedráticos, por proposta do Diretor e designação do Reitor;

j) segundo as conveniências específicas, essas unidades definirão e regularão o regime de tempo integral para os professôres e auxiliares de ensino.

Art. 26. As disposições do estatuto ou dos regulamentos, que, direta ou indiretamente, acarrem para União obrigações não definidas neste Decreto-lei, serão consideradas insubsistente enquanto não foram aprovadas por lei federais.

Art. 27. Ficam assegurados todos os direitos em cujo gôzo se acham membros do corpo docente e demais servidores, administrativos e técnicos atualmente lotados nas Unidades Universitárias, mantidas pela União.

Parágrafo Único. Tôdas as ocorrências relativas à vida funcional dos servidores públicos a que se refere este artigo serão, ato contínuo, comunicadas á Divisão do Pessoal do Ministério da Educação e Saúde, para devidos assentamentos.

Art. 28. O corpo docente e os servidores das Unidades Universitárias não mantidas pela União na data em que foram incorporadas à Universidade, continuarão no gôzo dos seus direitos e vantagens, não adquirindo a qualidade de funcionários públicos para qualquer efeito.

DISPOSIÇÕES TRANSITÓRIAS

Art. 29. O presidente da Comissão de Planejamento e Organização da Universidade da Bahia presidirá, a constituição do Conselho Universitário e a eleição do Reitor.

Art. 30. Os saldos dos créditos orçamentários e adicionais destinados no corrente exercício aos estabelecimentos de ensino, mantidos pelo Governo Federal e ora incorporados á Universidade da Bahia, serão entregues á Reitoria da mesma Universidade.

§ 1º Os saldos a que se refere êste artigo e relativos a créditos distribuídos à Delegacia Fiscal do Tesouro Nacional no Estado da, Bahia serão entregues à Reitoria, mediante requisição do Reitor ao respectivo Delegado Fiscal.

§ 2º O Reitor da Universidade da Bahia depositará, os saldos no Banco do Brasil, a fim de os movimentar.

Art. 31. O Estatuto da Universidade Bahia será elaborado no prazo de 60 dias, a contar da publicação desta lei, pelo Conselho Universitário, organizado nos t ermos do artigo 15, e pelo Reitor, submetido à consideração do Ministro da Educação e Saúde.

Parágrafo  nico. At e que seja aprovado pelo Ministro da Educação e Saúde o Estatuto da Universidade da Bahia, rege-se-  ela pelas disposições gerais que lhe forem aplic aveis, da lei de criação da Universidade do Brasil, e das leis que regulam o ensino superior da República.

Art. 32. Fica criado no Quadro Permanente do Ministério da Educação e Saúde o cargo isolado, em comissão, de Reitor da Universidade da Bahia, padrão R.

Art. 33. Êste Decreto-lei entrará em vigor na data da sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

Rio de Janeiro 8 de Abril de 1946, 125  da Independência e 58  da República.

EURICO G. DUTRA. *Ernesto de Souza Campos*.

Este texto não substitui o publicado no D.O.U. de 12.4.1946.

Ata da Sessão Inaugural do Conselho Universitário da Universidade da Bahia

Ao primeiro (1.º) dia do mês de junho do ano de mil novecentos e quarenta e seis (1946), às dezesseis (16) horas, foi aberta, no salão-nobre da Faculdade de Medicina da Bahia, a sessão inaugural do Conselho Universitário pelo professor Pedro Calmon Moniz de Bittencourt, Presidente da Comissão Organizadora da Universidade da Bahia e Vice-Reitor da Universidade do Brasil, declarando S. Excia. as suas congratulações pelo acontecimento, que é dos maiores da história da cultura brasileira. Pediu que o Dr. José Pinto Soares Filho, Secretário da Faculdade de Medicina da Bahia e Secretário *ad-hoc* da sessão, passasse a ler as atas das várias Congregações, que, ao mesmo tempo, manifestaram o pronunciamento pela incorporação das diferentes unidades universitárias à Universidade da Bahia, e dão poderes aos seus representantes para integrarem o Conselho. O Secretário leu as atas seguintes: "ATA DA CONGREGAÇÃO DA FACULDADE DE MEDICINA DA BAHIA": — Aos trinta e um (31) dias do mês de maio do ano de 1946, às 14 1/2 horas, presentes os professores catedráticos Drs. Edgar Rêgo Santos, Albino Arthur da Silva Leitão, Mário Carvalho da Silva Leal, Eduardo Diniz Gonçalves, Almir Sá Cardoso de Oliveira, Maria Andréa dos Santos, José Olympio da Silva, Aristides Novis, Fernando José de São Paulo, Sabino Silva, Antônio Inácio de Menezes, Estácio Luiz Valente de Lima, Francisco Peixoto de Magalhães Netto, Eduardo Lins Ferreira de

Araújo, Heitor Práguer Fróes, Adriano de Azevedo Pondé, Edgard Pires da Veiga, Carlos Rodrigues de Moraes, Alcino Peltier de Queiroz; os professores interinos drs. Aldrovando de Vasconcellos, Rodrigo Bulcão d'Argollo Ferrão, Josannah de Oliveira, Carlos Freitas da Gama, José Coelho dos Santos; o professor substituto Dr. Flaviano Inccêncio da Silva e o representante dos docentes livres Dr. César Augusto de Araújo (26), reuniu-se a Congregação da Faculdade de Medicina da Bahia, para o fim de cumprir o disposto no artigo 15 do Decreto-lei n. 9155, de 8 de abril de 1946. Aberta a sessão pelo sr. Diretor da Faculdade, professor Edgard Rêgo Santos, e havendo número legal, leu o Secretário a ata da última reunião, a qual foi unânimemente aprovada, sem debates. Achando-se presente à sessão o Sr. Prof. Pedro Calmon Moniz de Bittencourt, Vice-Reitor da Universidade do Brasil e presidente da Comissão Organizadora da Universidade da Bahia, foi o mesmo convidado a tomar parte da mesa, ocupando a cadeira da Presidência. Saudado pelo sr. Diretor da Faculdade e pelo professor Heitor Práguer Fróes, este, em nome da Congregação, agradeceu o homenageado. A Congregação resolveu, por unanimidade: a) ratificar a aprovação dada em sessão de 29 de abril último à incorporação da Faculdade de Medicina da Bahia na Universidade da Bahia; b) eleger, em consequência, o representante da Congregação no Conselho Universitário a inaugurar-se em 1.º de junho próximo. O sr. Diretor declarou que iria proceder a eleição, que, em seguida, feita por escrutínio secreto, deu o seguinte resultado: Professores Estácio Luiz Valente de Lima, quatorze (14) votos; Albino Arthur da Silva Leitão e Aristides Novis, cinco (5) votos cada; José Olympio da Silva e Francisco Peixoto de Magalhães Netto, um (1) voto cada. O Sr. Diretor proclamou eleito o professor Estácio Luiz Valente de Lima, que, com êle Diretor, representará a Faculdade no Conselho Universitário, cuja instalação se efetivará na própria Faculdade, às 16 horas de amanhã, 1.º de junho, quando esta Casa terá a honra de receber os representantes das demais Unidades Universitárias. Nada mais havendo a tratar, foi encerrada a sessão. E, para constar, lavrei a presente ata que

vai assinada pelo Sr. Professor Pedro Calmon Moniz de Bittencourt, pelo Diretor da Faculdade e por mim Secretário".

"ATA DA SESSÃO EXTRAORDINÁRIA DA FACULDADE DE DIREITO DA BAHIA, REALIZADA EM 31 DE MAIO DE 1946 — "As dez horas e meia do dia trinta e um do mês de maio do ano de mil novecentos e quarenta e seis, presentes os professores doutores Demétrio Cyriaco Ferreira Tourinho, Augusto Alexandre Machado, Orlando Gomes, Rogério Gordilho de Faria, João A. Garcez Fróes, Adalício Nogueira, Lafayette de Azevedo Pondé e o representante dos docentes livres Evandro Balthazar da Silveira, reuniu-se, na Sala das Congregações, com a presença do Prof. Dr. Pedro Calmon, delegado do Sr. Ministro da Educação, em sessão extraordinária, a Congregação da Faculdade de Direito da Bahia, sob a presidência do seu Diretor Des. Demétrio Cyriaco Ferreira Tourinho. Lida e aprovada a ata da sessão anterior, o Des. Diretor diz da satisfação da presença do ilustre Prof. Dr. Pedro Calmon, a quem esta Casa tanto estima e admira. Em seguida, pela ordem, o Dr. Orlando Gomes pede a palavra e traz ao conhecimento da Congregação o cabal desempenho do mandato que lhe conferiu, ao lado do Professor Jaime Aires, na feitura do ante-projeto dos Estatutos da Universidade, realizada em várias sessões aqui na Faculdade de Medicina. Logo após a Congregação da Faculdade resolve: a) ratificar a decisão, já votada pela Congregação, da incorporação desta Faculdade na Universidade da Bahia, nos termos do Decreto-lei que a criou; b) em cumprimento da mesma resolução eleger o representante da Congregação no Conselho Universitário. Procedida, imediatamente, a eleição para representante, foi o seguinte o resultado: Prof. Orlando Gomes, sete votos; Prof. Augusto Alexandre Machado, um voto. O Des. Diretor proclamou eleito o Prof. Dr. Orlando Gomes e declarou que, juntamente com êle, terá a honra de participar do Conselho Universitário da Universidade da Bahia, que se inaugurará a 1.º de junho. A escolha do Prof. Orlando Gomes e a declaração do Des. Diretor foram aplaudidas com uma salva de palmas. Solicitou, então, a palavra o Dr. Orlando Gomes e diz da honra que, para êle, representa

a escolha de seu nome para representante da Faculdade no Conselho Universitário, Faculdade a que tem procurado servir de todos os modos, sendo êste o motivo principal de sua aceitação. Agradece o Dr. Orlando Gomes, com emoção, aos seus dignos colegas reafirmando o seu desejo de tudo fazer pela maior glória desta Escola onde formou o seu espírito como aluno e professor. Pede, então, a palavra o Prof. Augusto Machado e propõe um voto de louvor ao Dr. Pedro Calmon, de quem faz o elogio, referindo-se à dedicação desinteressada com que procura sempre servir a Bahia; propõe, também, um voto de louvor ao Prof. Orlando Gomes pelo modo brilhante com que se desempenhou da incumbência da Congregação, fazendo o ante-projeto do Estatuto da Universidade da Bahia. Aplaudindo a proposta do Dr. Augusto Machado, falaram os professores Adalício Nogueira e Rogério de Faria. Aprovada por uma salva de palmas a proposta do Prof. Augusto Machado, fala o Prof. Pedro Calmon historiando, sinteticamente, as principais fases da confecção do Decreto-lei criador da Universidade da Bahia e ressalta a importância da Faculdade de Direito como estabelecimento paradigma, dadas as suas grandes e valiosas tradições e serviços prestados à cultura jurídica na Bahia e no Brasil. Lembra a sua passagem por esta escola e cita nominalmente seus professores, dizendo que se considera, sempre, um filho desta casa a que estima sinceramente. As últimas palavras do Prof. Pedro Calmon, que foram de profundo agradecimento, foram abafadas com uma salva de palmas. Não havendo mais quem quisesse usar da palavra, o Dr. Diretor, após agradecer ao Dr. Pedro Calmon e congratular-se com a Congregação pela escolha do Dr. Orlando Gomes, encerrou a sessão, da qual eu, Nelson de Souza Oliveira, Secretário da Faculdade, lavrei a presente ata que vai devidamente assinada. aa) Pedro Calmon, Demétrio Cyriaco Ferreira Tourinho, Augusto Alexandre Machado, Rogério Gordilho de Faria, Orlando Gomes, Adalício Nogueira, Lafayette Pondé e Evandro Balthazar da Silveira. E eu, Guiomar da Cruz Ramos, Oficial da Secretaria, extraí a presente, está de acordo com o original." — ATA DA CONGREGAÇÃO DA ESCOLA

POLITÉCNICA DA BAHIA — “Ata da tricentésima octagésima nona sessão, extraordinária especial, da Congregação da Escola Politécnica da Bahia, realizada no dia 29 de maio de 1946. Aos vinte e nove dias do mês de maio de mil novecento e quarenta e seis, na sala de Sessões da Congregação da Escola Politécnica da Bahia, presentes os Srs. Professôres Tito Vespasiano Augusto Cesar Pires, Diretor da Escola Politécnica da Bahia, professôres que assinam esta, engenheiros civis Hermilo Afonso Guerreiro, Inspetor Federal, e Cyro Moreira Spinola, Secretário da Escola, e com a presença do Prof. Dr. Pedro Calmon Moniz Bittencourt, Diretor da Faculdade Nacional de Direito, Vice-Reitor da Universidade do Brasil e representante do Sr. Ministro da Educação e Saúde, para a eleição do representante da Congregação no Conselho Universitário, de acôrdo com o Decreto-lei que instituiu a Universidade da Bahia. O Sr. Diretor da Escola, declara aberta a sessão. Exposto o assunto pelo sr. Diretor, da convocação da presente reunião, que é escolher o representante da Congregação no Conselho Universitário, a Congregação da Escola Politécnica da Bahia, resolve por unanimidade de votos dos professôres presentes dar cumprimento ao que dispõe o Decreto-lei n. 9.155 de 8 de abril de 1946, e, nos têrmos do art. 15, do referido Decreto, eleger o seu representante para, juntamente com o Diretor, integrar o Conselho Universitário da Universidade da Bahia, a êste manifestando o desejo da Escola de participar da dita Universidade, colaborar para a sua instalação e funcionamento e tudo fazer de acôrdo com a mencionada lei, que já teve o decidido apoio desta corporação, para a realização do ideal universitário, definido na citada lei. Procedida a eleição por escrutínio secreto, verificou-se o seguinte resultado: Professor Elísio de Carvalho Lisboa, 10 (dez) votos; Miguel Calmon Sobrinho, 2 (dois) votos; Freitas Guimarães, Paulo Pedreira e Leopoldo Amaral, 1 (um) voto cada um. O Diretor proclamou eleito o Prof. Elísio de Carvalho Lisboa e comunicou que a sessão inaugural do Conselho Universitário se realizará no sábado, dia 1.º de junho, e a ela levará com o representante da Congregação, agora eleito, a manifestação desta. O Prof. Elísio Lisboa agradece

a confiança de seus pares, elegendo-o seu representante no Conselho Universitário e prometendo o seu esforço no sentido de, com o auxílio de todos, desempenhar a incumbência de que se acha investido. A seguir, o Prof. Pedro Calmon, em belíssima oração, falou sobre o desenvolvimento intelectual da Bahia, que pode ser a Coimbra do Brasil, e tratou da ação do Sr. Ministro Souza Campos criando as Universidades da Bahia, do Paraná, ficando adiada a Universidade de Pernambuco. Não havendo mais quem quisesse usar da palavra, o Sr. Presidente declara encerrada a sessão às 15 horas e 33 minutos (quinze horas e trinta e oito minutos). E, para constar, Eu, Cyro Moreira Spinola, lavrei a presente ata, como Secretário da Escola, Sala das Sessões da Congregação da Escola Politécnica da Bahia, 29 de maio de 1946. Em tempo: depois da palavra Paraná, linha 10, desta página diga-se e de *Pernambuco*, o mais como está. Sala das Sessões da Congregação da Escola Politécnica da Bahia, 29 de maio de 1946 (Ass) Tito Cesar Pires — Elísio de Carvalho Lisboa, Jayme Cunha da Gama e Abreu. Miguel du Pin e Almeida Sobrinho, Paulo de Matos Pedreira de Cerqueira, Octávio de Brito Figueiredo, Pedro Muniz Tavares Filho, Eloivaldo Chagas de Oliveira, Francisco de Freitas Guimarães, Mário Tarquínio, Albano da Franca Rocha, Miguel Ferreira Dutra, Leopoldo Amaral, Leonardo Mário Caricchio, Magno dos Santos Pereira Valente; Pedro Calmon Moniz de Bittencourt, Hermilo A. Guerreiro, Inspetor Federal — Copiada por Joviniano Roque de Jesus — Conferida por Cyro Moreira Spinola — Secretário — Visto Tito Cesar Pires — Diretor”. — “ATA DA CONGREGAÇÃO DA FACULDADE DE FILOSOFIA DA BAHIA” — “Faculdade de Filosofia da Bahia — CÓPIA AUTÊNTICA DA ATA — “Ata da sessão extraordinária da Congregação da Faculdade de Filosofia da Bahia, realizada em 29 de maio de 1946 para o fim especial da eleição do representante da Faculdade no Conselho Universitário da Universidade da Bahia. — “As dezesseis horas e meia do dia vinte e nove de maio do ano de mil novecentos e quarenta e seis, no salão-nobre do edifício-sede da Faculdade de Filosofia da Bahia, sito à avenida Joana Angélica n. 183, na

Cidade do Salvador, reuniram-se em sessão extraordinária, por convocação do Senhor Doutor Hélio Simões, Diretor interino, os Srs. Professôres abaixo assinados, para o fim especial de escolherem por eleição o representante da Faculdade de Filosofia ao Conselho Universitário da Universidade da Bahia, — Dando por aberta a sessão, o Prof. Hélio Simões, Presidente da mesma, diz do motivo da sua convocação, comunicando também, se achar presente na Casa, o Professor Pedro Calmon, Presidente da Comissão de Instalação da Universidade da Bahia, designando em seguida uma comissão integrada dos Professôres Francisco Peixoto de Magalhães Netto, Elísio de Carvalho Lisboa e Carlos Chiaccio para introduzi-lo no recinto desta sessão, o que foi feito sob uma salva de palmas. Logo após, prosseguindo nos trabalhos normais da sessão, o senhor presidente manda o Secretário proceder a chamada dos senhores professôres presentes, para que, em seguida, fôsse iniciada a votação da escolha do representante aludido. É lida mais uma vez a relação dos Professôres que compareceram a esta sessão, que, à medida da ordem de chamada, vão um a um depositando o seu voto uninominal. Terminada a votação, é, pelo Sr. Presidente, nomeada uma comissão escrutinadora composta dos Professôres Edith Mendes da Gama e Abreu e Ernesto Carneiro Ribeiro Filho, para computar os votos. Procedida a apuração, foi proclamado eleito o Prof. Francisco Peixoto de Magalhães Netto, de acôrdo com o seguinte resultado publicado: Professor Dr. Francisco Peixoto de Magalhães Netto, trinta e seis votos; Professor Eloyvaldo Chagas de Oliveira, dois; Professor Doutor Hélio Simões, Heitor Práguer Fróes e José Higinio Tavares de Macedo, um (1) voto cada. Houve um (1) voto em branco. Pedindo a palavra, o professor Francisco Peixoto de Magalhães Netto agradece a distinção dos colegas dizendo que demonstrará, com os trabalhos e esforços, o empenho que tem de bem servir à Faculdade de Filosofia e ao Espírito Universitário da Bahia. Concedida a palavra ao Professor Pedro Calmon, S. Senhoria, de início, diz do seu desvanecimento pela distinção a êle feita pela Faculdade de Filosofia conferindo-lhe o título de Professor Honorário da Cadeira de Po-

lítica, salientando a contribuição valiosa que a Faculdade de Filosofia deu e dará para o êxito da Universidade da Bahia, que é a colimação da secular aspiração da cultura baiana. Nesse ínterim, para que fôsse lavrada a presente ata, o Sr. Presidente suspende por momentos a sessão, reabrindo-a para que seja lida esta ata e, uma vez aprovada, ser devidamente assinada. (assinados) — Hélio Simões — Pedro Calmon — Ricardo Vieira Pereira — Heitor Fróes — Gizela do Prado Valadares — José Higinio Tavares de Macedo — Christiano Muller — José Valadares — Hélio Ribeiro — João Mendonça — Maria Luígia Magnavita — Trípoli Gaudenzi — José Tobias Neto — Jenner Barreto Bastos — Francisco Conceição Menezes — Alexandre Leal Costa — José Moreira Pinto — Luiz de Pinho Pedreira — Raymond Van Der Haegen — Frederico Edelweiss — Raul Baptista de Almeida — Gabriela de Sá Pereira — Lauro Andrade Sampaio — Ernesto Carneiro Ribeiro Filho — Edith Mendes da Gama e Abreu — Thales Olímpio Góes de Azevedo — Miguel Ferreira Dutra — Pedro Tavares Filho — Mário da Fonseca de Barros — Paulo Pedreira de Cerqueira — Antonino de Oliveira Dias — Eloywaldo Chagas de Oliveira — Elísio de Carvalho Lisboa — Aurélio Laborda — Jorge Calmon Moniz de Bittencourt — Renato Mesquita — Francisco Peixoto de Magalhães Neto — Jayme Cunha da Gama e Abreu — Dr. Gregório Muller — Carlos Chiacchio — Tito Vespasiano Cesar Pires — Leopoldo Amaral — Célia Paula Ferreira”. Confere com o original 31-5-946 (a) Joaquim Neves. — Secretário”. “ATA DA SESSÃO DA CONGREGAÇÃO DA FACULDADE DE CIÊNCIAS ECONÓMICAS DA BAHIA, realizada em 31 (trinta e um) de maio de 1944. (*) Aos trinta e um dias do mês de maio de mil novecentos e quarenta e seis, presentes 18 (dezoito) catedráticos, abaixo assinados, e achando-se presente também o Dr. Pedro Calmon Moniz Bittencourt, foi pelo Diretor aberta a sessão da Congregação, tendo por fim único e exclusivo a

(*) Há um equívoco na transcrição da data, por demais óbvio. O ano é 1946 e não 1944. (Nota do Organizador).

eleição do representante da Faculdade de Ciências Econômicas da Bahia no Conselho Universitário da Universidade da Bahia. A Faculdade de Ciências Econômicas da Bahia, tendo resolvido a sua incorporação na Universidade da Bahia nos termos do Decreto-lei que a esta instituiu, ratifica a deliberação anterior tomada pela unanimidade da Congregação e passa a proceder a eleição, também de acôrdo com a citada lei, do representante da mesma Congregação no Conselho Universitário. Feita a mesma por voto secreto, foi o seguinte o resultado: Dr. Paulo Matos Pedreira de Cerqueira, 13 votos; Dr. Lafayette Pondé, 3 votos; Dr. Nelson de Oliveira, 1 voto; Dr. João Mendonça, 1 voto. O Diretor proclamou eleito o Dr. Paulo Matos Pedreira de Cerqueira, que pertence ao Curso Superior, reconhecido pelo Governo Federal, desta Faculdade, e comunicou que, juntamente com êle, cumprirá o grato dever de participar da Sessão inaugural do Conselho Universitário, marcada para 1.º de junho. Nada mais havendo a tratar, foi encerrada a sessão lavrando-se esta ata, que vai assinada pelos professores presentes e pelo Dr. Pedro Calmon Moniz de Bittencourt, vice-Reitor da Universidade do Brasil e Presidente da Comissão de planejamento da Universidade da Bahia. E, eu Agripino Vieira de Moraes — Sub-Secretário, lavrei esta ata, que também assino com o Secretário, Agripino Vieira de Moraes. Sub-Secretário. A) Joaquim Soares Senna, secretário. a) Dr. Antônio Bernardo V. de Queiroz. a) Álvaro Augusto da Silva. a) João Evangelista de Moraes Ramos. a) Rodrigo Vasco da Gama. a) Apolônio José do Espírito Santo. a) João Alves dos Santos. a) Dr. Ernesto Carneiro Ribeiro Filho. a) João Ignácio Mendonça a) Francisco Gomes de Oliveira Neto a) Antonino de Oliveira Dias. a) Afonso de Castro Valente. a) João Caldas Coni. a) Paulo Pedreira de Cerqueira. a) Augusto Alexandre Machado. a) Orlando Gomes. a) Nelson de Souza Oliveira. a) Lafayette de Azevedo Pondé. a) Pedro Calmon. Está conforme com o original. Bahia, 21 de maio de 1946 (a) Agripino Vieira de Moraes — Sub-Secretário. (a) Dr. Antônio Bernardo Vasconcellos — Diretor”. “ATA DA REUNIÃO DOS PROFESSORES DA ESCOLA DE FARMÁCIA, ANEXA

À FACULDADE DE MEDICINA DA BAHIA — “Aos trinta e um (31) dias do mês de maio do ano de 1946, às 16 horas e 15 minutos, presentes os professores da Escola de Farmácia, Anexa à Faculdade de Medicina da Bahia, Francisco Peixoto de Magalhães Neto, Eduardo Lins Ferreira de Araújo, José Carlos Ferreira Gomes, Elsiar Joelviro Coutinho, Mauro Barreira de Alencar, José Tobias Neto, Tripoli Francisco Gaudenzi e Galeno Egídio José de Magalhães, com a presença do Sr. Prof. Pedro Calmon Moniz de Bittencourt, vice-reitor da Universidade do Brasil e Presidente da Comissão Organizadora da Universidade da Bahia, reunidos na sala das Congregações da Faculdade de Medicina da Bahia, foram os mesmos convidados, pelo Diretor da Faculdade, Prof. Edgard Rêgo Santos, a escolher, por votação, o representante da Escola Anexa de Farmácia no Conselho Universitário, de acordo com o estabelecido no Decreto-lei n. 9.155. Procedida a eleição, e apurados os votos, foi este o resultado: Prof. José Carlos Ferreira Gomes seis (6) votos; José Tobias Netto e Elsiar Joelviro Coutinho, um (1) voto. O Sr. Diretor proclamou eleito o Prof. José Carlos Ferreira Gomes. Este, com a palavra, agradeceu a escolha de seu nome. Nada mais havendo a tratar foi encerrada a sessão. E, para constar, lavrei a presente ata que vai assinada pelo Sr. Prof. Pedro Calmon Moniz de Bittencourt, pelo Sr. Diretor da Faculdade e por mim Secretário da Faculdade de Medicina da Bahia”. “ATA DA REUNIÃO DOS PROFESSORES DA ESCOLA DE ODONTOLOGIA, ANEXA A FACULDADE DE MEDICINA DA BAHIA. Aos trinta e um (31) dias do mês de maio do ano de mil novecentos e quarenta e seis (1946), às 16 1/2 horas, presentes os professores da Escola de Odontologia, anexa à Faculdade de Medicina da Bahia, Aristides Novis, Estácio Luiz Valente de Lima, Eduardo Diniz Gonçalves; Mário Andréa dos Santos, Augusto Lopes Pontes, Mário Peixoto, José de Oliveira Lima, Arnaldo Rodrigues da Silveira, Elias de Andrade Passo e Ademar de Almeida Senna, com a presença do Sr. Prof. Pedro Calmon Moniz de Bittencourt, vice-reitor da Universidade do Brasil, e presidente da Comissão Organizadora da Universidade da Bahia, reunidos na Sala das Congregações

da Faculdade de Medicina da Bahia, foram os mesmos convidados pelo Dr. Diretor da Faculdade, Prof. Edgard Rêgo Santos a escolher, por votação, o representante da Escola Anexa de Odontologia no Conselho Universitário, de acôrdo com a alínea "d", artigo 15, do Decreto-lei n. 9.155, de 8 de abril de 1946. Procedida a eleição, e apurados os votos, foi êste o resultado: Profs. Augusto Lopes Pontes, cinco (5) votos; José Vicente Tôrres Homem, três (3) votos; Mário Peixoto e Arnaldo Rodrigues da Silveira, um (1) voto cada. O Dr. Diretor proclamou eleito o mais votado, Prof. Augusto Lopes Pontes, que agradeceu a homenagem recebida. O Dr. Diretor congratulou-se com o resultado dos trabalhos, e convidou os presentes para saudarem o eminente Vice-Reitor da Universidade do Brasil, que honrava a reunião com a sua presença, com uma salva de palmas. Pediu, também, que a mesma homenagem se fizesse ao Exmo. Sr. Ministro da Educação e Saúde, Prof. Ernesto de Souza Campos, que concretizou a idéia da criação da Universidade da Bahia. Todos de pé saudaram os ilustres homenageados com uma salva de palmas. Nada mais havendo a tratar foi encerrada a sessão. E, para constar, lavrei a presente ata, que vai assinada pelo Sr. Prof. Pedro Calmon Moniz de Bittencourt, pelo Diretor da Faculdade, e por mim Secretário da Faculdade de Medicina da Bahia. "ATA DA REUNIÃO DOS DOCENTES LIVRES DA FACULDADE DE MEDICINA, DA FACULDADE DE DIREITO E DA ESCOLA POLITÉCNICA DA BAHIA — "Aos trinta e um (31) dias do mês de maio do ano de 1946, às 16 horas, presentes os representantes dos docentes livres nas Congregações da Faculdade de Medicina, da Faculdade de Direito e da Escola Politécnica da Bahia, respectivamente, Cesar Augusto de Araújo, Evandro Balthazar da Silveira e Gentil Marinho Barbosa, sob a presidência do Sr. Prof. Pedro Calmon Moniz de Bittencourt, vice-reitor da Universidade do Brasil e presidente da comissão organizadora da Universidade da Bahia, reunidos na Sala das Congregações da Faculdade de Medicina da Bahia, foram os mesmos convidados a escolher, por votação, o representante dos docentes livres no Conselho Universitário. Procedida a eleição e apurados os

votos, foi este o resultado: Dr. Gentil Marinho Barbosa dois votos; Dr. Evandro Balthazar da Silveira, um voto. O Sr. Presidente proclamou eleito o Dr. Gentil Marinho Barbosa. Nada mais havendo a tratar, foi encerrada a sessão. E, para constar, lavrei a presente ata, que vai assinada pelo Sr. Prof. Pedro Calmon Moniz de Bittencourt e por mim José Pinto Soares Filho, servindo o Secretário *ad-hoc*". "ATA DA SESSÃO DOS REPRESENTANTES DOS DIRETÓRIOS ACADÊMICOS DAS FACULDADES DE MEDICINA, DIREITO, DA ESCOLA POLITÉCNICA, DA FACULDADE DE CIÊNCIAS ECONÔMICAS E DA FACULDADE DE FILOSOFIA" — Ao primeiro (1.º) dia do mês de junho do ano de mil novecentos e quarenta e seis (1946) às dez e meia horas (10 1/2), presentes os representantes dos Diretórios Acadêmicos das Faculdades de Medicina, de Direito, da Escola Politécnica, da Faculdade de Ciências Econômicas, e da Faculdade de Filosofia, sob a presidência do Prof. Pedro Calmon Moniz de Bittencourt, vice-Reitor da Universidade do Brasil e presidente da Comissão Organizadora da Universidade da Bahia, reunidos na sala das Congregações da Faculdade de Medicina da Bahia, foram os mesmos convidados a oferecer as suas credenciais, apresentando-se pelo Diretório Acadêmico da Faculdade de Medicina e das Escolas Anexas de Farmácia e Odontologia os estudantes Antônio Machado Lôbo e Sylvia Augusta Soares de Quadros; pela Faculdade de Direito os acadêmicos Orlando Afonso de Carvalho e Antônio Leal Gomes; pela Escola Politécnica os estudantes Durval Storino de Matos e Filemon Tavares; pela Faculdade de Ciências Econômicas, os acadêmicos Deodato Hart Madureira e Wolmar Gottchald Assumpção; e pela Faculdade de Filosofia os estudantes Raimundo Peixoto Costa e Raimundo Augusto Schaun. O Sr. Presidente convidou a tomar parte nos trabalhos os Professores Edgard Rêgo Santos e Isaias Alves de Almeida, Diretores, respectivamente, da Faculdade de Medicina e da Faculdade de Filosofia, e o Dr. Elycio de Carvalho Lisboa, professor da Escola Politécnica, os quais estavam presentes. O Sr. Presidente, tendo realçado o valor do acontecimento, pediu aos presentes para confeccionarem suas cédulas, a fim

de proceder a eleição, por escrutínio secreto, do Presidente do Diretório Central dos Estudantes, no momento constituído pelos representantes acima nomeados e que ora se instalava. Recolhidas dez (10) cédulas, foi êste o resultado: Antônio Leal Gomes, nove (9) votos; Deodato Hart Madureira um (1) voto. O Sr. Presidente proclamou eleito Antônio Leal Gomes, estudante da Faculdade de Direito. O Sr. Presidente ressaltou a importância da Universidade que ora se instala, e conclamou os estudantes a colaborarem nessa obra que significa velha exigência da cultura baiana. Suas palavras foram aplaudidas com uma salva de palmas. Nada mais havendo a tratar foi encerrada a sessão. E, para constar, lavrei a presente ata, que vai assinada pelo Sr. Prof. Pedro Calmon Moniz de Bittencourt, e por mim, José Pinto Soares Filho, servindo de Secretário "*ad-hoc*". O Sr. Presidente disse achar-se organizado, assim, o Conselho Universitário, e proclamou empossados os Srs. Conselheiros. Usaram da palavra em nome das respectivas Congregações, o Prof. Estácio Luiz Valente de Lima, pela Faculdade de Medicina, e, também, pelas Escolas Anexas de Farmácia e Odontologia; o Prof. Orlando Gomes, pela Faculdade de Direito; o Prof. Tito Vespasiano Cesar Pires, pela Escola Politécnica; o Prof. Paulo Pedreira de Cerqueira, pela Faculdade de Ciências Econômicas; e o professor Isaías Alves de Almeida, Faculdade de Filosofia; o Engenheiro Gentil Marinho Barbosa, pela classe dos docentes livres; e o estudante Antônio Leal Gomes, pelo Diretório Central dos Estudantes, todos se regozijando pelo grande dia que representava a instalação da Universidade da Bahia, e se mostrando prontos para trabalharem pelo engrandecimento do ideal Universitário. Declarou, então, o Sr. Presidente que, nos termos dos artigos 29 e 17 § 1.º, do Decreto-lei n. 9.155, de 8 de abril de 1946, pedia aos Srs. Conselheiros presentes, e que subscrevem esta ata, para elegerem o Reitor da Universidade da Bahia, por voto uninominal, a fim de se organizar a lista tríplice para efeitos de nomeação. Procedida a eleição, foi o seguinte o resultado: Prof. Edgard Rêgo Santos, treze (13) votos, Dezebargador Demétrio Cyriaco Ferreira Tourinho, um (1) voto. Sendo imprescindível

dível a composição da lista tríplice, para a escolha do Governo, solicitou o Sr. Presidente nova eleição, para completar a lista, apurando-se o seguinte: Profs. Isaiás Alves de Almeida, três (3) votos; Dez. Demétrio Cyriaco Ferreira Tourinho, Albino Arthur da Silva Leitão e Orlando Gomes, dois (2) votos cada; Edgard Rêgo Santos, Elysio de Carvalho Lisboa, Antônio Bernardo Vasconcelos de Queiroz, Francisco Peixoto de Magalhães Netto e Tito Vespasiano Cesar Pires, um (1) voto cada. O Sr. Presidente anunciou o resultado, e disse que êste seria imediatamente comunicado ao Governo Federal para os fins da nomeação do Reitor. Declarou, ainda, que ia proceder a eleição do Vice-Reitor, que seria, também, o Vice-Presidente do Conselho Universitário. Feita a eleição pelo mesmo processo, verificou-se: Profs. Dez. Demétrio Cyriaco Ferreira Tourinho, oito (8) votos; Isaiás Alves de Almeida e Elysio de Carvalho Lisboa, dois (2) votos; Orlando Gomes e Francisco Peixoto de Magalhães Netto, um (1) voto cada. O Sr. Presidente concede a palavra ao Prof. Edgard Rêgo Santos que agradeceu a generosidade dos membros do Conselho Universitário pela expressiva votação com que sugaram o seu nome para o cargo de Reitor, fazendo, em seguida referências aos laços de reconhecimento que o prendem ao Exmo. Sr. Ministro da Educação e Saúde, Prof. Ernesto de Souza Campos, e ao Exmo. Sr. Prof. Pedro Calmon Moniz de Bittencourt. Conclui congratulando-se com os seus pares de Congregação pela honra recebida, que, em verdade, representava mais uma homenagem à tradição gloriosa da Faculdade de Medicina. Também falou, em agradecimento, o Des. Demétrio Cyriaco Ferreira Tourinho. O Sr. Presidente convidou o Secretário a ler o projeto do Estatuto da Universidade da Bahia. O Conselheiro Des. Demétrio Cyriaco Ferreira Tourinho sugeriu a dispensa da mesma, justificando a proposta. O Presidente do Diretório Central dos Estudantes pediu ser esclarecido relativamente à interpretação do artigo 34, sendo satisfeito pelo Sr. Presidente. Submetido a votos, foi o projeto do Estatuto aprovado por unanimidade. O Sr. Presidente comunicou existirem sôbre a mesa dois casos para serem resolvidos: a) requerimento da Escola de Belas Artes

da Bahia, acompanhado de cópia da ata da Congregação realizada aos trinta e um (31) dias do mês de maio último, pedindo incorporação à Universidade da Bahia. Destacou o valor da instituição, com quase setenta (70) anos de laboriosa existência, e de onde têm saído nomes dos mais brilhantes na representação da cultura artística do Brasil, e consultou aos membros do Conselho Universitário se concordavam em deferi-lo, para efeitos de estudos preliminares, a fim de vir a ser concedida a incorporação da Escola de Belas Artes da Bahia à Universidade. O Prof. Tito Vespasiano Cesar Pires, com a palavra, prestou esclarecimentos sobre os cursos ministrados na Escola. Todos os Srs. Conselheiros deram aprovação ao pedido. b) Duas petições — uma do Instituto de Música da Bahia, outra da Escola de Música da Bahia, ambas comunicando que delegaram a uma comissão de três professores poderes para acordarem sobre a possibilidade de entenderem entre as duas corporações, no sentido de concorrerem para a Universidade da Bahia com uma só instituição musical. Sugeriu que as comissões deliberassem sob a orientação direta do Reitor. Deu a palavra, em seguida, ao Prof. Elycio de Carvalho Lisboa, representante da Escola Politécnica, que justificou a seguinte moção: “Conselho Universitário da Bahia, no momento de sua instalação, congratula-se com o Exmo. General Eurico Gaspar Dutra, digníssimo Presidente da República e Exmo. Professor Ernesto de Souza Campos, Digníssimo Ministro da Educação e Saúde, pela criação da Universidade da Bahia, — ato que concretiza uma das maiores aspirações da Terra-Máter do Brasil e que traduz eloquentemente os propósitos patrióticos do atual Governo da República, de aparelhar o ensino superior no País, proporcionando-lhe instrumentos e recursos capazes de assegurar à Nação brasileira um grau de cultura em harmonia com as modernas conquistas da Ciência e da Técnica. E, nesta oportunidade, o Conselho Universitário leva ao Exmo. Sr. Presidente da República a sua solidariedade e aplausos, diante da obra de engrandecimento cultural e social, pela honra do Brasil. Bahia, 1.º de junho de 1946 (a) Elísio de Carvalho Lisboa”. O Sr. Presidente pôs em discussão. Não

havendo quem pedisse a palavra, submeteu a votos. Foi aclamada com uma salva de palmas. Ainda o mesmo Prof. com a palavra, justificou o seguinte voto: “O Conselho Universitário da Bahia, em sua primeira reunião, registra com especial agrado um voto de reconhecimento e de louvor aos dignos membros da Comissão de Planejamento e Organização da Universidade da Bahia, aos Exmos. Professores Inácio Azevedo Amaral, Pedro Calmon, Edgard Rêgo Santos e João Cezário de Andrade, pelos relevantes serviços prestados no desempenho da nobre missão de que foram investidos, ressaltando o sentido construtivo que presidiu a elaboração do projeto de criação da Universidade e que representa fator decisivo para o êxito da Instituição. E ao ilustre professor Pedro Calmon, que presidiu brilhantemente a constituição deste órgão fundamental da Universidade, deixamos consignada especial gratidão, pelas demonstrações de seu devotado amor à Bahia, zelo estrênuo pelos ideais de civilização e fervoroso anseio pelo fortalecimento dos centros nacionais de cultura. Bahia, 1.º de junho de 1946”. Todos os membros do Conselho aplaudiram a proposta, abstendo-se de votar o Prof. Edgard Rêgo Santos. O Sr. Presidente agradeceu a delicadeza do Conselho. Continuando com a palavra, apresentou o Prof. Elyσιο de Carvalho Lisbôa os agradecimentos dos membros do Conselho Universitário ao Prof. Edgard Rêgo Santos pelas atenções pessoais aos que colaboraram na feitura do Estatuto da Universidade, e ao Prof. Orlando Gomes, autor do ante-projeto desse Estatuto. Essa proposta foi aprovada por aclamação, tendo deixado de votar os homenageados. O estudante Antônio Lomanto Filho, em nome da União dos Estudantes da Bahia, pediu permissão para apresentar à consideração do Conselho congratulações pelo auspicioso motivo da instalação da Universidade da Bahia, em expressiva moção a cuja leitura procedeu, com autorização do Sr. Presidente. Franqueada a palavra pelo Sr. Presidente, ninguém a solicitou. Encerrando a sessão, o Sr. Presidente proferiu notável discurso, precisando o significado da criação da Universidade da Bahia, enaltecendo as tradições sempre gloriosas da Faculdade de Medicina e, em magnífico surto de eloquência, entoando um

hino entusiástico a sua terra natal, que foi, também, o berço da cultura brasileira. Nada mais havendo a tratar foi encerrada a sessão. E, para constar, lavrei a presente, que vai assinada pelo Sr. Presidente, Prof. Pedro Calmon Moniz de Bittencourt, pelos membros do Conselho Universitário presentes, e por mim, José Pinto Soares Filho, servindo de Secretário.

aa) *Pedro Calmon Moniz Bittencourt*
Edgard Santos
Demétrio Cyriaco Ferreira Tourinho
Estácio Luiz Valente de Lima
Orlando Gomes
Tito Cesar Pires
Elísio de Carvalho Lisboa
Antônio Bernardo Vasconcellos de Queiroz
Paulo Pedreira de Cerqueira
Isaías Alves de Almeida
Francisco Peixoto de Magalhães Neto
José Carlos Pereira Gomes
Augusto Lopes Pontes
Gentil Marinho Barbosa
Antônio Leal Gomes
José Pinto Soares Filho — Secretário "ad-hoc"

Faculdade de Medicina, 1.º de junho de 1946

Ata da reunião da Congregação da Faculdade de Medicina¹

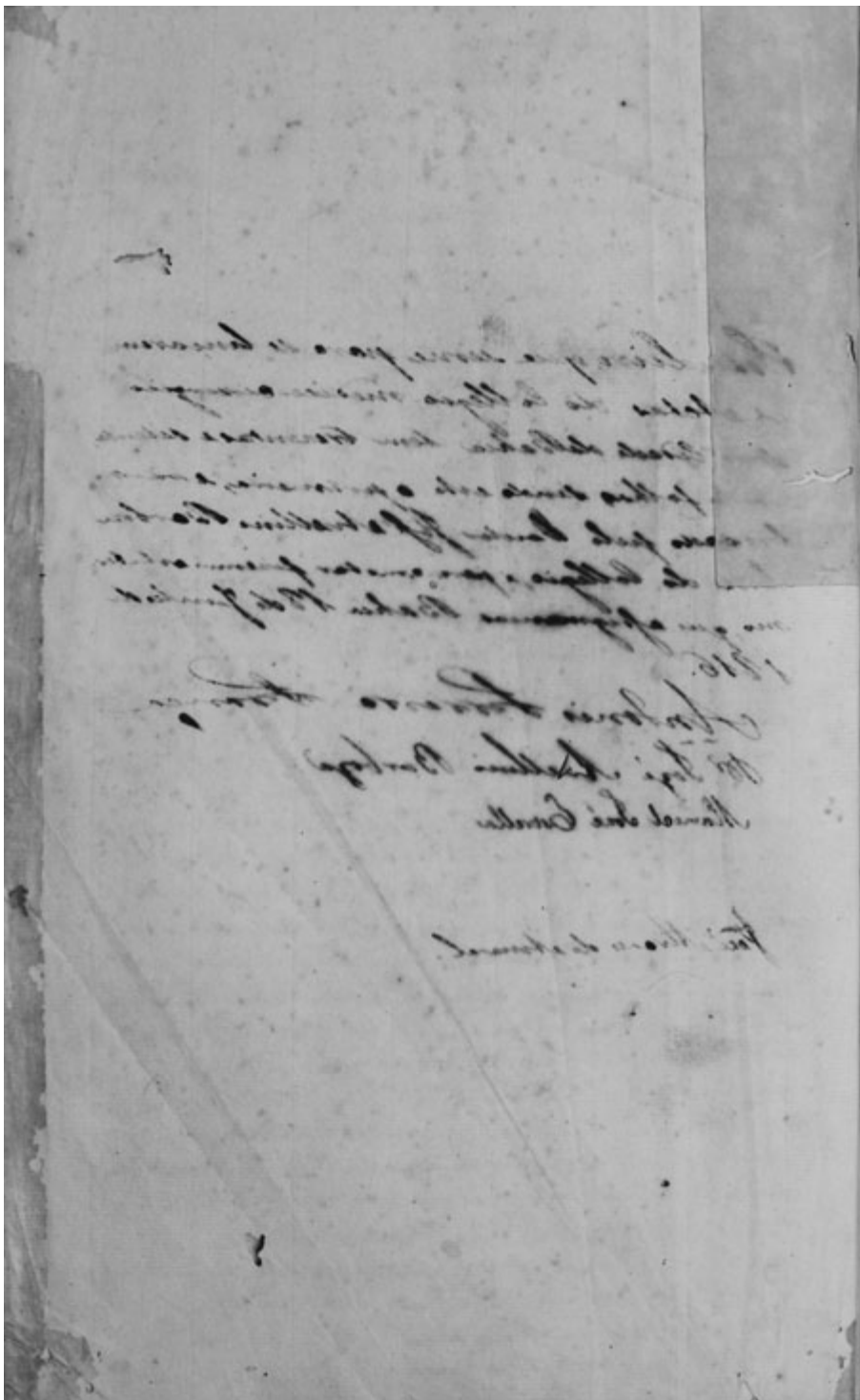
¹ Ata extraída do Livro de Atas do Colégio Médico-Cirúrgico, onde está registrada a origem da Universidade Federal da Bahia.

121
R. Almeida

Este livro, que se vende para se lançarem
as actas do collegio medico-cirurgico
desta cidade da Bahia tem trinta e sete
e oito folhas sendo este o primeiro, e foi
brilhado pelo Doutor Joze Arturino Barbosa
Leite do collegio, e para constar firmamos estes
nos, qui assignamos Bahia 13 de Junho de
1846.

Antonio Fossar de Souza
Dr. Joze Arturino Barbosa
Manuel José Covella

Joze Alvares de Almeida.



3
R. Soc

For lida como Portaria de Cac. ^{que} do Senhor Governador, pe-
la qual Nomina Porteiro, e continua d'este Collegio, o
meu Abolano Pires, agual mandando se cumprir, e
registar stando se the prazo de seu tempo. Ca-
da um mai se achare deservinado nos Estatutos om-
do por que o Collegio deva fazer certo, que os lida-
dadas stao habilitados como o preparatorio
exigido nos mesmos Estatutos, e pelas que
d'este respeito ordens as Cac. ^{que} do Senhor Gov. Gover-
nador, que se encaregem para o mesmo Colégio
atendendo de ordem para depon de instrução
o Collegio marcar a dia de abertura das stu-
das. Cuida mais tendo por hoje a tratar, e
resolver o Collegio, de outro a saber. Cu for
Alvaras do Senhoral, e de outro a saber. Cu for
ta stala, a fim, que a pignora se de ou de
sema, e de outro a saber. Dadas em Collegio
17 de Maio 1846

Antonio Ferraz de Souza
D. José Avelino Barboza
Manoel José Estrella

José Alvaras do Amaral / a. e. a. qui

For vindo, e tres dias da mes. de Março de
anno de mil oitocentos e sessenta e cinco, e
o Collegio de medicina de este Collegio. For lida
e mandada cumprir como Portaria de Cac. ^{que} do
Senhor Governador, pela qual se nomina a meu
fidei e de outro a saber. Secretarias d'este Col.

DATAS HISTÓRICAS PARA A UFBA

1808	Criação do Colégio Médico-Cirúrgico da Bahia, a mais antiga escola de estudos superiores do país, que deu origem à atual Faculdade de Medicina.
1832	Criação e incorporação do curso de Farmácia ao Colégio Médico-Cirúrgico da Bahia.
1859	Criação do curso de Agronomia (incorporado à Universidade Federal da Bahia em 1967).
1864	Criação e incorporação do curso de Odontologia ao Colégio Médico-Cirúrgico da Bahia.
1877	Fundação da Academia de Belas Artes da Bahia (incluindo o curso de Arquitetura), futura Escola de Belas Artes.
1891	Criação da Faculdade de Direito, mantida como escola particular até 1956, pela Fundação Faculdade de Direito.
1897	Criação do Instituto Politécnico da Bahia, atual Escola Politécnica.
1905	Criação da Escola Comercial da Bahia, mantida por uma fundação e depois transformada em Faculdade de Ciências Econômicas da Bahia.
1931	Instalação do curso superior de Administração e Finanças na Faculdade de Ciências Econômicas da Bahia.
1941	Criação da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras.
1945	Substituição do curso de Administração e Finanças pelos Cursos de Ciências Econômicas, Contábeis e Atuariais.
1946	Criação da Escola de Enfermagem pelo Decreto-Lei nº 8.779, de 22 de janeiro de 1946. Pelo Decreto nº 22.637, de 25 de fevereiro de 1947 foi incorporada à Universidade da Bahia.
1946	Criação da Universidade da Bahia pelo Decreto-Lei nº 9.155, de 08 de abril de 1946, que determina que as Unidades de Ensino Superior já existentes deverão ser incorporadas a esta Universidade.
1949	Criação do Hospital das Clínicas. A partir da Lei 4.226, de 23 de maio de 1963, passa a denominar-se Hospital Professor Edgard Santos e, conforme Resolução do Conselho Universitário 157/69, de 14 de novembro de 1969, passa a estar vinculado à Faculdade de Medicina.
1950	Federalização das unidades isoladas que compõem a Universidade da Bahia (exceto a Faculdade de Direito), por meio da Lei nº 1.254, de 4 de dezembro de 1950.
1951	Criação da Escola de Medicina Veterinária pela Lei Estadual nº 423, de 20 de outubro, vinculada administrativamente à então Secretaria da Agricultura, Indústria e Comércio do Estado da Bahia. Por meio do Decreto-Lei nº 250, de 28 de fevereiro de 1967, foi incorporada à Universidade Federal da Bahia.
1955	Instalação dos Seminários Livres de Música, origem da atual Escola de Música.
1956	Instalação das Escolas de Teatro e de Dança.
1956	Federalização da Faculdade de Direito, por meio da Lei nº 3.038, de 19 de dezembro de 1956.
1959	Criação da Escola de Administração e da Faculdade de Arquitetura, com a autonomia do curso de Arquitetura em relação à Escola de Belas Artes.
1965	Denominação e qualificação das Universidades e Escolas Técnicas Federais. Por meio da Lei nº 4.759, de 20 de agosto de 1965, a Universidade da Bahia passa a ter a denominação e qualificação de Universidade Federal da Bahia.

1968	Consagração da nova estrutura da UFBA, por meio do Decreto Federal nº 62.241, de 08 de fevereiro de 1968. nessa reestruturação foram criados os novos Institutos de Matemática, Física, Química, Biologia, Geociências e Ciências da Saúde, as Escolas de Biblioteconomia e Comunicação, e de Nutrição e a Faculdade de Educação. A partir daí passa a UFBA a ser constituída de 24 unidades universitárias e cinco órgãos de administração superior.
-------------	---

FONTE: UFBA em números: especial 60 anos

5

Iconografia

BRASÃO DE ARMAS DA UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA¹

Janneth Beatriz T. L. Troelsen²

Sob os princípios modernizantes e o espírito de emancipação das Américas, o Brasil desenvolveu um conjunto de peças heráldicas, no intuito de contemplar as necessidades de representação imagética da nação, suas subdivisões administrativas, suas instituições sociais e culturais, seus poderes constituídos. Em caráter regional, os Estados e municípios, assim como suas instituições, estiveram preocupados com a elaboração de símbolos próprios, cujas regulamentação e utilização ainda são muito heterogêneas.

O Irmão Paulo Lachenmayer, iniciou em 1956 a criação do conjunto de brasões da UFBA. Para homogeneizá-los, Lachenmayer adotou o formato de escudo português.

A estrutura departamental da UFBA está denotada nos brasões departamentais esquartelados, pela clara posição de chefia dada ao símbolo do ramo de oliveiras em azul (representativo da UFBA em sua centralidade), nos quartéis ímpares. Por tratar-se de uma instituição de ensino, fez com que predominasse a cor azul que representa a vigilância, a perseverança, a justiça, e a extensão do verde das próprias folhas de oliva, representando a força e a vida. Alguns traços de vermelho e branco ou prata são incorporados aos brasões da UFBA. As tochas, símbolo da purificação, da iluminação e da

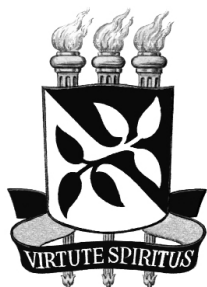
1 Texto extraído da dissertação de mestrado em Ciência da Informação intitulada *Brasões da UFBA: estudos da informação em uma abordagem semiótica*, em (2009).

2 Bibliotecária, mestre em Ciência da Informação pela UFBA.

iniciação. Os lemas e dizeres dos brasões da UFBA foram escritos em latim, evocando formalidade.

Numa demonstração de reconhecimento à importância da representação, foi criada pelo Conselho Universitário (Consuni), na gestão do reitor Naomar Monteiro de Almeida Filho, a Resolução nº 01/08, que determina, no exercício de sua autonomia acadêmica e institucional, a introdução da legenda 1808, data de criação da antiga Escola de Cirurgia, atual Faculdade de Medicina da UFBA, no brasão da Universidade Federal da Bahia, em todos os seus documentos oficiais, timbres, medalhas e títulos honoríficos. Esta Resolução entra em vigor na data de sua aprovação – 25 de fevereiro de 2008.

DESCRIÇÃO



Identificação

Brasão de Armas da Universidade Federal da Bahia

Tipologia

Aguada de guache sobre papel

Época da elaboração

1951

Análise formal

Brasão fendido com dois campos triangulares, sendo o da esquerda em prata que simboliza pureza, integridade, obediência; o da direita, na cor azul marinho, representa a lealdade, justiça, perseverança, composto por dois ramos de oliveira entrecambados, que simbolizam a vida, a sabedoria, e fazem referência ao dilúvio bíblico e à descoberta do Novo Mundo.

Atrás do timbre estão três tochas douradas, que representam, a nobreza e o poder, queimando fogo natural que simboliza a luz e a vitória.

A fita azul e prata está abaixo do timbre com dizeres em latim. O brasão está contornado por um fio de ouro.

BANDEIRA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA

A bandeira da UFBA, seguindo os princípios heráldicos das demais peças do conjunto de símbolos da instituição, exhibe folhas de oliveira entrecambadas, representadas nas cores azul e branco, delineadas por um filete de prata. As duas peças determinam o estilo e a forma dos brasões da UFBA, estabelecendo uma coleção de peças heráldicas que se combinam para uso e exibição conjuntos.

DESCRIÇÃO



Identificação

Bandeira da Universidade Federal da Bahia

Tipologia

Aguada de guache sobre papel

Época da elaboração

1991

Análise formal

A obra é estilizada, mas mantém uma forma naturalista, no que se refere aos ramos de oliveira representados.

Está dividida em dois campos triangulares escalenos que, por sua vez, talham a bandeira, sendo o da esquerda branco representando a paz, a integridade, a obediência; o da direita, na cor azul marinho, simboliza a lealdade, justiça, perseverança, composto por dois ramos de oliveira entrecambados, que representam a vida, a sabedoria, e fazem referência ao dilúvio bíblico e à descoberta do Novo Mundo.

Está dividida por um fio de prata que também faz o seu contorno, representando a água (rio, mar). A bandeira é um símbolo de proteção.

Em 1952, o brasão da Universidade foi criado pelo beneditino Paulo Lachenmayer, porém desenhado originalmente por Vitor Hugo Carneiro Lopes.

FOTOS DOS REITORES¹



EDGARD SANTOS (1946-1961)

¹ Fotos de Célia Aguiar, da Galeria de Fotos dos Reitores. Sala dos Conselhos da Reitoria da UFBA.



ALBÉRICO FRAGA (1961-1964)



MIGUEL CALMON (1964-1967)



ORLANDO GOMES (1967)



ROBERTO SANTOS (1967-1971)



LAFAYETTE DE AZEVEDO PONDÉ (1971-1975)



AUGUSTO MASCARENHAS (1975-1979)



LUIZ FERNANDO MACÊDO COSTA (1979-1983)



GERMANO TABACOF (1984-1988)



JOSÉ ROGÉRIO DA COSTA VARGENS (1988-1992)



ELIANE ELISA DE SOUZA E AZEVÊDO (1992-1993)



FELIPPE PERRET SERPA (1993 /1994 – Pro tempore) (1994 /1998 – 2º período)



HEONIR ROCHA (1998-2002)



NAOMAR DE ALMEIDA FILHO (2002-2010)

Fonte: Portal da UFBA.

Obs.: Foto da posse em Brasília, DF, com Fernando Haddad, ministro da Educação, em virtude de até este momento sua foto não constar da Galeria de Fotos dos Reitores da UFBA.

PRÉDIOS E AMBIENTES²



REITORIA DA UFBA



GABINETE DO REITOR

2 Fotos de Albano Oliveira



GABINETE DA UFBA



HOSPITAL UNIVERSITÁRIO PROF. EDGARD SANTOS

PRIMEIRO CONSELHO UNIVERSITÁRIO



De pé, da esquerda para a direita: não identificado, não identificado, José Pinto Souza Filho, não identificado, Estácio Luiz Valente de Lima, Paulo Pedreira de Cerqueira, Augusto Lopes Pontes.

Sentado, da esquerda para a direita: Elísio de Carvalho Lisbôa, Isaías Alvez de Almeida, José Olímpio, Edgard Santos, Clemente Mariani, Demétrio Cyriaco Ferreira Tourinho, não identificado, Francisco Peixoto Magalhães Neto e Orlando Gomes.

Fonte: Biblioteca Universitária Reitor Macêdo Costa. Departamento de Coleções Especiais - Seção Multimeios.

REFERÊNCIAS

- ABREU, Alzira Alves de (Coord.) et al. *Dicionário histórico-biográfico brasileiro: pós-1930*. 2. ed. revista e atualizada. Rio de Janeiro: FGV Ed., 2001. v. 1. A-CAS.
- ALMEIDA FILHO, Naomar de. *Ações afirmativas na universidade pública: o caso da UFBA*. Salvador: Centro de Estudos Afro-Orientais, 2005.
- _____. *A ciência da saúde*. São Paulo: Hucitec, 2000a.
- _____. *A ciência tímida: ensayos de deconstrucción de la epidemiología*. Buenos Aires: Lugar Editorial, 2000b.
- _____. *A clínica e a epidemiologia*. Salvador/Rio de Janeiro: APCE/Abrasco, 1997a. 164 p.
- _____. *Epidemiologia sem números: uma introdução crítica à ciência epidemiológica*. Rio de Janeiro: Campus, 1989.
- _____. Nós pós-kuhnianos esclarecidos (Epistemologia, pragmatismo e realismo científico). *Caderno CRH: Centro de Recursos Humanos*, Salvador, v. 6, n.18, p. 138-156, 1993.
- _____. Paradigmas em epidemiologia. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE EPIDEMIOLOGIA, 1, 1990, Campinas. *Anais*. Campinas, SP: Unicamp; Rio de Janeiro: Abrasco, 1990a. p. 329-346.
- _____. O problema do objeto de conhecimento em epidemiologia. In: COSTA, Dina Czeresnia (Org.). *Epidemiologia, teoria e objeto*. São Paulo: Hucitec; Rio de Janeiro: Abrasco, 1990b. p. 203-22.
- _____. *Súmula do memorial de concurso para professor titular da matéria Epidemiologia no Instituto de Saúde Coletiva da Universidade Federal da Bahia*. Salvador: [s.n.], 2000c.
- _____. Transdisciplinaridade e o paradigma pós-disciplinar na saúde. *Saúde e Sociedade*, v. 14, n. 3. p. 30-50, set.-dez. 2005.
- _____. Transdisciplinaridade e saúde coletiva. *Ciência e Saúde Coletiva*, v. 2, n. ½, p. 5-20, 1997b.
- _____. *Universidade nova: textos críticos e esperançosos*. Brasília, DF: Ed. da UNB; Salvador: EDUFBA, 2007. 300 p.
- APONTAMENTOS sobre a vida e as atividades públicas do prof. Albérico Fraga. [s.l: s.n., 19--]. Inédito
- AROUCA, Antônio Sérgio da Silva. *O dilema preventivista: contribuição para a compreensão e crítica da Medicina Preventiva*. 1975. Tese (Doutorado) – Faculdade de Ciências Médicas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1975.

AROUCA, Antônio Sérgio da Silva. *O dilema preventivista: contribuição para a compreensão e crítica da Medicina Preventiva*. São Paulo: Ed. UNESP; Rio de Janeiro: Ed. FIOCRUZ, 2003. 268 p.

BARBOSA, Rui. *Campanhas presidenciais*. 2. ed. São Paulo: Livraria Editora Iracema, 1966.

BOAVENTURA, Edivaldo Machado. *Miguel Calmon e a reforma da Universidade*. Salvador: Museu Eugênio Teixeira Leal, 1987.

_____. *UFBA: trajetória de uma universidade: 1946-1996: o centenário de Edgard Santos e o cinquentenário da Universidade Federal da Bahia: (memória, artigos, entrevistas, editoriais e notícias publicadas n' A Tarde e outros, de 1994/1996)*. Salvador: EGBA, 1999. 391 p.

BOLETIM INFORMATIVO, Salvador: Universidade Federal da Bahia, Ano 1, n. 1, nov. 1956.

BOLETIM INFORMATIVO. Parte Cultural. Reitor Miguel Calmon: *in memoriam*. Salvador: Universidade Federal da Bahia, 1967.

CALASANS, José. *Miguel Calmon Sobrinho e sua época (1912-1967)*. Revisão Marina S. Bastos da Silva, Míriam Beatriz Collares. Salvador: Fundação Econômico Miguel Calmon, Museu Eugênio Teixeira Leal, Memorial do Banco Econômico, 1991.

CARVALHO, Edgar M. et. al. *Homenagem do Departamento de Medicina ao Professor Heonir Rocha*. Salvador: UFBA, 2002. Disponível em: <<http://nefrologiaonline.com.br/Noticias/251002.asp>>. Acesso em: 23 maio 2006.

CARVALHO, Maria do Socorro Silva. *Imagens de um tempo em movimento: cinema e cultura na Bahia nos anos JK (1956-1961)*. Salvador: EDUFBA, 1999. (Coleção nordestina, n. 7).

CELESTINO, Mônica. *A UFBA perde um educador apaixonado: morre aos 68 anos, o ex-reitor da UFBA Luiz Felipe Perret Serpa*. 2003. Disponível em: <http://www.faced.ufba.br/serpa/monica_celestino_felippe.htm> Acesso em: 29 jan. 2011.

100 ANOS de um aniversário: 12 de março de 2007: Lafayette Pondé : homenagens a um mestre. Salvador, BA: Contexto, 2007. 178 p.

DONANNGELLO, Maria Cecília Ferro. *Saúde e sociedade*. São Paulo: Duas Cidades, 1976.

DOURADO, Inês et al. Mestrado profissional em Saúde Coletiva: uma proposta alternativa para a qualificação de dirigentes e técnicos em saúde: Instituto de Saúde Coletiva da UFBA (2001-2005). *Revista Brasileira de Pós Graduação*, v. 2, n. 4, p. 61-71, jul. 2005.

EX-REITOR da UFBA morre aos 72 anos: Heonir Rocha. *Jornal Correio da Bahia Online*, Salvador, 11 out. 2005. Disponível em: <http://www.correiodabahia.com.br/2005/10/11/noticia.asp?link=not000120157.xml>>. Acesso em: 23 maio 2006.

FARIA, Sérgio Fraga Santos. O centenário de Albérico Fraga. *A Tarde*, 3 mar.2004.

FORMAÇÃO do profissional de saúde não atende demandas do SUS. 2006. Entrevista com Naomar de Almeida Filho. Disponível em: <<http://www.conasems.org.br/site/index.php/comunicacao/artigos/1734-entrevista-naomar-de-almeida-formacao-do-profissional-de-saude-nao-atende-demandas-do-sus>>. Acesso em: 30 out. 2010.

GUERREIRO, Goli. A cidade imaginada: Salvador sob o olhar do turismo. *Revista Gestão e Planejamento*, Salvador, v. 6, n. 11, p. 6 -22, jan./jun. 2005.

HOMENAGEM a Heonir Rocha. *Informativo do SBC/BA*, Sociedade Brasileira de Cardiologia, Seção Bahia, ano 5, n. 15, dez. 2005.

JACOBINA, Ronaldo Ribeiro. Eliane Azevedo, professora com todos os méritos. *Ponto de Vista*, 1 dez. 2002.

_____. Retrato da primeira mulher na Reitoria da Ufba. *Jornal do CREMEB*, n. 131, out./dez. 2007. Disponível em:<http://www.portalmedico.org.br/Regional/crmba/jornal/jornal_131/cremeb_131.Pdf>. Acesso em: 20 jan 2011.

JUSMARI lamenta morte de Heonir Rocha. *Diário Oficial [da] Bahia*, Salvador, 1 nov. 2005. A entrada estava por BAHIA

LEITE, Geraldo. *Médicos ilustres da Bahia e de Sergipe*: Edgard do Rego Santos. 2011. Disponível em: <<http://medicosilustresdabahia.blogspot.com/2011/01/109-edgard-do-rego-santos.html>>. Acesso em: 2 maio 2011.

LOWENTHAL, David. Como conhecemos o passado. *Projeto História*: Revista do Programa de Estudos Pós-graduados em História e do Departamento de História da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, n. 17, p. 63-180, nov. 1998.

MACIEL, Paulo. Gestos de grandeza de Miguel Calmon. *Usina de Letras*, 15 ago. 2005. Disponível em:<<http://www.usinadeletras.com.br/exibelotexto.phtml?cod=2978&cat=Discursos&vinda>>. Acesso em: 15 maio 2006.

_____. Técnicos e assessores do banco. *Usina de Letras*, 29 abr. 2006. Disponível em: <<http://www.usinadeletras.com.br/exibelotexto.phtml?cod=40497&cat=Artigos>>. Acesso em: 15 maio 2006.

MARQUES, Maria Inês Corrêa. *UFBA na memória: 1946-2006*. Salvador: EDUFBA, 2010. Disponível em: <<http://www.repositorio.ufba.br/ri/bitstream/123456789/1050/1/UFBA%20na%20mem%C3%B3ria%201946-2006.pdf>>. Acesso em: 20 maio de 2011.

MORIN, Edgar (Org.). *A cabeça bem-feita: repensar a reforma, reformar o pensamento*. 4. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001. 128 p.

_____. *Introdução ao pensamento complexo*. 4. ed. Lisboa: Instituto Piaget, 2003. 177 p.

MORIN, Edgar. *O problema epistemológico da complexidade*. Lisboa: Europa-América, 1984. 135 p.

_____. *A religação dos saberes: o desafio do século XXI*. 2 ed. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 2002. 588 p.

_____. *Os sete saberes necessários à educação do futuro*. 10. ed. São Paulo: Cortez, 2005. 116 p.

NORONHA, Dulce de Fátima. *Memória documentada: atas do Conselho Universitário da UFBA (1982 a 1992)*. 2010. 172 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Instituto de Ciência da Informação, UFBA, Salvador, 2010.

ORLANDO Gomes, reitor depois de morto. 2010. Disponível em: <<http://www.salvadoracontece.com/2010/06/orlando-gomes-reitor-depois-de-morto.html>>. Acesso em: 6 jul. 2011.

PAIM, Jairnilson Silva; ALMEIDA FILHO, Naomar de. *A crise da saúde pública e a utopia da saúde coletiva*. Salvador: Casa da Qualidade, 2000. 123 p.

_____; TEIXEIRA, Carmen Fontes. *Reforma sanitária brasileira: contribuição para a compreensão e crítica*. Salvador: EDUFBA; Rio de Janeiro: Fiocruz, 2008. 355 p.

PERDE a Bahia um filho ilustre. *Jornal da Bahia*, 07 maio 1967.

POSSE do reitor prof. Albérico Fraga. *Boletim Informativo*, n. 57, jul. 1961.

RISÉRIO, Antônio. *Avant-garde na Bahia*. São Paulo: Instituto Lina Bo e P.M. Bardi, 1995.

ROCHA, Heonir. Entrevista com o Professor Heonir Rocha. *Revista Medicina Online: Revista Virtual de Medicina*, v. 1, n. 5, ano 1, out./dez. 1998. Disponível em: <http://www.medonline.com.br/med_ed/med5/heonir2.htm>. Acesso em: 25 maio 2006.

ROUQUAYROL, Maria Zélia; ALMEIDA FILHO, Naomar de. *Epidemiologia & saúde*. 6. ed. Rio de Janeiro: MEDSI, 2003, 728 p.

RUBIM, Albino C. *A ousadia da criação: universidade e cultura*. Salvador: Universidade Federal da Bahia, Faculdade de Comunicação, 1999. 135 p.

SANTANA, Andréia. *Cerimônia do adeus: professor Luiz Felipe Serpa morre aos 68 anos e é sepultado no Jardim da Saudade*. [s.l.: s.n, 2003]

SANTOS, Boaventura de Sousa. Da idéia de universidade à universidade de idéias. In: _____. *Pela mão de Alice: o social e o político na pós-modernidade*. 4. ed. São Paulo: Cortez, 1997. p. 187-233.

_____. *Um discurso sobre as ciências*, 7. ed. Porto: Afrontamento, 1995. 58 p.

_____. *Introdução a uma ciência pós-moderna*. Rio de Janeiro: Graal, 1989. 176 p.

_____. *A universidade no século XXI: para uma reforma democrática e emancipatória da universidade*. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2005.

SANTOS, Edgard do Rego. *Afirmações e testemunhos*. Salvador: Departamento Cultural da UFBA, 1971.

- SANTOS, Milton. *Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal*. 10. ed. Rio de Janeiro: Record, 2003. 174 p.
- SANTOS, Roberto. *Na Bahia das últimas décadas do século XX: um depoimento crítico*. Salvador: EDUFBA, 2008. cap. 2.
- _____. Nunca atribuí ênfase à competição na política. Entrevista a Carolina Mendonça. *A Tarde*, Salvador, 24 maio 2009. p. A12.
- _____. A UFBA no seu cinquentenário. In: BOAVENTURA, Edivaldo Machado (Org.). *UFBA: trajetória de uma universidade: 1946-1996: o centenário de Edgard Santos e o cinquentenário da Universidade Federal da Bahia: (memória, artigos, entrevistas, editoriais e notícias publicadas n'A Tarde e outros, de 1994/1996)*. Salvador : EGBA, 1999. p. 172.
- _____. *Vidas paralelas*. Salvador: CED, 1993.
- _____. *Vidas paralelas: 1894-1962*. Salvador: EDUFBA, 1997.
- _____. _____. 2. ed. Salvador: EDUFBA, 2008.
- SENGE, Peter. *A dança das mudanças: os desafios de manter o crescimento e o sucesso em organizações que aprendem*. 3. ed. Rio de Janeiro: Campus, 2000.
- _____. O novo trabalho do líder. In: STRACKEY, K. (Org.) *Como as organizações aprendem: relatos do sucesso das grandes empresas*. São Paulo: Futura, 1997.
- SERPA, Luiz Felipe Perret. *Uma perspectiva para a Universidade Federal da Bahia: princípios e programas de gestão*. Salvador: [s.n., 200-]
- _____. *Rascunho digital: diálogos com Felipe Serpa*. Salvador: EDUFBA, 2004.
- _____. *A utopia de Edgard Santos*. Salvador: EDUFBA, 1998.
- SILVA, Cícero Adolpho da. Edgard Santos. *Sinopse Informativa*, Salvador: Universidade Federal da Bahia, Ano 2, n. 2 out. 1978.
- SÍNTESE biográfica de Edgard Rêgo Santos (Salvador, 1894/Rio, 1962), Reitor da Universidade Federal da Bahia – 1946/1961). In: UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA. *Catálogo geral, 1966*. Salvador, 1966.
- TAFFAREL, Cely Zulke. Luiz Felipe Peret Serpa: o clássico de notório saber e causa. *Rascunho Digital*, Salvador: Faculdade de Educação da UFBA, 2009. Disponível em: <<http://www.rascunhodigital.faced.ufba.br/ver.php?idtexto=372>>. Acesso em: 19 out. 2010.
- TEIXEIRA, Anísio. *Ensino superior no Brasil: análise e interpretação de sua evolução até 1969*. Instituto de Documentação. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1989. 186 p.
- TEIXEIRA, Carmen Fontes. *Instituto de Saúde Coletiva: história, projeto e práticas*. Salvador [s.n.], 2006. 16 p. Texto elaborado para publicação comemorativa dos 50 anos da UFBA.

_____. Naomar de Almeida Filho: perfil. *Revista do Conasems*, nov. 2005/ mar.2006.

TESTA, Mário. Análisis de instituciones híper complejas. In: MERHRY, E.; ONOCKO, R. *Agir em saúde: um desafio para o público*. São Paulo: Hucitec, 2002. p. 17-76.

_____. *Pensar em saúde*. Porto Alegre: Artes Médicas/Abrasco, 1992. 226 p.

_____. *Saber en salud: la construcción del conocimiento*. Buenos Aires: Lugar Editorial, 1997. 238 p.

TROELSEN, Janneth Beatriz T. L. *Brasões da UFBA: estudos da informação em uma abordagem semiótica*. 2009. Dissertação (Mestrado) – Instituto de Ciência da Informação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2009.

UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA. *Catálogo geral*: 1969. Salvador, 1969. 194 p.

_____. *Catálogo geral*: 1974. Salvador, 1974a. 383 p.

_____. *Catálogo geral*: 1976. Salvador, 1976. 405 p.

_____. *Catálogo geral*: 1977. Salvador, 1977. 415 p.

_____. *Catálogo geral*: 1978. Salvador, 1978. 338 p.

_____. *Catálogo geral da Universidade Federal da Bahia, 1971*. Salvador: 1971.

_____. *Documentário de uma gestão, 1984-1988*: Salvador, [ca. 1989?]. Reitor Germano Tabacof.

_____. *Documentos históricos*. Salvador, Departamento Cultural, 1971.

_____. *Relatório anual de atividades, 1989*. Salvador, 1990. 128 p. Reitor José Rogério da Costa Vargens.

_____. *Relatório anual de atividades, 1990*. Salvador, 1991. 132 p. Reitor José Rogério da Costa Vargens.

_____. *Relatório anual de atividades, 1992*. Salvador, 1993. Reitora Eliane Elisa de Souza e Azevedo.

_____. *Relatório anual de atividades, 1993*. Salvador, 1994. Reitor Luiz Felipe Perret Serpa.

_____. *Relatório de atividades*. Salvador, 1968.

_____. *Relatório de atividades, 1972*. Salvador, 1974b.

_____. *Relatório de atividades, 1979/1983*: Salvador, 1983. 509 p. Reitor Luiz Fernando Seixas de Macedo Costa.

UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA. *Relatório de atividades, 1987*. Salvador, 1988. 278 p. Reitor José Rogério da Costa Vargens.

_____. *Relatório de atividades, 1994*. Salvador, 1995. Reitor Luiz Felipe Perret Serpa.

UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA. *Relatório de atividades, 1995*. Salvador, 1996. Reitor Luiz Felipe Perret Serpa.

_____. *Relatório de atividades, 1996*. Salvador, 1997. Reitor Luiz Felipe Perret Serpa.

_____. *Relatório de atividades, 1997*. Salvador, 1998. Reitor Luiz Felipe Perret Serpa.

_____. *Relatório de atividades, 1998*. Salvador, 1999. 162 p. Reitor Luiz Felipe Perret Serpa.

_____. *Relatório de gestão, 1968*. Salvador, 1969.

_____. *Relatório de gestão, 2006-2010*. Salvador, 2011.

_____. *Relatório de gestão: agosto de 1998 a julho de 2002*. Salvador, 2002. 159 p.

_____. *Síntese de uma gestão: 1975-1979*. Salvador, 1979. 73 p

_____. Centro de Administração Pública. *Catálogo geral*. Salvador: ISP, 1969-1971. 3 v.

_____. Centro de Estudos Interdisciplinares para o Setor Público. *Relatório de atividades 1998 - 2002*. Salvador, 2000. 18 f. Reitor Heonir de Jesus Pereira da Rocha.

_____. Conselho Universitário. *Ata da sessão de 05 de março de 1964*. Salvador, 1964.

_____. Departamento Cultural da Reitoria. *Catálogo geral 1966*. Salvador, 1966.

_____. Escola Politécnica. Empresa Júnior de Engenharia Civil. *Faleceu o ex-reitor Heonir Rocha*. Disponível em: <<http://www.engetop.ufba.br/noticia10102005.htm>>. Acesso em: 23 maio 2006.

_____. Faculdade de Direito. *Vida dos professores: livro de anotações*. [s.l.: s.n, 199?]. Inédito.

_____. Instituto de Saúde Coletiva. *Documentos básicos, 1994*. 87 p. Texto republicado em 2004 por ocasião das comemorações dos 10 anos do ISC.

_____. _____. *Memorial biográfico de Naomar Monteiro de Almeida Filho apresentado pelo Instituto de Saúde Coletiva da Universidade Federal da Bahia como Indicação Institucional ao Prêmio Fundação Bunge*. Salvador, 2010. 11 p.

_____. Superintendência Acadêmica. *Catálogo geral*. Salvador, 1979.

_____. *Catálogo geral: 1981*. Salvador, 1981. 333 p.

_____. *Catálogo geral da Universidade Federal da Bahia, 1975*. Salvador: 1975.

_____. *Normas e resoluções das Câmaras de Ensino de Graduação, de Pós-graduação e Pesquisa, e de Extensão do Conselho de Coordenação agosto de 1969 a maio de 1976*. Salvador, 1977. v. 2

_____. *Pareceres, normas e resoluções da Câmara de Ensino de Graduação do Conselho de Coordenação: agosto de 1969 a julho de 1973*. Salvador, 1974. v. 1

UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA. *Pesquisas*. Salvador, 1972.

_____. *Pesquisas*. Salvador, 1974.

URIBE RIVERA, Francisco. (Inter) subjetividade, aprendizagem organizacional e mudança: algumas ferramentas lúdico-pragmáticas. In: _____. *Análise estratégica em saúde e gestão pela escuta*. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2003a. p. 245-281.

_____. Cultura e liderança comunicativa. In: _____. *Análise estratégica em saúde e gestão pela escuta*. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2003b. p. 185-218.

APÊNDICE A

REITORES, VICE-REITORES E PRÓ-REITORES DA UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA (1946-2010)

*Cátia Duarte Andrade de Santana*¹
*Evânia Almeida Neri dos Santos*²

Quadro 1 – Reitor e Vice-Reitor

REITOR	VICE-REITOR
Edgard Santos	Demétrio Tourinho ³ / Orlando Gomes 1952/1961
Albérico Fraga	Adriano Azevedo Fraga
Miguel Calmon	Adriano de Azevedo Pondé
Orlando Gomes ⁴	-
Roberto Santos	Lafayette Pondé
Lafayette Pondé	Augusto Mascarenhas
Augusto Mascarenhas	Carlos Brandão da Silva
Macêdo Costa	José Calasans
Germano Tabacof	Eliane Azevêdo
Rogério Vargens	Nadja Maria Valverde Viana
Eliane Azevêdo	Felippe Serpa / Nadja Maria Valverde Viana
Felippe Serpa	Maria Gleide Santos Barreto
Heonir Rocha	Othon Fernando Jambreiro Barbosa
Naomar de Almeida Filho	Francisco José Gomes Mesquita

Fonte: Universidade Federal da Bahia

1 Bibliotecária responsável pela Seção de Documentação PROPLAN/UFBA. Mestranda em Ciência da Informação no PPGCI/UFBA.

2 Graduada em Biblioteconomia e Documentação no ICI/UFBA.

3 Informação extraída do livro *Documentos históricos*, publicado pelo Departamento Cultural da UFBA, 1971, p. 101.

4 Em dezembro de 2009, o Conselho Universitário da UFBA aprovou moção de reconhecimento do professor Orlando Gomes como reitor da Universidade Federal da Bahia.

Quadro 2 – Reitores, Vice-Reitores e Pró-Reitores da UFBA: 1946-2010

ADMINISTRAÇÃO CENTRAL	
1946-1961	
Reitor	Edgard Santos
Vice-Reitor	Demétrio Tourinho / Orlando Gomes
Colaboradores	Albérico Fraga Filho, Regina Berenger, Rubens Brasil, Filinto Borja e João Baptista Caribe (1º Superintendente do Hospital das Clínicas)
1961-1964	
Reitor	Albérico Fraga
Vice-Reitor	Adriano de Azevedo Fraga
1964-1967	
Reitor	Miguel Calmon
Vice-Reitor	Adriano de Azevedo Ponde
1967-1971	
Reitor	Roberto Figueira Santos
Vice-Reitor	Lafayette de Azevedo Pondé
Adjunto do Reitor para Assuntos de Planejamento e Administração	Jorge Hage Sobrinho
Adjunto do Reitor para Assuntos de Ensino, Pesquisa e Extensão	Maria Ivete Ribeiro de Oliveira
1971-1975	
Reitor	Lafayette de Azevedo Pondé
Vice-Reitor	Augusto da Silveira Mascarenhas
Adjunto de Reitor para Assuntos de Planejamento e Administração	Jorge Hage Sobrinho
Adjunto de Reitor para Assuntos de Ensino, Pesquisa e Extensão	Maria Ivete Ribeiro de Oliveira
1975-1979	
Reitor	Augusto da Silveira de Mascarenhas
Vice-Reitor	Carlos Brandão da Silva

Adjunto do Reitor Para Assuntos de Planejamento	Élvia Mirian de Almeida Cavalcanti
Adjunto do Reitor para Assuntos de Ensino de Graduação e Acadêmicos	Orlando Figueira Sales
Adjunto do Reitor para Assuntos de Pós - Graduação e Pesquisa	Armênio Costa Guimarães
Adjunto do Reitor para Assuntos de Extensão	Valentin Calderón de La Vara
1979-1983	
Reitor	Augusto da Silveira Mascarenhas Luiz Fernando Seixas de Macêdo Costa
Vice-Reitor	Carlos Brandão da Silva
Adjunto do Reitor para Assuntos de Ensino de Pós-Graduação e Pesquisa	Armênio Costa Guimarães / Heonir Rocha
Adjunto do Reitor para Assuntos de Ensino de Graduação	Orlando Figueira Sales Leda Jesuíno dos Santos
Adjunto do Reitor para Assuntos de Planejamento	Elvia Miriam Cavalcanti / José Osório Reis
1984-1987	
Reitor	Germano Tabacof
Vice-Reitora	Eliane Elisa de Souza e Azevêdo
Adjunto de Reitor para Assuntos de Planejamento e Administração	Fernando Jorge Lessa Sarmento / Dora Leal Rosa
Adjunto de Reitor para Assuntos de Pesquisa e Pós – Graduação	Erundino Pousada Persa
Adjunto de Reitor para assuntos de Extensão	Piero Bastianelli
Adjunto de Reitor para Assuntos de Graduação e Acadêmicos	Zilma Gomes Parente de Barros
1988-1992	
Reitor	José Rogério da Costa Vargens
Vice-Reitor	Eliane Elisa de Souza e Azevêdo Nadja Maria Valverde Viana

Adjunto do Reitor de para Assuntos de Extensão	Geraldo César de Vinhaes Torres
Adjunto do Reitor para Assuntos de Graduação e Acadêmicos ⁵	Nadja Maria Valverde Viana
Adjunto do Reitor para Assuntos de Graduação e Ensino	Humberto Ribeiro Moraes
Adjunto do Reitor para Assuntos de Pesquisa e Pós-Graduação	Erundino Pousada Persa
Pró-Reitor de Planejamento e Administração	Evandro Walther de Sant'Anna Schneiter
1992-1993	
Reitora	Eliane Elisa de Souza e Azevêdo
Vice-Reitora	Nadja Maria Valverde Viana
Adjunto do Reitor para Assuntos de Planejamento Administração	Joseny Marques Freire
Adjunto do Reitor para Assuntos de Ensino de Graduação e Acadêmicos	João Augusto de Lima Rocha
Adjunto do Reitor para Assuntos de Pesquisa e Pós-Graduação	Manoel Barral Netto
Adjunto do Reitor para Assuntos de Extensão	Pasqualino Romano Magnavita
1993-1998	
Reitor	Luiz Felipe Perret Serpa
Vice-Reitor	Maria Gleide Santos Barreto
Adjunto de Reitor para Assuntos de Ensino de Graduação e Acadêmicos	Roberto Paulo Correia de Araújo
Assessor de Ensino de Graduação	Fernando Luiz Trindade Rêgo

5 Em 1988, o cargo de Adjunto do Reitor passa a ser designado Pró-Reitor.

Adjunto do Reitor para Assuntos de Extensão	Armindo Jorge de Carvalho Bião
Adjunto do Reitor para Assuntos de Pesquisa e Pós-Graduação	Antônio Fernando Guerreiro de Freitas
Adjunto do Reitor para Assuntos de Planejamento Administração	Nice Maria Americano da Costa Pinto
1998-2002	
Reitor	Heonir de Jesus Pereira da Rocha
Vice-Reitor	Othon Fernando Jambeiro Barbosa
Pró-Reitor de Extensão	Paulo Costa Lima
Pró-Reitor de Graduação	Paulo de Arruda Penteado
Pró-Reitor de Pesquisa e Pós-Graduação	Jailson Bittencourt de Andrade
Pró-Reitor de Planejamento e Administração	Wilson Araújo Lopes
2002-2010	
Reitor	Naomar Monteiro de Almeida Filho
Vice-Reitor	Francisco José Gomes Mesquita
Pró-Reitor de Ensino e Graduação	Maerbal Bittencourt Marinho
Pró-Reitor de Pesquisa e Pós-Graduação	Antonio Alberto da Silva Lopes
Pró-Reitor de Planejamento e Administração	Nádia Andrade Ribeiro
Pró-Reitor de Desenvolvimento de Pessoas	Joselita Nunes Macedo

Fonte: Universidade Federal da Bahia.

ANEXO A

**SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E DO DESPORTO
UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
CONSELHO UNIVERSITÁRIO**

RESOLUÇÃO Nº 02/98

Altera a Seção II do Capítulo VI do Regimento Geral da UFBA,
que dispõe sobre a concessão de títulos honoríficos.

O CONSELHO UNIVERSITÁRIO DA UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA, no uso das competências que lhe foram conferidas no inciso II do Estatuto da UFBA,

RESOLVE:

Art. 1º. Os artigos 89 a 96 do Regimento Geral da Universidade passam a vigorar com a seguinte redação:

“Art. 89 – A Universidade concederá títulos honoríficos de Professor Emérito, Professor Honorário, Doutor *Honoris Causa* e Benemérito da Universidade;

§ 1º – O título de Professor Emérito será concedido, inclusive *post mortem*, a professores aposentados da Universidade ou que nela tenha falecido no exercício da docência, cujo desempenho no ensino, na pesquisa ou na produção intelectual ou artística seja considerado de excepcional relevância.

§ 2º – O título de Professor Honorário será concedido, inclusive *post mortem*, a professores ou cientistas estranhos aos quadros da Universidade, cujo desempenho no ensino, na pesquisa ou na produção intelectual ou artística seja considerado de excepcional relevância.

§ 3º – O título de Doutor *Honoris Causa* será concedido a personalidades nacionais e estrangeiras cuja contribuição para o progresso da Ciência, das Letras, das Artes, da Educação ou da Cultura seja ou tenha sido de alta relevância para o País ou para a Humanidade.

§ 4º – O título de Benemérito da Universidade será concedido a pessoas ou entidades que façam doação de alto valor ou que prestem serviços de magnitude à UFBA.

§ 5º – A relevância a que se referem os §§ 1º, 2º e 3º deste artigo deve ser apreciada à luz das normas acadêmicas aplicadas regularmente na avaliação dos docentes em atividade.

“Art. 90 – A proposta inicial de concessão de qualquer título honorífico deve ser feita à Congregação da Unidade onde se desenvolvam atividades de ensino e pesquisa semelhantes àquelas em que tenha se destacado o proposto.

§ 1º – A proposta a que se refere o *caput* deste artigo deverá ser apresentada em documento assinado por cinco ou mais professores da Unidade ali referida e instruída com exposição de motivos e memorial acerca do proposto.

§ 2º – A apreciação da Congregação deverá ser, no prazo mínimo de 30 (trinta) dias de antecedência da reunião respectiva, precedida de ampla divulgação da proposta nos departamentos e colegiados de cursos da Unidade.

“Art. 91 – A proposta de concessão do título somente será apreciada pelo Conselho Universitário se aprovada na Congregação, a qual elaborará parecer analítico, detalhado e conclusivo sobre a exposição de motivos dos proponentes e o memorial do proposto, destacando, inclusive, os pontos particularmente relevantes para o título.

Parágrafo Único – O parecer a que se refere este artigo deve ser aprovado por, no mínimo, dois terços dos membros da Congregação da Unidade, em votação secreta.

“Art. 92 – Os Conselhos Superiores da Universidade podem ser os proponentes iniciais de concessão de diploma de qualquer dos títulos honoríficos previstos neste regimento.

§ 1º – A proposta deverá ser assinada por pelos menos 5 (cinco) dos membros do Conselho proponente e instruída com exposição de motivos e memorial do proposto.

§ 2º - Quando se referir ao título de Benemérito da Universidade a proposta será encaminhada ao Magnífico Reitor, que a submeterá à apreciação do Conselho Universitário.

“Art. 93 – Não pode ser concedido mais de um título honorífico a uma mesma pessoa.

“Art. 94 – A UFBA concederá Medalhas de Mérito Docente, Mérito Discente e Mérito Funcional, respectivamente, a professores, estudantes e funcionários, pelo seu desempenho ou em razão de excepcional mérito individual.

Parágrafo Único – O Conselho Universitário regulamentará a concessão das medalhas, ouvido o Conselho de Coordenação no que se refere às de Mérito Docente e Discente.

“Art. 95 – A concessão de diplomas e medalhas será registrada em livro próprio da Universidade e a outorga será feita em sessão solene, conjunta e pública dos Conselhos Superiores.”

Art. 2º – As alterações previstas nesta Resolução não serão aplicadas às proposições já apresentadas e em trâmite no Conselho Universitário.

Art. 3º – Ficam reenumerados os demais artigos do Regimento Geral da Universidade, a partir do seu Capítulo VI, Seção III.

Art. 4º – Esta Resolução entra em vigor na data de sua publicação.

Sala dos Conselhos, 14 de maio de 1998

Luiz Felipe Perret Serpa
Reitor

ANEXO B

**SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
CONSELHO UNIVERSITÁRIO**

RESOLUÇÃO 01/03

Institui a “Medalha Reitor Edgard Santos” e regulamenta a sua concessão.

O CONSELHO UNIVERSITÁRIO DA UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA, no uso de suas atribuições estatutárias, considerando a deliberação extraída da sessão realizada em 18.06.2003,

RESOLVE:

Art. 1º Instituir a “Medalha Reitor Edgard Santos, com a finalidade de homenagear personalidades, entidades e organizações, nacionais ou estrangeiras, que contribuíram de modo excepcional e decisivo para a valorização institucional, cultural, social e acadêmica da Universidade Federal da Bahia.

Art. 2º A distinção honorífica supra-referida consistirá da outorga dos seguintes símbolos:

- I – insígnia em bronze, com efígie em alto relevo do fundador e primeiro Reitor da UFBA;
- II – diploma onde deverá constar súmula da justificativa da concessão.

Art. 3º – As indicações de candidatos à láurea serão, inicialmente, apreciadas por uma Comissão Especial, composta por ex-Reitores da UFBA, escolhida pelo Conselho Universitário, presidida pelo Reitor atual, à época.

Parágrafo único. A Comissão Especial da “Medalha Reitor Edgard Santos” terá um Curador, indicado pelo Reitor e escolhido pela Comissão de Títulos Honoríficos do Conselho Universitário, que terá a seu encargo a coordenação do processo de seleção e organização da memória desta dignidade.

Art. 4º – A proposição de candidaturas será de iniciativa das Unidades Universitárias ou Órgãos Suplementares, encaminhadas pelas respectivas Congregações ou Conselhos Deliberativos, ou diretamente por membros dos Conselhos Superiores da UFBA ou da Comissão Especial da “Medalha Reitor Edgard Santos”.

Art. 5º – As indicações deverão ser submetidas à Comissão Especial até o dia 01 de junho de cada ano, acompanhadas por uma apresentação e justificativa da candidatura, incluindo *curriculum vitae* resumido em, no máximo, cinco laudas.

Art. 6º – A Comissão Especial da “Medalha Reitor Edgard Santos” avaliará e processará as propostas, selecionando até 20 candidaturas, a serem submetidas à Comissão de Títulos Honoríficos do Conselho Universitário, que escolherá os agraciados a cada ano, postos à homologação do Conselho Universitário.

Art. 7º – A cerimônia de outorga da distinção honorífica será efetuada em ato solene na Reitoria da UFBA, convocada especialmente para essa finalidade, em data próxima ao aniversário da UFBA, festejado no dia 2 de julho de cada ano.

Art. 8º – Os nomes dos homenageados serão registrados em livro próprio, contendo data de aprovação e o que couber, e serão gravados em espaço solene do Palácio da Reitoria.

Art. 9º – Esta Resolução entra em vigor na data de sua aprovação, revogadas as disposições em contrário.

Sala dos Conselhos Superiores, 15 de agosto de 2003

Naomar Monteiro de Almeida Filho
Reitor

	COLOFÃO
Formato	18 x 25 cm
Tipografia	Minion Pro
Papel	Alcalino 75 g/m ² (miolo) Cartão Supremo 300 g/m ² (capa)
Impressão	Edufba
Capa e Acabamento	Cian Gráfica
Tiragem	500

ISBN 978-85-232-0818-9



9 788523 208189